

Luiz Guilherme Mattos Braga

**DE OUTRA PERSPECTIVA:
O Caminho das Missões**

Esta pesquisa faz parte de um projeto chamado *Transnacionalização religiosa*. Desenvolvido através da cooperação entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Brasil, e a Vrije Universiteit Amsterdam (VU Amsterdam), na Holanda, o projeto realizou-se por meio do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS – UFRGS) e do Departamento de Antropologia Social e Cultural (VU Amsterdam). A pesquisa teve apoio da CAPES e NUFFIC.

Banca Examinadora:

Prof. dr. J.H. de Wit (Vrije Universiteit Amsterdam)

Prof. Dr. C.G. Koonings (Centre for Latin American Research and Documentation)

Dr. L.J. van de Kamp (Tilburg University)

Dr. M. Oosterbaan (Utrecht University)

Dr. K.E. Knibbe (Rijksuniversiteit Groningen)

Mattos Braga, Luiz Guilherme.

De outra perspectiva: o Caminho das Missões / Luiz Guilherme Mattos
Braga. Amsterdam, 2013.

ISBN: 978-90-5335-731-6

1. Antropologia 2. Antropologia da Religião. 3. Antropologia da peregrinação.
4. Antropologia do turismo. 5. Sociologia da religião.

Capa (Cover Design): Ridderprint - <http://www.ridderprint.nl/>

Ilustração da Capa (Cover Illustration):

Uso de imagem autorizado por Claudio Reinke

Image use authorized by Claudio Reinke

Impresso por (Printed by): Ridderprint - <http://www.ridderprint.nl/>

Copyright © 2013, Luiz Guilherme Mattos Braga

All rights reserved. Save exceptions stated by the law, no part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system of any nature, or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or otherwise, without the prior written permission of the author.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

VRIJE UNIVERSITEIT

De outra perspectiva: o Caminho das Missões

ACADEMISCH PROEFSCHRIFT

ter verkrijging van de graad Doctor aan
de Vrije Universiteit Amsterdam,
op gezag van de rector magnificus
prof.dr. F.A. van der Duyn Schouten,
in het openbaar te verdedigen
ten overstaan van de promotiecommissie
van de Faculteit der Sociale Wetenschappen
op maandag 14 oktober 2013 om 13.45 uur
in de aula van de universiteit,
De Boelelaan 1105

door

Luiz Guilherme Mattos Braga

geboren te Rio de Janeiro, Brazilië

promotor: prof.dr. M.P.J. van de Port
copromotoren: dr. M.E.M. de Theije
dr. C.A. Steil

SUMÁRIO

Dedicatória	9
Agradecimentos	11
Introdução	13
Capítulo 1: O Caminho das Missões passo a passo	19
1.0 - Introdução	19
1.2 - Sobre o método	23
1.3 - Questões Teóricas	26
1.3.1 - Religião e Modernidade	26
1.3.2 - Espiritualidade	38
1.4 - O modelo inspirador: Santiago de Compostela	42
1.5 - A história do Caminho das Missões e das Missões	47
1.6 - Conclusão	74
Capítulo 2: Os peregrinos das missões	79
2.0 - Introdução	79
2.1 - Questões Teóricas	85
2.1.1 - Antropologia da Peregrinação	85
2.1.2 - Os paradigmas teóricos	88
2.1.3 - Outras abordagens	99
2.2 - O Ritual Místico	104
2.3 - Os Peregrinos, Motivações e Religião	111
2.4 - Percepções dos peregrinos	128
2.5 - Conclusão	141
Capítulo 3: O Cotidiano da agência de turismo Caminho das Missões .	145
3.0 - Introdução	145
3.1 - Debates teóricos: antropologia do turismo	147
3.2 - A agência de turismo	157
3.3 - O Funcionamento da agência Caminho das Missões	160
3.4 - O futuro do Caminho	172
3.5 - Novas práticas	177
3.6 - Conclusão	182

Capítulo 4: Os moradores locais	185
4.0 - Introdução	185
4.1 - Observações sobre o método	188
4.2 - Os moradores	191
4.2.1 - O perfil dos moradores e as histórias do Caminho	191
4.2.2 - A infraestrutura de pernoite	202
4.3 - Percepções dos moradores	207
4.3.1 - Percepções	207
4.3.2 - Percepção sobre os peregrinos	208
4.3.3 - Percepções sobre a agência de turismo	212
4.4 - Conclusão	217
Conclusão	221
Bibliografia	241
Summary	249
Nederlandse Samenvatting	251
Resumo	253

DEDICATÓRIA

Aos Meus Pais, Luiz e Luiza:

A peregrinação acaba aqui!

Rio de Janeiro (Escola Israelita Brasileira Eliezer Steinbarg e Colégio São Vicente de Paulo), Brainerd (Brainerd High School, Minnesota - Estados Unidos), Rio de Janeiro (Colégio Renovação e PUC-Rio), Londres (Middlesex University), Rio de Janeiro (UFRJ), Miguel Pereira (Escrita de Dissertação), Porto Alegre (UFRGS), Amsterdã (Vrije Universiteit Amsterdam) e Miguel Pereira (Escrita de Tese).

Que jornada! Quantos sonhos realizados! Quantos aprendizados!

A busca por uma educação de excelência era um sonho nosso e coube a mim a difícil e ao mesmo tempo prazerosa tarefa de realizá-la. No entanto, nunca caminhei sozinho, pois a cada passo e a cada nova jornada sempre tive vocês ao meu lado, visitando os meus alojamentos e as cidades e países por onde passei. Que saudades da nossa viagem de carro pelos Estados Unidos, cortando o estado de Minnesota em direção a Chicago, para depois ir de Nova Iorque até Washington. Que saudades de nossos passeios por Gramado e Canela, e da nossa imersão no Vale dos Vinhedos em Bento Gonçalves. E o que falar da visita de vocês a Holanda, a estadia na minha casa em Amsterdã, o concerto de música clássica no Concert Gebouw, os museus, os shows, as compras, os livros e o passeio pela Suíça e Itália. Aqui em Miguel Pereira nunca estive sozinho. Vocês vinham quase todos os finais de semana para me ver e dar atenção. E quando não estavam, fui muito bem cuidado pela nossa amiga Edinéa Crispim, que trabalha conosco há 25 anos! Sou grato também à ela por todo esse carinho.

Trago todo esse aprendizado comigo e posso dizer sem medo de errar que eu me entendi. Ou melhor, eu nos entendi. Valorizamos a educação, a honestidade, a justiça e somos radicalmente intolerantes com a mentira. Somos a favor do mérito e repugnamos articulações políticas. Foi isso o que vocês me ensinaram. Foi isso o que eu aprendi.

Tenho muito orgulho dessa trajetória e muita gratidão por todo o amor que deram para mim. Nas palavras do Rei Lear de Shakespeare, "Um amor qual não há palavra alguma a expressá-lo. Além de toda a medida, eu vos amo". Obrigado. Muito obrigado mesmo!

Seu Filho,

Luiz Guilherme.

AGRADECIMENTOS

Aos meus avós maternos, Áurea e José de Mattos, que tinham o sonho de me ver formado. Vocês se foram quase juntos e não deu por pouco. Mas, saibam que eu consegui. Esta tese também é de vocês. Obrigado pelo cuidado na minha infância e pela ajuda e carinho que me deram;

À Tia Avete, pelo amor que tem por mim, por sua honestidade, bondade e senso de justiça. Estivemos juntos a cada instante. Obrigado por todo o apoio;

À minha avó Dalva, pelo amor que tem por mim;

Ao meu orientador Carlos Steil. Difícil encontrar palavras para agradecer. Obrigado pela amizade, acolhida, orientação e carinho. Não poderia ter sido melhor. Foi impecável;

Aos sócios do Caminho das Missões, Romaldo, Claudio, Marta e Gládis. Sem a atitude cooperativa de vocês não teria feito este trabalho. Aos peregrinos das missões, que abriram suas vidas para esta pesquisa;

Aos meus irmãos, Ana Luiza e Luiz Augusto, pela contínua presença na minha vida. À Ana, também, pelas conversas e conselhos acadêmicos;

À minha tia Dalva Filha, que faz de tudo um pouco por mim e me acompanha em cada viagem. Valeu pela visita em Amsterdã!!!;

À minha família americana, Andrea e James Whipple, David e James Otrembra, e Kelly Whipple. Viver com vocês foi minha única e verdadeira imersão em outra cultura. Pena que era jovem demais para entender. Tenho grande carinho por vocês. Obrigado por me acolher.

À Dalva Maria e ao meu afilhado Rodolfo, pela presença no meu cotidiano e carinho que guardam por mim;

À amiga Lucia Scalco, que assumiu o papel de minha mãe gaúcha. Até apartamento ela viu para mim! Seremos amigos para sempre. Valeu mesmo!;

Ao amigo Emerson Giumbelli, hoje professor da UFRGS e que ajudou na qualificação;

À Edinéa Crispim e Débora Melo Ruch, que trabalham na nossa casa há décadas;

Aos tios José Roberto e Denise, e meu primo Pedro. Não nos vemos muito, mas guardo muito carinho por vocês;

Aos meus amigos e amigas que estão presentes no meu cotidiano. Gostaria de fazer um agradecimento aos amigos do PPGAS-UFRGS, PUC-RS e da VU. Em especial, agradeço ao Luis Felipe Rosado Murillo, Denise Santos, Mabel Zeballos, Rodrigo Toniol, Laércio Dias, Álvaro Arteché, Amer Morgahi, Joan van Wijk, Scott Dalby, Donya Alinejad, Duane Jethro, Priscilla Koh, Mijke Fenna, Lidewyde Berckmoes, André Bakker e Linda van de Kamp;

À Rosemeri Feijó, que trabalha na secretaria do PPGAS-UFRGS. Obrigado pela disponibilidade com que sempre me atendeu. À Annet Bakker, secretária da VU. À Rosemarie Ripoll, que transcreveu todas as entrevistas.

Aos professores que me ajudaram a chegar até aqui, em especial, aos professores do NER. Um agradecimento também ao professor Ari Pedro Oro, Bernardo Lewgoy, André Droogers, Marjo de Theije e Ruben Oliven.

À CAPES, pelas bolsas de estudo que possibilitaram minha trajetória e este trabalho.

Introdução:

Caminho das Missões: peregrinação ou turismo?

Este era o título provisório do projeto de pesquisa que deu início a este trabalho. Extremamente sugestivo, o antigo título revela e traz consigo as principais questões abordadas nesta tese e que são desenvolvidas no decorrer dos capítulos.

Inserido numa linha de pesquisa denominada de *Interfaces entre Peregrinação e Turismo*, o projeto tinha por propósito exatamente estudar a relação entre as atividades de peregrinação e turismo a partir de uma peregrinação brasileira que se chama Caminho das Missões. Consideradas como duas formas de viagem, a relação entre peregrinação e turismo tem sido debatida especialmente pelos pesquisadores da antropologia da peregrinação. É vasta a literatura antropológica de peregrinação e turismo, mas nem tão numerosos são os trabalhos que unem as duas atividades para tentar melhor compreendê-las.

Os estudos que relacionam as duas atividades se nutrem em grande parte do que foi desenvolvido pela antropologia da peregrinação e pela antropologia do turismo, enfrentando antigos e novos desafios intelectuais que envolvem viagens de turismo e peregrinações. Alguns desses desafios estão claramente contidos no título do projeto inicial como a presença de uma dicotomia em forma de oposição, expressa em "peregrinação ou turismo". Outro desafio diz respeito à classificação do Caminho das Missões, que se expressa no antigo título do projeto a partir da interrogação e indagação do que seria o Caminho, ou seja, qual atividade ele representaria. A questão do método de pesquisa é também uma dificuldade comum às duas áreas de estudo, pois, como se faz uma pesquisa com pessoas que estão sempre se deslocando? Como se conduz o trabalho de campo quando se sabe de antemão que aquela situação não será vista novamente e que aquelas pessoas talvez nunca mais estejam acessíveis ao pesquisador? Os que se disponibilizam a participar da pesquisa estarão de volta a sua casa e com sua família em situação cotidiana bem diferente da situação de viagem. Dificuldades e desafios como esses estão presentes nesta pesquisa e em muitas outras que relacionam peregrinação e turismo. O desenvolvimento e a redação da pesquisa sobre o Caminho das Missões, além de lidar com todas essas e outras questões, mostrou que o título do projeto era um reflexo dessas questões e era necessária uma nova abordagem,

assim como um novo título capaz de refletir as ideias e argumentos que se defende aqui.

O Caminho está num cenário de peregrinações brasileiras criadas e inspiradas a partir do modelo da famosa peregrinação de Santiago de Compostela, na Espanha. Neste florescimento de peregrinações foram também criados ou revigorados o Caminho do Sol, o Caminho da Fé, o Caminho de Frei Galvão, a Estrada Real, o Caminho da Luz, o Caminho dos Anjos, os Passos de Anchieta e o Caminho da Paz. No entanto, diferentemente do que em geral se encontra, o Caminho das Missões é uma peregrinação que se apresenta como um projeto de turismo, mobilizando na arena pública, ao mesmo tempo, por uma única instituição – a agência de turismo Caminho das Missões – os discursos de peregrinação e turismo. Essa peculiaridade de dupla mobilização de discursos feita pelos sócios da agência que criaram e controlam o Caminho é central para este trabalho, traz dificuldades aos fundadores do Caminho e levanta automaticamente as questões já mencionadas: a dicotomia peregrinação e turismo e os critérios de classificação de cada atividade.

Assim como os principais autores que estudam o tema, também acredito que manter dicotomias rígidas mais obscurece do que esclarece a relação entre peregrinação e turismo e sua classificação. Portanto, a abordagem do trabalho procurou olhar também para as semelhanças entre as atividades e evitou oposições que decididamente não refletem integralmente a maneira como as pessoas pensam e se comportam, visto que a maioria dos peregrinos demonstraram ter múltiplas motivações e, dependendo de cada situação, se comportavam de maneira diferente, seja como peregrinos, seja como turistas e, por vezes, as duas coisas. Mas, o peregrino não é o único ator participante do Caminho das Missões e reconhecer a importância dos outros participantes, relativizando assim a primazia da perspectiva do peregrino na formação do conceito acadêmico de peregrinação, é de fundamental relevância e um dos argumentos desta tese. Somente observando o fenômeno da peregrinação de vários pontos de vista e levando todos eles a sério é que conseguiremos vencer ou ao menos relativizar a dicotomia na visão acadêmica. Da mesma maneira, a classificação do Caminho como peregrinação e os critérios para classificá-lo só ficam mais claros quando adotamos outro ponto de vista. Olhar de outra perspectiva uma peregrinação, sem deixar de considerar o que

pensam os peregrinos, foi uma busca constante deste trabalho, em cada um dos capítulos, e será essencial na tentativa de ampliar o conceito de peregrinação.

No capítulo 1, da perspectiva dos sócios fundadores da agência de turismo, faço uma abrangente apresentação do Caminho das Missões, tratando da história de sua formação, da história da região das missões, que envolve a catequização de índios guaranis por padres espanhóis jesuítas, das ideias e razões que motivaram os sócios a criar o trajeto e de como funciona hoje o modelo imaginado e implantado pelos sócios. O modelo espanhol de Santiago de Compostela, que fez parte desta pesquisa quando realizei trabalho de campo na Espanha caminhando a peregrinação, também é apresentado, buscando assim perceber as diferenças e como o Caminho das Missões inventa seu próprio modelo. A questão central da tese de dupla mobilização de discursos – de peregrinação e turismo – permeia este capítulo na história da formação do Caminho e de como os sócios utilizaram discursos e práticas típicas de cada atividade para tornar seu projeto realidade. O capítulo discute também questões de metodologia específicas da área de antropologia da peregrinação e como a pesquisa foi conduzida no Brasil, na Holanda e na Espanha. Cada um dos três primeiros capítulos possui uma revisão de bibliografia pertinente ao debate que se trava e ao argumento que se constrói. No primeiro capítulo, há uma discussão sobre modernidade, relação entre religião e modernidade e espiritualidade, procurando, assim, construir uma base teórica que possa justificar a importância do fenômeno de peregrinação e explicar porque há um florescimento de peregrinações como o Caminho das Missões.

No capítulo 2 há uma mudança de perspectiva. O peregrino é o centro do capítulo e a intenção é tentar compreender como o peregrino percebe a dupla mobilização de discursos feita pela agência e como age para impor suas vontades e expectativas, utilizando também os dois discursos quando quer cobrar algo da agência. Em termos teóricos, há uma ampla revisão da bibliografia de antropologia da peregrinação, com ênfase nas duas principais correntes que dominaram os debates nos últimos trinta anos, mas também há discussões contemporâneas sobre a necessidade de renovar certos aspectos do estudo e reavaliar a definição da atividade. O capítulo também tem a intenção de traçar um perfil dos peregrinos das missões, tentando, a partir de dados estatísticos e, principalmente, da história de quatro peregrinos, mostrar quais são suas motivações e argumentar que para o peregrino uma caminhada é um momento de grande reflexão interior sobre sua

vida e sua história. Mesmo quando o peregrino diz numa conversa ou questionário que "foi para fazer turismo", a análise de suas histórias de vida, contada aos poucos no trajeto, nas entrevistas e no seu dia a dia de volta a sua casa ou cidade demonstra que há razões existenciais e, como consequência, religiosas para que eles estejam na peregrinação. Apesar das motivações serem múltiplas e inúmeras, a reflexão sobre o sentido da vida, sobre a existência de um poder divino ou força maior e as questões existenciais estão claramente em jogo para os peregrinos. Na conclusão, este capítulo propõe ainda a reflexão sobre o conceito acadêmico de peregrinação e sobre a necessidade de pensar tal conceito de vários pontos de vista.

O terceiro capítulo é o único que seguiu um método de pesquisa convencional na antropologia. Novamente da perspectiva dos sócios da agência de turismo, o trabalho de campo foi feito na sede da agência e não houve deslocamento como usualmente ocorre em peregrinações. Também foi possível acompanhar com calma o trabalho realizado e observá-lo várias vezes seguidas se repetindo, diferentemente das caminhadas em que um dia nunca se parece com o outro e os eventos não se repetem. A intenção do capítulo é apresentar o cotidiano da agência e mostrar como os sócios conduzem a peregrinação com discursos e prática de turismo. De fato, a vivência do dia a dia deixa claro que se trata mesmo de uma agência de turismo, pois as práticas empregadas estão de acordo com as ideias que se tem da atividade e a agência opera como tal, utilizando inclusive a marca Caminho das Missões para oferecer pacotes de viagens que nada tem a ver com a peregrinação. O capítulo também apresenta debates teóricos sobre a antropologia do turismo, que complementam o que já se discutiu no capítulo 2, e dá esclarecimento às questões centrais da tese. Além disso, a convivência com os sócios mostra que eles mesmos têm opiniões diferentes sobre o futuro do Caminho e como a dupla mobilização traz dificuldades para todos os envolvidos.

O quarto e último capítulo traz a visão dos moradores locais. Pouco pesquisados pelos antropólogos, os moradores são fundamentais para que o Caminho das Missões possa ser classificado como uma peregrinação. O objetivo é entender como os moradores percebem a dupla mobilização de discursos feita pela agência e como reagem a isto, mostrando que nem sempre são boas as relações com os sócios da agência. A maneira como eles percebem os peregrinos e como entendem o que é uma peregrinação também será abordada. A infraestrutura para receber os peregrinos, que causa muita discussão e deixa claro os problemas que

surtem quando se mobiliza os discursos de turismo e peregrinação, será descrita sempre com a opinião e visão dos moradores sobre o assunto. Por último, há uma tentativa de contar uma parte da história do Caminho através da visão dos moradores mais antigos, complementando assim o que foi visto no capítulo 1 e reforçando o argumento central de todo o trabalho.

A expectativa é que, após todos esses capítulos, o leitor possa ter uma imagem bem definida do que é e como funciona essa peregrinação de trezentos e vinte e cinco quilômetros. Visto de vários ângulos, o Caminho revela ter uma densidade impressionante para uma peregrinação de pouco mais de uma década. Sua peculiaridade de conjugar peregrinação e turismo é tão interessante que permite repensar o conceito de peregrinação. Inclusive, esta é a tentativa da conclusão da tese, que irá retomar os principais pontos de cada capítulo e avançar teoricamente, buscando ampliar o conceito de peregrinação. Antes, porém, é preciso percorrer muitas vezes as estradas de terra batida do Caminho das Missões, não apenas acompanhando os peregrinos, mas também os sócios e os moradores. Só assim poderemos superar a dicotomia contida no antigo título de projeto que opunha "peregrinação ou turismo", olhando esta peregrinação através de seu novo título: *De Outra Perspectiva: O Caminho das Missões*.

Capítulo 1: O Caminho das Missões passo a passo

1.0 - Introdução

“Já fez Santiago?”, perguntou um peregrino.

“Não, quero fazer, estou caminhando aqui como um preparatório”.

Não é preciso caminhar muito para ouvir este diálogo. Os peregrinos brasileiros parecem ter como meta principal viajar para a Espanha e percorrer o Caminho de Santiago de Compostela inteiro, partindo da mais tradicional rota que inicia em Saint-Jean-Pied-de-Port, na França, até a cidade de Santiago de Compostela, no norte da Espanha. É grande o número de pessoas que buscam os caminhos brasileiros para ter uma experiência antes de encarar a longa e custosa viagem para a Europa. Nas estradas de terra do Caminho das Missões invariavelmente surge uma conversa sobre Santiago: como funciona, quanto custa, lugares interessantes, histórias do caminho, personagens, amizades que foram feitas, comparações com os caminhos do Brasil, entre outros temas que empolgam os peregrinos que estão sempre dispostos a contar suas experiências, memórias e aventuras. No imaginário da maioria dos peregrinos brasileiros, Santiago de Compostela é certamente a referência de peregrinação.

Não causa espanto que os inúmeros caminhos no Brasil tenham se inspirado no modelo de Santiago. Alguns fundadores de caminhos, como José Palma, do Caminho do Sol, fizeram o Caminho de Santiago e voltaram da Espanha com a ideia de começar um caminho aqui no Brasil. Isto gerou um fenômeno que se espalhou por várias regiões do país. No Estado do Rio Grande do Sul, o Caminho das Missões é a experiência de peregrinação que adaptou o famoso modelo de Santiago de Compostela, o que fica evidente na entrevista concedida por Claudio Reinki, um dos fundadores do Caminho:

O Caminho que nós tínhamos como referência é um caminho milenar, o mais conhecido de todos, que é o Caminho de Santiago, que foi uma das fontes de pesquisa nossa. Até porque naquela época então, se vai pensar em 1999, 2000, no Brasil tinha o Caminho da Luz, é o Caminho da Luz ou da Fé, agora não me recordo. Mas era um Caminho também que era recente e pouco divulgado. Fora isso praticamente não tinha. Tanto que quando a gente estava pesquisando para criar o Caminho das Missões, até tem um fato interessante que eu estava lá no Yahoo Grupos, do Caminho de Santiago, é uma comunidade de e-mails que tu mandas mensagem e

os outros respondem, tem uma interação através de e-mail. Eu falei lá, ‘Olha, nós estamos criando um caminho aqui no sul’ e aí alguém respondeu: ‘Ah, eu estou criando um caminho aqui em São Paulo’, era o Palma¹ do Caminho do Sol.²

O modelo inspirador de Santiago de Compostela, ao atravessar o oceano e migrar para o Brasil, sofreu mudanças e adaptações de acordo com a região em que se instalou. Este modelo de peregrinação, que vem sendo exportado para o mundo, é um verdadeiro sucesso devido à sua imensa flexibilidade e capacidade de agregar, num só trajeto de custo baixo, pessoas de todas as idades, nacionalidades, religiões e motivações. Qualquer um pode fazer o Caminho de Santiago, até mesmo alguém com deficiências ou aqueles completamente sem religião. A importação deste modelo flexível para o cenário brasileiro possibilitou a criação de caminhos que tomaram emprestado o modelo espanhol, modificando-o conforme cada situação particular.

O Caminho das Missões, entre os caminhos brasileiros, possui algumas características peculiares que o diferencia dos demais. Esta peregrinação, gestada como um projeto de turismo, tem o propósito de desenvolver o turismo na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, recontar a história do lugar, valorizar a população Guarani, ajudar a população local que recebe os peregrinos e desenvolver um negócio rentável. O modelo de peregrinação de Santiago de Compostela, adotado pela agência de turismo Caminho das Missões, encaixou-se perfeitamente nas intenções dos sócios e viabilizou todos os seus objetivos. A caminhada permite, no decorrer de treze dias, resgatar e recontar a história das Missões, que envolve Guaranis e padres espanhóis jesuítas que vieram para a região do Brasil, Argentina e Paraguai catequizar os índios, construir verdadeiras cidades chamadas de reduções e demarcar a área que era alvo de invasão dos bandeirantes portugueses. Permite também valorizar a chamada 'mística' das missões – termo que é impreciso, mas se refere a algo espiritual-religioso que há no lugar. Possibilita ainda, de uma vez só, ajudar a desenvolver o turismo em todos os municípios por onde passa a peregrinação, e não apenas no município de São Miguel das Missões, onde geralmente excursões escolares e turistas de todo o

¹ José Palma.

² A entrevista com Claudio Reinki foi realizada em 09/02/2010.

Brasil fazem a clássica visita à ruína para assistir ao espetáculo Som e Luz. E, por último, proporciona aos sócios da agência de turismo a possibilidade de ganhar dinheiro e pagar as pessoas envolvidas na peregrinação.

A situação peculiar e de interesse central diz respeito ao fato de que os fundadores do Caminho criaram um projeto de turismo que é uma peregrinação, mobilizando assim, pela mesma instituição – a agência de turismo Caminho das Missões – tanto o discurso de peregrinação quanto o de turismo. Articulando ora um discurso, ora outro e, inúmeras vezes, ambos ao mesmo tempo, o Caminho das Missões construiu sua história e hoje, entre aqueles que peregrinam e caminham, é um caminho bem conhecido. Entretanto, os problemas que ocorrem desta formação peculiar deixam os donos em dificuldades para compreender o que construíram, para lidar com os diversos atores que compõem o Caminho e para pensar o futuro desta peregrinação. Não se trata de olhar o problema em questão de maneira dicotômica, de forma a ressaltar a oposição peregrinação x turismo e conduzir uma análise a partir desta oposição. No entanto, também não é possível negá-la, pois basta caminhar para perceber que os próprios peregrinos têm conceitos de peregrinação e de turismo, nem sempre como coisas opostas, mas geralmente como duas atividades diferentes e de difícil conciliação: a peregrinação é séria, profunda e também é um dever, enquanto o turismo está associado ao lazer, prazer e diversão – algo superficial, sem seriedade e importância (Pfaffenberger, 1983). A solução, então, está na tentativa de compreender como as pessoas e os grupos entendem esses conceitos e agem de acordo com sua compreensão (Droogers, 2003). No caso do Caminho das Missões, essas múltiplas formas de compreender as coisas causam problemas exatamente porque a agência de turismo mobiliza tudo ao mesmo tempo.

O Caminho das Missões tem algumas particularidades de formação, mas não está só no cenário brasileiro. Faz parte de um movimento que se espalhou pelo país e que trouxe o modelo de Santiago para o Brasil. O surgimento de peregrinações no país, por sua vez, se insere num fenômeno mais amplo de revigoração de inúmeras peregrinações e caminhos ecológicos em diversas partes do ocidente. Esse movimento que, a princípio, pode parecer sem coerência com o desenvolvimento da modernidade e a teoria da secularização, faz sentido se buscarmos um outro olhar, no qual religião e modernidade, crenças espirituais e desenvolvimento científico, não apresentam a incompatibilidade que geralmente é

defendida por muitos intelectuais e acadêmicos. Assim, a intenção é mostrar como as peregrinações são uma forma de expressão num mundo que não deixa de ser religioso, mas que se transforma permitindo o surgimento de novas crenças e expressões dessas crenças.

Desta forma, o objetivo deste capítulo é apresentar o Caminho das Missões e discutir algumas questões que podem ser levantadas a partir do estudo desta peregrinação. A primeira, que vai se estender através dos capítulos seguintes, é a particularidade deste Caminho de ter tanto os discursos de peregrinação quanto de turismo mobilizados pela mesma instituição e as dificuldades que decorrem disto. Em muitos caminhos se observam práticas que seriam facilmente encaixadas no conceito de peregrinação ou de turismo – isso não é de forma alguma uma exclusividade do Caminho das Missões. Entretanto, apesar de interfaces entre as atividades de peregrinação e turismo serem inúmeras, a situação de ambas ficarem publicamente sob o controle de uma instituição não é tão comum assim. Em Santiago de Compostela, por exemplo, onde as práticas de turismo são bem mais vigorosas do que no Caminho das Missões, os problemas que ocorrem na peregrinação brasileira não são identificáveis na esfera do público, ou seja, não são comentados e problematizados por peregrinos, caminhantes e moradores locais. A segunda questão é procurar compreender por que razões experiências de peregrinação, como o Caminho das Missões e tantos outros caminhos no Brasil e no mundo, florescem no desenvolvimento da modernidade. Buscar construir um quadro teórico capaz de abranger discussões de maior escopo é fundamental para dar rumo à análise e também mostrar a importância que os estudos de peregrinação têm na antropologia e sociologia da religião e em teoria antropológica.

Ambas as questões podem ser abordadas a partir do trabalho de campo que foi desenvolvido no Brasil e na Espanha. Assim, as duas peregrinações – Caminho de Santiago de Compostela e Caminho das Missões – são importantes. Afinal, uma é a inspiração e oferece o modelo e a outra reinventou este modelo para propor algo novo e que deixa mais evidente as perguntas que se tenta responder. Se de Santiago de Compostela poderemos compreender o modelo que é exportado para o Brasil e para o mundo, do Caminho das Missões entenderemos como nasce um caminho, como são feitas tais reinvenções e que situações e compromissos surgem dessa reinvenção.

1.2 - Sobre o método

Antes de abordar as questões mencionadas, alguns comentários gerais sobre a pesquisa são pertinentes. Foram cinco idas a campo no Brasil para a realização de trabalho etnográfico entre abril de 2009 e fevereiro de 2010. A duração de cada etapa da pesquisa variou, mas nenhuma ultrapassou 16 dias consecutivos. O processo de travar contato com os fundadores do Caminho das Missões para poder iniciar a pesquisa foi bem simples. Desde o início houve pleno acolhimento de meu pedido para realizar uma tese sobre o Caminho que, aliás, já inspirou um trabalho de conclusão de graduação (Marques, 2004) e uma dissertação de mestrado em sociologia (Alves, 2007). Foi surpreendente o ambiente agradável que encontrei na sede do Caminho na primeira vez que fui à cidade de Santo Ângelo (RS) para uma peregrinação de sete dias. Ao entrar no Caminho, estava lá o amigo peregrino Júlio Sander e o fundador Romaldo Melher. A recepção é sempre muito calorosa: você entra e as pessoas já vão falando com você, apertam sua mão, lhe abraçam e lhe deixam completamente à vontade para largar sua mochila no chão e se jogar no sofá. Lembra muito, e talvez não haja tanta coincidência, o ambiente jovial, de mobília simples e prática que se encontra em muitos albergues da juventude, onde os relacionamentos estão menos hierarquizados. Sua origem e modo de vestir-se não determinam pré-julgamentos e as pessoas estão abertas e com vontade de se conhecer. Quem chega vai entrando e não demora a ouvir “Bem vindo peregrino!” ou “Salve peregrino!”, podendo logo se integrar na conversa, se quiser. Não é difícil imaginar que a entrada no campo e todos os desafios que precisamos enfrentar para sermos aceitos no cotidiano de um lugar foram bem diferentes do usual. Inicialmente apenas apresentei-me a Romaldo e Claudio, dizendo que tinha a intenção de fazer uma pesquisa de doutorado sobre o Caminho das Missões, mas que preferia, antes de conversar com eles, fazer a caminhada. Dois meses depois desse primeiro contato, Romaldo esteve em Porto Alegre por questões pessoais e aproveitei a ocasião para explicar minha proposta, que foi imediatamente aceita. Desde então fui aprofundando o relacionamento com todos eles e o trabalho de campo foi sempre facilitado pelo pessoal do Caminho. Certa vez, numa das caminhadas, Claudio e eu conversávamos sozinhos sobre um artigo que Steil (2008a) escreveu sobre a peregrinação nas missões e ele me disse que eles gostavam de saber que pesquisadores se interessavam pelo caminho e que achavam interessante poder divulgar que o Caminho das Missões era tema de

pesquisas. Talvez isso, aliado ao caráter acolhedor do Caminho, tenha sido preponderante no processo de ser aceito e de conquistar a confiança das pessoas.

É claro que, como era de se esperar e já foi amplamente discutido em inúmeros trabalhos na antropologia (Geertz, 2001), a presença do antropólogo altera o campo e provoca algumas vezes situações desagradáveis para todos. Mesmo procurando agir de maneira transparente e ética, não houve como escapar disso: aconteceu quando visitei e convivi com os moradores locais que recebem os peregrinos em suas casas. Alguns têm uma relação conflituosa com a administração do Caminho. Comentários involuntários meus, em conversas informais, foram usados por moradores que buscavam seu próprio benefício econômico, deixando a administração do Caminho em situação bem complicada no jogo da negociação de pagamentos e reajustes anuais. Romaldo comentou o ocorrido comigo e a ele disse exatamente o que tinha dito na ocasião para o morador – no caso, que o casal tinha o melhor e mais farto almoço de todo o trajeto. Mesmo diante desse acontecimento desagradável ele manteve o mesmo comportamento comigo, passando todas as informações que eu requisitava. Um episódio como este deixa claro o que já expus sobre a boa abertura que consegui e, principalmente, sobre a boa vontade de Romaldo e Cláudio em ajudar esta pesquisa. Além disso, vale registrar dois aspectos que causam dificuldade em uma pesquisa que acompanha uma peregrinação. O primeiro deles diz respeito à distância entre Porto Alegre, cidade onde residi a maior parte do doutorado, e Santo Ângelo, sede do Caminho. Todo o deslocamento gera custos e requer disponibilidade de tempo para ir, ficar hospedado lá e voltar. Santo Ângelo fica a aproximadamente seis horas e meia da capital e, por isso, não é tão fácil acompanhar um evento. Todas as viagens realizadas tiveram que ser bem planejadas. Afinal, há compromissos acadêmicos na pós-graduação de antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e nem sempre é possível sair por duas semanas seguidas. A verba de pesquisa também não era ilimitada e, por isso, havia necessidade de usar bem os recursos. Então, cada uma das cinco viagens de pesquisa teve objetivos claros e propostas bem definidas, visto que não era possível ir a campo semanalmente ou em qualquer ocasião. O outro aspecto diz respeito à dificuldade de realizar um trabalho de campo que está pulverizado em muitos lugares. O Caminho acontece em todos os lugares por onde passa, não apenas em sua sede. Cada cidade ou lugarejo, cada restaurante ou ponto

de parada para almoço, cada pouso de descanso para tomar água, cada hotel ou fazenda, cada Centro de Tradição Gaúcha (CTG), cada redução jesuítica, enfim, cada lugar por onde se passa constitui o Caminho das Missões. Da perspectiva de um peregrino que faz a caminhada completa, não houve lugar em que não tenha estado ao menos uma vez. Entretanto, não é possível voltar a tudo para olhar pela segunda vez. Por isso, foi necessário privilegiar certos destinos e excluir outros. Esse foi um ponto que trouxe dificuldade, pois é difícil compreender um objeto que se espalha por várias localidades e não para de se locomover durante uma caminhada.

O trabalho de campo realizado na Espanha ocorreu em Junho de 2011 e, de certa maneira, em uma segunda etapa desta pesquisa. Afirmo isto porque o realizei um bom tempo depois da pesquisa feita no Brasil e num momento em que os questionamentos e estranhamento em relação a este campo já estavam em grau maior de amadurecimento. Esta reflexão foi possível graças ao período que estudei na Holanda e participei como doutorando do cotidiano da pós-graduação em Antropologia da Universidade Livre de Amsterdã³. Lá tive a chance de continuar meu aperfeiçoamento no departamento da universidade e aproveitar a facilidade de estar vivendo em Amsterdã para poder participar de duas conferências com especialistas em peregrinação e fazer a pesquisa na Espanha. Ao todo foram 15 dias de trabalho de campo, dos quais 12 foram de caminhada e 3 em que fiquei na cidade de Santiago de Compostela. A intenção principal era ver como é o modelo de Santiago hoje, pois tudo o que sabia era a partir do que tinha lido, do que os fundadores do Caminho das Missões diziam sobre sua fonte inspiradora e do que os peregrinos que já tinham feito a peregrinação de Santiago contavam. Simplesmente iniciei minha caminhada e comecei a conversar com peregrinos e hospedar-me em albergues. Conversei com proprietários de albergues privados, acompanhei determinados grupos que conheci, tanto de brasileiros como de estrangeiros. Caminhei 285 quilômetros a partir da cidade de Ponferrada, buscando entender as questões já levantadas desde que fiz a primeira parte da pesquisa no Caminho das Missões. Foi fundamental observar este modelo para poder comparar com o caminho no sul do Brasil.

³ Vrije Universiteit Amsterdam, em holandês.

1.3 - Questões Teóricas

1.3.1 - Religião e Modernidade

A criação de peregrinações como o Caminho das Missões teve início por volta do ano 2000 e este fenômeno, hoje, tem cerca de pouco mais de dez anos. Entretanto, não são apenas peregrinações que estão florescendo mas, também, caminhos ecológicos, trilhas e eco-turismo. O campo religioso passa hoje claramente por muitas transformações, várias delas já visíveis na esfera pública, outras, como as peregrinações, ainda sem a visibilidade e reconhecimento compatível com a sua importância. Para Colin Campbell (2007), por exemplo, vivemos uma mudança de paradigma religioso profunda, comparável em importância à reforma protestante que quebrou o monopólio religioso católico na Europa e iniciou, conjuntamente com outras forças, o processo de secularização. É necessário rever este conceito de secularização para que se possa construir um quadro teórico capaz de justificar o "retorno" do religioso à esfera pública, a perda de poder político das instituições religiosas e a transformação da crença, possibilitando assim a emergência de peregrinações.

Segundo o sociólogo Peter Berger, os trabalhos acadêmicos produzidos nas décadas de 1950 e 1960 sobre a teoria da secularização estavam equivocados. A ideia central da teoria afirmava que, com o avanço da modernidade, haveria um declínio da religião nas suas manifestações públicas e também na mentalidade das pessoas (Berger, 1985:10). Entretanto, como argumenta José Casanova em seu livro *Public Religions in the modern world*, na década de 1980 a religião chamou a atenção de cientistas sociais por suas manifestações públicas, obrigando os pesquisadores a rever a teoria da secularização e rediscutir o papel da religião na construção do mundo moderno (Casanova, 1994:3). Ainda segundo o autor, alguns eventos que ocorreram naquela década, como a revolução islâmica no Irã, a reemergência pública do fundamentalismo na política americana e o grande aumento de evangélicos na América Latina, mostraram com maior clareza aos pesquisadores que a teoria da secularização precisava mesmo ser revista diante dos novos acontecimentos, nos quais a religião não se apresentava marginalizada como previsto, mas como movimento com força própria. Rever a teoria da secularização, contudo, não significa descartá-la de vez como se fosse um mito, conforme alguns preferem atualmente percebê-la (Casanova, 1994:6). É necessário revisar seu

conceito e questionar parcialmente sua validade, separando aquilo que de fato ainda é possível afirmar daquilo que se mostrou estar equivocado. Desta forma será possível buscar construir uma nova relação entre religião e modernidade que, sem preconceitos, possa reconhecer o fenômeno religioso como presença marcante na construção de mundo da maioria das pessoas, capaz de influenciar o curso da história através de movimentos sociais e políticos.

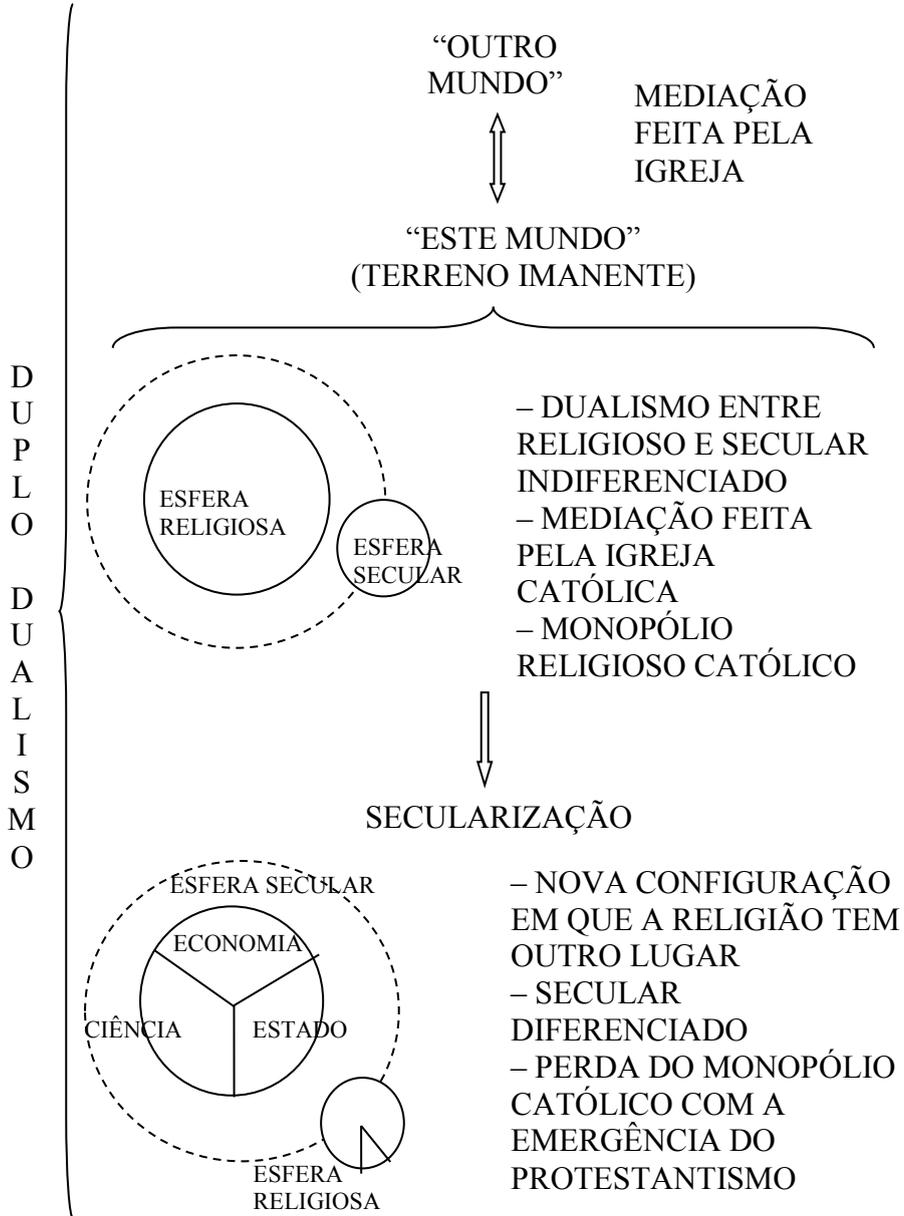
Secularização, segundo Berger, é:

... o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico... (Berger, 1985:119).

O autor José Casanova, ao perceber a secularização como conceito, afirma que este processo histórico significa uma expropriação massiva, geralmente empregada pelo Estado, de monastérios, propriedades e riquezas da igreja após a reforma protestante. Secularização, então, viria a designar a “passagem” ou transferência de pessoas, coisas ou funções de uma esfera religiosa para uma nova esfera secular (Casanova, 1994:13). As duas definições são bastante semelhantes e parecem concordar com a mudança de posição da religião a partir do desenvolvimento da modernidade. Entretanto, de acordo com Casanova, para que este significado faça sentido é necessário aceitar que a visão européia estava dividida em um sistema de classificação que separava “este mundo” – o mundo terreno, imanente – em dois reinos diferenciados, o religioso e o secular. Naturalmente, esta divisão entre sagrado e profano não se realizava plenamente e, por isso, os reinos se interpenetravam mutuamente. Além desta divisão imanente, que o autor chama de “este mundo”, havia concomitantemente uma outra classificação que separava “este mundo” do “outro mundo” – o transcendente. A divisão de “este mundo” em religioso e secular e a outra divisão entre “este mundo” e o “outro mundo” provocavam, no sistema pré-moderno, um duplo dualismo, e cabia à Igreja fazer a mediação entre todas essas divisões (Casanova, 1994:14). Para Casanova, o conceito de secularização se refere exatamente ao processo histórico no qual o dualismo “deste mundo” e o processo de mediação

entre “este mundo” e o “outro mundo” começam a se romper. Agora haverá apenas um “este mundo”, o secular, no qual a religião terá que encontrar seu espaço. Antes, ocorria o contrário, o mundo religioso englobava o secular, que procurava se ajustar a esta norma. O dualismo vigente na Idade Média entre o religioso e o secular era comandado primordialmente pela Igreja Católica, que construía uma sociedade sob uma perspectiva essencialmente religiosa. Assim, a esfera secular permanecia como um todo indiferenciado, impossibilitada de apresentar suas características internas. A teoria da secularização surge então para estudar esta nova configuração na qual a religião vai ganhar um novo lugar, desta vez em um mundo não mais com uma perspectiva religiosa, mas sim secular (Casanova, 1994:15). O esquema a seguir ajuda a compreender o argumento do autor.

VISÃO EUROPEIA



A partir do esquema, fica claro o conceito central da teoria da secularização, que se sustenta sobre a ideia de uma emancipação e diferenciação da esfera secular – principalmente do Estado, da economia e da ciência – da esfera religiosa. Primeiramente, em "Este Mundo", a esfera secular, indiferenciada, orbita como um satélite ao redor da esfera religiosa, que está no centro. Outra maneira de representar visualmente seria incluir a esfera secular dentro da religiosa, permitindo que esta última a englobasse totalmente. Nessa situação a esfera secular estaria contida na religiosa. Representar a esfera secular como um satélite, no entanto, é mais preciso e próximo do que argumenta José Casanova. Logo abaixo do primeiro desenho, com o processo de secularização já iniciado, há a segunda representação: a situação se inverteu e a esfera religiosa é que se transformou no satélite que orbita em torno da esfera secular, que está diferenciada em "estado", "ciência" e "economia". A esfera religiosa também tem uma diferenciação, visto que o protestantismo rompe o monopólio católico e começa a ocupar o espaço dele. O livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, obra clássica do sociólogo Max Weber (2004), demonstra e faz uma correlação entre a crença de países de população protestante com um modo de agir no mundo, proporcionando e impulsionando o desenvolvimento da economia capitalista. Assim, a quebra do monopólio católico pelo protestantismo, representado visualmente aqui como um satélite de esfera religiosa fracionado, é de fundamental importância para o desenvolvimento da secularização.

A autora Danièle Hervieu-Léger (2008), em seu livro *O peregrino e o convertido*, também busca respostas para as mudanças no campo religioso e a relação entre religião e modernidade. Com argumentos muito próximos de Berger e Casanova, Hervieu-Léger, tentando contrastar sociedades tradicionais com sociedades modernas, chama a atenção para três características que diferenciam a modernidade: a racionalidade, a ideia de progresso e a autonomia do "indivíduo-sujeito". Agir de forma racional, ou seja, adequar seus meios aos fins desejados, é um imperativo moderno, que é aplicado tanto na vida social quanto na busca de explicações para os fenômenos sociais e naturais. Mesmo não sendo realizada plenamente, a ação racional é uma característica moderna que se manifesta por toda parte, especialmente na ciência e no seu criterioso método que busca dissipar a ignorância e a irracionalidade. Junto da racionalidade, está a ideia de progresso que nos impulsiona e promete que um dia chegaremos, aqui na terra, a um mundo

em paz, de fartura e, portanto, realizado – ideais estes que foram retirados de ideias religiosas (Hervieu-Léger, 2008). Por fim, a autonomia do "indivíduo-sujeito" traz algo inédito e também definidor da modernidade, que é a capacidade do humano de construir a sua própria história e dar sentido à sua existência, em contraste com a situação anterior de sociedades tradicionais que um código de tradição procurava se impor. Todas essas características juntas contribuem também para o processo de secularização e o novo posicionamento da religião. Conforme nos diz a autora:

O que é especificamente 'moderno' não é o fato de os homens ora se aterem ora abandonarem a religião, mas é o fato de que a pretensão que a religião tem de reger a sociedade inteira e governar toda a vida de cada indivíduo foi-se tornando ilegítima, mesmo aos olhos dos crentes mais convictos e mais fiéis. Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosas são 'assunto de opção pessoal': são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer que seja (Hervieu-Léger, 2008:34).

A teoria da secularização, conforme exposta até aqui, teve grande apelo no meio acadêmico. De fato, se olharmos para a Europa Ocidental, boa parte da teoria ainda permanece válida, ou seja, houve retração do religioso em sua capacidade de comandar a sociedade e a vida das pessoas. Houve perda de poder político. Isso, no entanto não significa que todas as interpretações estejam corretas. Na verdade, muitas interpretações e sub-teses deste processo se mostraram erradas. A partir da emergência da esfera secular, uma teoria acadêmica afirma e prevê o declínio da religião no espaço público e na vida das pessoas em geral, chegando até mesmo ao desaparecimento em alguns casos. Uma outra interpretação do processo prevê a privatização e marginalização da religião no mundo moderno (Casanova, 1994:20). Na verdade, nenhuma das duas sub-teses ocorreu como previsto e ambas se mostraram equivocadas, apesar de terem causado grande influência no mundo. Como mostra Berger, pensadores iluministas e religiosos rejeitaram a relação entre modernidade e religião, como se ambas fossem incompatíveis e incapazes de conviver em harmonia (Berger, 2001). No entanto, enxergar a relação religião e modernidade desta maneira, na qual há incompatibilidade, declínio e privatização do religioso frente ao secular, significa reproduzir uma percepção de história como um processo evolucionário que parte da superstição à razão, da religião à ciência (Casanova, 1994:17). Na verdade, a humanidade não caminha para uma direção

determinada, como se tivéssemos todos envolvidos em um grande enredo com uma finalidade última. Se quisermos compreender o papel da religião no mundo moderno e a modernidade em si, será necessário deixar de lado o pensamento evolucionista e perceber como os diversos fatores interagem e constroem situações específicas para a religião nas diversas sociedades.

Como nos alerta o sociólogo Anthony Giddens:

Deslocar a narrativa evolucionária, ou desconstruir seu enredo, não apenas ajuda a elucidar a tarefa de analisar a modernidade, como também muda o foco de parte do debate sobre o assim-chamado pós-moderno. A história não tem a forma “totalizada” que lhe é atribuída por suas concepções evolucionárias (...). Desconstruir o evolucionismo social significa aceitar que a história não pode ser vista como uma unidade, ou como refletindo certos princípios unificadores de organização e transformação (Giddens, 1990:15).

Assim, se buscamos construir uma nova relação entre religião e modernidade, como também entender os erros cometidos na interpretação desta relação, é necessário compreender o conceito de secularização como processo histórico desvinculado de qualquer fim último. Somente desta forma perceberemos que os fatores específicos que desconstruíram o sistema medieval na Europa e provocaram uma mudança no papel da religião poderiam nunca ter se conjugado, ou então poderiam ter interagido com outros fatores bem distintos, com resultados imprevisíveis. A emergência de novas esferas, a perda de poder político da religião e seu deslocamento para uma nova posição, com menor capacidade de influência, não a predestina de forma alguma ao declínio ou desaparecimento. A sociedade americana, por exemplo, que é bastante religiosa e ao mesmo tempo uma potência econômica altamente industrializada e educada, pode funcionar como um contra-exemplo a uma teoria da secularização que prevê um lugar marginal para a religião.

Assim, diferentemente do que muitos esperavam, a industrialização, a urbanização e a educação científica não acarretam necessariamente no declínio da religião (Casanova, 1994:27). A modernidade se instalou de muitas maneiras em várias sociedades, sofrendo adaptações e gerando novas experiências que abrem inúmeras possibilidades para a expressão religiosa. Mesmo se desconsiderarmos as adaptações à modernidade e observarmos apenas os elementos comuns presentes

de maneira geral em todas as experiências de modernização, perceberemos que ainda assim a religião não deixa de ter um papel.

Um desses elementos comuns é o constante rompimento com a tradição e o novo ritmo de introdução de práticas renovadas na vida social de uma determinada sociedade. Como mostra Giddens, as diversas culturas possuem o hábito de alterar sua rotina a partir da revisão de práticas do dia a dia e de novas descobertas. Mesmo em culturas em que a tradição é o fator determinante para a organização social, aos poucos, lentamente, algumas práticas estão sujeitas a alterações (Giddens, 1991:45). O que ocorre no mundo moderno é uma ruptura brusca com este pensamento. Na modernidade, “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas” (Giddens, 1991:45). Ou seja, é um hábito do sistema moderno rever todos os seus conceitos e aplicar essas revisões no seu cotidiano. Essa condição reflexiva, que indicava nos levar para uma situação de maior certeza e controle sobre o mundo, não traz nenhum conhecimento sólido, imutável ou durável. Pelo contrário, devido ao fato de que tudo pode ser revisado, de que vivemos num mundo de “conhecimento reflexivo aplicado” (Giddens, 1991:46), nada mais é para sempre e conhecer não é mais sinônimo de estar certo (Giddens, 1991:46). A ciência, um dos elementos secularizantes, é uma das responsáveis pela imensa inserção de novos conhecimentos no mundo social moderno e pela constante revisão de todas as práticas (Latour, 1994). Não é fácil lidar com a incerteza trazida pela modernidade. Como afirma Berger, “a modernidade, por razões muito compreensíveis, solapa todas as velhas certezas; a incerteza é uma condição que muitas pessoas têm grande dificuldade em assumir; assim, qualquer movimento (não apenas religioso) que promete assegurar ou renovar a certeza tem um apelo seguro” (Berger, 2001:14).

A modernidade, mesmo com seus elementos secularizantes, pode ser compatível com a religião e pode inclusive proporcionar um espaço de destaque para movimentos religiosos. Na verdade, é mais plausível aceitar isto do que pensar no desaparecimento da religião, visto que a incerteza produzida pela modernidade permite o florescimento de instituições e manifestações religiosas, não apenas na esfera privada como também na pública. Vale notar que muitas dessas manifestações e explosões religiosas ocorrem em países desenvolvidos nos quais as populações têm acesso à instrução, afastando assim qualquer hipótese de

associar manifestações religiosas com subdesenvolvimento industrial. O que deve então causar estranhamento aos cientistas sociais e que merece estudo e explicação não é a presença da religião, mas sua ausência em um mundo que sempre foi e permanece religioso. Para Berger, no mundo “fortemente religioso” de hoje existiriam apenas duas exceções. A primeira delas é a Europa ocidental, onde de fato todos os elementos secularizantes – reforma protestante, estado absolutista, capitalismo e ciência – estiveram presentes e atuando em conjunto, o que aparentemente provocou o declínio religioso. No entanto, mesmo neste caso, a religião esteve longe de ser plenamente afastada da esfera pública e da vida das pessoas. Basta lembrar que, na Inglaterra, a Igreja Anglicana esteve vinculada ao Estado, situação que atualmente se mantém inalterada (Bader, 1999). A segunda exceção trata-se de um grupo muito reduzido de pessoas, chamado por Berger de “sub-cultura internacional”, que possui uma formação acadêmica baseada no modelo ocidental, geralmente da área de ciências humanas. São pessoas e intelectuais que juntos não são muito numerosos, mas é grande a sua influência, pois são responsáveis pelas instituições definidoras da realidade, como os meios de comunicação, a educação fundamental e superior, o sistema jurídico, etc (Berger, 2001:17). Por controlarem a educação, sua capacidade de influenciar as novas gerações de crianças e adolescentes é enorme, o que causa grande impacto no futuro de uma sociedade. Inclusive, para Berger, a teoria da secularização foi plausível por tanto tempo, sem nunca ao menos ser questionada, graças a esta sub-cultura que por consenso de seus participantes não sentiu a necessidade de revisá-la.

Uma abordagem bem diferente das questões tratadas por todos esses autores é feita por Talal Asad (2003), que faz uma argumentação crítica cuja abrangência toca a antropologia, sociologia, história e teoria política. De maneira geral, Asad (2003) está preocupado em compreender a modernidade e seus mecanismos, especialmente a participação da religião, do secular e da doutrina política chamada de secularismo. Em uma intrincada análise, o autor articula ideias e conceitos sobre democracia, estado-nação, cidadania, indivíduo, formas de mediação entre indivíduos e instituições, liberalismo político, religião, secular e secularismo. Como outros autores, rejeita as afirmações de que a religião estaria desaparecendo ou sendo privatizada, dando lugar assim ao secular. Na verdade, para Asad, a modernidade é um projeto em implementação que difere do

cristianismo medieval. Neste projeto, a religião não tem um papel marginal e ausente, mas está presente de uma forma inédita, ou seja, com definição conceitual do que significa ser religião (Giumbelli, 2011). Nesse sentido, definir religião já é uma tomada de posição moderna que deixa claro uma nova maneira "viver no mundo" (Asad, 2003:14), na qual a religião e o secular fazem parte e onde há um novo projeto político e econômico.

Este projeto de modernidade trata de uma grande reconfiguração de poder e de como as pessoas se relacionam entre si, com instituições e como se relacionam com o Estado. Nas palavras de Asad (2003:13):

Modernidade é um projeto – ou melhor, uma série de projetos interligados – que certas pessoas no poder buscam alcançar. O projeto visa institucionalizar um número de (as vezes conflitantes, frequentemente em desenvolvimento) princípios: constitucionalismo, autonomia moral, democracia, direitos humanos, igualdade civil, indústria, consumo, liberdade de mercado – e secularismo.⁴

O interesse de Asad (2003:14) é ver como a religião e o secular foram constituídos como categorias do projeto de modernidade e como essas categorias dos estados em modernização "mediam as identidades das pessoas, colaboram ao moldar suas sensibilidades e garantem suas experiências" (Asad, 2003:14)⁵. Além disso, o autor investiga também de que forma o secularismo age como doutrina política e quais são suas relações com o secular. Asad (2003) critica os antropólogos por terem deixado de dar atenção ao secular e ao secularismo, especialmente por considerar que a antropologia da religião é uma importante sub-área da disciplina. O autor toma como pressuposto que o secular é conceitualmente anterior ao secularismo, que para ele é uma doutrina política.

Citando Taylor⁶, Asad (2003) considera que o secularismo estaria vinculado ao desenvolvimento dos estados-nações e seu surgimento seria uma resposta "aos problemas políticos da sociedade ocidental cristã no princípio da modernidade – a começar com suas guerras religiosas devastadoras..." (Asad,

⁴ Tradução livre.

⁵ Tradução livre.

⁶ Charles Taylor, "Modes of secularism" in Rajeev Bhargava, ed., *Secularism and Its Critics*, Delhi: Oxford University Press, 1998.

2003:2)⁷. Esses problemas políticos provocaram uma forte agitação intelectual que buscava dar solução às questões, numa tentativa de resolver o problema da opressão religiosa a partir do princípio de tolerância, propondo também a não interferência do estado nos assuntos religiosos e vice-versa. A *Carta acerca da tolerância*, de John Locke⁸, é um bom exemplo de proposta à distinção de funções do governo civil e da religião ao dar ênfase à “imparcialidade de leis uniformes” que devem ser elaboradas e aplicadas pelo magistrado de forma neutra a todos os cidadãos, independentemente de sua religião.

Asad (2003:23) ressalta que os termos secularismo e secularista foram cunhados por um grupo de pensadores livres no intuito de se afastar das acusações de ateísmo e infidelidade, não apenas por razões de segurança pessoal, mas também por interesse em promover reformas sociais profundas que visavam "uma nova ideia de sociedade como uma população total de indivíduos gozando não somente de direitos e imunidades subjetivas e dotada de agência moral, mas também possuidora da capacidade de eleger seus representantes políticos" (Asad, 2003:24)⁹. A doutrina política do secularismo teria se concretizado a partir da tentativa de estabelecer o "menor denominador comum entre as seitas religiosas conflitantes" (Asad, 2003:2) e da tentativa de "definir uma ética política independente das convicções religiosas" (Asad, 2003:2).

A busca por uma ética política independente e neutra está em vigor ainda hoje e é a base do liberalismo político descrito por John Rawls (2000). Ao procurar uma concepção de justiça que promova um sistema equitativo de cooperação entre os cidadãos e que tenha a tolerância como conceito chave, Rawls tenta mostrar como a diversidade que encontramos em uma democracia pode conviver em harmonia e sem afetar a ordem pública. No entanto, para que essa convivência ocorra é preciso que as chamadas “doutrinas abrangentes” não atuem diretamente no jogo político. Nas palavras do autor, “As doutrinas abrangentes de todos os tipos – religiosas, filosóficas e morais – fazem parte do que podemos chamar de “cultura de fundo” da sociedade civil. É a cultura do social, não do político” (Rawls, 2000:56). Em outras palavras, para a realização do princípio de justiça que percebe os homens como livres e iguais é preciso afastar do regime político todas

⁷ Tradução livre.

⁸ Locke, John. Ensaio sobre a Tolerância; in Col. Pensadores. Abril Cultural, 1973.

⁹ Tradução livre.

as suas particularidades, inclusive a crença religiosa (Bader, 1999:598). Este afastamento de particularidades requer que o "estado moderno faça da cidadania o princípio primário da identidade" (Asad, 2003:5), fazendo com que se transcenda a questão das identidades forjadas por critérios possivelmente conflitantes como "classe, gênero, e religião" e que se adote critérios que promovam "experiências unificantes" (Asad, 2003:5). Secularismo, para Asad, é esta mediação transcendente. Nas palavras do autor:

Secularismo não é simplesmente uma resposta à questão da tolerância e paz social duradouras. É uma representação a partir da qual uma *mediação política* (representação de cidadania) redefine e transcende práticas particulares e diferenciativas do eu que são articuladas a partir da classe, gênero e religião. Em contraste, o processo de mediação representado nas sociedades 'pré-modernas' inclui meios nos quais o estado media as identidades locais sem ter como objetivo esta transcendência (Asad, 2003:5).

A visão de Asad de secularismo é, em parte, uma relevante contribuição à antropologia, especialmente porque um grupo de intelectuais – que extrapola as fronteiras da disciplina – faz duras críticas ao secularismo e ao liberalismo político. Busca-se nesta crítica retirar uma possível máscara que a doutrina política do secularismo carregaria consigo. Afirmando, a partir da razão, promover a neutralidade, igualdade, tolerância e justiça, o secularismo agiria de maneira diferente: usaria a força e a violência de instituições políticas estatais para manter firmes seus projetos e objetivos. Isso revelaria um preconceito contra as doutrinas abrangentes – como a religião – que estariam afastadas do jogo e discurso público (Wolterstorff, 1997). Sob essa ótica, o secularismo ou o projeto do qual o secularismo faz parte seria ele mesmo uma doutrina abrangente.

Asad não refuta completamente as críticas feitas ao secularismo por vários antropólogos. No entanto, seus interesses estão voltados para entender o secular e secularismo, que foram deixados de lado e sem exame pela antropologia – mesmo estando a religião em situação de interdependência com o secular. O objetivo da disciplina não deveria ser criticar o secularismo e tentar desmascará-lo, mas compreendê-lo e procurar construir uma antropologia a partir desse estudo. Uma antropologia do secularismo significa empreender "análise de debates que tiveram por referência o secularismo ou a laicidade, com privilégio para as situações onde essa referência foi fundamental" (Giumbelli, 2011). O enfoque da antropologia de

Asad recai sobre essas situações onde há problematização das categorias modernas secular e religioso (Giumbelli, 2011:339) e como as atitudes, sensibilidades e comportamentos humanos respondem a essas categorias e "diferem nas várias formas de vida" (Asad, 2003:17).

1.3.2 - Espiritualidade

Conforme podemos perceber, as mudanças trazidas com a modernidade foram incontáveis, especialmente no campo religioso. Perda de poder político, marginalização, diminuição de ação na esfera pública, privatização do religioso e dificuldade de prover um código de sentido para todos os indivíduos como antes fazia. Ao mesmo tempo, devido às inúmeras incertezas geradas pela vida moderna, a religião não deixou ter de um lugar e floresceu de novas maneiras, como é o caso das peregrinações, onde os peregrinos geralmente não estão ali por causa de uma fé institucional, mas por crenças espirituais e por motivação de cunho pessoal.

Tanto Colin Campbell (2007) quanto Paul Heelas (2005) podem oferecer um quadro teórico capaz de aprofundar a discussão a respeito da relação entre religião e modernidade, possibilitando compreender uma das formas de expressão do religioso presente nos dias atuais. Grosso modo, a tese se ampara no fato de que a religião institucional estaria passando por um declínio de influência enquanto a espiritualidade estaria crescendo em número de seguidores no Ocidente (Heelas, 2005). Para Paul Heelas, há uma distinção entre os termos religião e espiritualidade. Religião "é usada para expressar um comprometimento com uma verdade superior que está 'lá fora'" (Heelas, 2005:6)¹⁰, enquanto espiritualidade "expressa comprometimento com uma verdade que será encontrada no interior do que pertence a este mundo" (Heelas, 2005:6)¹¹. Em outras palavras, espiritualidade está relacionada à "virada subjetiva" do indivíduo na modernidade e religião está relacionada a uma fonte externa de autoridade que nega o cultivo do caráter singular individual e enfatiza o ajuste do indivíduo à lei e à esta autoridade superior.

Colin Campbell tem argumentos semelhantes aos defendidos por Paul Heelas. No seu livro *Easternization of the west (A orientalização do ocidente)* Campbell (2007) tenta demonstrar que o Ocidente está sofrendo uma grande

¹⁰ Tradução livre.

¹¹ Tradução livre.

mudança em seu paradigma. Para o autor, o paradigma cultural do Ocidente está sendo substituído pelo paradigma cultural do Oriente. Para entender suas ideias é preciso aceitar o pressuposto de que existe uma divisão Ocidente - Oriente que representa duas civilizações com características diferentes, especialmente no que diz respeito a relação com o divino (Campbell, 2007).

O autor cita a obra de Weber, especialmente o trabalho sobre as principais religiões mundiais, no intuito de esclarecer o esquema criado pelo sociólogo alemão. Este esquema buscava, segundo Campbell, classificar e analisar as grandes religiões para entender o que Weber chamou de problema da teodicéia – para Campbell teodicéia é “a explicação dos caminhos de Deus para o homem, e especialmente a solução do ‘problema do mal’” (Campbell, 1997).

As respostas que este esquema gerou propunham uma relação do “divino e ‘o mundo’” (Campbell, 1997) de duas maneiras opostas: transcendente e imanente. Na relação “divino-mundo” transcendente o divino está separado do mundo, é o criador do mundo terreno e o controla de cima. Já na relação “divino-mundo” imanente o divino está junto do mundo terreno, faz parte e está dentro de todas as coisas terrenas, não existindo assim separação como na situação do transcendente. Essas duas possibilidades de relação são, nas palavras de Campbell (1997), “duas teodicéias contrastantes que caracterizam as sociedades do Oriente e do Ocidente”. O Oriente representa a relação imanente, enquanto o Ocidente a relação transcendente. Assim, para o autor, orientalização “é referir-se ao processo pelo qual a concepção de divino tradicionalmente ocidental e suas relações com a humanidade e o mundo é substituída por aquela que tem predominado por longo tempo no Oriente” (Campbell, 1997). Essa substituição da “concepção de divino” do Ocidente pelo Oriente se dá entre coisas que são consideradas como opostas e contrastantes no que diz respeito “às crenças, valores e atitudes” dessas duas civilizações. Campbell cita outros pesquisadores – psicólogos como Gilgen, Cho, Krus, Blackman – que seguiram Weber e procuraram construir algo que se assemelhe a um quadro comparativo dessas concepções contrastantes Ocidente e Oriente. A seguir, reproduzo algumas dessas características (Campbell, 1997):

Oriente	Ocidente
<p>“homem e natureza são um”; “o espiritual e o físico são um”.</p> <p>“o homem deve reconhecer sua unidade com a natureza, o espiritual e o mental, ao invés de tentar analisar, rotular, categorizar, manipular, controlar ou consumir as coisas do mundo”.</p>	<p>“homem tem características que o separam da natureza e do espiritual”; “homem é dividido em corpo, espírito e mente”.</p> <p>“o homem deve controlar, manipular a natureza para garantir sua sobrevivência”; “há um deus pessoal que está acima do homem”.</p>
<p>“síntese, totalidade, integração, subjetivo, intuição”.</p>	<p>“análise, generalização, diferenciação, indução, razão”.</p>

É claro que um quadro como esse é uma idealização da realidade, que nos é útil para pensar e conduzir pesquisas, mas que não pode ser aceito sem relativizações. Ele deixa claro o que se pretende dessa idealização do Oriente e Ocidente como opostos, ou seja, na lógica do pensamento oriental haveria como característica principal o monismo – visão que enxerga como fator preponderante a tendência das coisas ou conjunto de coisas a se reduzir ou fundir numa unidade –, enquanto na lógica ocidental o dualismo é que seria o traço mais importante – por dualismo entende-se uma visão que aceita coexistência de princípios contrários. Os exemplos selecionados do quadro de Campbell quase falam por si. Do lado oriental, ênfase na unidade, homem e natureza integrados, mental e espiritualmente juntos, síntese e totalidade ao passo que do lado ocidental há separação homem, natureza e espírito, além de análise, diferenciação e razão.

O processo de mudança desses dois paradigmas é demonstrado por Campbell a partir de dados estatísticos de um levantamento, na Grã-Bretanha, sobre a crença das pessoas em um Deus pessoal judaico-cristão e também na crença de “algum tipo de espírito e força vital”. Enquanto cai o número de pessoas que acredita neste Deus pessoal, aumenta o número de pessoas que acredita em alguma forma de espírito ou força vital. Esta queda e aumento não são na mesma proporção, visto que a queda é bem mais acentuada e o aumento é leve. Cai também a crença na existência de céu e inferno e aumenta o número de pessoas

que acreditam em reencarnação. Para completar sua exposição, Campbell chama a atenção para o que Troeltsch denominou de religião espiritual e mística, que seria uma corrente minoritária dentro do cristianismo. Segundo Campbell, Troeltsch identifica no cristianismo uma tripla classificação. As outras duas, em posição majoritária, são a religião de igreja e religião de seita. Essa religião espiritual e mística minoritária guarda um perfil que se alinha mais com o paradigma oriental. Acredita-se que os seres têm sua existência em Deus e cada um desses seres vivos possui tal 'semente' ou 'centelha' divina. Há ainda a crença numa espiritualidade e uma escala de espiritualidade para formar a união com Deus, numa ideia que se assemelha ao divino imanente do paradigma oriental, negando assim o dualismo Ocidental (Campbell, 1997). Por último, há nesta religião espiritual e mística algo que se liga ao conceito de "auto-aperfeiçoamento" Oriental, em contraste com a ideia de salvação Ocidental.

Heelas e Campbell oferecem uma teoria capaz de explicar vários movimentos religiosos, como o movimento Nova Era, e atitudes individuais que se afastam de uma relação duradoura com alguma instituição religiosa. Ao contrário, a ênfase é numa fé individual que é composta a partir de várias fontes religiosas e espirituais, permitindo que o indivíduo componha sua própria crença sem se submeter e pertencer a um único código religioso específico e que tenha rápida mobilidade típica da modernidade. Para Hervieu-Léger, a religiosidade na modernidade "está em movimento" e é preciso entender o religioso a partir do "movimento, dispersão de crenças, mobilidade de pertenças, fluidez das identificações e instabilidade dos grupamentos" (Hervieu-Léger, 2008:81). Na tentativa de unir todas essas mudanças no campo religioso, Heelas (2005), em seu livro *Spiritual Revolution*, propõe que o avanço da espiritualidade e recuo da religião institucional possam, talvez, ser vistos sob a ótica de uma única teoria: ambas, secularização e sacralização, estariam num processo de correlação e coexistência, ou seja, quanto mais secular o mundo ocidental se torna e, por consequência, menor é o poder social, político e econômico das instituições religiosas, maior será o avanço da espiritualidade e do paradigma cultural que caracteriza as religiões orientais. Neste cenário, a figura do peregrino e a importância das peregrinações são emblemáticas, pois captam, de uma só vez, todas as mudanças por que passa o campo religioso no mundo moderno.

1.4 - O modelo inspirador: Santiago de Compostela

Não é possível compreender o Caminho das Missões e as questões que surgem de sua construção sem antes ter uma clara noção do modelo atual de Santiago de Compostela que foi tomado como inspiração para criar o projeto da agência de turismo.

Santiago de Compostela é hoje uma das maiores e mais famosas peregrinações do mundo. No continente europeu, sem dúvida, é a que mais atrai pessoas. Seu modelo, que foi exportado para o Brasil, é interessante por sua capacidade de ser muito flexível e, por isso, aceitar num mesmo trajeto todas as pessoas, quase que independentemente de suas motivações e intenções. Esse é o principal fator de sucesso desta peregrinação. Se você é peregrino, caminhante, ciclista, turista, católico, evangélico, sem religião, espanhol, japonês, americano, brasileiro, alemão, homem, mulher, jovem, velho, adulto, jornalista, empresário, professor, padre, médico, mãe, pai, filho, neto, avó, não importa. Você será acolhido na caminhada e vai achar pessoas com o seu perfil – exceto crianças e adolescentes que de fato praticamente não se encontra. Há quase de tudo em Santiago e quanto mais plural for um Caminho maior será a sua força (Eade e Sallnow, 1991).

Existem muitos caminhos para se chegar a pé a Santiago de Compostela. O mais tradicional e conhecido é, sem dúvida, o que parte da França, de Saint-Jean-Pied-de-Port. De lá até Santiago, na Espanha, são 868 quilômetros de caminhada a pé, que podem ser feitos em um mês de acordo com vários guias de turismo. Os roteiros sugeridos podem variar um pouco, cada guia escolhe um ponto de parada e alguns dias são mais exaustivos do que outros. Em média, se o caminhante seguir um guia, raramente vai caminhar menos de vinte ou mais de trinta quilômetros.

A viagem para o Caminho de Santiago inicia normalmente bem antes de, literalmente, colocar o pé na estrada. Antes de tudo, é necessário ter a credencial do peregrino para poder se hospedar nos albergues públicos. Cada país tem uma ou mais associações de amigos do Caminho de Santiago. Como a viagem de pesquisa para o Caminho de Santiago foi feita partindo da Holanda, a associação que emitiu a credencial se localiza na cidade de Utrecht¹². É possível ir até lá ou, se não residir

¹² Para informações sobre essa associação, acessar o seguinte site: <http://www.santiago.nl>. Acesso em: 24/11/2011.

na cidade, baixar do site o formulário adequado, preencher seus dados cadastrais, responder como quer fazer o Caminho (a pé, de bicicleta ou a cavalo), enviar pelo correios e pagar a taxa de inscrição. Após duas semanas, no máximo, a pessoa recebe em sua residência a credencial de peregrino, já preenchida, com nome e número. Esta credencial, que é feita de papel tipo cartolina e é dobrável para caber no bolso, é o passaporte para o Caminho de Santiago. É impossível pernoitar numa das hospedarias oficiais do Caminho sem isso. Quando aberta, a credencial revela quadrados que devem ser preenchidos com carimbos dos lugares em que se pernoita ou lugares de visitação, como igrejas. Ter a credencial cheia de carimbos é fundamental para comprovar a distância que você percorreu e de onde você iniciou sua caminhada.

Além da credencial, o peregrino precisa, obviamente, ter o material adequado para iniciar uma longa caminhada. Basta acessar o site da associação ou mesmo o site oficial do Caminho de Santiago que será possível encontrar uma lista de coisas para levar: mochila, saco de dormir, camisas, meias, calça, bermuda, toalha de secagem rápida, analgésicos, agulha e linha para furar bolhas, cantil, capa de chuva, tênis ou bota, entre outros produtos. Tudo pronto, resta apenas ir para a Espanha e começar o Caminho de Santiago.

Não é só da fronteira com a França que é possível iniciar o Caminho de Santiago. Pelo contrário, qualquer cidade da rota pode ser um ponto de partida. Léon, por exemplo, é uma cidade muito escolhida por brasileiros que não podem fazer o caminho completo. Outra cidade interessante é Pongerrada, que fica a 285 quilômetros de Santiago e de onde foi iniciado o trabalho de campo desta pesquisa. Nem tantas pessoas iniciam em Pongerrada, mas muitas encerram o primeiro trecho lá. Impossibilitadas de caminhar durante um mês inteiro, seja por falta de tempo ou condições físicas, algumas pessoas saem da França e avançam até Pongerrada, de onde vão reiniciar sua caminhada no ano seguinte. Fazem a peregrinação em dois anos. Um grande número também inicia no chamado quilômetro cem. Vão percorrer a pé apenas os últimos cem quilômetros do caminho que são exigidos dos caminhantes para receber a Compostela – os ciclistas precisam percorrer ao menos os últimos 200 quilômetros. Este é um grupo diferenciado, que muitas vezes é classificado pelos peregrinos como 'turistas que só caminham os últimos cem quilômetros para ter o certificado'.

Independentemente da cidade onde se inicia, o Caminho de Santiago vai oferecer quase sempre uma opção de hospedagem. O mais barato é, sem dúvida, ficar em um albergue público, que são oficiais do caminho e onde é necessário apresentar a credencial para pernoitar. O custo da noite varia entre 5 e 6 euros e o baixo preço é o maior atrativo – em alguns lugares é de graça e você deixa uma doação se quiser. Não há possibilidade de fazer reserva antecipada e as vagas são preenchidas por ordem de chegada. Os albergues públicos oferecem geralmente uma boa estrutura ao peregrino. Há uns maiores e com mais recursos, outros humildes. Em Ponferrada, por exemplo, o albergue é bem amplo, com uma área externa onde as pessoas podem sentar em grandes mesas para fazer refeições. Há banheiros e duchas também do lado de fora do prédio principal e, no interior, uma ampla e bem equipada cozinha com mais mesas. Nos andares de cima e de baixo do prédio há quartos com muitos beliches – muitos quartos podem acomodar de 20 a 50 pessoas. Tudo é arejado e limpo. Em Samos, cidade que fica depois de O Cebreiro, há um mosteiro com acomodações bem carentes, apertadas, mobília velha e ambiente um pouco sujo. Os albergues públicos podem variar, mas serão sempre baratos, cheios e com uma estrutura aceitável, mesmo aqueles que são considerados piores.

Certas vezes, o peregrino caminha um dia inteiro e ao chegar exausto descobre que não há mais lugares nos albergues públicos e que é preciso recorrer a outro tipo de acomodação. O Caminho de Santiago tem outras opções para quem não quer ficar em albergues públicos ou não encontrou vaga. Há albergues privados, que cobram uma taxa de 10 a 20 euros por noite e que podem oferecer serviços adicionais como computadores, rede WiFi, restaurante com refeições, quartos com bem menos camas, melhor ventilação, banheiros amplos, área de serviço com máquina de lavar, etc. Existe ainda a possibilidade de ter maior privacidade e de ficar em uma pensão, onde o hóspede terá direito a um quarto só para si com televisão e banheiro particular, sem qualquer tipo de refeição incluída. Por isso, cobra-se uma taxa de 25 a 30 euros. Em cidades maiores há também hotéis com os serviços típicos de hotelaria.

Há uma diversidade imensa de personagens e motivações no Caminho de Santiago. Com certa facilidade, é possível encontrar pessoas que caminham por razões religiosas ou espirituais. Geralmente, elas têm mais de 45 anos, apesar de existirem jovens religiosos fazendo o caminho. Há também ciclistas na faixa de

idade de 20 a 40 anos e que aparentemente estão lá mais pelo esporte e pela aventura do que por questões religiosas. Um fato curioso foi que, em certo ponto do caminho, havia um grupo de padres percorrendo Santiago de bicicleta, o que demonstra que não são apenas os aventureiros que pedalam. Também havia um grupo de estudantes americanos da "Indiana University of Pennsylvania" que caminhava Santiago para fazer o trabalho final de uma disciplina. Entre os universitários, o assunto era qualquer coisa menos religião. Reclamavam das dores e bolhas, faziam comentários sobre os albergues e as pessoas estranhas, reclamavam dos banheiros e do fedor de alguns quartos. Também falavam de emprego, carreira, mestrado; tinham maconha e alguns fumavam. As jovens reclamavam da falta de privacidade na hora do banho, pois ficavam nuas na frente de estranhas, falavam das aulas na faculdade, tiravam fotos do grupo, faziam trilhas mais difíceis, etc. Os aposentados estão por toda a parte e têm pelo menos 55 anos. Estes, sim, caminham com motivações religiosas, espirituais e de reflexão sobre os rumos de suas vidas. Havia um alemão que caminhava mais ou menos no mesmo ritmo que eu. Às vezes, um dia à frente, às vezes, um dia atrás. Certa vez o encontrei sentado em cima de uma mureta após uma longa curva numa parte rural e bem arborizada do caminho. Ele fazia um lanche de queijo e salame. Sentei-me ao seu lado para descansar um pouco e ele me disse que era a segunda vez que fazia o Caminho de Santiago. Na primeira ocasião, havia sentado exatamente ali e feito o mesmo lanche. Perguntei por que ele fazia o mesmo caminho e lanche pela segunda vez, e ele disse: "Eu não sei, eu verdadeiramente não sei, mas eu precisava sair e dar um tempo". Algo bem interessante também me foi dito por uma alemã que conheci. Já quase ao final do Caminho, reencontrei-a e disse que precisei pular um dia de caminhada por causa de uma tendinite. Ela, na hora, me olhou e disse: "Para mim isso não é possível, pelo menos uma vez na minha vida eu vou fazer este caminho completo". Outra senhora afirmou-me que perdeu o marido no ano anterior e estava caminhando porque precisava recomeçar a sua vida. Já um gaúcho de bem com a vida e com pouco mais de cinquenta anos caminhava pelo simples prazer e fez o que pôde para conseguir passar uma noite com uma mulher de Porto Rico com quem vinha há dias iniciando um romance. Também conheci um senhor australiano de 75 anos que afirmou que aquela era a sua última viagem da vida, não faria nenhuma outra. Estes são apenas alguns personagens do caminho.

Apesar da peregrinação ser claramente católica, ninguém precisa professar esta religião. Isso fica evidente quando encontramos a variedade de personagens que foi brevemente citada. O modelo de Santiago, da maneira como é hoje, acolhe a diversidade de pessoas e suas motivações. Não importa muito se você está lá, por exemplo, apenas pelo desafio de andar de bicicleta todo o trajeto ou se você é universitário e está participando de uma viagem de estudos pela universidade. A pluralidade faz parte do sucesso desta peregrinação e é graças a isso que muita coisa inusitada acontece ao mesmo tempo. No entanto, mesmo com tanta diversidade e potencial para acontecer de tudo, uma atitude católico-cristã domina o ambiente, as pessoas, os relacionamentos, as conversas, as reflexões sobre o próprio caminho e a imagem que se leva para fora quando se retorna para casa. As pessoas são mais abertas umas com as outras, se conhecem sem desconfiança, se cumprimentam e desejam "bom caminho". Estão felizes e sorridentes, são generosas e gentis, cozinham juntas e dividem a comida, oferecem ajuda, procuram ser boas e deixam tranquilamente seus objetos pessoais próximo à cama sem se preocupar de alguém roubar, pois ali não há esse tipo de atitude. É o mundo como ele deveria idealmente ser na doutrina cristã e como todos gostariam que fosse. É claro que não é perfeito, mas as pessoas estão nitidamente se esforçando para agir com esta atitude cristã e parecem sentir-se especiais por estarem vivenciando e construindo esse ambiente. Como disse uma vez uma peregrina paulista no Caminho das Missões, ela caminhava "porque você conhece pessoas especiais". Assim, mesmo com tanta diversidade e diferenças de comportamento e com inúmeras coisas que não seriam publicamente apropriadas ocorrendo, a peregrinação de Santiago de Compostela é dominada pela religião católica e a atitude cristã se impõe com seus valores mais essenciais ditando as regras básicas de comportamento.

Em síntese, o modelo de Santiago é extremamente liberal, democrático e acolhedor, permitindo pessoas de todos os países, classes, interesses e religião. Permite também que negócios voltados para explorar o potencial turístico e outros interesses empresariais floresçam e se unam ao trajeto, transformando-o e potencializando sua expansão com mais estrutura. Tudo isso está sob o grande guarda-chuva católico-cristão que dita o comportamento e as regras da peregrinação.

1.5 - A história do Caminho das Missões e das Missões

A história do Caminho adapta o modelo de Santiago para um contexto que envolve a história do Brasil. Fundado em 2001, o Caminho das Missões completa, em Agosto de 2012, onze anos de existência. Reconstituir esta história se faz necessário, não só para tentar mostrar os elementos de turismo e peregrinação mobilizados pela agência e as adaptações feitas, mas para também evidenciar, de forma diacrônica, como a peregrinação de 325 quilômetros que inicia na cidade de São Borja e termina na cidade de Santo Ângelo foi mudando e se apropriando da história da região.

Para recompor esta história, darei voz principalmente aos fundadores do caminho, que certamente são as pessoas que estão mais habilitadas para falar sobre o assunto. Mas, eles não são os únicos, já que conversei também com moradores locais que desde o princípio fazem parte do trajeto e também com peregrinos que participaram das caminhadas experimentais. Tais depoimentos serão considerados como complementares. As entrevistas realizadas com os quatro sócios serão a base de minhas informações, sem descartar as outras fontes entrevistadas e a própria vivência no Caminho, que traz histórias a partir das conversas informais. Assim, Claudio Reinke, Romaldo Melher, Marta Benatti e Gládis Pippi ficarão com a palavra oficial.

Romaldo e Claudio eram os únicos que já se conheciam antes de surgir qualquer tipo de ideia sobre o Caminho das Missões. Os dois tinham sociedade em uma agência de publicidade, chamada Agenda Publicidade, que naturalmente prestava serviços para qualquer empresa interessada em anunciar ou divulgar seu produto ou serviço. Nesta ocasião, 1998, Marta, que é formada em comunicação social, habilitação relações públicas, era diretora do Jornal Diário, um jornal local, atuando na área de vendas e publicidade do jornal. Em seguida, foi trabalhar como coordenadora da RBS TV, quando começou a se envolver e conhecer melhor a região das missões. Foi nesse processo que Marta conheceu Romaldo e Claudio, resolvendo deixar seu emprego na RBS TV para se tornar sócia da Agenda Publicidade, exercendo a função de contato da agência. Neste ponto, em 1999, o futuro Caminho das Missões já reunia então três dos quatro sócios que, segundo Claudio, trabalhavam bastante com turismo na região. Marta diz que adquiriu bastante experiência focada na área de turismo nos empregos anteriores e assim,

segundo ela, “nós começamos a desenvolver cada vez mais trabalhos nesta área e nos envolver com o turismo”¹³. Claudio concorda com isso ao relembrar como surgiu a ideia de fazer o Caminho:

Mas foi uma coisa sendo construída através de todo desenvolvimento, que aí sim, começou na agência de publicidade, quando eu, Romaldo e Marta éramos sócios da agência de publicidade que é anterior ao Caminho, que sempre trabalhou muito com produto turístico na região. Com hotéis, prefeituras, desenvolvendo folders, cartazes, eventos relacionados ao turismo e o fato de nós três não sermos da cidade, não sermos da região das Missões também favoreceu esse encantamento que tinha em relação às Missões.

Interessante é notar que os três enfatizam o fato de que não são originalmente do lugar, apresentando-se, assim, como pessoas de fora que se apaixonaram de forma incondicional pela região, pela sua história e seu aspecto “místico”, despertando o interesse de cada um em desenvolver o potencial deste lugar. Esse potencial, para os três já envolvidos com publicidade voltada para divulgação das missões e seus serviços, era um potencial turístico. Romaldo, que é formado em ciências contábeis, propõe para si a seguinte questão: “por que a região se caracteriza como uma região turística dentro do Estado do Rio Grande do Sul, que é a nossa região, por que ela não se desenvolve? Se ela se diz turística, por que ela não se desenvolve enfim, por que algumas coisas não se desenvolvem na região?”¹⁴. Claudio, formado em desenho industrial, habilitação programação visual, pelo o que conta também tinha questões semelhantes: “É, a ideia era valorizar cada vez mais, naquele momento era valorizar os potenciais turísticos dessas cidades, dessas empresas que estavam surgindo, hotéis”. E ele mesmo complementa pouco depois na mesma resposta da entrevista: “Claro que a gente enquanto empresa tinha o objetivo de buscar novos clientes também, enquanto agência de publicidade, mas o foco era valorizar as Missões”.

Encantamento pela região das missões, o que, repito, inclui sua história e seu aspecto místico, foi um motivador forte no entendimento de Marta e Claudio. Junto a isso havia o desejo de desenvolver o potencial turístico das cidades da

¹³ A entrevista com Marta Benatti foi realizada no dia 06/11/2009.

¹⁴ Foram realizadas duas entrevistas com Romaldo, em 05/11/2009 e 11/02/2010.

chamada Rota das Missões que, se contrastada a outros destinos de turismo no Rio Grande do Sul, como Gramado e Canela ou ao Vale dos Vinhedos, fica em situação de clara inferioridade no que diz respeito à sua procura e divulgação dentro do próprio estado e também no país. Romaldo falou-me inúmeras vezes que, no Brasil, ninguém conhece as missões e quem já ouviu falar não sabe direito do que se trata. Os três sócios queriam fazer algo para mudar isso, possibilitando o desenvolvimento local. Por último, e esse é um aspecto importante para Romaldo, enquanto para os outros dois um pouco menos, o objetivo era montar um negócio que pudesse trazer retorno financeiro, seja a partir de novos clientes para a agência, seja com a peregrinação que estava por surgir, seja com venda de produtos relacionados. Algo que trouxesse compensação financeira pelo trabalho deles. Com estes sentimentos e motivações, eles resolveram montar um pavilhão de turismo na Feira Nacional do Milho-1999 (Fenamilho), que ocorre a cada dois anos em Santo Ângelo. Na ocasião, a secretária de turismo da cidade de Santo Ângelo era Gládis Pippi. Os três sócios da Agenda Publicidade afirmam que Gládis deu grande apoio à realização e organização do evento de turismo na Fenamilho. Este evento objetivava reunir as empresas ligadas ao ramo de turismo e envolver as prefeituras locais, de modo a mostrar todo o potencial turístico que esta região possui. Segundo os sócios do Caminho das Missões, o evento foi um sucesso. Gerou discussão e deixou os quatro com vontade de seguir adiante com algum projeto. Como conta Marta:

Nós forçamos a discutir o que nós poderíamos fazer para a região, né? Qual era o evento que nós íamos tornar anual, que desenvolvesse a região e mostrasse, ajudasse a divulgar a região das Missões. Várias idéias surgiram, a maioria foram abortadas, ideias até interessantes até nós chegarmos a ideia do Caminho das Missões. Nós éramos um grupo grande... .

Até esse momento, vale ressaltar, somente Gládis estava envolvida diretamente com turismo. Os demais apenas prestavam serviços de publicidade para o setor. Ela tem formação em história e mestrado em Integração Latino-Americana na área de história pela Universidade Federal de Santa Maria. E desde 2004 Gládis tem uma empresa que presta consultoria na área de turismo, como ela mesma conta:

Eu trabalho, na verdade, eu tenho uma empresa de consultoria na área de História, Turismo e Patrimônio Cultural. Eu dou consultoria para várias instituições. Um dos meus trabalhos assim mais constantes é o SEBRAE¹⁵, onde eu dou consultoria na área de Turismo e Patrimônio também, montagem de museus em função de roteiros e destinos turísticos e SENAR¹⁶ também, eu presto, eu ministro cursos na área de Turismo Rural.

Gládis trazia consigo uma experiência profissional voltada para o turismo e, no processo de elaboração do evento na Fenamilho, aproximou-se dos três sócios da Agenda Publicidade. Reuniram-se para pensar em algo que pudesse transformar seus objetivos em realidade. Nenhum deles chama para si a autoria da ideia de realizar uma caminhada a pé pelas ruínas dos sete povos das missões. Afirmam que muitas pessoas de Santo Ângelo e até de fora da cidade já haviam manifestado a ideia de realizar uma peregrinação na região e que isso era algo comentado em conversas nas mais diferentes situações. Em uma reunião de trabalho, surgiu o assunto. Todos gostaram e concordaram com a ideia, pois, afinal, uma caminhada conseguia de uma só vez englobar a motivação dos quatro futuros sócios: resgatava a história das missões e seus aspectos místicos, desenvolvia o turismo e as empresas a ele associadas, mobilizava as prefeituras de vários municípios, dava destaque à região das missões em relação às outras rotas no Rio Grande do Sul e gerava oportunidade de negócio e renda para os fundadores do que viria a ser o Caminho das Missões. Caminhar nas missões foi, para eles, um estalo. Entusiasmados com a possibilidade de concretizar todas as suas mais sinceras expectativas, partiram para a ação. Estava nascendo assim o Caminho das Missões.

É curioso notar que, juntos, os quatro sócios reuniam as capacidades, as habilidades e as formações que são essenciais para a abertura de um negócio e para a realização efetiva dos planos concebidos. Cada um deles foi decisivo ao dar sua contribuição ao Caminho. Romaldo, por exemplo, que hoje é um homem de 49 anos, é uma pessoa que toma a iniciativa e, segundo ele mesmo, puxa os demais companheiros para marcar uma reunião, ir à campo, fazer o roteiro ou traçar o trajeto da caminhada. Enfim, transformar as coisas em realidade. Além disso, dada a sua formação acadêmica, é ele também quem cuida, hoje, da contabilidade do

¹⁵ Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

¹⁶ Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.

Caminho, ou seja, da gestão financeira da empresa. Já Claudio, que é designer e trabalha, entre outras coisas, como diretor de arte da Agenda Publicidade, foi o responsável pelo desenvolvimento quase completo de toda a programação visual do Caminho das Missões, como a concepção da logomarca, os selos auto-adesivos que os peregrinos recebem em cada parada para completar sua cartela e ganhar seu diploma, o site do Caminho, os folders, banners e material de divulgação, os produtos que são vendidos e levam a marca Caminho das Missões. Resumindo, quase tudo que requer programação visual foi feito por Claudio e esta é a sua contribuição diferenciada para o Caminho. Marta é a relações públicas. Pessoa que faz contatos, tem um jeito especial para conversar e lidar com gente. Para ela, sua contribuição esteve concentrada na construção da relação com os moradores locais que recebem os peregrinos. Marta participou ativamente do processo de explicar e convencer os moradores a receber os caminhantes, mesmo quando eles não tinham a real noção do que era uma peregrinação e do porquê as pessoas iriam caminhar. Fez assim o trabalho que lhe cabe de relações públicas ou contato publicitário. Mas não foi apenas isso. Marta é a pessoa do grupo que mais externa sua religiosidade e, por isto, responsabilizou-se pelo chamado ritual místico que é realizado antes de cada caminhada. Atualmente ela não se dedica tanto ao Caminho, que está sob o comando de Romaldo e Claudio. No entanto, sua presença na sede tem frequência razoável, apesar de geralmente passar por lá rapidamente. Todos os produtos de arte missioneira que estão à venda aos peregrinos, muitos deles feitos por índios guaranis, são trazidos por Marta diretamente de seu atual trabalho de consultora do SEBRAE na área têxtil e de turismo. Ela mesma conta o que faz:

No Turismo eu trabalho com artesanato, com grupo de artesanato onde foram pesquisados e diagnosticados 180 artesãos, desses nós temos um grupo de 40, que passaram por um processo de seleção, oficinas, consultorias (...).

Nesse momento, faz parte da nossa estratégia de trabalho visitar a rede hoteleira da região das Missões para preparar também na região como um todo vendendo a ideia missioneira, o estilo, a cultura de ser. Nesse projeto nós temos bem clara a ideia de que as Missões, ela tem que ter uma linguagem única.

Então, esse projeto do artesanato tem a ver também com isso, você chegar num hotel e ter já uma tematização, já ter algo que te remete ao período jesuítico-guarani ou ao étnico.

A quarta sócia, Gládis, que conheceu os outros três a partir da Fenamilho, usou sua graduação e mestrado em história para dar formatação do que o caminho ia propor oficialmente para as pessoas que quisessem conhecer as missões a pé. Portanto, a maior parte de pesquisa histórica ficou concentrada em suas mãos e assim ela descreve a sua contribuição:

E também, porque assim a gente acabou montando muitos textos para site, acompanhando os primeiros peregrinos e explicando toda história. Então, foi montando um roteirinho histórico enfim, para que os próximos Amigos Peregrinos também tivessem esse conhecimento dos locais onde se estava passando. Então, a parte histórica, realmente, acho que é a minha maior contribuição.

Assim, fica claro o que já afirmei, ou seja, que cada sócio possuía uma habilidade quase indispensável para a construção do Caminho. Vale aqui dar um pouco mais de atenção ao trabalho de Gládis, pois, afinal, entre as tantas motivações já descritas para a criação do Caminho, a valorização da história das missões sempre ganha destaque nas várias formas de comunicação que a Agência de Turismo Caminho das Missões mobiliza para atingir seu público de possíveis participantes das caminhadas mensais. E esse importante capítulo da história do Rio Grande do Sul e também do Brasil é tema de incontáveis trabalhos acadêmicos de historiadores que até hoje continuam suas pesquisas. Nunca foi minha intenção estudar a história das missões a fundo. Entretanto, como o Caminho dá ênfase a esta história como motivação para que os peregrinos percorram e aprendam mais sobre os sete povos das missões, torna-se necessário dissertar um pouco sobre o assunto, mesmo que superficialmente, pois não houve estudo acadêmico sobre o tema. Tratarei da questão exatamente da maneira como ela é mostrada aos peregrinos: pequenos livros sobre o assunto vendidos para os turistas, a história contada por guias de turismo, o que se aprende com os fundadores do caminho, o que se aprende com o espetáculo som e luz em São Miguel das Missões, etc. Um bom início é o site do Caminho das Missões, no qual Gládis Pippi assina um texto oficial que dá um sobrevoos a respeito do que se transmite de conhecimento aos peregrinos:

“Na área do atual Rio Grande do Sul, os guaranis ocuparam as terras férteis do rio Uruguai até o litoral, impondo aos outros grupos existentes, sua cultura e seu modo

de ser. Viviam em aldeias coletivas, eram horticultores, conheciam a cerâmica e a pedra polida. Desenvolveram a plantação de muitos vegetais nativos - comestíveis e medicinais- nas suas roças em meio à floresta.

Entre as **contribuições que legaram para o povo gaúcho**, estão os **termos lingüísticos**, entre eles os nomes de rios, localidades e da fauna e flora; **o folclore** com suas lendas, cantos e brincadeiras; **o cultivo de inúmeras plantas**; alguns **hábitos alimentares** como o **churrasco e o chimarrão**; **os caminhos** que deram origem as atuais estradas, etc.

Foi junto a estas comunidades indígenas que **os jesuítas desenvolveram o projeto da conquista espiritual**, a serviço da Coroa espanhola. As **Missões Jesuíticas representaram uma das formas de colonização na América**, com a dupla função de **assegurar territórios conquistados e catequizar os povos nativos**. Para tanto, foi fundada a **Província Jesuítica do Paraguai**, estruturando maneiras peculiares de apropriação rural e urbana, através de um sistema social cooperativo que se desenvolveu durante o **século XVII e meados do século XVIII** em uma vasta área hoje pertencente ao Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. No período de pleno desenvolvimento foi criada uma rede com mais de **30 povoados**, além de estâncias, ervais, invernadas, etc. Todas as estruturas eram **interligadas por estradas**, formando uma complexa malha viária, com as mais diversas funções.

O **encontro de duas culturas diferenciadas, a guarani e a européia**, deu origem a um novo modo de ser, **o missioneiro**, desenvolvido com base em uma rígida organização social e econômica que os destacou no contexto colonial. A originalidade da cultura guarani, alicerçada no solidarismo e reciprocidade, encontrou nas inovações técnicas trazidas da Europa, como a escrita, a imprensa, a metalurgia, a arte e a arquitetura barroca, as condições ideais para o grande desenvolvimento alcançado.

As disputas e interesses políticos entre Portugal e Espanha determinaram as guerras Guaraníticas (1754-1756), a expulsão dos jesuítas da América (1767-68) e a conseqüente **decadência das Missões**. Os índios missioneiros, revoltados com as ações das cortes ibéricas e sem o apoio dos padres jesuítas, aos poucos

abandonaram os povoados dispersando-se pelo território platino. E a floresta tomou as cidades abandonadas, e toda a experiência desenvolvida em 150 anos ruiu junto às paredes de pedra e barro.

Vencidos, espoliados e despojados de suas terras, **os guaranis** foram reduzidos a pequenos grupos errantes que atualmente **sobrevivem da confecção e venda de artesanato**. Alguns estão em reservas, onde lutam para manter suas tradições e pela manutenção da posse das terras e a preservação da natureza.

No período das disputas pelo território das Missões, que a partir de 1801 foi conquistado para o Brasil, **as reduções foram saqueadas inúmeras vezes**, e a partir de 1825, com **a chegada dos imigrantes, grande parte do material foi reutilizado em construções públicas e privadas**, acelerando o processo de destruição das antigas edificações.

O **Caminho das Missões Jesuítico-Guarani**, propõe uma jornada de auto conhecimento e de **contato com a realidade do passado missioneiro**, percorrendo parte das antigas estradas dos jesuítas e guaranis. E mais que tudo, propicia uma integração com o atual povo das Missões, que encanta por sua hospitalidade, autenticidade e solidariedade, fazendo desta peregrinação **um motivo muito forte para tornar possível a busca da "Terra Sem Males" em um sonho realizável no interior de cada um**.

Gládis Pippi¹⁷

Os peregrinos vão caminhando e a cada dia aprendem um pouco mais sobre a história das missões. Os pontos que Gládis aborda em seu texto são contados oralmente durante as caminhadas, passados aos peregrinos através dos guias turísticos nos sítios arqueológicos e ruínas visitadas, no Som e Luz em São Miguel, no bate papo com os moradores locais e no último dia no Parque das Fontes. Aliás, é neste local do último pernoite que geralmente os peregrinos conversam e têm uma aula informal com o professor Mário Simon que, mestre em

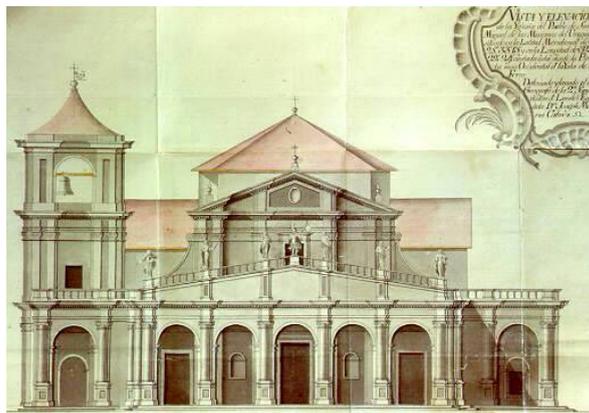
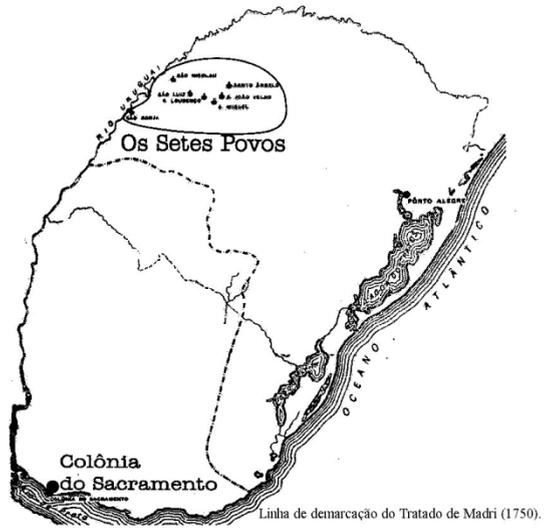
¹⁷ Texto no site <http://www.caminhodasmissoes.com.br/> . Grifos em negrito são da autora. Houve corte de alguns parágrafos que julguei desnecessários. Acesso em: 29/06/2010.

literatura brasileira, escreveu um pequeno livro de bolso para divulgação da história das missões que é vendido no Parque das Fontes e na sede do Caminho. Após autografar os livros dos peregrinos, o professor Mário fala de vários aspectos abordados neste livro e esclarece as perguntas. Nem sempre as pessoas estão interessadas em ouvir e aprender. Na verdade, depende muito do interesse do grupo de caminhantes e também do cansaço de cada um. Houve uma vez que caminhei com um grupo que conversou bastante com Mário Simon, que oralmente fez um breve resumo de seu livro sem seguir a linha cronológica e a articulação fato por fato. A “aula” e o livro de divulgação turística são um bom complemento ao texto de Gládis. Portanto, vale à pena lembrar aquele dia a partir das notas do diário de campo e propor um breve resumo dos principais pontos do livro.

A situação se passa a partir de 1600, quando Portugal, não respeitando as fronteiras mal demarcadas do chamado Tratado de Tordesilhas, começou a avançar sobre o território que cabia à Espanha, incomodando assim os espanhóis. Os bandeirantes portugueses estavam em busca de lendárias minas e jazidas de ouro que existiram em alguma parte do continente americano. Aproveitavam também para prender índios e levá-los para o trabalho escravo em São Paulo e no Rio de Janeiro. A coroa espanhola, preocupada com este avanço português e visando proteger estas possíveis riquezas de ouro e prata, trouxe os padres da Companhia de Jesus para que desenvolvessem missões de catequização com os índios guaranis, nas quais eles seriam organizados em aldeias, cristianizados e, assim, preparados para a vida civilizada (Simon, 2007). Fundam-se então as chamadas reduções, cidades onde até 10 mil índios guaranis e padres jesuítas viviam em conjunto com organização política, administrativa e produção econômica. O território de instalação das reduções é vasto, ocupando hoje uma área que pertence ao Brasil, Argentina e Paraguai. No primeiro ciclo missionário, que vai de 1626 até 1637/38, os jesuítas estabeleceram várias reduções, como São Nicolau, São Tomé e Caaró, mas sofreram com os ataques dos bandeirantes que seguidamente capturavam os índios e os levavam embora. Sem possibilidades de se defender, os jesuítas abandonaram as reduções e o primeiro ciclo durou apenas 11 anos. Houve um intervalo de 50 anos até o início do segundo ciclo missionário. É interessante observar que, durante esse ínterim, o gado que foi trazido para a região ficou abandonado e começou a se reproduzir com rapidez graças à fartura de pastagens. Este gado faz parte da história do Rio Grande do Sul. O segundo ciclo começou em

1682 e só se tornou possível porque os bandeirantes deixaram de atacar a população indígena. Os padres jesuítas conseguiram permissão para armar os índios, que de posse destas armas de fogo puderam se defender. As trinta reduções floresceram muito neste segundo período e, no Brasil, os conhecidos sete povos das missões eram, na realidade, sete reduções independentes que foram fundadas na seguinte ordem: São Borja (1682, fundada pelo padre Francisco Garcia), São Nicolau (1687, no segundo ciclo, mas fundada por Roque Gonzales, em 1626, no primeiro ciclo), São Luiz Gonzaga (1687, fundada pelo padre Miguel Fernandez), São Miguel Arcanjo (1687, fundada por Cristóvão de Mendonza), São Lourenço Mártir (1690, fundada pelo padre Bernardo de La Veja), São João Batista (1697, fundada pelo padre Antônio Sepp) e Santo Ângelo Custódio (1706, fundada pelo padre Diogo de Haze). A prosperidade e o sucesso das reduções começaram a ruir em 1750, quando portugueses e espanhóis elaboraram o Tratado de Madri. Naquela época, Portugal tinha o domínio da Colônia de Sacramento (hoje parte do Uruguai), território estratégico dentro das terras espanholas e localizada à margem esquerda do Rio da Prata, do lado oposto a Buenos Aires. Era uma área estratégica para a Espanha e que causava problemas diplomáticos com os vizinhos portugueses. Os dois países fizeram então um acordo: Portugal cedia a Colônia de Sacramento aos espanhóis e em troca ficava com a região dos sete povos das missões. Ocorre que os índios guaranis deveriam abandonar suas reduções no prazo máximo de um ano. Houve resistência por parte dos índios e um líder surgiu a partir da redução de São Miguel das Missões: José Tiarajú, mais conhecido como Sepé Tiaraju, que teria pronunciado a célebre frase “Essa terra tem dono!”. Sepé organizou uma resistência armada, mas Portugal e Espanha tinham um poderio bélico muito superior e montaram dois exércitos de aproximadamente dois mil homens cada. Em 1756, Sepé Tiaraju foi derrotado e morto em pequeno confronto. Sem liderança, os índios guaranis foram massacrados por portugueses e espanhóis. A história do Tratado de Madri e do líder guarani Sepé Tiaraju é contada também no espetáculo Som e Luz, que é um show que ocorre todos os dias nas ruínas de São Miguel e transforma a Igreja remanescente em verdadeiro palco, onde os efeitos de iluminação e de som, junto com um texto que traz de volta os personagens da época, interpretados por consagrados atores e atrizes brasileiros, envolvem o público espectador, tentando levá-lo de volta ao que se passou bem ali

séculos atrás. No intuito de facilitar o entendimento, três imagens a seguir são reproduzidas.



Figuras 1 e 2, Mapa do Tratado de Madri e Igreja da redução de São Miguel.

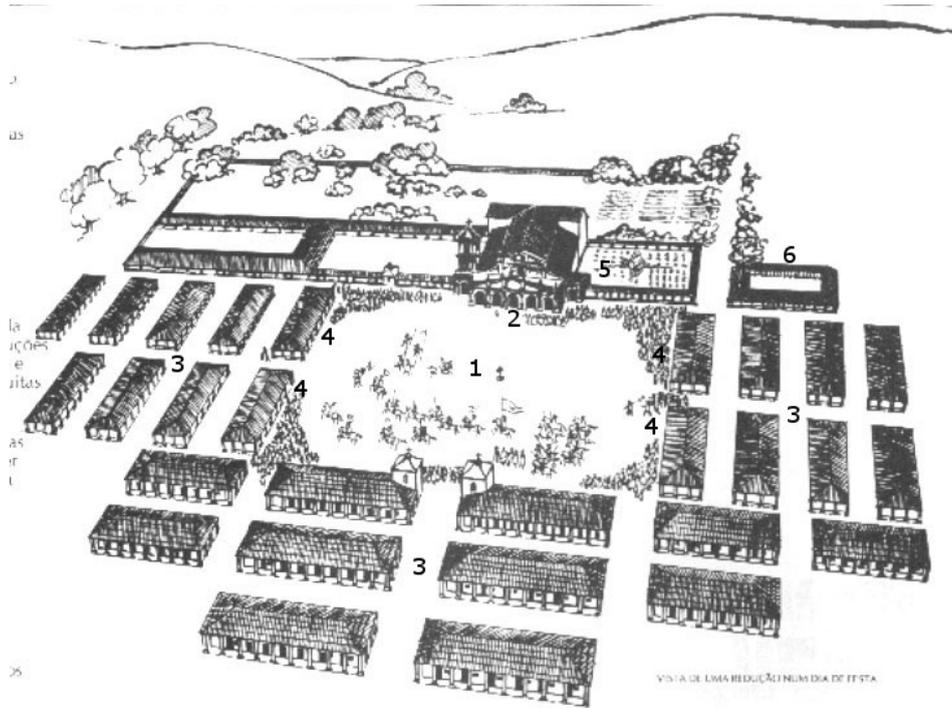


Figura 3

Na figura 1, retirada do livro de divulgação ao turista de Simon (2007), o mapa claramente destaca a região noroeste do estado brasileiro do Rio Grande do Sul, onde se lê “Os Sete Povos”. Era ali que ficavam as sete reduções já citadas onde índios guaranis e padres jesuítas conviviam. Também em destaque está a Colônia de Sacramento, hoje no atual Uruguai, que foi trocada pelas missões na negociação entre Portugal e Espanha. Por último, vale observar a linha estabelecida por esse tratado que demarcava a área que caberia a cada país. Na figura 2, obtida no Caminho das Missões, uma reprodução da Igreja da redução São Miguel, hoje certamente a mais preservada dos sete povos aqui no Brasil. Por último, a figura 3 é um desenho visto do alto, como uma planta baixa em perspectiva, de uma típica redução jesuítico-guarani, na qual podemos destacar da disposição arquitetônica algumas construções e elementos que eram compartilhados pela maioria das reduções: (1) a praça central é um lugar de convergência de todas as demais áreas; (2) a Igreja; (3) a casa dos índios ocupando a maior área e demarcando os limites de três lados de uma redução; (4) a casa do cabildo e caciques; (5) o cemitério e (6) o cotiguaçu, que era o lar onde ficavam as viúvas. Havia ainda escola, horta e

agricultura, área para aprendizado de música, etc, podendo variar de lugar, mas provavelmente, nesta representação de redução, ao lado esquerdo da Igreja e ao fundo desta. Falta ainda terminar de maneira breve a história dos sete povos das missões.

Os guaranis foram vencidos. Em 1761, o Tratado de Madri foi anulado e a troca entre a região das missões e a Colônia de Sacramento foi desfeita. Os índios guaranis começaram a voltar para as reduções ainda no ano de 1761, em número bem menor, dado as perdas de vidas na guerra. Entretanto, em 1767, o rei espanhol Dom Carlos III expulsou os jesuítas da América espanhola, acusando-os de traição no período do Tratado de Madri, quando os padres supostamente teriam ajudado à rebelião dos guaranis. No lugar dos jesuítas chegaram franciscanos, dominicanos e mercedários que não conseguiram obter sucesso devido a inúmeros fatores como corrupção, interesses próprios, rivalidade entre ordens religiosas e ausência de autoridade social, política e econômica, que passou a ser feita por civis espanhóis e militares, ficando os padres apenas com as questões religiosas. Aos poucos chegava ao fim os sete povos das missões. Houve um novo tratado entre Portugal e Espanha, o Tratado de Santo Idelfonso, em 1777; mas 25 anos após sua assinatura, Portugal invadiu o território espanhol e tomou a região para si, aumentando desta forma as suas fronteiras.

O peregrino que caminha nas missões é apresentado a esta história aos poucos, desde São Borja até Santo Ângelo. Não é fácil demonstrar o que cada um aprende ao final da caminhada. Sempre procurei nas entrevistas com peregrinos e durante a própria caminhada saber o que eles haviam entendido ao final da peregrinação. Mas as motivações para caminhar são tão diferentes que não há como ter muito sucesso nesta tarefa, uma vez que cada um se interessa de forma muito particular pelo o que é contado. Durante o trabalho de campo, certa vez fui sozinho visitar cada morador que recebe os peregrinos. Ao conversar com Robson, atualmente substituindo seu pai na parada para o almoço entre o município de São Luiz Gonzaga e a redução de São Lourenço Mártir, ele comentou comigo, em tom de decepção, que a maioria dos peregrinos não ligava para a história das missões. Disse que conversava com os peregrinos e perguntava o que eles estavam achando da história e das ruínas, obtendo frequentemente uma resposta que demonstrava desinteresse, como “se não ligassem muito para o assunto”. De fato, ele percebeu algo que acontece, pois da história aqui narrada e que é contada durante o percurso,

poucos saem realmente com a clareza do que aconteceu. Tem gente que somente sabe que os índios foram catequizados pelos jesuítas. Tem gente que sai do espetáculo Som e Luz falando de portugueses e espanhóis como se fossem vilões, enquanto consideram os índios como injustiçados. Há, também, aqueles que nem visitam as reduções por total desinteresse ou mesmo cansaço da caminhada. Preferem ficar tomando uma cerveja e conversando do que ir visitar as ruínas. Mas também há os que querem aprender, fazem perguntas, observam tudo e levam o assunto para a mesa de refeições quando o grupo está reunido. Por fim, é claro, há os que entendem tudo errado, saem das missões sem compreender o que era uma redução, a relação entre índios guaranis e jesuítas, a guerra travada com portugueses e espanhóis, as motivações para a construção das reduções, etc. Então, é bem variado o que cada um compreende e o que o Caminho propõe como uma das motivações ou atrativos para caminhar nem sempre é o que o peregrino procura.

Cabe agora voltar ao ponto inicial: a formação do Caminho das Missões. Como já foi visto, Claudio, Romaldo, Marta e Gládis estavam empenhados em fazer o Caminho das Missões se transformar numa realidade. Mas, não era possível abranger os sete povos de uma só vez, já que isso seria, claramente, ambicioso demais. Foi necessário dividir a implantação da parte brasileira em duas etapas, de forma que se permitisse a inauguração da primeira parte do Caminho, a estabilização deste primeiro percurso e em seguida o lançamento da segunda parte da caminhada. Todos os quatro contam que o processo de planejamento e execução exigiu deles uma enorme dedicação e esforço. No entanto, todos precisavam trabalhar para se sustentar, especialmente Marta e Gládis que têm filhos. Era necessário realizar as reuniões e saídas a campo nos finais de semana. Isso, como não é difícil imaginar, comprometeu muito o tempo livre de cada um e também a vida particular com a família e amigos nos finais de semana. Como a intenção inicial era fazer com que os peregrinos percorressem as estradas de terra que ligavam as antigas reduções, eles tiveram que planejar os possíveis caminhos através de mapas conseguidos no Exército e logo em seguida andar de carro por toda essa região, tentando buscar as estradas. Isso foi feito inicialmente no trecho de São Nicolau até Santo Ângelo. Alguns anos mais tarde foi iniciado o segundo trecho que vai de São Borja até São Nicolau. Hoje, ao todo, são treze dias de caminhada, como mostra o mapa a seguir que é utilizado como recurso explicativo

aos peregrinos antes da caminhada e que gentilmente foi disponibilizado por Claudio, criador da arte final. Toda vez que um novo grupo de peregrinos se reúne na sede do Caminho, Romaldo faz questão de mostrar este mapa e conversar com o grupo como será cada dia de caminhada, o que vai ser visto, a distância a ser percorrida, detalhes sobre a paisagem, lugar de almoço e pernoite, cidades pelas quais os caminhantes irão passar, etc. É feito um resumo através do mapa. Observemos o mapa.

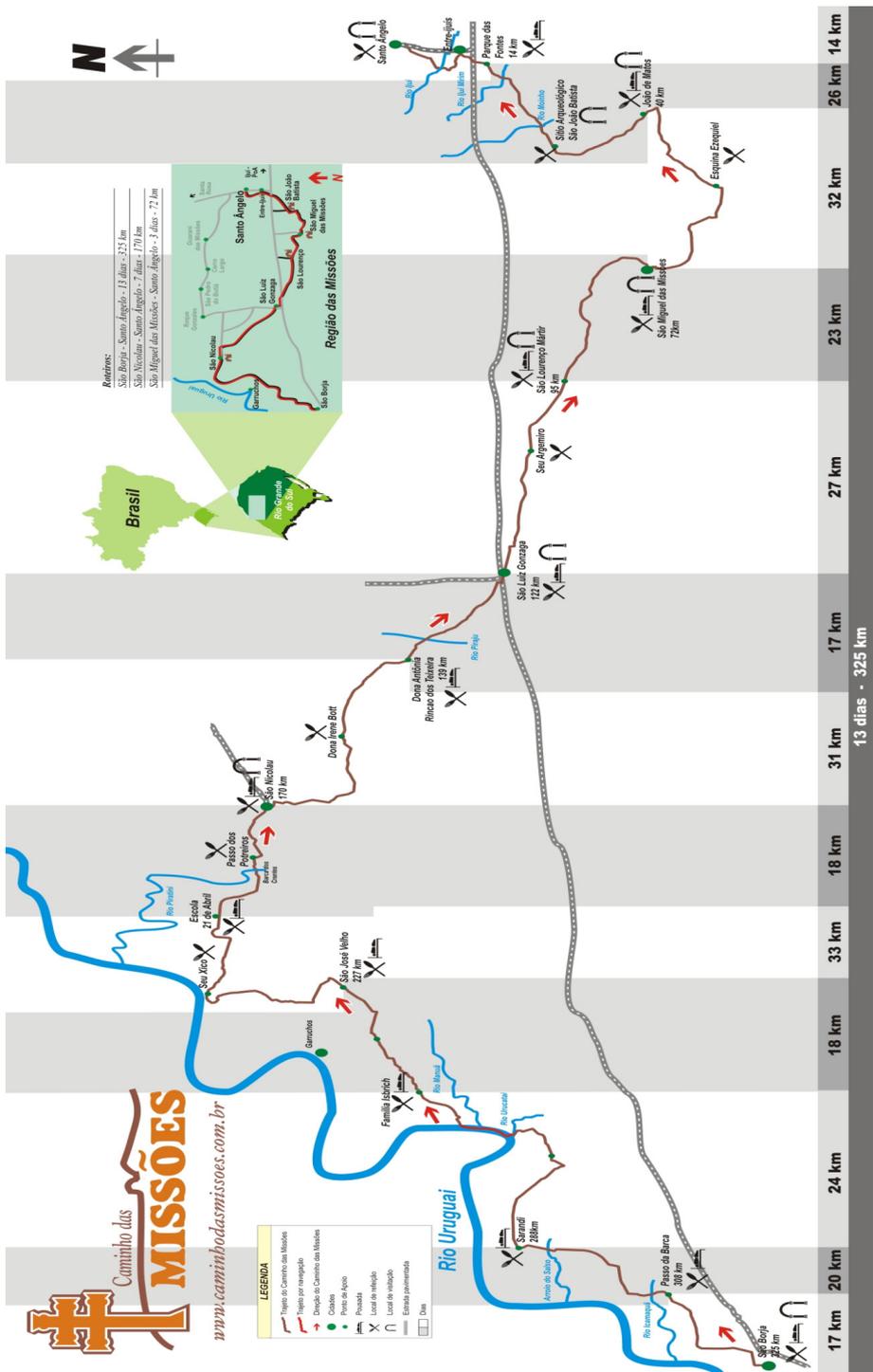


Figura 4

O traço em azul é o Rio Uruguai que, na cidade de São Borja, faz parte da fronteira entre Brasil e Argentina. A linha marrom mostra o percurso que o Caminho das missões segue pelas estradas de terra. Esta linha marrom é constantemente marcada por pontos verdes de maior ou menor diâmetro. Os pontos maiores representam a cidade onde o município se encontra, enquanto os menores representam os pontos de apoio por onde passa o Caminho. Nem sempre a peregrinação passa dentro da cidade, como ocorre em São Borja, São Luiz Gonzaga e São Miguel das Missões. Às vezes, como em Garruchos, os peregrinos entram no município mas ficam durante todo o tempo na área rural. No mapa, é possível visualizar ainda um traço cinza pontilhado em branco: esta é a rodovia asfaltada que corta a região e que os peregrinos encontram e caminham por ela em duas ocasiões. É importante observar também que os pontos de pernoite (representados por uma cama), locais de refeição (simbolizado por um garfo e uma faca cruzados) e locais de visitação (representação de dois pilares ligados na extremidade superior por um arco) estão assinalados no decorrer de todo o trajeto. Além disso, cada dia da peregrinação está claramente destacado por uma faixa vertical em cinza claro ou branco, incluindo na parte inferior do mapa a quantidade de quilômetros caminhados em cada dia. Geralmente, quando se caminha até 20 quilômetros por dia, isso é feito de uma vez s  e por toda manhã e início de tarde, sem paradas para almoço ou descanso. A exceção ocorre no terceiro e no décimo dias, quando os peregrinos percorrem 24 e 23 quilômetros, respectivamente. Mas, como se pode observar no mapa da figura 4, no terceiro dia uma parte do trajeto é feito de barco pelo rio Uruguai e o esforço é bem menor. No décimo dia não, pois aí, de fato,   necessário sair da ruína de São Lourenço Mártir e chegar à cidade de São Miguel das Missões sem interrupções, o que não é nada fácil, seja lá qual for a idade do caminhante. Mas nada é mais difícil e extenuante do que os dias em que se caminha mais de 30 quilômetros com parada para almoço: isso ocorre no quinto (33km), sétimo (31 km) e décimo primeiro (32km) dias. O estado de cansaço   tal que as pessoas chegam quase se arrastando. Largam tudo e se deitam em qualquer lugar. Só querem saber de tomar um banho, comer e ir para cama. Se a temperatura estiver alta, com sol forte e a estrada cheia de poeira devido ao tempo seco de vários dias, a situação tende a piorar muito, pois o excesso de transpiração, a água do cantil já quente, a ausência de sombra, a paisagem de plantações sem perspectiva de uma casa para repousar ou pegar água fresca, a falta de vento que

aumenta a sensação do bafo quente, os pés doendo e os músculos da coxa, quadril e ombros doloridos pelo peso da mochila deixam o conjunto do corpo físico-psicológico exaurido, fazendo a pessoa perder até a noção de tempo decorrido, a ordem dos acontecimentos do dia em questão e dos dias anteriores. Quase tão ruim quanto caminhar sob sol forte é caminhar sob chuva forte, porque a estrada vira uma pista escorregadia, com poças para todos os lados, lama no chão que gruda na bota ou tênis e transforma o calçado em um peso a mais para levantar a cada passada. A roupa fica inteiramente molhada, o que inclui as roupas íntimas e as meias, e os pés constantemente úmidos – não adianta capa de chuva quando é muita chuva. O melhor mesmo é caminhar com o tempo parcialmente nublado. No entanto, essas situações são sentidas aos extremos quando a caminhada supera os tais 30 quilômetros já mencionados. Quando se caminha menos de 20 quilômetros, como no primeiro (17 km), quarto (18 km), sexto (18 km), oitavo (17 km) e décimo terceiro (14 km) dias nas missões, na verdade “É desfile. Hoje é desfile!”, para usar as palavras do peregrino de Brasília, Geraldo, que fazia piadas com os dias em que se pouco caminhava. O ideal é caminhar entre 20 e 25 quilômetros por dia, com uma parada para almoço. Os quatro sócios do Caminho sabem disso. Mas nem sempre é possível, visto que não é fácil o processo de conseguir pontos de parada e de pernoite. Hoje, todos os tipos de distâncias são percorridos em quatro roteiros possíveis: de São Borja até São Nicolau em 6 dias (155 km); de São Nicolau até Santo Ângelo em 7 dias (170 km); de São Miguel das Missões até Santo Ângelo em 3 dias (72 km) e, finalmente, de São Borja até Santo Ângelo, sendo que com este último roteiro a caminhada completa 325 quilômetros, com uma média de 25 quilômetros de caminhada por dia.

Esses quatro roteiros hoje disponíveis levaram todos esses anos para ficar com o formato que estão agora. Vale sempre ressaltar que numa peregrinação quase tudo pode mudar como, por exemplo, os pontos de parada, bastando para isso um problema no roteiro ou um desejo dos caminhantes captado pelos sócios do Caminho. Conforme já mencionado, o processo de elaboração do Caminho foi trabalhoso e exigiu dedicação por parte de seus fundadores. Surpreendentemente, nenhum deles tinha qualquer experiência com peregrinação. É necessário ficar bem

claro que uma caminhada turística – o que inclui até mesmo trilhas – e uma peregrinação religiosa apresentam semelhanças inegáveis no que toca à infraestrutura e à dinâmica necessárias para permitir que tais projetos sejam viáveis e se realizem. São coisas básicas que o próprio ato, caminhar, ensina que algo precisa ser feito para melhorar ou facilitar a vida de quem caminha. As respostas para muitas dessas demandas básicas iniciais são buscadas em lugares comuns a peregrinos, turistas, esportistas ou aventureiros. Não importa muito se você é peregrino, turista, caminhante, alpinista ou aventureiro; se você vai fazer certo tipo de atividade a céu aberto, o que se chama geralmente em inglês de *outdoor*, se vai ficar exposto ao tempo, seja caminhando, correndo ou escalando, a própria execução da atividade se encarrega de lhe apresentar problemas e dar as tais lições já mencionadas. E assim, peregrinos, alpinistas e turistas vão estar sempre em contato trocando experiências em sites de relacionamento, fóruns online e lojas que vendem materiais esportivos. Basta ir a uma boa loja de aventura para encontrar alguns desses personagens olhando, opinando, comprando e muitas vezes dispostos a contar sobre as suas aventuras de escalada, caminhada, corrida e ciclismo. Dão dicas, ouvem outras experiências, gostam mesmo de compartilhar seu conhecimento.

Presenciei uma cena entre dois peregrinos que conversavam nas estradas das missões, enquanto eu vinha logo atrás ouvindo e tentando acompanhar o ritmo da caminhada. O primeiro era um verdadeiro iniciante. Tão iniciante que trouxe 15 quilos de bagagem. Só alguém com grande preparo físico carrega tal peso por longas distâncias, e mesmo assim chegará ao destino cansado e dificilmente fará os 13 dias nessas condições. O tal iniciante não era um atleta e, portanto, logo viu que teria que contratar um carro de apoio para levar sua bagagem. Ele então comentava com o caminhante experiente que havia calculado mal sua bagagem e foi o que bastou para o outro dar a ele uma aula sobre o assunto. Começou explicando que é preciso escolher a mochila certa, com os materiais mais leves e resistentes. Passou, então, para a calça-bermuda, camisa feita em *dryfit*, cajados retráteis, saco de dormir para até 5°C, agasalhos e toalha super absorvente entre outros. Aproveitou para dizer que não era necessário comprar tudo de uma vez, pois ele mesmo foi adquirindo as coisas aos poucos, em cada nova caminhada ou trilha que fazia, até ter tudo o que precisava. O iniciante parecia prestar atenção ao colega e certamente numa próxima caminhada não vai mais levar 15 quilos. Provavelmente seguirá os

conselhos para comprar equipamentos adequados à atividade. Essas trocas de experiências e informações acontecem o tempo todo entre pessoas que, peregrinos ou não, estão lá juntas caminhando, no site debatendo ou na loja comprando. Não houve uma única vez em que não tenha presenciado uma conversa sobre calçados apropriados. As botas e tênis impermeáveis das marcas Salomon e Timberland estão entre as mais faladas e recomendadas. O discurso do peregrino de desapego material e de viver apenas com o essencial, com aquilo que você pode colocar em uma mochila, convive em perfeita harmonia com a aquisição desses produtos de preço elevado e feitos para um público alvo de alto poder aquisitivo no Brasil. Mas, o importante mesmo é mostrar a interação das pessoas que praticam essas atividades a céu aberto nos mais diversos lugares.

A partir dessa interação entre as pessoas, o Caminho das Missões foi ganhando o seu formato. Mas antes, uma atitude fundamental dos organizadores do Caminho foi a de literalmente colocar o pé na estrada. Eles planejaram tudo. Queriam lançar um caminho inicialmente de 7 dias, de São Nicolau até Santo Ângelo. Rodaram de carro as estradas locais de terra que ligavam as reduções, conversaram com pessoas do lugar que poderiam receber os peregrinos para almoço e pernoite e tiveram trabalho para convencer essas pessoas a participar do Caminho. Ao todo foram 18 meses de trabalho e em torno de 5000 quilômetros percorridos de carro pela região. Antes de realizarem a chamada caminhada experimental, Romaldo, Claudio e Marjorie, que também trabalha na agência de publicidade, resolveram ir a pé, sozinhos, de Santo Ângelo a São Miguel. Estavam na realidade aprendendo o que a prática ensina. Romaldo conta isso muito bem:

Aí nós fomos para a prática, o que nós fizemos? Antes de fazer a primeira experimental, nós saímos de Santo Ângelo, o Cláudio e eu, fomos fazer a primeira daqui a São Miguel para ver na prática e nós nunca tínhamos caminhado. Caminhado no sentido de peregrinação e pelas teorias as pessoas diziam que se tem que carregar tantos por cento do seu peso enfim, ter um equipamento adequado, enfim. Aí nós botamos as mochilas nas costas, acho que estava com uns doze quilos com panela, com barraca, com tudo e fomos para a estrada, fazer o trecho daqui a São Miguel em dois dias. Nuns 15 quilômetros mais ou menos daqui a Marjorie já parou, né, não agüentou. Aí ficamos eu e o Cláudio. A gente andou bem perto lá do Sr. João de Mattos e o Cláudio foi se arrastando até o João de Mattos. E de manhã a gente fez 40 km no primeiro dia, chegamos lá, montamos barraca enfim, ficamos lá. No segundo dia a gente saiu

do João de Mattos e foi a São Miguel, mas daí o Cláudio não foi, não conseguiu andar mais. E aí, eu sai somente com o necessário, com uma água e alguma coisa e realmente, tu começa a sentir na prática o peso que tu tens que carregar enfim, qual é a distância que tu percorres. E aí eu fui até São Miguel. Então, eu fui o primeiro a fazer.

As lições que Romaldo e Claudio aprenderam foram prontamente assimiladas ao caminhar pela primeira vez, já que sentiram as dores musculares, a sola do pé dolorida e com bolhas e, como lembra Romaldo, “Calçado inadequado, distância inadequada, o horário talvez, meio dia, inadequado, tudo isso serviu como experiência para ajustar. Aí nós começamos fazer as experimentais, com pessoas que já tinham feito, foram feito 8 experimentais”. Fica, então, claramente demonstrado que a atividade ensina aos praticantes e que caminhar compartilha com outras atividades semelhantes uma série de experiências e lugares comuns de interação de pessoas que no ato da troca de informações formam um conjunto de conhecimentos e práticas comuns. Este conjunto de conhecimentos e práticas esteve presente na formação do Caminho das Missões. Além disso, outra coisa que ajudou a formar o Caminho foi o que eles chamaram de caminhada experimental. Ainda sem poder contar com a estrutura dos moradores que recebem hoje os peregrinos, que são profissionalmente chamados de prestadores de serviço, os quatro sócios recorreram ao exército para montar uma estrutura mínima capaz de proporcionar o ponto de pernoite. Claudio conta isso:

A gente fez uma caminhada de três dias de São Miguel aqui. Então, no primeiro pernoite que seria lá no Sr. João de Mattos, saindo de São Miguel para cá, o primeiro pernoite no Sr João de Mattos, o quartel montou toda a estrutura, porque não existia a estrutura. Tinha o Sr. João de Mattos louco de vontade de receber e conversar com as pessoas e atender, mas sem estrutura. Então, o quartel foi lá, botou beliche. Montou barraca, botou chuveiro quente, aí o grupo chegou lá, jantou, fizeram música, uma congregação ali, uma confraternização com as pessoas. No dia seguinte começou a caminhada, o quartel desmontou a estrutura, levou para o Parque das Fontes, montou de novo e lá chegou o grupo. Então, isso foi bem, foi fundamental. Essa foi em agosto de 2001. Caminhada Experimental, a primeira.

A esta caminhada seguiram-se outras, todas realizadas antes da inauguração ao público geral em 2002. Os depoimentos dos quatro fundadores do

Caminho não são precisos no que diz respeito ao número de participantes dessas caminhadas experimentais e quanto às pessoas que foram convidadas. Mas está certo, de acordo com Romaldo, Claudio e Gládis, que havia peregrinos experientes que já tinham feito o Caminho de Santiago. Foram chamados também o secretário de turismo do Rio Grande do Sul na ocasião, pessoas relacionadas à área da história e pessoas ligadas à educação física. Os próprios sócios do caminho estavam interessados em ouvir todas essas pessoas e agregar suas experiências. Não há como comprovar, mas certamente este foi um momento em que várias práticas, símbolos e motivações de peregrinação religiosa entraram no projeto Caminho das Missões, fazendo dele este projeto turístico, mas que se refere ao Caminho de Santiago de Compostela e às peregrinações o tempo inteiro para estruturar seu modelo de caminhada e para se apresentar ao público. Podemos recorrer ao que nos conta o amigo peregrino Júlio Sander, que participou de uma dessas caminhadas experimentais. Júlio mora hoje em Santana do Livramento, cidade brasileira que faz fronteira com o Uruguai. Fui até lá entrevistá-lo para ouvir como ele narrava a formação do Caminho das Missões. Sobre as caminhadas experimentais, ele contou o seguinte:

Então, em 16 de fevereiro de 2002 nos juntamos em Santo Ângelo para o último caminho experimental antes do lançamento mundial, iam fazer a missa da Terra sem Males em Santo Ângelo lá na catedral angelopolitana e ia ser lançado mundialmente o Caminho das Missões. Então, veio o pessoal do Ceará, da Paraíba, de São Paulo, de Santo André, do Rio de Janeiro, de Santa Catarina e alguns gaúchos, se completou um grupo com 15 pessoas e foi o melhor grupo até agora, o mais completo, o mais perfeito possível, todos com experiência de Caminho. Uns dois ou três que não tinham experiência, os gaúchos se empolgaram tanto que hoje em dia são caminhantes do mundo, né, Assis Setembrino dos Santos, Celeste e todos hoje em dia são caminhantes do mundo. Tivemos o privilégio de contar nesse grupo com o senhor de 76 anos, na época, o Sr. Valter Jorge de Almeida, que era o presidente de todas as associações de Amigos do Caminho de Santiago de Compostela no Brasil com sede no Rio de Janeiro e ele veio também para a caminhada. Então, fizemos um Caminho espetacular e com uma receptividade e entrevista em jornais e rádios de todas essas cidades que tu conhecestes ao passar.

A partir do que Júlio Sander nos conta não parece restar dúvida de que essas caminhadas experimentais trouxeram peregrinos de caminhos religiosos, os

quais certamente deixaram suas contribuições. A maneira como o Caminho das Missões se moldou e se estruturou não deixa dúvida de que pegou emprestado o modelo de peregrinação religiosa – na verdade, eles mesmos declaram que se inspiraram em Santiago de Compostela. Algumas características explicitam isso com maior clareza. Em primeiro lugar, o modo de organizar a caminhada, que é típico de peregrinação. Cada pessoa que vai fazer a caminhada recebe ao chegar uma credencial com nome completo, número do caminhante e informações úteis em caso de emergência. Esta credencial é feita em papel tipo cartolina e, dobrada, cabe até no bolso de trás de uma calça, mas aberta se transforma em uma grande cartela para que se colem os selos auto-adesivos de cada ponto de parada ou pernoite, aproveitando exatamente a mesma ideia dos carimbos das peregrinações tradicionais. Os selos são cópias fotografadas e digitalizadas da arte dos índios guaranis que vivem próximo a São Miguel das Missões e que produzem animais de madeira, arco e flecha, chocalhos e outros instrumentos para serem vendidos aos turistas que visitam as ruínas. Tem tatu, coruja, onça, macaco, chocalho, enfim, inúmeros selos que juntos na cartela comprovam que o peregrino esteve naqueles lugares caminhando, o que lhe dá direito ao diploma, que é um certificado escrito em guarani – com tradução para o português no verso – atestando que a pessoa percorreu o Caminho das Missões. De acordo com Romaldo, os selos, o cajado guarani, que é vendido, e os certificados foram uma forma de valorizar os índios.

Em segundo lugar, a maneira de se referir aos caminhantes e à caminhada. Até aqui as palavras peregrinação e caminhada foram usadas como sinônimos, o que ocorreu igualmente com peregrino e caminhante. Assim é feito no Caminho. As pessoas ora são chamadas de peregrinos, ora de caminhantes, o mesmo ocorrendo com caminhada e peregrinação. Entretanto, há uma clara ênfase por parte de todos no uso das palavras peregrino e peregrinação e é lógico que isso já traz todo o conceito dos termos importados de peregrinações religiosas, além de certamente atrair pessoas que, de fato, são peregrinos. Essa é uma situação, assim como tantas outras no Caminho das Missões, que traz clara essa mobilização por parte da agência dos discursos e práticas de peregrinação e turismo. Inúmeras vezes houve situações na pesquisa em que presenciei os fundadores do Caminho indecisos e hesitantes sobre qual termo usar. Às vezes usavam a palavra peregrino, até com certo constrangimento, ao se referir a pessoas que estavam ali claramente só mesmo pela caminhada. Uma vez, estávamos em São Borja fazendo um *city*

tour antes de a caminhada iniciar. O pessoal do Caminho havia programado a entrega da cruz missioneira, que é dada a cada participante, pelo prefeito da cidade. Então fomos até a prefeitura receber o cordão com a cruz diretamente das mãos do prefeito, que deveria colocar um cordão no pescoço de cada caminhante, como se fosse um amuleto ou medalha, quando um participante perguntou: “Mas é o prefeito quem vai entregar para gente?”, deixando evidente seu espanto pela suposta deferência. Cláudio imediatamente respondeu: “Vocês são importantes, é..., peregrino é importante!”. Entretanto, ele hesitou na hora de dizer “peregrino é importante”. Em minha interpretação, isso ocorreu porque a realidade é que o Caminho ainda não adquiriu toda essa importância e também pelo fato de que certas pessoas ali presentes nunca tinham caminhado na vida. Como podiam então ser classificadas como peregrinos por ele? Gládis, a única sócia que hoje vive longe da sede do Caminho, em Santa Maria, espontaneamente na entrevista mostrou a mesma dificuldade de Claudio:

Então, assim por isso quando a gente usa o termo ‘peregrinação’, eu questiono um pouco assim, porque eu acho que o maior sentido do Caminho, é claro que não dá para separar o físico da mente, a experiência ali acontece junto, tanto o conhecimento que tu vais adquirindo como o desafio, a experiência pessoal de estar caminhando enfim, de estar centrando na questão da experiência que proporciona a caminhada em si, né. Por isso assim, eu acho que o termo ‘peregrinação’ não sei se tu concordas comigo, ele é mais voltado à questão religiosa. E assim entre todos os caminhantes, todos os participantes, a gente vê um número muito pequeno em busca de religiosidade, ou seja, de religiosidade em termos de santidades ou dogmas, mas sim em busca de um conhecimento interno, de uma espiritualidade, né, acho que seria o termo mais correto.

Notei a questão que vinha buscando compreender e, improvisando na hora, perguntei: “Mas então, mas esse teu questionamento sobre o termo, você que já colocou ele para os outros sócios ou não?”

Gládis respondeu:

Ah, sim. A gente desde o início... Só que o termo, né, ‘Peregrino’ e ‘peregrinação’, ele é o mais usado. Até porque, independente do sentido que se tenha, em todos os Caminhos que tem no Brasil, por exemplo, ocorre muito semelhante, mas todos usam o termo, ele é quase que um consenso, uma terminologia utilizada em todos

eles... (...) Então, assim eu acredito que a questão, por exemplo, nas Missões, tem toda essa fundação pela Igreja Católica, tem toda a referência aos santos, os locais todos enfim, a questão da Igreja Católica está muito presente ali na religiosidade, mas isso é um ponto que ele, no meu ver, ele atua mais com um cunho cultural do que religioso, né. As pessoas buscam conhecimento ali mais em função da História do que a crença em si.

Quatro pontos da fala de Gládis chamam a atenção: primeiro, ela mesma já refletiu sobre o assunto e percebeu que as palavras peregrinação e peregrino estão ligadas à religião e que eles propõem um projeto de turismo; segundo, há uma visível dificuldade conceitual de Gládis no uso das palavras religiosidade e espiritualidade, mas ela entende o perfil de quem participa das caminhadas nas Missões e sabe que ali as pessoas não estão em busca de uma peregrinação de maior caráter religioso institucional, como no Caminho da Fé, que tem sua chegada no santuário de Aparecida; terceiro, ela atribui o uso do termo peregrinação e peregrino ao consenso dos caminhos brasileiros, algo que todos fazem e então, eles também; quarto, ela admite a presença da religião católica em toda a região das missões, mas associa isso com o tal “cunho cultural” e afirma que as pessoas que caminham buscam a história e não a religião.

Houve uma participante que caminhou comigo e notou isso. Ela estava muito incomodada durante a caminhada porque foi fazer turismo nas missões, mas logo se deu conta dessa peculiar construção do Caminho. Na entrevista, Leda desabafou:

Eu fui caminhar, acho que é importante fazer essa ressalva. Eu fui caminhar para fazer turismo. E fui caminhar para conhecer gente e lugares. Eu não fui caminhar para sofrer. Eu sou uma pessoa que tenho boa tolerância à adversidade, mas eu não curto sofrer. Eu não sou masoquista nem sado masoquista, eu não curto sofrer. Eu, inclusive, como eu me referi, eu curto muito a vida, eu sou uma sujeita muito motivada, eu acho que todos temos direito a uma vida digna, livre, alegre e leve. Então quando, de repente, eu comecei a avaliar que eu estava pagando para sofrer, ou que eu estava sofrendo de forma voluntária, me parecia aquilo desinteligente. Em algum momento, eu pensei: ‘Bom, espera aí. Leda, tu que te julga uma sujeita razoavelmente inteligente, tu estás aqui pagando para sofrer’. E tu estar aqui pagando parece que é culpa e eu não... Eu não, eu não estou aqui para carregar as culpas nas costas ou mediante a dor nos pés. Aí eu fiquei muito chateada mesmo assim, porque eu comecei a pensar ‘Mas o que é

isso? Eu estou pagando para sofrer, né. Eu não preciso sofrer, eu não acredito no sofrimento’. E assim, alguém, eu cheguei a ouvir em algum tom assim, tipo assim, ‘Ah, a dor é meio assim, a dor vai te levar...’. Não, não, o que vai me levar são outras coisas, eu acho que, o que lá falando, voltando a minha ética o que me leva é estar se sentindo bem, é não ser maldoso, não censurar, não criticar. Isso eu acho que me leva a ser, o que a gente acredita, para quem acredita nisso, mas sentir dor, quase que voluntariamente e compulsivamente, e caminhar para sentir a dor e a dor... Não. Olha, eu fiquei muito contrariada mesmo. Porque, aí eu comecei a pensar assim: ‘Mas como é que eu caí nessa cilada? Claro, peregrino, fui lá, peregrino é sinônimo de sofrimento’. E eu caí nessa cilada, porque então, era evidente que era sofrimento e eu que não saquei. Eu entrei nessa reflexão aí, né, nesse turbilhão.

O que Leda chama de cilada, e disse isso sem nenhum ressentimento em relação ao Caminho das Missões, significa que ela se preparou e se motivou para fazer uma viagem de turismo e, de repente, se viu no meio de uma peregrinação religiosa. No caso específico, a situação ficou ainda mais delicada, porque ela caminhou com um grupo de três paulistas que acordavam às 5 horas da manhã e eram católicas bem religiosas, peregrinas de vários caminhos. Foram elas que disseram que a dor era um caminho, exaltando o sofrimento que supostamente te leva a algum tipo de lugar melhor. Enfim, o que ocorreu com ela já aconteceu com outros também e, resumidamente, foi exatamente esta associação de um projeto de turismo que se inspira em um modelo de peregrinação religiosa, ambos sendo mobilizados pela mesma instituição. A pessoa foi com uma intenção e se deparou com inúmeras referências às peregrinações religiosas. Leda reclamou das dores que sentiu e, por azar, formou uma grande bolha na sola de um dos pés logo no início da caminhada, o que só piorou sua situação. Ora, as dores viriam em qualquer atividade a céu aberto que exige esforço físico, se fosse ciclismo nas missões ou alpinismo em algum outro lugar o corpo ia sentir as dores do mesmo jeito. Contudo, as dores dela estavam acompanhadas do discurso sobre o sofrimento, do discurso sobre o desapego material e do viver com o essencial. Ela precisava caminhar em média 25 quilômetros todos os dias, as paulistas peregrinas chamavam todos para rezar de manhã ainda bem cedo antes de mais um dia de caminhada e havia comentários de que devíamos ter humildade para aceitar a hospedagem sem conforto e refeições simples, pois era aquilo que as pessoas podiam oferecer. Éramos chamados constantemente de peregrinos e ouviam-se histórias de Santiago de Compostela o

tempo inteiro. Além disso, sempre há uma discussão do grupo sobre temas como “a superação de si mesmo”, “provar para si mesmo que você consegue”, “buscar e encontrar o seu eu interior, seu autoconhecimento”, “fazer uma jornada interna”, “repensar a sua vida e os seus valores”, “ficar e caminhar só”, “viver e levar apenas o que tem em sua mochila” e “carregar a mochila e não despachar por carro de apoio” (o que torna a caminhada mais legítima em seus propósitos). Isso ela não encontraria se fosse fazer uma trilha ecológica de um dia.

Vamos agora, retomar a história da construção do Caminho das Missões. Já foi visto que em 2001 houve as caminhadas experimentais e no início de 2002 o Caminho foi lançado oficialmente com a chegada dos peregrinos na catedral de Santo Ângelo e a realização da missa Terra Sem Males. Nesta época estava pronta a primeira das três etapas do projeto inicial, que era a caminhada de São Nicolau até Santo Ângelo, percorrendo assim seis dos sete povos missioneiros brasileiros. A ideia sempre foi fazer a peregrinação passar por todos os trinta povos e, para tal, se estabeleceu no projeto que haveria etapas. A peregrinação foi planejada para, inicialmente, cobrir os sete povos no Brasil, o que ocorreria pela facilidade de estar dentro do mesmo país. Como São Borja ficava geograficamente muito afastada de São Nicolau e levaria seis dias de caminhada para chegar de uma cidade à outra, optou-se por deixar a inclusão de São Borja para a segunda etapa, que ocorreu em 2005. Claudio conta que eles não estabeleceram datas, apenas metas: “Então, a gente não tinha definido datas, só tinha definido as etapas. E em novembro de 2005 a gente viu ‘É agora o momento’. Neste momento, Marta e Gládis já estavam afastadas do cotidiano do Caminho, que até hoje fica sob a responsabilidade principalmente de Romaldo e Claudio. Os dois, então, colocaram em prática a expansão, agora já com toda a experiência adquirida durante a elaboração da primeira etapa. Em apenas oito meses de trabalho e 7000 quilômetros rodados de carro, conseguiram montar todo o trecho de São Borja até São Nicolau, concluindo assim a segunda etapa do projeto inicial. Agora falta somente a terceira etapa, que é a expansão do Caminho das Missões para a Argentina e Paraguai, unindo novamente os trinta povos missioneiros que, no passado, formavam uma região sem divisões políticas, ligados pelos jesuítas e índios guaranis.

1.6 - Conclusão

Inspirado em Santiago de Compostela e adotando este modelo, o Caminho das Missões se formou desde o princípio com adaptações à realidade que existe na região das missões e aos desejos de seus sócios. Adaptações que muitas vezes sofrem críticas e criam situações de dificuldade para os sócios da agência de turismo. Os peregrinos, inevitavelmente, fazem comparações entre os dois caminhos e geralmente tomam Santiago como o modelo a ser seguido.

O Caminho das Missões foi gestado como um projeto de turismo para valorizar a região das missões no que toca ao seu potencial turístico, à sua história e às possíveis atividades de negócios e empreendimentos comerciais. Como forma de viabilizar este projeto, a ideia de uma peregrinação foi aprovada por todos com entusiasmo. Assim, mesmo usando os termos peregrinação e peregrino para designar o empreendimento e os participantes, o foco principal foi o turismo. Mas, mesmo com ênfase no projeto de turismo, a agência de turismo Caminho das Missões só ganha existência ao ser definida a ideia da peregrinação. Desta forma, a agência de turismo e a peregrinação nascem juntas, sem que uma preceda a outra. As adaptações feitas respeitam essa gestação conjunta de ideias, ou seja, modelo de peregrinação, projeto de turismo, história das missões, mística do lugar, religiosidade e espiritualidade e viabilidade de montar e gerir um negócio.

Hoje, existe uma agência de turismo chamada Caminho das Missões, que vende uma peregrinação com modelo próprio e outros pacotes de turismo. Impossível escapar das comparações com Santiago e das críticas que são feitas. Santiago de Compostela é um modelo de peregrinação muito mais flexível e agregador do que o que está em vigor no Caminho das Missões. Em Santiago, o peregrino tem liberdade e independência para fazer o que quiser e, por isso, recebe todos os tipos de pessoas. É só pagar a taxa e iniciar o trajeto em qualquer cidade sem a necessidade de falar com ninguém. No Caminho das Missões, você não paga uma taxa, mas compra um pacote turístico pelos dias de caminhada que vai fazer, o que inclui hospedagem, a maioria das refeições, acompanhamento integral de guia de turismo ou do amigo peregrino, visita guiada nas reduções e pontos de interesse nas cidades como museus e monumentos, atividades extras como visita a um Centro de Tradição Gaúcha, ritual místico antes da peregrinação e almoço de confraternização ao final do trajeto em Santo Ângelo. Tudo isso é feito em grupo e

não individualmente como acontece em Santiago. Há uma saída por mês e o número de participantes fica em torno de 8 a 12.

As opções de hospedagem no Caminho das Missões ainda são restritas. Os pontos de parada para pernoite são definidos pela agência e não há como ficar em outro lugar. Os sócios do Caminho buscaram pessoas locais que pudessem receber os peregrinos e estivessem interessados nesta atividade. Foi feito um contrato e os moradores locais são chamados pela agência de turismo como prestadores de serviço, deixando claro que há uma relação comercial. Fazer a peregrinação sozinho é possível, mas geralmente não recomendado pelos próprios sócios, devido às grandes distâncias entre pontos de pernoite e carência de sinalização para indicar quais estradas seguir – isto não ocorre em Santiago, onde as setas amarelas são encontradas com facilidade. Quando um grupo inicia uma caminhada, a própria agência cuida para que cada prestador de serviço esteja pronto para receber as pessoas em determinado dia com a infra-estrutura limpa e comida adequada. Sem essa preocupação, o peregrino provavelmente chegaria lá e não encontraria nada preparado, pois não existe um fluxo de caminhantes como na peregrinação espanhola. Assim, caminhar individualmente tem ainda esse problema de não encontrar a estrutura adequada para receber uma pessoa. E, diferentemente do modelo de Santiago, não há negociação direta com o albergue, pensão ou hotel. Nem há possibilidade de fazer o caminho por conta própria sem credencial, o que é possível em Santiago se você não se incomodar em pagar por acomodações particulares e não estiver interessado no seu diploma.

É sempre importante lembrar que o Caminho das Missões tem apenas dez anos de existência, enquanto o Caminho de Santiago tem mais de mil anos. Entretanto, os peregrinos não levam isso em consideração quando começam a fazer suas comparações com o modelo que vivenciaram e observaram na Espanha. Muitas vezes demandam um modelo com a liberdade de Santiago para que eles possam fazer a caminhada sozinhos com a opção de decidir onde vão ficar hospedados. Os sócios dizem que, se liberassem tudo nos moldes de Santiago, o Caminho das Missões não existiria mais, pois não há fluxo de peregrinos suficiente para gerar viabilidade econômica. Mas, ao mesmo tempo, afirmam ter a intenção de no futuro liberar o Caminho das Missões e deixá-lo funcionar como o Caminho de Santiago. O lucro da agência viria de venda de produtos relacionados à marca, taxa de inscrição e palestras.

O modelo do Caminho das Missões deve permanecer da maneira como está atualmente por ainda bastante tempo. Isso significa que os problemas que brotam da atual construção devem continuar ocorrendo. Ao adotar o modelo de peregrinação religiosa de Santiago de Compostela para construir um projeto de turismo, os sócios do Caminho trouxeram as práticas e o discurso religioso, mas insistiram em dizer que era um projeto de turismo e que Santiago era apenas uma inspiração, ou seja, procuraram dissociar uma coisa da outra. No entanto, esta dissociação não é viável, pois a estrutura do modelo, os peregrinos e seu discurso não permitem que se deixe isto tudo de lado para se concentrar no turismo. Na realidade, a própria história do lugar, que é uma das motivações para se caminhar, já traz consigo um apelo ao religioso, ao sagrado, ao espiritual e místico. Os próprios sócios do Caminho têm crenças de cunho espiritual que motivaram a escolha do modelo de peregrinação. Assim, não é possível se afastar da religião e enfatizar somente o projeto de turismo.

Ao adaptar o modelo de Santiago de Compostela, o Caminho das Missões criou uma construção muito peculiar. A intenção de desenvolver o turismo levou a agência a elaborar e administrar o Caminho com práticas típicas de uma empresa. Toda a programação visual foi desenvolvida anteriormente à inauguração do Caminho, ou seja, foi feita para o lançamento de um produto no mercado. O peregrino é visto como um cliente que compra um pacote. O morador local é um prestador de serviço que é contratado pela agência Caminho das Missões para receber os peregrinos. A sede do Caminho em Santo Ângelo é o lugar centralizador de toda essa caminhada, de onde tudo é comandado, como ocorre com muitos negócios. Toda essa forma de enxergar e gerir o Caminho, como um produto a ser vendido, entra em conflito com o modelo de peregrinação, que propõe uma caminhada religiosa, barata, não comercial, de desapego material, com liberdade para iniciar em qualquer lugar e sem excesso de centralização. É claro que em Santiago também há turismo, comércio, interesse no dinheiro dos peregrinos e no potencial econômico que gira em torno da peregrinação. Mas, diferentemente do Caminho das Missões, essas coisas se agregam à peregrinação sem que ela as controle completamente. A maioria dos sócios do Caminho das Missões diz ter a intenção de liberar a peregrinação e ter menor controle comercial e turístico sobre a mesma, desde que haja viabilidade econômica para o Caminho se manter funcionando de modo autônomo, gerando assim interesse dos moradores locais,

dos supermercados, do poder público, das secretarias de turismo, indústrias e comércio em geral. Ou seja, setores diversos que vão apoiar e investir na ideia de uma peregrinação nas missões. Enquanto isso não acontece, o modelo permanece centralizado e bem diferente de sua fonte inspiradora.

Os problemas que surgem são inúmeros. Os peregrinos e caminhantes compram um pacote de turismo e ao chegar lá percebem que a infra-estrutura é carente e típica de peregrinação. Às vezes, isso não gera problema algum, como foi o caso de um grupo que tinha três paulistas católicas e peregrinas experientes que o tempo todo falavam em viver com o essencial e aceitar o que o outro pode dar", ou seja, aceitavam o modelo de peregrinação e não se importavam com o desconforto. Outras vezes, quando o grupo tem menos peregrinos ou pessoas pouco experientes em caminhos, as reclamações são generalizadas e já houve casos de pessoas dizerem que se sentiram enganadas por terem pago um pacote de turismo para ficarem tão mal alojadas. O caso de Leda, que afirmou ter caído numa "cilada" foi um exemplo. Os sócios sabem que vendem um pacote e não querem receber mal as pessoas. Por isso tentam melhorar os pontos de pernoite. Ao fazer isso e demandar melhores condições dos moradores locais, correm o risco da pessoa desistir de receber os peregrinos e simplesmente sair do Caminho, provocando a dificuldade de não ter onde alojar as pessoas para dormir num determinado ponto do trajeto. Fica delicada a situação de todos quando os discursos e as práticas de peregrinação e turismo são mobilizados ao mesmo tempo pela agência Caminho das Missões. Em Santiago de Compostela, mesmo que exista discurso e prática típicas de peregrinação e turismo, mesmo que muitas dessas práticas sejam semelhantes ou compartilhadas a ambas atividades, aos olhos dos peregrinos estas coisas não estão sendo mobilizadas pela mesma pessoa, empresa ou instituição. Caminhei na Espanha com uma americana do grupo de universitários que reclamava muito de um albergue em que eles tinham se hospedado. Disse a ela que deveria reclamar sobre isso e obtive a seguinte resposta: "Mas com quem eu vou reclamar?". "Não sei", respondi. No Caminho das Missões todos sabem com quem reclamar, pois a agência de turismo é a dona, responsável e coordenadora de tudo. Alguns moradores locais, de fato, se sentem parte do Caminho, identificando-se até como "Aqui é fulano, do Caminho das Missões". Mas, mesmo assim, a centralização na sede da agência e na figura dos sócios é indiscutível.

A história da região das missões certamente reúne o potencial para se tornar um lugar de peregrinação e atrair um grande número de pessoas. Ocorre que a forma como o Caminho das Missões foi gestado e apresentado ao público interfere na possibilidade de expansão do Caminho. Enquanto outros atores sociais – governo municipal e estadual, moradores locais, igreja, comércio local – não participarem efetivamente do Caminho das Missões essa situação dificilmente se reverterá. A administração centralizada hoje feita pela agência de turismo dificulta a atuação e a iniciativa dos atores que já participam e a agregação de novos atores que poderiam se juntar ao projeto e fortalecer a peregrinação. O Caminho das Missões é uma empresa que tem quatro fundadores. Muitos caminhos tiveram seus empreendedores e há pessoas que os coordenam. No entanto, o Caminho se apresenta como uma empresa que controla todo o processo da peregrinação, o que dificulta compatibilizar turismo e peregrinação. A inspiração em Santiago produziu um novo modelo nas missões, mas ao mesmo tempo não deixou de ser o modelo a se alcançar.

Percorrer o Caminho das Missões é estar em contato direto com essa peculiar peregrinação de 325 quilômetros de extensão que, na última década, foi construída com o trabalho e a influência de muita gente. O Caminho se insere perfeitamente dentro do cenário religioso contemporâneo: floresce em um momento de incertezas em que as crenças religiosas continuam a existir e influenciar a vida das pessoas. Sem tipo algum de ligação com uma instituição religiosa, esta peregrinação se encaixa bem num cenário onde o processo de secularização avançou e houve perda e privatização do religioso. A chamada 'mística' das missões, associada à espiritualidade dos fundadores do Caminho e também dos peregrinos, apoia a tese de Campbell e Heelas sobre uma mudança de paradigma cultural no ocidente. Assim, o Caminho das Missões reúne características fundamentais para atrair um grande número de pessoas. O problema da mobilização do discurso religioso e do turismo parece ser o grande dificultador e o gerador de problemas para o aumento do número de caminhantes.

Capítulo 2: Os peregrinos das missões

2.0 - Introdução

"Longe de casa, há mais de uma semana. Milhas e milhas distante, do meu amor...".

Os amigos capixabas Daniel e Marquinhos iam a passos largos na frente do restante do grupo no último dia de caminhada nas missões. Daniel carregava habitualmente seu rádio a pilhas pendurado no cinto da calça e ia cantando junto com o amigo letras de músicas compostas por grupos como Blitz – como o verso acima –, Beatles, Lulu Santos, Paralamas do Sucesso, entre outros. Eles agiam sempre assim, saíam junto com os outros após o café da manhã, mas imprimiam um ritmo de passada tão forte que em pouco tempo não era mais possível vê-los no horizonte. Claudio, percebendo o que ocorria, deu a eles um mapa guia para orientá-los nas encruzilhadas e pontos do percurso que podem gerar dúvida de qual direção seguir. Acompanhar os dois não era nada fácil, pois a velocidade certamente variava entre cinco e seis quilômetros por hora. Entretanto, como no decorrer do trajeto só havia conseguido ir com eles uma única tarde, restava aquele último dia para tentar conversar um pouco com os dois e, assim, dar conta de caminhar com todos os participantes daquela peregrinação de Abril de 2009.

A saída neste dia ocorreu bem mais tarde do que nos dias anteriores, nos quais o grupo acordava muito cedo para antes das sete horas já estar na estrada novamente. O Parque das Fontes, lugar onde os peregrinos dormem o último pernoite, fica a apenas catorze quilômetros do centro da cidade de Santo Ângelo e, portanto, a caminhada final é curta. É possível acordar mais tarde, tomar café da manhã com calma e sair por volta de oito e meia da manhã, com previsão de chegada ao meio dia na catedral angelopolitana. O balneário Parque das Fontes “é uma das principais atrações do turismo de lazer da região das Missões. Integrando os produtos turísticos da Rota Missões, o Parque das Fontes está também na rota do Caminho das Missões e do Caminho da Lua Cheia”¹⁸. Trata-se, grosso modo, de um amplo espaço verde de lazer onde há piscinas, quadras de esporte, churrasqueiras, restaurantes e bangalôs para aproveitar um dia de sol com a família e amigos. É um lugar agradável e geralmente todos os peregrinos gostam de lá,

¹⁸ Texto retirado do site <http://www.parquedasfontes.com.br/>. Acesso em: 10/07/2012.

especialmente porque há opção de alugar um bangalô individual e dormir sozinho ao invés de dividir o quarto do alojamento que está incluído no pacote pago ao Caminho. A comida é boa, há possibilidade de pedir porções de petiscos no bar, eles oferecem um bom jantar e desjejum. Uma parada perfeita para descansar com conforto e enfrentar a caminhada do dia seguinte.

Como de costume, Daniel e Marquinhos dispararam na frente dos outros, certos de que levavam consigo o mapa guia que possuíam há vários dias. Na primeira bifurcação, pararam, procuraram o mapa nas mochilas e nada de encontrá-lo. "Foi você, Guilherme, que pegou o mapa?", perguntou Marquinhos. "Não, não, eu não, porque mexeria nisso se estava nas suas coisas?", respondi. "Sei lá, você é todo curioso, vive fazendo perguntas pra todo mundo. Pensei que podia estar contigo", retrucou. "Não, comigo não". Por sorte, escolhemos a direção correta e continuamos a caminhar pelos campos de plantação de soja. Como parte da colheita já havia sido realizada pelas máquinas colheitadeiras, a pequena estrada de terra estava coberta por folhas, palha e restos de soja, o que dava a sensação de estar literalmente caminhando dentro da plantação. Pouco adiante, as plantações de soja desaparecem dando lugar à uma mata ciliar e nos deixando com a impressão que caminhávamos numa floresta. É o único trecho que foge das grandes plantações e provavelmente o mais bonito e arborizado.

Inesperadamente, paramos novamente ao encontrarmos a margem de um rio. Chegamos ali, próximo à beira d'água, e vimos uma grande balsa flutuante ligada por roldanas a dois cabos de aço que cruzavam o leito do rio. Observamos um pouco e logo surgiu o balseiro, que nos informou que era melhor aguardar o restante do grupo. Um a um, os peregrinos foram chegando e se acomodando no chão, aproveitando para fazer um breve lanche e comer maçã, banana, barra de cereais ou suco de caixa. Quando estávamos todos juntos, o balseiro cobrou um real por peregrino e nos conduziu ao outro lado do rio. Em dias de muita chuva, o guia do Caminho das Missões altera o trajeto, já que o rio enche, a correnteza fica forte e a travessia se torna um pouco perigosa.

Ao chegar ao outro lado, os capixabas novamente tomaram a dianteira e seguiram na frente até o centro da cidade, onde paramos num bar para beber uma cerveja, pois isto era o que eles normalmente faziam ao chegar no destino. Mas, o último dia era diferente e faltava efetivamente chegar à catedral de Santo Ângelo e concluir a peregrinação oficialmente. Nenhum dos dois parecia muito preocupado

com o ponto de chegada. De repente, o amigo peregrino liga para meu celular e diz que o grupo iria se reunir na rua paralela à praça Pinheiro Machado. Como tradição do Caminho das Missões, deveríamos nos encontrar com eles e avançar juntos, de mãos dadas, em direção à catedral. Encontramos o grupo e, em seguida, fomos para a frente da praça central para finalizar a peregrinação. Passamos por baixo de cada pórtico, cada um com o nome de uma das trinta reduções missioneiras gravado no topo do arco, observando e ouvindo o guia do Caminho falar os nomes dos seus fundadores. Ao final, contornamos um chafariz central e atravessamos uma pequena ponte: a catedral estava bem à nossa frente. Demo-nos as mãos e juntos, ao som das badaladas dos sinos tocados especialmente para os peregrinos, chegamos ao nosso destino. Na escada da catedral estavam os sócios do Caminho, exceto Gládis, esperando pela gente. Um a um, fomos nos cumprimentando com abraços, beijos e palavras carinhosas de felicitação pela etapa concluída. O grupo se uniu mais do que nunca e as divergências que surgiram no decorrer do Caminho desapareceram temporariamente. Os capixabas, as paulistas, os gaúchos e todos os demais participantes estavam muito emocionados. Alguns choravam sem parar e tiravam fotos com os outros na frente da catedral.

Os sócios nos convidaram para finalmente entrar e conhecer o interior da bela catedral angelopolitana. Reformada há alguns anos, o estilo é neoclássico, com uma construção principal e duas torres quadradas de cada lado. De fachada rosada, a catedral tem, logo após a pequena escadaria, colunas e arcos que sustentam o primeiro saguão. No topo, as imagens de cada um dos sete santos missionários alinhadas em forma de um triângulo adornam esta parte da construção. O corpo principal da igreja tem o mesmo estilo, com uma grande cruz missioneira no alto. O interior é simples e composto por colunas e arcos, duas grandes fileiras de bancos. Nas laterais há alguns vitrais que contam histórias bíblicas e um altar pouco rebuscado e sem adornos. Exibida em destaque há uma escultura em madeira, de tamanho natural, de Cristo já morto.

Os peregrinos se comportam de maneira diferente quando entram na catedral. No grupo dos capixabas, as pessoas entraram, observaram a igreja e saíram rapidamente. Alguns sentaram e ficaram ali orando. Uma vez, na caminhada da semana farroupilha, que tinha um grupo muito heterogêneo, houve uma manifestação interessante: todos os caminhantes sentaram nos dois primeiros bancos em frente ao altar e rezaram o pai nosso. Depois, a caminhante Maria

Helena pediu a palavra e, com as palmas das mãos viradas para cima e estendidas em frente de seu corpo, de olhos fechados fez um agradecimento espiritual à Deus pela excelente caminhada que todos nós tivemos. Com exceção desta caminhada, não houve outras manifestações religiosas explícitas e a visita à catedral foi rápida como se fizesse parte do pacote oferecido pelo Caminho das Missões. Em todas as caminhadas, algum sócio da agência não tardou a chamar o grupo para se reunir novamente do lado de fora para seguir para a sede do Caminho, onde haveria a entrega dos certificados.

Reunidos novamente na sala do ritual místico, lugar em que nos conhecemos e fomos apadrinhados, sentamos novamente em círculo em cima das almofadas coloridas. Os certificados de conclusão do Caminho das Missões já estavam prontos. Cada peregrino foi ao centro da roda e ofereceu o certificado ao seu afilhado. Seu Jacy, por exemplo, um bem sucedido supermercadista da capital do estado do Rio Grande do Sul, entregou o meu diploma e disse que tinha gostado muito de me conhecer e que esperava continuar meu amigo e me rever em Porto Alegre num jantar em sua casa com a sua esposa – o que, de fato, veio a ocorrer. Todos, novamente, trocaram abraços e tiraram fotos em duplas e trios. Ao final, cada um arrumou suas coisas, alguns tomaram um banho rápido na própria sede e fomos para o almoço de confraternização, última programação preparada pelo Caminho antes de cada um seguir para sua casa. O almoço no restaurante *self-service*, incluído no pacote, sempre é um momento de recordação da caminhada, com muitas brincadeiras de uns com os outros e recordações agradáveis.

Assim é o último dia dos peregrinos nas missões. Bem diferente do início de toda essa jornada, quando cada peregrino sai de casa de algum lugar do Brasil em direção ao Rio Grande do Sul. Para os que vêm de fora do estado, Porto Alegre é praticamente uma parada obrigatória para seguir viagem. Geralmente eles desembarcam no aeroporto Salgado Filho e seguem imediatamente para a rodoviária no centro da cidade, onde pegam um ônibus para Santo Ângelo – trajeto de 7 ou 3 dias – ou São Borja – caminhada de 13 dias. Já no ônibus, eles se avistam pela roupa, mochila, saco de dormir, calçados e cajado. Às vezes se falam, outras apenas olham-se e esperam chegar ao destino para se conhecer melhor e se apresentar. O normal mesmo é o contato acontecer na sede do Caminho ou através dos sócios no hotel em São Borja.

É lá, na sede do Caminho, que verdadeiramente o peregrino começa a vivenciar esta peculiar peregrinação. No capítulo anterior vimos a história do Caminho das Missões e como os sócios criaram esta caminhada há cerca de dez anos. Os sócios contaram que, naquela época, trabalharam sigilosamente até o início das caminhadas experimentais, evitando assim interferências externas. Naturalmente, no decorrer de uma década, o modelo sofreu alterações por causa, principalmente, dos atores participantes e dos fatores econômicos. Mostramos que o modelo de peregrinação importado e adaptado de Santiago de Compostela, a nomenclatura peregrino e peregrinação, a chegada dos peregrinos nas caminhadas experimentais e o projeto de turismo se associaram para criar um novo modelo vigente nas missões. Desenvolvemos também uma base teórica, que trata sobre a relação entre religião e modernidade, capaz de dar suporte ao aumento do fenômeno de peregrinações no Brasil e no mundo. A questão central, que permanece aqui, diz respeito ao fato da agência de turismo Caminho das Missões mobilizar na esfera do público tanto o discurso de peregrinação como o de turismo, tanto nas suas convergências como nas suas divergências. Também é importante lembrar que o foco dos sócios era o desenvolvimento do turismo. Ocorre que a administração do Caminho, apesar de centralizar as decisões, não pode influenciar absolutamente todos os rumos da peregrinação, visto que há outros atores importantes que participam deste projeto.

Uma das intenções deste capítulo é mostrar a percepção dos peregrinos ao peculiar modelo Caminho das Missões, sua interação com o próprio Caminho e as demandas que eles fazem e são capazes de impor. Já foi demonstrado no capítulo um a gestão do Caminho e seu desenvolvimento até chegar ao modelo e trajeto que hoje vigora. É importante, agora, apresentar como foco principal a visão dos caminhantes e como eles compreendem a sua experiência a partir dos seus conceitos do que é peregrinação.

Outro objetivo do capítulo é apresentar e discutir, cuidadosamente, uma revisão de antropologia da peregrinação que irá nortear a análise dos dados de campo. Muitas questões serão abordadas e algumas serão chave para a discussão. A primeira delas trata do próprio conceito de peregrinação: a academia busca constantemente um conceito de peregrinação a partir de suas pesquisas de campo. No entanto, é fundamental reconhecer que o conceito acadêmico de qualquer coisa é uma forma de entender, explicar e atuar no mundo. Não se trata de dar a palavra

final, mas de produzir um conhecimento e ter capacidade de influência sobre outras pessoas, grupos e instituições. Desta forma, os acadêmicos podem compreender peregrinação de uma forma e participar no mundo a partir desta compreensão. Os peregrinos, moradores locais, líderes religiosos e outros participantes também têm seus conceitos do que é peregrinação e participam de acordo com seu entendimento e interesses. É importante deixar isso claro porque o Caminho das Missões tem todos os ingredientes para deixar tudo bem confuso. Seria o Caminho uma peregrinação religiosa? Seria uma peregrinação secular? Uma caminhada ecológica? O que seria o Caminho das Missões? Os próprios fundadores do Caminho, que como já vimos no depoimento de Gládis, empregam os termos peregrinação e peregrinos para definir e classificar seu empreendimento, já refletiram sobre o assunto e hesitam em alguns momentos, fazendo o intercâmbio com as palavras caminhada e caminhantes. O importante será tentar compreender como os peregrinos entendem o modelo proposto nas missões pela agência de turismo e como interagem com esse modelo a partir do seu entendimento do que é peregrinação. Além disso, como eles são capazes de influenciar as ideias de peregrinação dos sócios que hoje mobilizam todos os discursos e controlam a peregrinação. Se o Caminho é ou não uma peregrinação, isso tem múltiplas respostas, inclusive uma acadêmica.

Outros pontos teóricos-chaves serão a motivação e a religião ou religiosidade dos peregrinos. Quem caminha uma peregrinação percebe logo que as pessoas estão ali com um número incontável de motivações. Será necessário afastar-se das ideias teóricas deterministas que buscam construir uma listagem de motivações e aplicá-la universalmente. Ao invés disso, é preciso aceitar que cada peregrino tem múltiplas motivações e vai caminhar com todas elas ao mesmo tempo. É claro que há motivações que são mais importantes que outras, mas isso não impede que todos estejam como peregrinos e que seja possível observá-las em situações que sejam mais propícias a motivações em questão, como é o caso da motivação religiosa estar mais evidente na chegada ao templo e menos quando os peregrinos visitam uma atração turística não relacionada com a religião, como foi o caso do Museu Getúlio Vargas. Se a motivação é múltipla, algo semelhante ocorre com a religião e religiosidade dos peregrinos. Há pessoas de todas as religiões, sem religião, espiritualistas e com todos os tipos de histórias para contar. Há aqueles que já passaram por várias instituições religiosas, os que frequentam apenas uma

só ou mais de uma, os ateus, os que se encaixam no movimento Nova Era, etc. O reconhecimento de que as crenças são variadas será feito junto com a argumentação de que existe uma forte tendência no Caminho das Missões para uma crença compatível com a espiritualidade, inclusive por parte dos sócios fundadores.

Considerações de método também serão abordadas. Algumas dificuldades, como número de idas ao campo, distância do campo, poucos recursos e situação efêmera de qualquer peregrinação, já foram descritas no capítulo anterior. O desafio com os peregrinos foi pesquisar durante a caminhada e como fazer para entrevistá-los e conhecê-los melhor após a peregrinação, visto que cada um deles mora em um estado diferente do Brasil. Certas estratégias foram adotadas, especialmente as que contam com o uso dos recursos proporcionados pela internet como uso de softwares de comunicação por voz, rede social e e-mail. Alguns poucos peregrinos pude entrevistar em sua cidade natal, o que ocorria quando eles estavam no estado do Rio Grande do Sul ou na cidade do Rio de Janeiro. Há ainda questões teóricas pontuais que também serão mencionadas no decorrer da narrativa etnográfica, como o ponto de chegada – santuário – e sua relação com o trajeto em si, a percepção dos peregrinos sobre os outros atores, a distância percorrida, a individualidade do peregrino e sua relação com o grupo, a ideia de sagrado, as forças seculares em volta do Caminho e a rede de produtos e serviços que aos poucos vai se formando em função da peregrinação.

Resumidamente, este capítulo trará a visão do peregrino nos principais pontos relacionados acima, procurando, desta forma, complementar o capítulo anterior apresentado sob a perspectiva dos sócios da agência, mostrando modos de entendimento da mobilização dos discursos feita pelo Caminho e como esta compreensão transforma o próprio Caminho.

2.1 - Questões Teóricas

2.1.1 - Antropologia da Peregrinação

Apesar de ser um fenômeno importante e que leva milhões de pessoas a percorrer longas distâncias no mundo inteiro, os estudos etnográficos sobre peregrinações religiosas foram praticamente ignorados pela antropologia por um longo período de tempo (Coleman, 2002). Antes de Victor Turner escrever uma

obra fundamental para antropologia da peregrinação, poucos trabalhos haviam sido feitos na área. Para Coleman (2002), o método tradicional de pesquisa etnográfica dificultou os estudos de peregrinação, pois a prática na antropologia consistia em acompanhar "grupos sociais fixos e unitários" (Coleman 2002:358), exatamente o contrário do que ocorre numa peregrinação, onde os participantes iniciam sua caminhadas de múltiplos pontos, estão em constante movimento e por tempo limitado, já que a peregrinação é efêmera e os grupos, formados por pessoas que nem sempre se conhecem, tendem a se desfazer com facilidade. Estratégias para contornar estas dificuldades metodológicas para fazer pesquisa etnográfica com os peregrinos foram desenvolvidas por antropólogos. Coleman (2002) cita os trabalhos de Gold e Frey, mostrando que ambos adotaram a metodologia de acompanhar os peregrinos durante a peregrinação e, também, fora dela, buscando conduzir parte da pesquisa com os peregrinos em sua cidade de residência. Nas suas próprias palavras: "Trabalho de campo no decorrer do Caminho é então complementado por estudos sequenciais de peregrinos meses ou até anos depois de sua jornada original" (Coleman, 2002:358).¹⁹

No entanto, esses fatores que foram vistos como dificultadores do trabalho de campo na peregrinação – movimento, pouco tempo de contato, característica de ser efêmero, falta de unidade de grupo, etc – passaram, aproximadamente, a partir da metade da década de 1980, a servir de metáfora de um novo mundo que estava em plena construção e dava sinais de quais eram suas características. No livro *Reframing Pilgrimage*, Simon Coleman e John Eade (2004) deixam este argumento em evidência ao colocar a ênfase de sua análise nos deslocamentos e na mobilidade das peregrinações. Os autores claramente atribuem ao baixo número de estudos de peregrinações na antropologia à época aproximadamente anterior à 1980, quando pouco se estudava um campo tão dinâmico como este. Ao mesmo tempo, o crescente número de trabalhos sobre peregrinação é atribuído por Coleman e Eade (2004) exatamente à nossa atual época, na qual a mobilidade ganhou reconhecimento e influência acadêmica como uma característica fundamental na "formação de processos culturais" (Coleman e Eade, 2004:5).

Os autores citam diversos pesquisadores, como James Clifford, Zygmunt Bauman e Danièle Hervieu-Léger, que usam o peregrino como uma metáfora ou emblema representativo da pós-modernidade. Clifford, segundo Coleman e Eade,

¹⁹ Tradução livre.

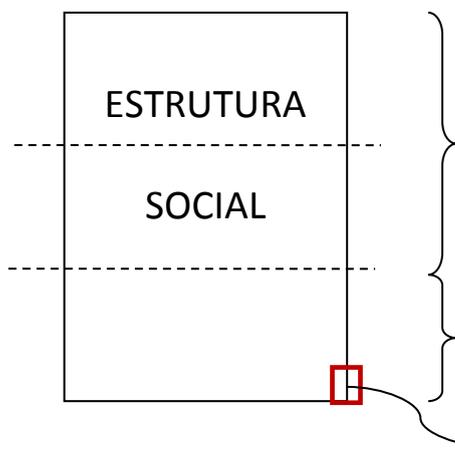
usa o termo relacionando com um "projeto mais amplo de como práticas de deslocamento não são acidentais, mas constitutivas de significados culturais num mundo que está constantemente 'en route', feito não de totalidades sócio-culturais autônomas, mas de conjunturas interativas complexas" (2004:5).²⁰ Bauman, em seu livro *Modernidade Líquida* (2001), utiliza as propriedades dos líquidos para explicar sua versão de modernidade, na qual as coisas não tem forma definida por muito tempo, fluem no tempo e no espaço com rapidez e mudam constantemente de identidade. Nesse cenário, a figura do peregrino representa, para Bauman (2001), a revanche do nômade sobre o sedentário. Se antes, estar fixado a um local era sinônimo de superioridade, agora, estar em movimento de lugar em lugar é ter domínio sobre os que não se deslocam. O peregrino é um símbolo representativo do estágio de modernidade em que nos encontramos, alguém que passa pelos lugares sem se apegar a nada e sem problema algum em deixá-los para trás. Hervieu-Léger (2008), ao tentar compreender o religioso na modernidade a partir do critério do movimento e da mobilidade, também elege o peregrino como uma figura emblemática, contrapondo-o ao praticante. O peregrino tem prática "voluntária, autônoma, individual, móvel, excepcional", enquanto o praticante tem prática "obrigatória, regida pela instituição, comunitária, estável e ordinária". Em resumo, os três autores abordam a peregrinação e o peregrino como representativo do atual desenvolvimento da modernidade, encarnando as características que são hoje importantes para a nossa época e que também servem de fundamentos para se pensar e pesquisar a vida social e a cultura dos seres humanos. Daí, portanto, o motivo do crescente interesse acadêmico por peregrinações.

A literatura na antropologia que trata deste assunto possui dois paradigmas teóricos: o primeiro, de Victor Turner (1978), está expresso no livro *Image and pilgrimage the christian culture* e até hoje influencia os estudos sobre peregrinação; o segundo, de Michael Sallnow e John Eade (1991), está no livro *Contesting the sacred*, no qual é feita uma crítica ao paradigma de Turner ao mesmo tempo em que se tenta superá-lo para propor uma nova visão para o fenômeno da peregrinação religiosa.

²⁰ Tradução livre.

2.1.2 - Os paradigmas teóricos

Para compreender o paradigma de Victor Turner é necessário apresentar a teoria que o autor desenvolveu a partir do estudo dos rituais, pois somente assim poderemos interpretar, sustentar e entender todo o debate sobre peregrinação. Estamos diante de uma antropologia que tem um olhar atento para o não classificado, que Turner chamou de anti-estrutura. Isso significa que esta antropologia diferencia-se do estruturalismo de Lévi-Strauss, o qual procurava entender os diversos aspectos da vida social em lugares bem definidos e com seus estados congelados, prontos para uma análise científica (DaMatta, 2005:24 *in* Turner, 2005). Entretanto, o estudo das coisas cuja localização é imprecisa e que estão nesta chamada anti-estrutura considera a estrutura e seus estados duradouros. A definição de estrutura social, para o autor, leva em conta a mútua dependência e persistência temporal de instituições, organizações, atores posicionados e suas relações sociais. O ponto inovador de Turner é perceber o dinamismo que existe neste sistema de estrutura e como o conceito de conflito se relaciona com a estrutura social, ou seja, os diferentes atores e instituições podem ter objetivos distintos e isto pode se tornar objeto e motivo de disputa. Os atores sociais estão em constante movimentação, buscando sempre alterar ou manter sua posição de status na estrutura social ou mesmo alterar a estrutura. E é apenas quando uma crise ou mudança é deflagrada que conseguimos refletir e enxergar as movimentações que estavam ocorrendo concomitantemente com o aparente congelamento da vida social estruturada. Vejamos a seguir os tipos de pessoas e seus lugares ou posições na estrutura.



1. Pessoas nas camadas média e alta, geralmente com bom grau de estabilidade social, com “status” estabelecido. Tendem a defender a estrutura social vigente e sentem-se ameaçados quando alguém ou um grupo busca modificá-la;

2. Pessoas na camada inferior, ocupam os degraus mais baixos, como os pobres;

3. Pessoas à margem: ladrão, malandro, vagabundo, amante, prostituta, profetas, artistas;

4. Pessoas temporariamente sem estrutura, não-classificadas: estão na passagem entre estruturas, na chamada anti-estrutura: neófitos, iniciantes.

Novamente, estamos trabalhando com tipos ideais. Todas essas pessoas estão em relação social e inseridas na estrutura em instituições e organizações. Se houver conflito de interesses sobre qualquer coisa e busca de movimentação na estrutura para melhoria de posição e status, as pessoas do tipo 1, que estão melhor posicionadas, tentarão manter sua posição e vão prezar pela manutenção das instituições e organizações nas quais estão inseridas. Pessoas do tipo 2, que estão em uma camada inferior, e do tipo 3, à margem, vão tentar modificar sua posição na estrutura ou alterá-la, buscando a melhoria e ameaçando a estabilidade das pessoas tipo 1. As pessoas do tipo 4, por sua vez, estão temporariamente fora da estrutura, ou seja, na anti-estrutura, fazendo a passagem entre dois estados estruturados e portanto, também em movimento para uma nova condição. O modelo de estrutura social, para Turner, deve ser dinâmico, ou seja, precisa dar reconhecimento de que as pessoas se movem dentro da estrutura e que esta movimentação não cessa nunca. Desta forma, a antropologia desenvolvida por Turner (1974) tem condição de perceber com maior adequação os conflitos e

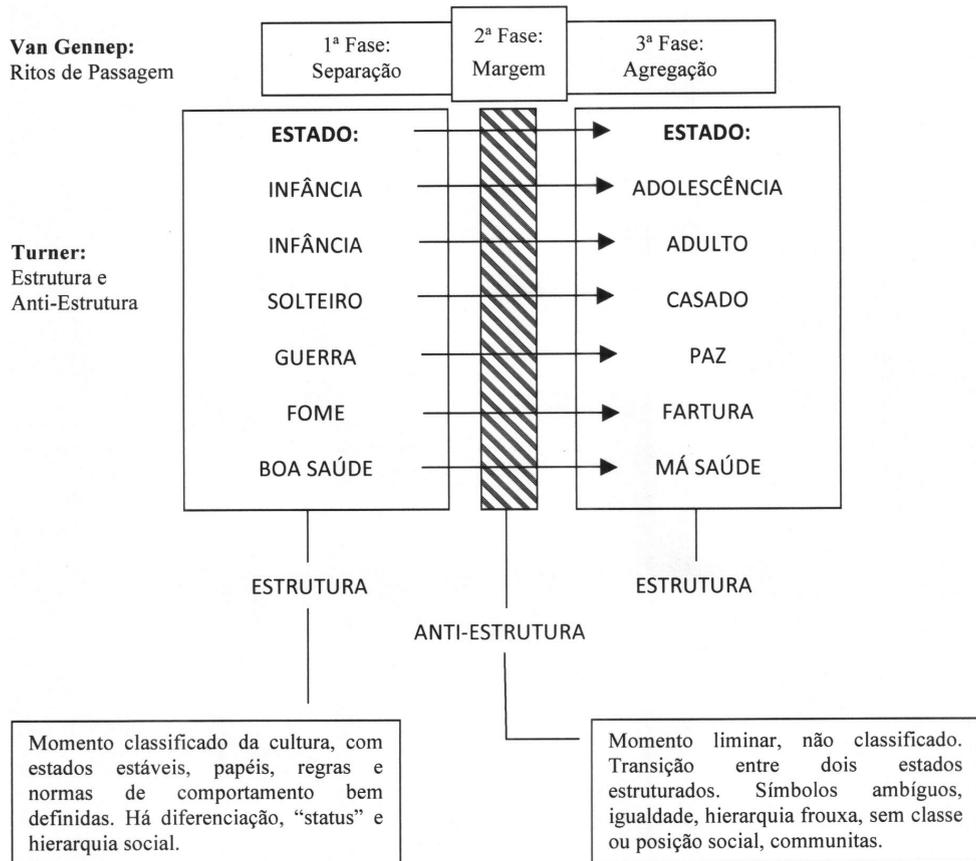
contradições sociais, assim como seu potencial de mudança e transformação estrutural.

Devemos agora introduzir e acompanhar as formulações dos ritos de passagem feitas pelo etnógrafo francês Arnold van Gennep, que trouxe para dentro de sua análise a noção de movimento de pessoas e grupos, do tipo 4, que buscam nos ritos de nascimento, iniciação, casamento e funerais – entre outros –, uma movimentação que proporcione uma nova condição de status social. Van Gennep, no que chamou de ritos de passagem, cuja definição é “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social, de idade” (Turner, 1974:116), enxergou que os mesmos exibiam uma semelhança em comum, desenvolvendo-se em três fases distintas:

1. A primeira delas, a *separação*, consiste no afastamento do indivíduo do grupo social ao qual pertence. É o caso, por exemplo, do ritual de iniciação Ndembu, o qual trata da passagem da meninice para a idade adulta, quando há o afastamento dos meninos para longe da localização da tribo e do convívio social;
2. A segunda fase, chamada de *margem* ou *limen*, é o momento, por excelência, no qual o indivíduo está em situação ambígua e por isso não pertence ao estado ou à estrutura anterior do qual sofreu a separação.
3. A última fase, *agregação*, é o retorno do indivíduo ou grupo à tribo ou comunidade da qual ele foi separado. É neste momento que o indivíduo volta a pertencer a um estado estruturado e estável.

Todas as três fases ocorrem nos ritos de passagem, mas cada uma delas pode ganhar um maior ou menor destaque de acordo com a situação que é ritualizada. Os ritos de passagem de iniciação geralmente possuem a fase liminar (ou margem) bastante alongada e por isso são apropriados para estudar os aspectos da liminaridade. Além disso, por estarem relacionados com a mudança biológica do corpo humano, os ritos de iniciação podem ser identificados em diversas sociedades tribais. Naturalmente, este rito trata da passagem da infância para a idade adulta, uma grande mudança de “ponto fixo na estrutura” (Turner, 1974:116) ou estado para um indivíduo, na qual sempre há também uma mudança de status social. É importante ressaltar que, para Turner (2005), “estado” é qualquer período duradouro e estável que seja reconhecido por determinada cultura, como a infância, adolescência, o estado de guerra ou paz, de casado ou solteiro. A liminaridade somente ocorre durante a transição entre as estruturas, classificada por Turner

como período anti-estrutural. É durante a fase da *margem* dos ritos de passagem, a qual está entre a fase de *separação* e *agregação*, que devemos encontrar, por excelência, elementos ambíguos e paradoxais de dois estados estruturados. Observemos o esquema:



Vemos no esquema acima uma tentativa de unir as ideias de Van Gennep e Turner. Enquanto Van Gennep está explicando os ritos de passagem, suas fases e como o indivíduo se transforma e muda, Turner, aproveita estas ideias, apresenta um conceito dinâmico de estrutura social e concentra seus esforços para entender as características do que chamou de anti-estrutura, ou o que não está em nenhum estado estruturado. Ou seja, aquilo que não tem classificação numa cultura porque

está entre estruturas, o que corresponde aproximadamente à fase 2 dos ritos de passagem.

Ao longo de todo o rito de passagem, podemos notar que os indivíduos, como os neófitos Ndembu no rito da puberdade, se encontram sem classificação nas estruturas formais e, por isso, são considerados como invisíveis, uma vez que não há classificação para alguém que não é mais menino e, ao mesmo tempo, ainda não é homem. Exatamente por não terem classificação e serem socialmente inexistentes, a presença física dos neófitos torna-se uma contradição para a comunidade e, por isso, os noviços são comumente afastados da aldeia para um lugar aonde não possam ser vistos. Devido à sua imprecisão e ambiguidade, o neófito carrega símbolos que estão associados à impureza. Ao citar a antropóloga Mary Douglas, Turner mostra “que o pouco claro e o contraditório (...) tendem a ser encarados como (ritualmente) impuros” (Turner, 2005:141). Daí uma possível explicação para associar os noviços ao simbolismo da morte e de aspectos negativos, como a decomposição, as fezes e a menstruação (esta última, significando a perda do feto). Quem não está encaixado estruturalmente e não tem definição é muitas vezes considerado contagioso e perigoso para aqueles que ainda não passaram pelo rito de iniciação. Mas há também aspectos positivos desses seres em transição, todos ligados a noção de gestação, parturição e aleitamento. Se, por um lado, os noviços são decompostos e desligados da estrutura anterior, eles são também associados a símbolos que significam renascimento e crescimento. É interessante notar que muitos desses símbolos são utilizados tanto para as características negativas quanto para as positivas. Como Turner (2005) mostra, a nudez pode significar o nascimento e a morte.

Independente do significado do símbolo como positivo ou negativo, há o afastamento geográfico dos neófitos da tribo, onde os mesmos formam seu próprio grupo com características bem específicas. Devido ao seu caráter liminar, os neófitos ficam sem as gradações que os distinguem no período estrutural, perdendo seus status, vestimenta e posição de parentesco. O grupo se transforma em uma massa homogênea sem hierarquia social, eliminando as diferenças do sistema jurídico-político. O que se vê entre os noviços interestruturais é a igualdade e uma camaradagem que está além das estruturas anteriores, uma fase na qual se está liberto dos grilhões sociais e dos papéis que nos forçam a agir de certa maneira. Por estarem livres das preocupações sociais, os neófitos podem estreitar

as relações e, daí, podem surgir novos significados culturais e relações sociais. É isso que Turner chama de *communitas*.

O período liminar é uma desconstrução seguida de uma construção. Assim, o grupo de neófitos possui instrutores que irão transmitir os conhecimentos necessários para a reintegração do grupo à sociedade. Estes instrutores estão hierarquicamente acima dos noviços, que apresentam total submissão às suas ordens e à sua autoridade, uma vez que estão de frente com aqueles que representam a sociedade, seus valores axiomáticos e o bem comum. Os neófitos estão ali para sofrer uma mudança ontológica, precisam ser transformados em homens e mulheres.

A simplicidade de hierarquia e organização do grupo de neófitos pode ser contrastada com a complexidade cultural envolvida em sua formação: os neófitos, que foram afastados de sua hierarquia, seus hábitos e pensamentos, estão agora em uma fase de construção de novos valores sociais para que os noviços possam ser aceitos de volta. Turner vê assim a fase liminar com um grau de inovação e criatividade própria, agente de mudança de hábitos com força autônoma – há limites, é claro, para essa inovação e o próprio Turner reconhece isto. Assim, é possível perceber como o período liminar é uma importante etapa nos ritos de passagem e para a vida social. É com ele que os conflitos sociais podem ser superados e que mudanças culturais são possíveis.

Podemos agora pensar a peregrinação a partir do que foi exposto sobre rituais, ritos de passagem e período liminar. O que Turner argumenta é que a fase liminar pode ser aplicada a toda mudança cultural significativa. A peregrinação é vista como um modelo de liminaridade para as massas (Turner, 1978), uma situação que proporciona o surgimento da *communitas*, pois os peregrinos, ao se afastarem de casa para percorrer a jornada, perdem suas hierarquias, seus status e se transformam em iguais. Como neófitos de tribos, os peregrinos se afastam da realidade cotidiana, percorrendo longas distâncias a pé, construindo uma jornada que irá transformá-los, e ao voltar a casa, depois de todo o processo, retornarão à vida estruturada de forma diferente, modificados. Também como o neófito, o peregrino é um iniciante que está entrando em um mundo novo e, ao final do trajeto, será exposto aos “sacra religiosos” (Turner, 1978), ou seja, será exposto ao santuário, imagens e liturgias.

Se há alguma diferença na comparação entre peregrinação e ritos de passagem, podemos encontrá-la no ato de voluntariedade dos peregrinos. Eles decidem sozinhos fazer a jornada, escolhem o momento ideal e partem. Os neófitos não têm escolha. Eles simplesmente precisam passar pelo ritual e vão entrar na fase liminar quer queiram ou não. Mesmo diante desta diferença, Turner faz questão de manter a comparação com o rito de passagem e a fase liminar, usando este modelo para interpretar o fenômeno da peregrinação. Apenas reconhece, devido ao caráter voluntário da peregrinação, que talvez a liminaridade deva ser classificada como quase-liminal. Nas palavras do autor:

A peregrinação, então, tem alguns dos atributos da liminaridade nos ritos de passagem: libertação da estrutura mundana; homogeneização do status; simplicidade de vestir e de se comportar; *communitas*; (...) reflexão sobre o significado dos valores religiosos e culturais básicos (...). Mas já que é voluntário, não um mecanismo social obrigatório para marcar a transição de um indivíduo ou grupo de um estado ou status para outro dentro de uma esfera mundana, a peregrinação é talvez melhor pensada como “liminoid” ou “quase-liminal”, do que liminar no sentido pleno de Van Gennep (Turner, 1978:35).²¹

Em conjunto com este arcabouço teórico, Turner propõe uma visão estrutural das peregrinações ao mapear inúmeros santuários no mundo inteiro. O autor estabelece modelos para as peregrinações e as coloca em classificações. O primeiro tipo ele chama de prototípica e trata-se das peregrinações que foram fundadas pelos líderes ou discípulos de uma religião histórica (peregrinações para Jerusalém e Roma são dois exemplos clássicos). O segundo tipo é classificado de peregrinações arcaicas, que se distinguem pelo sincretismo por portarem “traços de sincretismo com crenças e símbolos religiosos antigos” (Turner, 1978:18). Há também as peregrinações medievais, que surgiram no período da idade média e que retiram sua teologia desta época. Por fim, há ainda as peregrinações chamadas de modernas, que são aquelas que se desenvolveram após “o avanço da secularização do mundo pós-Darwin” (Turner, 1978:18) e que se utilizam de forma massiva dos modos de comunicação e transporte modernos, assim como qualquer tecnologia que possa vir a colaborar no processo de peregrinação. Entretanto, ao mesmo

²¹ Tradução livre.

tempo em que utilizam os recursos típicos do mundo tecnológico atual, há uma crítica à modernidade, que é considerada como oposta ao mundo cristão.

Turner também procura dar explicações para inúmeros outros fatores das peregrinações. Sobre os fiéis e suas motivações para iniciar uma peregrinação, o autor afirma que eles acreditam que os lugares sagrados são locais em que milagres já aconteceram e que, por isso, podem voltar a ocorrer. Além disso, o peregrino estaria em busca de libertação temporária do mundo profano em que se encontra, procurando, ao peregrinar, purificar-se dos seus pecados, pedir por algum parente doente, estar mais próximo de Deus e avançar na sua fé. A jornada é geralmente uma penitência, um trajeto difícil e que oferece perigos como assaltos e epidemias contagiosas. Mas, apesar disso, a possibilidade de receber a graça do milagre ou apenas ter sua fé reforçada é a recompensa do peregrino e razão suficiente para iniciar o trajeto.

Além disso, o autor tenta dar conta da imensa rede que uma peregrinação constrói ao seu redor. Chama atenção para todas as interações e transações que devem sua existência à peregrinação, sejam elas religiosas ou seculares: são *agências de turismo*, hospedagens, lojas, ambulantes, comércio local voltado para religião. Turner destaca ainda a presença de forças política e econômica nas peregrinações, que podem ser manipuladas para certos fins. Isso, inclusive, pode acontecer a partir da ação da própria igreja católica, que procura absorver e coordenar certas peregrinações que são de seu interesse.

O estudo pioneiro de Turner sobre as peregrinações se tornou um clássico e um paradigma que influenciou muitas gerações de pesquisadores. No entanto, há inúmeras críticas à teoria e ao modelo aqui exposto, o que leva os estudos das peregrinações a explorar muitas outras possibilidades. A crítica mais consistente ao paradigma Turneriano, feita por Eade e Sallnow (1991), se estabeleceu ela mesma como um paradigma na antropologia da peregrinação. Os autores rejeitam as ideias de observar as peregrinações unicamente de acordo com as suas funções, ou seja, como instrumentos integradores de determinado país ou como mantenedora da ordem religiosa ou ideologia vigente. Rejeitam também as ideias estruturalistas e universalistas de Victor Turner: a peregrinação como anti-estrutura se opondo a vida ordinária, organizada e estruturada, tendendo à realização da *communitas*, na qual há relaxamento ou ausência total das regras sociais, papéis sociais e hierarquias, podendo assim alcançar-se a individualidade essencial. Para Eade e

Sallnow, Turner tenta dar respostas claras às motivações dos fiéis, de atribuir o papel do santuário, da Igreja e dos comerciantes. Toda essa descrição é vista como uma interpretação particular de peregrinação e que não é encontrada em várias situações de pesquisa quando colocada em teste.

A proposta de interpretação de Eade e Sallnow se alinha com uma visão teórica típica da pós-modernidade. Os autores não pretendem propor um modelo teórico para encaixar em diversas situações, querem quase que o oposto, ou seja, reconhecer a diversidade das peregrinações e as múltiplas perspectivas de seus atores. Conforme eles afirmam:

A heterogeneidade essencial do processo de peregrinação, que foi marginalizada ou suprimida nos modelos deterministas anteriores de ambos os teóricos correspondentes e aqueles que adotaram um paradigma Turneriano, é aqui empurrada ao centro do palco, se torna a problemática. Como consequência direta, o discurso teórico de peregrinação torna-se mais diversificado e discrepante, sendo menos preocupado com encaixe de exemplos empíricos com um ideal pré-concebido (Eade e Sallnow, 1991:3).²²

Na tentativa de construção dessa nova abordagem para peregrinação, Eade e Sallnow começam desconstruindo as ideias anteriores sobre o santuário sagrado. Consideram correta a afirmação de que o lugar sagrado é a razão de existir de qualquer peregrinação, pois sem ele simplesmente não existiria peregrinação. Citam a obra de Eliade, que teve grande influência em Turner, para quem o santuário é a razão de ser de uma peregrinação e caracteriza-se pelo caráter sagrado, cercado pelo profano. É o lugar onde há o encontro entre o céu e a terra e também onde podem ocorrer milagres ou é possível estar mais perto do divino. Apesar de concordarem com Eliade em sua afirmação sobre os santuários, Eade e Sallnow acreditam que há outros componentes do lugar sagrado e que reduzir ao santuário a emanção do poder divino é uma generalização excessiva. Assim, os autores propõem que o lugar sagrado de destino de uma peregrinação, usualmente percebido como lugar de manifestação do divino e, portanto, razão primordial pela qual os peregrinos se deslocam até lá, seja visto como um espaço onde o divino se manifesta de múltiplas maneiras, sendo o santuário, naturalmente, uma delas. Há outras duas e estas seriam uma pessoa santa e textos sagrados. No primeiro caso, o

²² Tradução livre.

divino está encarnado numa personalidade humana que viveu uma vida considerada santa e após sua morte se tornou o motivo da peregrinação. No segundo caso, bem mais restrito e abstrato, o texto sagrado seria o motivo principal da peregrinação - como é o caso da peregrinação para Jerusalém estudada por Bowman. Assim, a peregrinação centrada num lugar sagrado – o santuário – é apenas uma fonte do divino, que pode se encontrar também centrada numa pessoa santa. Eade e Sallnow (1991), buscando superar a perspectiva de Eliade e Turner de lugar sagrado como fonte única do divino e razão de ser da peregrinação, propõem que a análise do sagrado seja feita a partir dos critérios da 'pessoa santa', do lugar sagrado e dos textos sagrados.

Não é apenas a noção e manifestação de sagrado que é contestada pelos autores, mas também a percepção deste sagrado feita por diferentes atores que participam de uma peregrinação. Novamente, os autores contestam a visão de que o santuário e as pessoas oficialmente ligadas à Igreja são os únicos geradores de poder e significados pré-determinados. Ao invés disso, Eade e Sallnow procuram perceber os múltiplos discursos mobilizados e suas construções de significados e práticas. Se, de um lado, há geralmente o discurso oficial da Igreja tentando impor-se como verdade, por outro, há também o entendimento dos peregrinos e devotos que trazem de casa seus próprios significados. Há, assim, frequentes contradições e embates entre o que professam oficialmente os membros da Igreja e as ideias que os peregrinos têm e trazem consigo – podendo estes, muitas vezes, impor suas crenças ao santuário, invertendo a relação de poder que geralmente pende para o lado da Igreja, visto que seus membros são os responsáveis por gerenciar os horários dos rituais oficiais, abertura do santuário, etc (Eade e Sallnow, 1991:11). Os moradores locais também percebem o santuário sagrado de uma maneira própria e muitas vezes não frequentam o santuário e procuram outro santuário longe de casa quando desejam fazer uma peregrinação, mostrando que há diferenças na interpretação do sagrado. Há, ainda, forças seculares que existem e são reforçadas com o crescimento da indústria do turismo em torno de uma peregrinação, tendo a capacidade de desafiar e mudar o discurso oficial dos membros da Igreja.

A motivação dos peregrinos é outro assunto em que Eade e Sallnow procuram novos caminhos que fujam da visão determinista de Turner. Os autores claramente aceitam o que chamam de "motivação dominante", o que significa que

a maioria dos peregrinos deseja algo de Deus ou da divindade do santuário em troca pelo seu esforço e sofrimento físico de caminhar a peregrinação. No entanto, se os peregrinos realmente buscam alguma recompensa divina pela caminhada – cura de doenças, melhora da situação financeira –, também possuem diversas outras motivações para peregrinar e não é possível limitar as motivações a uma simples listagem. Na visão de Eade e Sallnow, cada peregrino tem seu próprio interesse ao iniciar sua peregrinação, e não há um motivador único. Há múltiplas formas de entendimento e percepção do que significa peregrinar. Assim, há tantas intenções para ir a um santuário quanto há pessoas ou grupos interessados em ir (Eade e Sallnow, 1991). Não é possível compreender tudo nem listar todas essas motivações. A força de um santuário virá basicamente da capacidade de acolher vários discursos e motivações de peregrinos. Segundo os autores: “Isto, em última análise, é o que confere sobre um grande santuário seu caráter essencial, universal: sua capacidade de absorver e refletir uma multiplicidade de discursos religiosos, ser capaz de oferecer a uma variedade de clientes o que cada um deles deseja” (Eade e Sallnow, 1991:15). O universalismo, então, ocorre graças à capacidade de lidar com a diversidade.

Os paradigmas de Turner e Eade e Sallnow, além de continuarem a influenciar as pesquisas até hoje, são geralmente vistos como duas abordagens que compõem uma oposição binária (Coleman, 2002:631). Enquanto o paradigma de Turner é visto como uma teoria estruturalista e universalista que busca construir um modelo científico aplicável a todas as situações de peregrinação cristã, Eade e Sallnow são vistos como autores pós-modernos que lutam para não aceitar o determinismo atribuído a Turner, evitando assim a construção de categorias abrangentes que enquadram, por exemplo, grupos humanos, santuários, motivações e moradores locais, não deixando a abertura necessária para perceber a pluralidade dos discursos, dos diferentes santuários, da história de um lugar, das ideias e percepções de sagrado, dos interesses particulares dos indivíduos e instituições e a discrepância muitas vezes conflituosa de todos esses discursos. Enxergar os autores desta forma não é um equívoco, pois, de fato, Eade e Sallnow contestam bastante as ideias de Turner. No entanto, a teoria de Turner também acolhe os fluxos de peregrinos e ideias e, em certos momentos, também se alinha perfeitamente aos discursos pós-modernos (Coleman, 2002:362). Ambos os paradigmas procuram reservar um momento especial para a peregrinação; Turner com o conceito de anti-

estrutura e *communitas* e Eade e Sallnow com a capacidade excepcional de uma peregrinação acomodar os conflitos mundanos (Coleman, 2002). Assim, há também convergências nos paradigmas e, para Coleman (2002), é um desserviço perceber as teorias apenas como opostas.

2.1.3 - Outras abordagens

Ainda sob grande influência dos dois paradigmas, o estudo de peregrinações religiosas continua a se desenvolver e há muitas questões que estão abertas e, como vimos, um crescente interesse na antropologia. No livro *Shrines and pilgrimage in the modern world*, Peter Jan Margry (2008), levanta muitas dessas questões que estão abertas para ampla discussão, procurando também realizar um resumo das correntes de pensamento que influenciaram este ramo da antropologia. A questão que inicia a discussão do autor diz respeito ao que foi chamado de peregrinação secular. O termo se diferencia, naturalmente, da peregrinação religiosa tradicional e seu uso se justificaria devido ao aumento significativo de lugares como memoriais e cemitérios que se tornaram locais de migração de pessoas que vão visitar e homenagear estrelas da música internacional, atores e políticos famosos, ex-combatentes de guerra, entre outros ícones não ligados diretamente à religião que já faleceram. Como a palavra peregrinação é amplamente utilizada na mídia em geral, é relativamente fácil encontrar pessoas visitando cemitérios e memoriais que dizem que estão numa peregrinação (Margry, 2008:17). No entanto, é útil cunhar um novo termo acadêmico? É possível encontrar motivações religiosas nessas peregrinações seculares? O que deve ser considerado em um conceito acadêmico de peregrinação?

Para Margry, a definição de religião e peregrinação é:

todas as noções e idéias que os seres humanos têm sobre a sua experiência do sagrado ou do sobrenatural, no intuito de dar sentido à vida e ter acesso a poderes transformadores que podem influenciar a sua condição existencial. Visto neste contexto, eu considero que peregrinação significa uma jornada com base de inspiração religiosa ou espiritual, realizada por indivíduos ou grupos, para um lugar que é considerado mais sagrado ou salutar do que o ambiente da vida cotidiana, buscando um encontro transcendental com um objeto de

culto específico com a finalidade de adquirir a cura ou benefício espiritual, emocional ou físico (Margry, 2008:17).²³

Com esta definição, fica claro que Margry associa a peregrinação com o religioso ou o espiritual, se colocando bem próximo a Turner (1978) e a Eade e Sallnow (1991) quando afirmam que a "razão de ser" da peregrinação é o lugar sagrado. Sem o religioso, o espiritual, o lugar sagrado, a busca e o encontro com poderes transformadores que podem trazer algumas benesses, simplesmente, na visão de Margry (2008), não há peregrinação. Se não há nada que possa vincular as pessoas ao religioso, espiritual ou sagrado, neste caso, para o autor, haveria apenas turismo. Entretanto, sabemos que não é possível separar o secular do religioso assim tão facilmente traçando uma linha divisória. Portanto, se tornou complicado definir os critérios que devem ser adotados no conceito de peregrinação, seja ela em sua maneira tradicional religiosa ou, se admitirmos a necessidade de cunhar um novo termo, também no modelo que chamamos de secular.

Na busca por tais critérios, Margry faz uma ampla revisão crítica dos estudos de antropologia da peregrinação – boa parte de sua discussão, inclusive, já foi abordada. Sobre o debate trazido por Turner no que toca à formação da *communitas*, Margry também enxerga dificuldade em aceitar universalmente a ideia de *communitas* e prefere a abordagem que coloca ênfase numa "jornada individual que se realiza coletivamente" (Margry, 2008:21). Pensando a partir da dicotomia *communitas* x individualidade, a argumentação prossegue e, no ocidente, as peregrinações são motivadas e consideradas como um assunto pessoal. A necessidade de se percorrer o caminho em grupo viria das dificuldades e perigos de ir sozinho. Esta posição encontra defesa também de Alan Morinis (1992), que em seu livro *Sacred Journeys* afirma que a verdadeira peregrinação é uma jornada pessoal, uma questão individual, na qual cada um busca uma reflexão interior.

Outra discussão importante é a que opõe a importância do lugar sagrado versus a viagem e o movimento que se faz até o local de chegada. Vimos que Turner centrou sua análise nos lugares sagrados e seus santuários e deu aos mesmos o status de razão máxima do peregrino, enquanto Eade e Sallnow (1991) tentaram relativizar a importância do lugar sagrado. Coleman e Eade (2004), há uma década, assumiram a postura de eleger o trajeto como o fator transformador e

²³ Tradução livre.

principal de uma peregrinação, considerando-o mais importante do que o lugar de chegada. Morinis (1992), apesar de afirmar que o maior número de trabalhos na antropologia se concentrou no lugar sagrado, também argumenta que o caminho e o deslocamento são a essência de uma peregrinação. O autor, inclusive, critica a tipologia de peregrinações criada por Turner – peregrinações prototípicas, arcaicas, medievais, modernas – por serem todas baseadas nos tipos de lugares sagrados ou santuários de chegada. Morinis (1992) propõe uma nova tipologia que leve em consideração a jornada e as motivações como principal aspecto de classificação, dividindo as peregrinações em: devocionais, que têm como objetivo o encontro com "a divindade do santuário, personagem ou símbolo (Morinis, 1992:10)"; instrumental, que é uma peregrinação realizada para alcançar um objetivo terreno, tal como a cura de uma doença; normativa, é o tipo de peregrinação que ocorre como "parte de um ciclo ritual" (Morinis, 1992:11); obrigatória, é uma peregrinação imposta por autoridades eclesiais ou seculares e que as pessoas precisam cumprir – a mais famosa é o hajj, realizada por muçulmanos em direção à Meca; nômade, que não tem um objetivo determinado e que supõe que o peregrino vai encontrar seu caminho e seu interior durante seu trajeto; peregrinação de iniciação, que tem a intenção de transformar um indivíduo em seu estado estruturado ou status social, funcionando assim como um rito de passagem. Todas essas classificações estão alinhadas com o discurso acadêmico pós-moderno que favorece esta visão e análise dos atributos da viagem – deslocamento, constante transformação, relações efêmeras, trocas culturais intensas, pouco ou nenhum apego ao lugar, etc.

Mas, Margry contesta esta argumentação que, a partir da década de 1990, dominou os textos acadêmicos e, ao se opor ao paradigma de Turner, deixou de lado a importância do lugar sagrado e dos santuários. Para ele, da mesma maneira que os estudos não podem se restringir ao lugar sagrado, também não existe razão para eleger o trajeto como único objeto de estudo. O interesse acadêmico pelo trajeto e o interesse crescente de pessoas de todas as idades e motivações por caminhos como o de Santiago de Compostela mostram que há uma clara valorização da caminhada, ou seja, do trajeto percorrido a pé, em relação ao lugar sagrado de chegada. Mesmo que este último permaneça como um objetivo importante e a razão de existir de uma peregrinação, é inegável que o trajeto ganhou valor. O movimento Nova Era e a ideia de espiritualidade que o

acompanha foram um elemento chave na ênfase que hoje é dada ao percurso, pois o divino está no meio ambiente, nas plantas, nas árvores, dentro de nós mesmos e nos animais, e o encontro com este divino ocorre na caminhada. A valorização de construções históricas e igrejas como patrimônio cultural a ser conhecido, visto e visitado também teve papel importante para que a jornada fosse considerada como elemento central da peregrinação. A própria igreja católica colocou em foco a jornada acima do objeto de culto (Margry, 2008:26). Entretanto, da mesma forma que, hoje, o importante é fazer a caminhada a pé e, no passado, o mais importante era o lugar sagrado de chegada, no futuro poderemos ter uma nova combinação e, por isso, nenhum ponto do trajeto deve ser negligenciado (Margry, 2008). Além disso, é importante lembrar que peregrinações de sucesso como Santiago de Compostela não são a regra, mas a exceção e, portanto, há inúmeras peregrinações para as quais o lugar sagrado é essencial.

O deslocamento de pessoas numa peregrinação chama a atenção para a questão da distância que precisa ser percorrida para que um caminho seja reconhecido como uma peregrinação. Isso surge claramente nas caminhadas a partir do discurso dos peregrinos. Em Santiago de Compostela, por exemplo, para ganhar o certificado é necessário percorrer a pé pelos menos os últimos 100 quilômetros. Quem percorre desde o início do caminho, na França, geralmente se orgulha de ter a cartela cheia de carimbos, considerando que sua peregrinação tem autenticidade porque foi feita completa e a pé. No entanto, um aspecto é o sentimento do peregrino em relação a si e aos outros, enquanto outro aspecto é o número de quilômetros mínimos para que um trajeto seja publicamente reconhecido como uma peregrinação – afinal, todos concordam que alguma distância precisa ser percorrida. Margry (2008:28) não enxerga a quantidade de quilômetros a caminhar como um elemento chave e definidor do conceito de peregrinação, apesar de considerar que a distância é um elemento constitutivo de qualquer peregrinação. Se os quilômetros percorridos não são tão importantes, o que realmente deve ser considerado é a saída do cotidiano rotineiro e a entrada em um momento sagrado – a antiestrutura de Turner (Margry, 2008).

Os aspectos já considerados permitem retomar a definição de peregrinação religiosa e o debate sobre as chamadas peregrinações seculares. Já vimos, no capítulo 1, que o processo de secularização provocou, ao menos no ocidente, uma retração do religioso em relação às forças seculares. A religião buscou um novo

lugar e papel no ocidente moderno, sofrendo uma virada subjetiva. Houve também um retraimento da religião institucional e novas formas de religiosidade ocorreram graças às incertezas da vida moderna. Mesmo aceitando que o processo de secularização ocorreu, as interpenetrações entre o religioso e o secular são inúmeras e é difícil identificar o religioso objetivamente na esfera secular. Apesar de essas duas esferas estarem muitas vezes misturadas, é preciso tentar distingui-las, do contrário se torna muito complicado construir uma definição (Margry, 2008).

Seguindo esta linha de raciocínio, Peter Jan Margry (2008) afirma em sua definição que uma peregrinação precisa necessariamente ter inspiração religiosa ou espiritual e destino a um lugar sagrado que não seja o do cotidiano. A inspiração religiosa ou espiritual deve conter elementos que levem em conta a procura "pelo sentido da vida, afiliação a uma comunidade e com seus membros falecidos, proteção e segurança, força e apoio, conforto e esperança, cura e resolução, mas também a expressão de gratidão e a possibilidade de expectativa ou esperança de salvação e vida eterna após a morte" (Margry, 2008:32). Além disso, é preciso que a peregrinação tenha o que Turner chama de potencial transformador da antiestrutura. A peregrinação deve poder provocar uma mudança no indivíduo, retirando-o de um estado estruturado e colocando-o em outro, no qual ele se sente diferente, com novos papéis e comportamentos. Sem todas essas características, simplesmente não há peregrinação, mas sim a peregrinação secular com finalidades diversas, como viagens recreativas ou de turismo (Margry, 2008:36).

A definição de Margry é importante por nos oferecer uma base clara do que deve e do que não deve ser considerado como uma peregrinação. Mesmo com as fronteiras sempre permeáveis entre os múltiplos fenômenos que atuam ao mesmo tempo e com as pessoas se comportando ora de uma maneira, ora de tantas outras, não é possível estudar um fenômeno sem tentar uma definição e a exposição dos elementos que o compõem. Mesmo que os peregrinos se comportem como turistas em várias situações de uma peregrinação e mesmo que exista dentro de cada peregrino um repertório vasto de motivações primárias e secundárias para estar ali, é preciso conseguir identificar aquelas que precisam estar presentes para se ter o que chamamos de peregrinação. Nesse sentido, a definição de Margry (2008) é muito útil. No entanto, como afirma Simon Coleman em seu artigo *Do you believe in pilgrimage?* (2002:363), não abandonar paradigmas teóricos é sinal

de amadurecimento de qualquer sub-área da ciência. Eles devem permanecer em uso e em convivência como formas acadêmicas diferenciadas de explicar um mesmo fenômeno, numa atitude quase contrária ao que habitualmente se faz que é opor teorias para que uma prove que a outra está completamente errada. Assim, paradigmas como os de Turner (1978) e Eade e Sallnow (1991), que representam maneiras de pensar a peregrinação e foram elaborados em um período de tempo de pouco mais de uma década de diferença, permanecem em uso e cooperando com a definição recentemente dada por Margry (2008).

Por último, como argumenta Coleman (2002), é também importante ter sempre clareza de que nenhuma definição de peregrinação, por mais precisa e universal que seja, vai durar para sempre sem transformação. Os meios de transporte, a religião, a esfera secular e a forma como as pessoas se vêem vão necessariamente mudar e, assim, os elementos e os critérios escolhidos para definir a atividade de peregrinação também vão sofrer alterações (Coleman, 2002:362).

2.2 - O Ritual Místico

Os peregrinos hospedados no Turis Hotel foram aos poucos terminando de tomar seu café da manhã e em seguida partiram para a sede do Caminho das Missões. Eles chegavam com suas mochilas e equipamento para a caminhada. Era o primeiro dia nas missões. Da sede partiram de van para São Nicolau, onde ficaram hospedados uma noite para, no dia seguinte, começar a caminhar. Antes, porém, o grupo todo fez uma reunião no próprio Caminho das Missões com os sócios. É um momento reservado entre os sócios e os peregrinos para que as pessoas se conheçam e inicie assim uma integração do grupo. Além disso, cada peregrino conversava com Romaldo e pagava a parcela restante do pacote. Um a um, eles sentaram próximo à mesa que Romaldo e a secretária trabalham e foram acertando o que faltava, inclusive produtos extras adquiridos na hora como toalha de fralda, broche, camisa e chapéu de aba redonda – tudo isso com a marca e logotipo Caminho das Missões.

De repente, Cláudio entrou na sala principal do Caminho das Missões vindo de outra sala, no mesmo andar onde funciona a agência Agenda Publicidade. Cláudio, que é um homem de quase dois metros de altura, deu bom dia a todos e começou a cumprimentar os peregrinos. Pouco depois sentamos todos ali na sala

do Caminho para conversar um pouco sobre a caminhada. Cláudio deu as boas-vindas aos peregrinos e falou um pouco de cada dia do trajeto que iríamos caminhar. Disse que o Caminho das Missões era um projeto inédito na região e que as coisas mudaram depois que os peregrinos começaram a passar pelas pequenas cidades e vilarejos. "Lugares onde nunca se falou em turismo", disse ele ao explicar como o Caminho das Missões ajudava e modificava região. Cláudio lembrou que eles não ofereciam carro de apoio para carregar as mochilas, mas que cada um poderia procurar contratar diretamente com os moradores locais quando isso fosse possível. No caso de impossibilidade, aí não haveria jeito, teríamos mesmo que carregar a mochila nas costas, o que muitos peregrinos acreditam ser a maneira certa de fazer a caminhada. Além disso, Cláudio disse ainda que todas as refeições de desjejum estavam incluídas no pacote pago. As demais refeições incluídas haviam sido feitas com a ajuda de nutricionistas, que colaboraram com os moradores locais para que eles oferecessem um prato típico da região. Caso alguém fosse vegetariano ou tivesse alguma restrição alimentar, os moradores já estariam avisados e preparados para oferecer uma refeição alternativa. Em relação à caminhada, Cláudio disse que cada um deveria respeitar o seu próprio ritmo, pois havia pessoas que conseguiam caminhar mais rápido e outras que iam devagar, o que não seria um problema e que o guia – amigo peregrino – estava preparado para conduzir a caminhada seja qual fosse o ritmo dos diversos grupos que iriam se formar. Pediu, assim, que cada um respeitasse seus limites. Entretanto, avisou que as sinalizações do Caminho estavam ruins, apesar do esforço empreendido com as prefeituras. Por isso, não era bom andar sozinho completamente. Por último, Cláudio nos informou que passaríamos pouco por rios, pois na época das missões os índios guaranis e padres jesuítas tinham dificuldade de construir pontes e preferiam os caminhos que evitavam os rios. Todas as informações foram passadas de maneira direta e objetiva, exatamente como faz uma agência de turismo com seus clientes que compraram um pacote. O Caminho mobilizava as práticas e discurso típicos de uma empresa de turismo. Em seguida, ocorreria outra coisa diferente e seria o discurso de peregrinação que estaria mobilizado.

A convite de Cláudio, passamos para a sala do ritual místico. Uma única vez presenciei um caminhante se recusar a participar do ritual, alegando ser ateu e dizendo que vinha tendo problemas com religião em vários caminhos do Brasil. Como ninguém é obrigado a participar de nada, ele ficou aguardando na sala

principal. Marta esperava por todos nós na sala do ritual místico com tudo pronto para iniciar. Ao chegarmos, ela pediu que cada um sentasse em uma das onze almofadas distribuídas em forma de círculo no centro da sala. Quem entrava via um ambiente com decoração simples e de bom gosto: um sofá de dois lugares logo à esquerda, no centro as almofadas coloridas em cima do chão de carpete marrom claro. No fundo da sala, uma mesa com tampo de vidro, sobre o qual havia a cruz missioneira, um sino, velas coloridas, erva-mate verde e torrada, amuleto em forma de cruz missioneira, uma jarra de água, um prato de palha com os nomes dos participantes da caminhada, um prato de ferro para a queima da erva como parte do ritual. Nas paredes laterais, havia ainda arte indígena, feita em palha, pendurada. Apoiado no chão, próximo à mesa, havia ainda um cesto de palha com cajados feitos pelos índios guaranis, cada um sendo vendido a oito reais. As imagens reproduzidas a seguir ajudam a visualizar melhor a sala.



Figura 5: Sala do Ritual Místico



Figura 6: Mesa de vidro com a cruz missioneira, erva-mate, sino, vela e amuleto.

Com todos os peregrinos já sentados em círculo, o ar da sala inebriado pelo cheiro de incenso, Marta pediu que nos déssemos as mãos, fechássemos os olhos e respirássemos fundo. Uma música indígena tocava no fundo, composta por um trompete dando o canto e um pandeiro e um surdo dando o ritmo. Logo, Marta começou a ler o texto padrão do ritual, gravado com autorização do Caminho e reproduzido aqui:

"Neste círculo de energia a mão direita dá e a mão esquerda recebe. Deem-se as mãos. Mão esquerda recebe e a mão direita dá. Fechem os olhos. Sinta a sua respiração. Sinta a respiração pulsando em todo o seu corpo. Percebam este sentido divino. Deem um sentido a esta caminhada que está por iniciar. Este sentido pode ser um tema de sua vida como a perseverança, a persistência, a tolerância, a compreensão. O que você deseja que o caminho lhe reserve. Sempre lembrando que para se ter uma percepção maior de si, é preciso estar com a mente e o coração abertos. A sua conexão está dentro do coração. Ele mostrar-lhe-á o melhor caminho. Egrégora esta reunião de pessoas para formar uma entidade coletiva com uma sintonia espiritual capaz de gerar paz, evolução espiritual e o conhecimento aos que dela usufrui. Assim como os índios guarani, também desejamos encontrar em algum lugar nosso *Yvy Marã Ei*, a terra sem males. Que o caminho sirva para livrar-se de suas dúvidas, vazios, arrependimentos e desamores para substituir por uma razão maior interior

que preencha as suas vidas. Que o caminho seja a oportunidade de buscar a terra sem males de cada um. Respire e mais uma vez sinta essa energia em todo o seu corpo. Podem soltar as mãos. E abram seus olhos. A erva-mate, um dos símbolos do Caminho das Missões, é nosso elemento nesse momento de purificação. Nós vamos fazer uma queimada, o Cláudio vai iniciar, pensando em todas aquelas energias negativas no momento da queima quando a fumaça eleva até o divino essa se transforma em energia positiva, em pensamentos positivos. Usem este momento de luz pra pensar nos seus desejos, nas suas buscas durante a caminhada. Enquanto vocês vão terminando a queima, vocês tiram um dos bilhetinhos que está nessa peneira. Nela contém um nome, se você tirar o seu nome, fique com ele. Essa pessoa é o seu afilhado. Essa é uma forma nossa de expressar a coletividade, de trabalharmos durante a caminhada a solidariedade, a cumplicidade entre os peregrinos. Porque nós julgamos, se for muita pretensão julgarmos, o universo é que se encarrega, dessas coisas que a gente diz que nada é por acaso. Por que nós estamos aqui hoje, por que esse grupo e por que essas pessoas com essas características? Essas respostas a gente acredita que o universo conspira durante uma caminhada, porque a cada dia vão se repetindo os passos e é o momento e a oportunidade de nós termos um autoconhecimento de trabalharmos algumas questões interiores. Então, essas pessoas que vocês tiraram aí nesse bilhete é o afilhado de vocês no Caminho das Missões. É uma brincadeira entre aspas que nós chamamos de integração, então você é o padrinho desse afilhado. Vocês sabem a responsabilidade de um padrinho? De cuidar, proteger, carregar a mochila, dar o ombro. Brincadeiras a parte, nós fizemos a revelação, que nós chamamos, e o padrinho ele vai colocar a cruz missioneira no seu afilhado. A cruz missioneira ela já ultrapassou o símbolo da religiosidade. No nosso caminho nós não trabalhamos uma religião específica, o caminho é para todos. Mas como a história é fundamentada na Companhia de Jesus, no catolicismo, eles usaram a cruz de dois braços, que também tem vários significados, várias hipóteses, mas nós vamos deixar pra quem fizer o trabalho de guia em São Miguel das Missões, né Cláudio, que lá nós temos uma cruz original do período jesuítico guarani, então lá eles fazem um trabalho mais aprofundado das explicações do significado da cruz de dois braços. Para nós ela é um símbolo, ela funciona como um amuleto de proteção e como ela já é um ícone das missões, então nós decidimos que o padrinho dá pro seu afilhado a cruz missioneira. Então eu vou pedir pro Cláudio que é o primeiro, para ele batizar o seu afilhado com a cruz".

O ritual teve duração aproximada de dezoito minutos. Conduzido por Marta, que é a sócia mais espiritualizada, os peregrinos foram seguindo suas instruções. Primeiramente de mãos dadas e olhos fechados, procurando relaxar e dar sentido à caminhada, depois com a queima da erva-mate e transformação de energia negativa em positiva e, por fim, com o apadrinhamento que buscava integrar e dar senso de coletividade ao grupo. Não há dúvidas de que o ritual em vários momentos mobiliza o discurso típico que se houve em uma peregrinação e, além disso, mobiliza também a espiritualidade.

Utilizando a história das missões e do povo guarani com o enredo e símbolos para construir sentido ao Caminho das Missões e à caminhada dos peregrinos, a agência toca em alguns pontos fundamentais: sentido divino e sentido

da caminhada, como perseverança persistência, tolerância e compreensão; percepção de si, paz, evolução espiritual; encontrar o *Yvy Marã Ei*, lugar onde não há sofrimento ou dor; livrar-se de dúvidas, vazios e arrependimentos substituindo por razões que preenchem a sua vida; transformar energia negativa em positiva; ser padrinho de alguém e mostrar senso de solidariedade, cumplicidade, coletividade; cuidar, proteger, carregar a mochila e dar o ombro ao afilhado; acreditar que o universo conspira a favor e nada é por acaso; não trabalhar religião específica e salientar que o Caminho é para todos.

Todos os pontos mencionados são críticos para a constituição de uma peregrinação de acordo com o que geralmente se ouve dos peregrinos em peregrinações como o Caminho das Missões e Santiago de Compostela. Há sempre um apelo aos valores básicos do cristianismo de uma maneira idealizada, como solidariedade, compaixão, amor e olhar ao próximo. Há sempre também um apelo ao sofrimento que nos leva a algum benefício ou recompensa pelo sacrifício. Igualmente, há ainda uma mobilização espiritual, mística e de energias que seriam comandadas por um universo ou transcendente superior que nos rege de cima. Tudo isso está no ritual místico do Caminho que é feito com os peregrinos antes da caminhada. Os pontos levantados no ritual também são críticos se pensarmos a partir dos conceitos acadêmicos de peregrinação, especialmente o que diz respeito a dar sentido à vida.

Após o apadrinhamento e os abraços, o ritual termina e cada peregrino deixa a sala para buscar suas coisas e partir para São Nicolau, onde inicia a Caminhada de sete dias. A partir da interpretação clássica de Victor Turner (1978), este ritual representaria a entrada na anti-estrutura e a formação de uma coletividade entre os peregrinos. Em outra forma de pensar, o ritual místico teria uma interpretação particular de cada participante, que se apropriaria do ritual de acordo com suas motivações e com suas crenças já trazidas. As duas formas de explicar são válidas. Mais de mil peregrinos já passaram pelas missões e é difícil dizer como eles interpretam o ritual. O importante é que eles veem, em momentos distintos, mas em sequência, a agência mobilizar primeiro uma estratégia típica de turismo numa reunião objetiva e clara sobre o Caminho, para em seguida conduzir um ritual que envolve espiritualidade, religião e discurso de peregrinação.

2.3 - Os Peregrinos, Motivações e Religião

Cada caminhada que se faz nas missões é diferente da anterior. Isso se repete e é normal em qualquer peregrinação. Participar de quatro caminhadas com peregrinos é vivenciar quatro experiências diferentes com quatro grupos distintos. As alianças e amizades formam grupos de todos os tipos, dos mais simpáticos, quando todos se dão bem e brincam o tempo todo, aos mais complicados, quando há peregrinos que criam problemas uns com os outros, com os moradores locais e até mesmo com o guia. Talvez o grupo mais tranquilo tenha sido o das peregrinas católicas paulistas, do qual também fez parte Júlio Sander como amigo peregrino e Leda como caminhante. Havia muitos peregrinos com experiência de caminhos, o que ajudou para a coesão do grupo e um forte apelo religioso, com reza antes da caminhada e, às vezes, um rápido agradecimento à Deus na hora do jantar. Houve também um grupo que foi extremamente heterogêneo, que percorreu o Caminho das Missões na semana farroupilha de 2009 e deixou lembranças até mesmo aos sócios do Caminho que já viram muitas pessoas passarem ali. Eram doze peregrinos e caminhantes que davam a cara ao grupo: havia pessoas jovens de até trinta anos, pessoas na faixa dos trinta, dos quarenta, cinquenta e um caminhante de setenta anos, ou seja, as idades eram variadas. Pessoas em início de carreira, estudante, funcionária pública, comerciantes, empresários, engenheiros, dona de casa e profissional liberal. A classe social predominante era a média alta, apesar de haver um empresário muito rico e uma pessoa que pertencia à classe média baixa. Havia seis mulheres e cinco homens, além do guia, totalizando doze pessoas, seis homens e seis mulheres. O nível de escolaridade também variava, ia do ensino médio ao graduado. Entretanto, a heterogeneidade do grupo não é tão ressaltada assim. É claro que todo o grupo é diverso, pois as pessoas são diferentes e têm histórias de vida diversas, mas, com exceção desta caminhada, o perfil dos peregrinos se assemelhava. Certa vez, conversando com Cláudio sobre o assunto, ele disse aproximadamente assim: "Ah não, você quer que eu te diga qual é o perfil do peregrino? É o seguinte: homens e mulheres, acima dos cinquenta anos, muitos já aposentados, funcionários públicos e com bom nível de vida". Era esse o perfil que eu mesmo havia traçado ao conviver com os peregrinos em diversas caminhadas, exceto a última que era tão variada.

Carlos Augusto Alves (2007), mestre em sociologia, escreveu uma dissertação sobre o Caminho das Missões e em parte de sua pesquisa fez um levantamento estatístico com os peregrinos, procurando assim estabelecer um perfil. O perfil que ele traçou é muito próximo ao de Cláudio e às minhas percepções a partir da pesquisa de campo qualitativa. Alves (2007) entrevistou 115 pessoas através de questionário enviado por e-mail, ou 16% de sua amostra. A agência de turismo Caminho das Missões, desde o início das peregrinações, elaborou em arquivo de computador, em forma de uma planilha, uma listagem dos peregrinos que percorreram o Caminho. A planilha é simples. Cada peregrino tem uma linha com seu nome, e-mail, data de nascimento, telefone, estado de origem e profissão. Quando fiz parte da pesquisa na sede do Caminho, soube da existência da planilha e solicitei uma cópia do arquivo, gentilmente cedida por Cláudio. Utilizei-a para entrar em contato com peregrinos que haviam caminhado e entrevistá-los pessoalmente ou por programas de voz via internet. Na ocasião havia 1119 peregrinos cadastrados, incluindo os que fizeram mais de uma vez e, portanto, aparecem na lista repetidas vezes. Alves (2007), desenvolvendo sua pesquisa como sociólogo, afirma que selecionou aleatoriamente os participantes. Calculando a partir do percentual de sua amostra, havia aproximadamente 718 peregrinos cadastrados quando os sócios do Caminho lhe deram o arquivo. A partir de seus dados, o perfil dos peregrinos seria:

Idade		Escolaridade	
18 a 30 anos	8.7%	Ensino Médio	5.2%
31 a 40 anos	20.8%	Superior Incompleto	10.45%
41 a 50 anos	29.6%	Superior	62.6%
51 a 60 anos	32.2%	Pós-Graduação	21.75%
Acima de 60 anos	8.7%		

Estado Civil		Origem por Estado		Profissão	
Solteiro	37.4%	Rio Grande do Sul	43.5%	Professor	13.0%
Casado	41.7%	São Paulo	29.5%	Empresário	7.8%
Separado	13.9%	Santa Catarina	6.9%	Aposentado	6.9%
Divorciado	5.2%	Paraná	6.1%	Func. Público	6.9%
Viúvo(a)	0.8%	Minas Gerais	5.2%	Engenheiro	6.1%
		Outros	5.2%	Administrador	6.1%
		Exterior	0.8%	Advogado	5.2%

O perfil do peregrino corresponde ao que se percebe ao caminhar nas missões e conversar com eles. Fica próximo ao que Cláudio identificou. São principalmente adultos entre 40 e 60 anos de idade – 61.8% da amostra de Alves (2007) –, com grau de escolaridade superior completo elevado – 84.3% –, profissões bem estabelecidas no mercado brasileiro e, na maioria dos casos, casados. A maioria dos peregrinos das missões é do próprio estado do Rio Grande do Sul e de São Paulo, exatamente como se percebe nas caminhadas, pois os gaúchos e paulistas estão sempre em maior número. A classe social, deduzindo a partir da escolaridade e profissão, é certamente a partir da classe média, o que se confirma nas caminhadas e no convívio com os peregrinos. Como certa vez disse Róbson, morador local que recebe para almoço após o pernoite em São Luiz Gonzaga, "Você vê eles conversando que assistiram o *Fantasma da Ópera* na Europa, mas não é esnobismo não, é algo normal pra eles". Ou como disse Adão, empresário e peregrino, "Não tem ninguém pobre aqui". De fato, não tem mesmo, pois caminhei com várias pessoas que têm uma vida muito confortável.

O perfil traçado a partir dos dados estatísticos é muito útil e ajuda bastante a confirmar de forma mais objetiva aquilo que se percebe nas caminhadas. No entanto, as histórias contadas e as motivações de cada um não aparecem nos números. Mesmo quando se pergunta em questionário sobre as motivações, críticas

e elogios, há uma grande diferença entre o que se marca num questionário e se faz na prática do dia-a-dia. Norbert Elias (2000), em seu livro *Os estabelecidos e os outsiders*, demonstrou que análises estatísticas podem levar a grandes erros se não contrastadas com o trabalho de campo que busca viver próximo das pessoas. Elias deixou claro que moradores de dois bairros de uma cidade com renda, escolaridade e emprego semelhantes tinham uma qualidade de vida muito diferente devido à sua auto-imagem, à percepção que um tinha do outro e à percepção que moradores de um bairro de classe mais alta tinha dos dois. Uma análise feita pelos dados estatísticos levaria à conclusão de que dois dos três bairros tinham condições semelhantes. No entanto, ao incluir a história do lugar, o fato de um bairro ser de imigrantes de origens variadas recém chegados por conta da guerra, o papel que um grupo minoritário de jovens desordeiros tem na construção da imagem do bairro como um todo, as alianças e amizades já forjadas entre os bairros e moradores mais antigos, a função e efeito da fofoca depreciativa e elogiosa, ao incluir tudo isso na análise, os dados estatísticos se mostram insuficientes para interpretar a realidade, pois o acesso à educação, lazer e cargos públicos era totalmente diferente entre os dois bairros com números estatísticos semelhantes. Ou seja, os números podem dar alguns parâmetros e tendências para pensar, mas não explicam de maneira alguma toda a realidade.

Isto é válido também para os peregrinos. Mesmo que se produzam dados sobre as motivações para caminhar, a filiação religiosa ou os hábitos de viagem, é indispensável o trabalho etnográfico, não apenas pela convicção de que os números não revelam a história, as crenças e as relações sociais das pessoas, mas também porque o que se busca é fugir da visão determinista e abraçar uma maneira de enxergar que aceite a diversidade, heterogeneidade, as múltiplas motivações de uma mesma pessoa, as várias experiências religiosas, os diferentes discursos e suas mobilizações a partir do interesse de determinada situação. Contudo, também não é possível negar que os peregrinos se repetem muito quando, por exemplo, o assunto trata de suas motivações para estar ali caminhando – e inúmeras vezes falam disto por conta própria, sem terem sido provocados pelo pesquisador. Por causa disto, mesmo reconhecendo que os números levam a erros e que as listagens de motivações são excessivamente pré-determinantes, não é possível ignorar nenhum desses dois recursos, especialmente porque são os próprios peregrinos que falam do assunto. Muitas dessas motivações estão relacionadas à religião e, como vimos

no ritual místico, são mencionadas também pela agência de turismo e ajudam a forjar o Caminho das Missões como uma peregrinação, trazendo todos esses aspectos religiosos, como o modelo de Santiago de Compostela, as suas adaptações e reinvenções descritas anteriormente e o discurso mobilizado no ritual e durante a caminhada com os guias ou amigos peregrinos.

Os peregrinos caminham, conversam e expõem suas razões para tal. Frequentemente ouvem-se motivações como: "problemas de ordem pessoal, queria ficar sozinha", "trabalhar o desapego", "visitar lugares e fazer turismo", "rever amigos antigos", "gosta de caminhar", "faz pelo esporte", "provar para si que consegue e que tem potencial", "se desprender de algumas ideias e viver com o essencial", "aprender a lidar melhor com o presente, sem que a ideia de futuro lhe traga angústias", "vencer um desafio", "se superar", "ver a história e a religião in loco", "viver de maneira simples, humilde", "sair do ar", "refletir", "conhecer gente nova" e "ter experiência de desprendimento". A listagem poderia ser ampliada com facilidade, apesar das ideias se repetirem bastante. São motivações como essas que os peregrinos das missões dizem sobre si em conversas pelas estradas de terra batida. Um olhar um pouco mais atento revela que o que se diz ali, quase como num consenso, tem importância especialmente se for associado às histórias de vida e crenças de cada um. Nem sempre os peregrinos têm clareza e objetividade para dizer a razão de estarem caminhando (Margry, 2008). Tudo indica que o que se fala em público se relaciona com as histórias das pessoas e torna a peregrinação, de fato, uma jornada pessoal realizada coletivamente (Margry, 2008).

Dos peregrinos com quem caminhei, quatro estavam mais abertos a falar de si, contar suas motivações e expor suas vidas: Adão, Maria Helena, Mariana e Jacy. Adão e Maria Helena falavam muito nas caminhadas de suas experiências, enquanto Jacy era muito cordial, conversava bastante mas evitava alguns assuntos. Mariana era a mais reservada, quase não se abriu no Caminho. Entretanto, na entrevista, realizada no Parque Lage, no Rio de Janeiro, expôs-se como nenhum outro. Jacy teve a delicadeza de me convidar para um jantar em sua casa com a sua esposa e depois entrevistei-o na sede principal de seu supermercado. Havia sido

combinado com Claudio e Romaldo que antes de toda a caminhada iríamos avisar aos peregrinos que eu fazia uma pesquisa sobre o Caminho das Missões. Sem entrar em detalhes, Romaldo, que geralmente liderou o trecho de São Borja até São Nicolau, facilitou muito minha integração com o grupo ao fazer uma breve apresentação da minha presença como pesquisador. Isso sempre bastou como um bom início para a relação com os peregrinos, que posteriormente se aprofundava de acordo com a abertura que cada um estava disposto a conceder. Uma vez houve situações difíceis, quando uma peregrina paulista de trinta e dois anos começou a fazer brincadeiras comigo sobre minhas condições de pesquisador, dizendo coisas como "vim aqui fazer uma peregrinação e virei objeto de estudo", "o que é que você tanto anota no seu caderno?". Respondia as brincadeiras de maneira evasiva, cortando assim que possível, indicando desse modo que não estava gostando. Ela percebeu e, aos poucos, parou de brincar. Caminhamos juntos diversas vezes e, ao final, estávamos até próximos. Salvo este acontecimento, não houve dificuldade para conduzir a pesquisa com os peregrinos.

Os peregrinos que caminham os 13 dias se conhecem no café da manhã do hotel Al-Manara, fazem o tour oferecido pelo Caminho na cidade de São Borja e somente depois do almoço já incluído no pacote é que partem para caminhar na parte da tarde pouco mais de dezessete quilômetros. Foi neste contexto que conheci Adão Aparecido, um homem de 55 anos, casado e com dois filhos já formados na universidade, residente da cidade de Limeira no estado de São Paulo.

O grupo caminhava pela estrada de chão cercada de altos eucaliptos dos dois lados. Ventava bastante e o som que se ouvia era das árvores que tombavam levemente de um lado para outro sem parar. O céu estava encoberto de nuvens cinzas que se avolumavam dando a impressão que vinha chuva forte em breve. Sem muitas conversas, o grupo apertava o passo para chegar antes do escurecer e, principalmente, antes da chuva, na comunidade Passo da Barca. Não é bom andar nas missões depois do pôr-do-sol, pois as estradas de terra não têm qualquer tipo de iluminação e não se consegue enxergar nada. A agência de turismo envia uma lista por e-mail para cada peregrino indicando o que levar, incluindo sempre uma lanterna de mão portátil para os casos de chegada à noite ou saída de manhã muito cedo. De qualquer forma, mesmo com a lanterna, a sensação de caminhar à noite não é agradável. Os peregrinos comentavam sobre uma ponte antiga de madeira e alvenaria que Romaldo havia alertado. Havia pouca proteção nas laterais, buracos

no chão que podiam provocar um acidente caso alguém não visse por causa do escuro.

As pessoas seguiam com o passo apertado, mas Adão visivelmente estava nervoso e incomodado com alguma coisa. De repente ele parou e os outros continuaram andando. Pouco mais a frente, percebi que o grupo havia se distanciado demais dele e voltei para ver o que ocorria. Encontrei-o sem a mochila nas costas, tentando ajustar algo para melhorar o peso que carregava. Nada funcionava e ao voltar a caminhar os outros já tinham desaparecido no horizonte. Isso não é anormal, os próprios sócios da agência, como vimos, avisam os peregrinos disso na reunião antes do ritual místico. Mas, Adão não gostou, ficou tenso e disse depois que ficou chateado com o grupo por todo mundo ter continuado sem ele. Achou uma injustiça porque éramos um grupo e deveríamos ficar juntos. Como uma reação ao que ocorreu, ele perguntou se podíamos apertar bem o passo para chegar na frente dos outros. Topei, e lá fomos nós numa velocidade que certamente superava os cinco quilômetros por hora. Um a um, alcançamos os outros peregrinos, que já estavam distanciados entre si, até sermos os primeiros a chegar à comunidade. Esta caminhada exigiu esforço físico e Adão, apesar de gostar muito de esportes, ser frequentador assíduo de academia de ginástica e ter ótimo preparo físico, sentiu dores no corpo e foi direto se deitar. Assim, não participou da calorosa acolhida por várias pessoas da comunidade e da galinhada que nos foi oferecida para o jantar. Apenas se levantou, comeu rápido e voltou para cama. Cheguei perto dele e perguntei se precisava de alguma coisa, se queria algum remédio como relaxante muscular. Ele agradeceu e disse que não, que só precisava descansar. Na manhã seguinte, Adão acordou bem disposto e depois desse primeiro dia não teve mais problemas para caminhar. Na verdade, foi um dos mais preparados para o ritmo puxado de quilômetros do Caminho. Foi assim que nos aproximamos e, até hoje, quando trocamos e-mails ou conversamos por voz via computador, Adão lembra do dia em que me preocupei com ele e voltei para ver como ele ia na caminhada.

A aproximação com outros peregrinos também sempre tem uma história para contar: um momento inusitado, uma afinidade ou uma tarde de caminhada. Jacy, por exemplo, se aproximou num dia que chovia demais e apenas nós dois assumimos que não queríamos caminhar naquelas condições. Maria Helena é dentista e se aproximou numa cena inusitada quando tive um problema no dente

por causa de um aparelho que usava. Mariana sempre se manteve recatada. Caminhamos juntos algumas vezes, mas ela pouco falava. Passava boa parte da caminhada parando para tirar fotografias, que é um de seus hobbies. Na entrevista do Parque Lage levou a máquina para fotografar as árvores, as plantas e os animais.

É difícil tentar algum tipo de generalização de motivações e religiosidade diante de tantas pessoas e tantas histórias. O risco de enfrentar problemas semelhantes aos das análises estatísticas e das listagens é alto. Além disso, está claro que uma pessoa vai caminhar com múltiplas motivações, sejam elas religiosas ou não. De forma geral, as histórias que foram contadas tanto nas caminhadas quanto nas entrevistas são de grande reflexão interior, momentos na vida em que as pessoas param para refletir sobre questões existenciais. Não há uma idade certa para isso ocorrer, mas normalmente são pessoas acima dos quarenta anos. Na verdade, a maior parte dos peregrinos tem acima de cinquenta anos. As pessoas refletem sobre a existência, a finitude humana, sobre os rumos que suas vidas tomaram, sobre as conquistas e experiências que sonharam e realizaram, sobre aquilo que não conseguiram fazer. Refletem também a respeito do tempo que lhes resta de vida e como viver esse tempo, o que ainda podem fazer diante dos impedimentos sociais com quais estão comprometidos, como casamento e filhos. Pensam também sobre o dilema de viver intensamente o presente ou planejar sempre o futuro e viver em função desses planos sem aproveitar o presente. Refletem muito ainda sobre o significado da vida no planeta. Sabemos que essas questões existenciais e a finitude humana provocam angústias em qualquer um e que a religião e a filosofia lidam diretamente com isso (Ferry, 2007). Talvez seja essa uma das razões para que as pessoas procurem as peregrinações religiosas: estar em contato com os discursos e práticas que mobilizam as questões existenciais e dão sentido a elas, pensar sobre os rumos da vida, estar próximo ao sagrado e, assim, próximo da salvação ou algum benefício que se pode tirar desse contato. O afastamento social geralmente salientado pelos peregrinos também faz um enorme efeito para se vivenciar tudo isso, pois eles se desconectam temporariamente de suas vidas, o que propicia a reflexão.

Caminhando pelas missões, as histórias foram sendo contadas. Adão é um empresário muito bem sucedido no ramo de urnas funerárias – expressão técnica que significa caixões. Quando perguntado objetivamente porque caminhava, a

resposta foi que estava ali para fazer turismo e conhecer a história do lugar, uma vez que sempre se interessou pela cultura gaúcha e pelas missões. Contou que leu o livro de Érico Veríssimo, *O tempo e o vento*, e que a partir dessa leitura se interessou pelo estado do Rio Grande do Sul. No entanto, o aprofundamento da conversa sobre sua vida deixou claro que havia outras motivações. No início da década de 1990, ele e um sócio iniciaram uma empresa para produzir caixões de papelão reforçado, que seriam vendidos em funerárias e teriam a vantagem de se degradar rapidamente debaixo do solo, o que não ocorre com a madeira, material usual dos caixões. Entusiasmados com a ideia, eles logo perceberam que seu produto não fora bem aceito no mercado, pois as pessoas não queriam enterrar seus entes queridos em urnas de papelão que não tinham a beleza e acabamento da madeira. Os dois desistiram momentaneamente das urnas e pensaram num revestimento de papelão para os caixões, evitando com isso que a degradação do corpo humano tivesse contato com o solo. A ideia foi aceita principalmente por prefeituras que precisavam resolver o problema de pessoas mortas por doenças contagiosas que não podiam ter contato com o solo. Fecharam contrato com algumas prefeituras e a empresa cresceu rapidamente. Adão contou que o sucesso da empresa significou um aumento enorme de trabalho para ele e seu sócio. Durante nossa caminhada, um assunto importante para ele era a questão de ficar ou não rico, trabalhar demais e não ter tempo para nada, não ter como dominar o tempo e sim ser dominado por ele. Contou-me que nunca ia ter um carro com motorista, como uma *Land Rover*, mas que tinha saúde. Trocou uma vida atribulada pela calma. Antes de tudo se modificar, o trabalho ficou ainda mais intenso quando seu sócio quis vender sua parte para se mudar para o Canadá. Adão comprou a parte do sócio e se tornou o único dono da empresa UrnaPac. As reclamações sobre seus funcionários e os aborrecimentos que estes lhe geravam foi assunto para uma manhã inteira de caminhada. Ele reclamou muito que fazia tudo por seus funcionários e esses não davam valor a nada. No final das contas, botavam a empresa na justiça sem a menor consideração. Na entrevista Adão explicou melhor isso tudo:

Veja bem, na verdade, é o seguinte quando nós conversamos sobre esse assunto é o seguinte... Quando, por exemplo, a Urnapac, você sabe que toda empresa, ela atravessa períodos bons e períodos maus, a vida é assim. E a Urnapac atravessou períodos ruins, de grave crise

e tal e que nós, graças a Deus, superamos e tal. E houve um tempo que eu comecei a perceber, vamos dizer assim, que o trabalhar em si, o 'trabalhar, trabalhar, trabalhar' ele leva a um caminho único. Quer dizer, tanto trabalhar quanto não trabalhar você vai morrer, só que você tem uma maneira prazerosa ou não de levar a vida. E eu tinha uma ânsia, sério mesmo, muito doída nessa época de querer, por exemplo, ficar rico, ter poder financeiro, inerente ao ser humano, né, poder sobre pessoas. E aí eu fui percebendo e falei 'Putz, isso não vai levar a nada'. Então, tinha o pessoal, por exemplo, que quando você é empregado, o que acontece? O empregado, ele é muito cheio de direito, conhece pouco de dever. E isso sobrecarrega e muito o patrão. Então, o que acontece? Você começa a ter picos de humor, né. Um dia você passa bem e trinta você passa mal. E eu tinha uma série de problemas aí. Eu tinha problema de hipertensão, eu tinha problema de humor na minha família então, a vida, vamos dizer, a qualidade de vida era muito ruim.

Diante desta situação e da saída do sócio, Adão resolveu mudar sua vida e repensar suas metas. Assim, terceirizou toda a empresa, da produção à venda, ficando com a ponta do negócio, que é a venda de caixões de papelão – hoje em dia aceitos no mercado, batizados por ele de eco-urnas – e revestimentos interno. Tudo isso começou a partir de quarenta anos, como ele conta:

A terceirização começou a partir dos 45. E esse processo, por exemplo, de mudança que eu chamo 'esse processo de mudança', porque o processo de mudança é um negócio que vai levar uma vida toda, começou por volta dessa idade de 40 a 45, né, a partir dos 40 que eu comecei esse processo de mudança. E eu estabeleci, por exemplo, nesse processo de mudança o seguinte uma longevidade. Por exemplo, eu quero, eu estabeleci para mim que a minha meta é viver cem anos. E para viver cem anos eu preciso ter uma série de mudanças de atitude, mudança comportamental, mudança de pensamento, mudança alimentar que vai me levar à longevidade, né. Então, eu tive tempo hoje para contemplar, para ver tudo isso aí com calma e ir trabalhando, vamos dizer assim, de uma maneira lógica, racional, que me leva algum tempo do dia e não todo o tempo, né e que parte do tempo que eu disponho p(...) eu passo a maior parte do tempo contemplando ou pensando ou lendo ou...aproveitando a vida, entendeu?.

Perguntei se hoje ele era mais feliz e se fazer o Caminho das Missões tinha a ver com todo o processo de repensar a sua vida. Ele respondeu:

Ah, muito mais (*feliz, inclusão minha*), Guilherme, muito mais, cara. Sabe o que acontece? Eu vou falar uma coisa para você, quando você, por exemplo, tem tempo para contemplar a vida você percebe o quanto errado você caminhou ou você não viu passar. Porque (inaudível), por exemplo, não tem aí uma Land Rover e tal, aquela coisa que nem eu disse para você, né, com motorista e tal. O que acontece? Leva você a contemplar o seguinte, que ela só serve para carregar um ser que não pode andar à pé, porque ele não tem tempo, não tem saúde, não tem disposição para isso, entendeu? E hoje, por exemplo, na posição que eu estou hoje eu percebi ao longo do tempo, que é o seguinte, no mundo você pode ter o dinheiro que você quiser. A pergunta que surge é “Você dominou o tempo?” “Não, não dominei o tempo.” Então, você é um miserável, porque você não tem tempo para nada, você não tem tempo para viver a vida. Você não tem tempo para parar, você é uma máquina de ganhar dinheiro. Ótimo, você ganha bastante dinheiro e o que você viveu? Nada. Você não teve tempo para contemplar uma amizade, para curtir um amor, para curtir um bate papo, para brincar com o seu cachorro, para curtir os seus filhos, para conversar demoradamente sobre qualquer porcaria e enfim, você não tem tempo para pensar. Você é uma máquina de ganhar dinheiro.

Tudo a ver. Porque foi depois que eu entrei nesse processo de mudança e isso continua até hoje, o que acontece? Eu consegui, por exemplo, através do exercício físico consegui saúde para poder fazer o que eu faço, entendeu?.

Se Adão diz em conversas que sua vontade era fazer turismo e conhecer as missões, um olhar mais atento na sua vida revela que há outras motivações também, bem característica de peregrinações religiosas. Há uma profunda reflexão sobre sua vida, que ocorre a partir do excesso de trabalho na sua empresa e a vontade de ficar rico. Há uma reflexão sobre sua finitude quando diz que vai "morrer do mesmo jeito", rico ou não. A partir daí, ele passa por um processo de mudança no qual busca a felicidade, aproveitar a vida, a família, amigos e fazer o que gosta com uma melhor administração do tempo. Fazer o Caminho das Missões faz parte do processo de mudança que ele busca para si.

Isso se repetiu com muitas outras pessoas, como Mariana, que na época tinha vinte e nove anos e era a mais jovem do grupo de peregrinos. Formada em fisioterapia, ela não exerce a profissão e hoje é funcionária pública. As motivações dela claramente se confundem com questões existenciais e religiosas. Quando conversamos informalmente ela não se abriu muito e, na entrevista, inicialmente, disse que havia caminhado porque sentiu que "precisava viajar" e "ficar um pouco

sozinha". Adiante, em nossa conversa formal, disse que não foi lá por causa de religião, mas tinha um cunho espiritual. Ainda na mesma entrevista, contou que tinha motivações turísticas e que a caminhada se tornou um grande desafio pessoal. Fez questão de afirmar que era atéia e não acreditava mais em Deus.

A vida de Mariana passou por reviravoltas. Ela morava com a mãe e o irmão mais novo no bairro de Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro. Eles decidiram mudar para a zonal sul da cidade e vieram para o bairro de Botafogo. Entretanto, segundo ela contou, semanas após a mudança eles descobriram que a mãe estava doente, com câncer. Mesmo recebendo tratamento, sua mãe veio a falecer e ela ficou morando somente com o irmão, situação que se mantém até hoje. Quando conversei na entrevista com maior profundidade sobre suas motivações, ela disse que não sabia colocar objetivamente seus motivos, mas que "estava se desprendendo de algumas ideias e buscando aquilo que realmente... que realmente me fazia bem e que era importante para mim". Nas palavras dela:

Uma das idéias era da minha relação com as pessoas, que era uma questão de me doar muito para todo mundo e achar que eu não estava recebendo de volta, que para mim foi uma idéia que eu derrubei lá, sabe. E percebi com isso quanto que isso é importante para mim. A questão da família assim, o que é importante, a família ou amigos? E eu consegui vir com uma outra concepção, que família na verdade não é o sangue só. Que tem muito mais a ver com as pessoas que você pesca durante a sua vida e que são importantes naquele determinado momento, sabe. E que elas vão embora assim como a família de sangue, né, eles vão embora e que outras pessoas vão aparecendo. E lá no Caminho eu acho que isso teve uma... Isso foi mostrado para mim, porque eu aprendi a lidar com o momento, a ficar no meu... A aproveitar as coisas que estavam acontecendo naquele momento e saber lidar com aquilo.

Mariana insistiu bastante que queria ser capaz de viver no presente e aproveitar a vida com o que estava acontecendo ali, não viver em função do futuro, fazendo planos o tempo todo. Sua entrevista é muito clara e com uma argumentação que articula ideias que ela já vinha refletindo há algum tempo. Foi assim quando se tratou de religião e Mariana se declarou atéia. O momento em que ela decidiu deixar de acreditar em Deus foi o mesmo em que sua mãe faleceu, mas ela garante que as duas coisas nada tem uma a ver uma com a outra. De família espírita, ela frequentava um centro e participava de um grupo de estudo. Também,

na ocasião, tinha um namorado que era ateu e, segundo ela, "agressivo" em relação à religião. Esse namorado teve grande influência em sua decisão, pois ela leu alguns textos que ele havia recomendado. Também no grupo de estudo, Mariana se decepcionou com as opiniões dos outros participantes, que segundo ela, só faziam o bem porque tinham a ideia de receber algo em troca – o que, para ela, é ser egoísta. Fez então uma última oração a Deus para dizer que sua relação com ele acabava ali. Depois disso nunca mais rezou. Ela mesma contou isso:

Assim, foi uma coisa, é porque tem um ponto de quebra, mas foram várias quebras ao longo de um determinado tempo, eu tive um namorado que era ateu e que ele era muito questionador e até muito agressivo com relação a Deus. E na época eu estava... Eu era espírita, espírita fervorosa assim, achava realmente que Espiritismo era a resposta para todas as dúvidas do mundo, sabe. E a gente entrava em muitas discussões. Eu terminei com esse namorado e depois de um tempo, comecei a ler as coisas que ele tinha falado e comecei a eu mesma me questionar. E foi depois de ter lido um pouco sobre Nietzsche, que realmente a coisa começou a degingolar e eu comecei a achar que sabe, de fato a gente estava criando Deus. Mas o ponto que realmente quebrou todos os meus dogmas com relação a isso foi depois de já ter começado a ler esse tipo de coisa, eu fui no Centro Espírita que eu ia para... Tinha um grupo de estudos lá, o Livro dos Espíritos etc., que eu fazia parte, e o guia, o professor, né, ele perguntou “Por que nós devemos ser bons?” E aí um respondeu “Porque a gente tinha que passar para o mundo de regeneração”, o outro respondeu “Porque era para a nossa evolução”, o outro respondeu “Porque Deus queria assim”, etc. etc. e ninguém respondeu que era “Nós deveríamos ser bons, porque o outro ou porque o mundo precisava”. Ninguém respondeu que nós devemos ser bons, porque nós temos um dever assim estando nesse mundo e pensando, né, tendo a capacidade de pensar, nós temos o dever de tentar fazer com que a nossa estadia aqui seja o menos prejudicial para o outro possível. E aí eu comecei a pensar que Deus me fazia muito egoísta, sabe. Então, eu parei assim, foi o dia, eu me lembro que eu fiz uma oração para Deus dizendo para ele que a minha relação com ele acabava naquele momento, porque eu me sentia extremamente egoísta, porque todas as vezes que eu era boa ou que eu fazia algum ato que eu achava que era um ato de bondade ou de amor, eu estava fazendo aquilo, porque Deus queria, para minha evolução, para eu não sei o que, para eu não sei o que lá, entendeu?.

Mariana, assim como Adão, também demonstrou ter refletido sobre sua existência, finitude humana devido à morte da mãe, religião, relacionamentos com outras pessoas e uma tentativa de procurar saber quais são as suas crenças, o que "realmente era importante" para ela. Há uma multiplicidade de motivações que vão além do que se fala no senso comum das caminhadas ou se marca num questionário. Apesar de ser atéia, quando perguntada sobre seus hábitos de rezar, ela disse que não reza mais, mas "mantinha o máximo de pensamentos positivos e pensamentos de amor para com o próximo". Mesmo não acreditando em Deus, disse que tinha ido caminhar por razões espirituais. Falou também que queria ficar sozinha, mas em outro trecho disse que "não buscou o afastamento conscientemente", apesar de o ter sentido. Há, assim, uma combinação de motivações, com ênfase nas questões existenciais.

Da mesma forma que é difícil generalizar as explicações do porquê os peregrinos caminham sem ouvir a história de vida que cada um tem para contar, é complicado também traçar um perfil religioso. No entanto, não é comum caminhar com pessoas que falam de suas afiliações religiosas institucionais e se apresentam como tal. Com exceção das amigas paulistas católicas que faziam questão de fazer uma prece antes das refeições e ao iniciar um dia de caminhada, os peregrinos não falavam muito disso diretamente. Certa vez o próprio Romaldo comentou comigo sobre as paulistas, dizendo que achou aquilo estranho e incomum ali no Caminho. De fato, mesmo reconhecendo que existem pessoas de todas as religiões, pois caminhei com católicos, evangélicos, espíritas, sem religião e ateus, a caminhada não se pauta em torno disso. As conversas travadas durante o caminho e as entrevistas conduzem a análise para o que chamamos de espiritualidade. O processo de secularização, conforme vimos no capítulo anterior, diminuiu a influência das religiões institucionais na vida das pessoas e na esfera pública, possibilitando, segundo Heelas (2005), o avanço da espiritualidade e do paradigma das religiões orientais (Campbell, 2007) no ocidente. Esta espiritualidade coloca ênfase num divino imanente, presente em todas as formas de vida e na perfeição da natureza. Deus estaria conosco, dentro de nós e de todas as coisas, mudando assim o conceito de sagrado, que deixa de estar necessariamente num templo e passa a estar nas coisas mais normais do cotidiano. O aumento no número de peregrinações, caminhos e caminhadas ecológicas estaria, segundo este enquadramento teórico, relacionado a toda essa mudança no campo religioso. O

Caminho das Missões reflete isto, tanto da perspectiva dos peregrinos quanto da perspectiva dos sócios fundadores do Caminho – e isto fica claro no ritual místico.

Duas situações chamaram atenção nas caminhadas. A primeira foi uma conversa entre os peregrinos na cidade de Garruchos, dentro da biblioteca da escola pública onde dormimos. Adão, reunido na sala principal com outros peregrinos, enquanto eu estava descansando na sala ao lado e ouvindo a conversa, começou a falar de um livro que estava lendo chamado "Não tenho fé suficiente para ser ateu", do autor Norman Geisler. A partir do livro iniciou uma longa conversa sobre a presença de Deus na criação de toda a vida no planeta e como nossas vidas são influenciadas por Deus. Na entrevista que fizemos, Adão voltou a falar sobre o livro e se colocou contrário à teoria da evolução ao dizer que não acreditava no Darwinismo. Disse ser um crente em Deus e que em sua concepção tem que existir um criador da vida, tem que haver um início e este início é Deus. Durante a conversa todos os peregrinos concordaram com suas ideias e diziam que a vida em si já é um milagre e a prova da existência de Deus.

A segunda situação ocorreu quando caminhava com Maria Helena, naquela época uma mulher de quarenta e oito anos, dentista e mãe de três filhos. Subimos uma pequena montanha e ao chegar no topo nos deparamos com uma bela paisagem. Ela disse que aquele era um "momento de contemplação". Contou que quando caminhou em Santiago de Compostela viveu um momento muito bonito no qual teve um encontro com o divino. Em uma pequena cidade, havia uma Igreja e naquele dia haveria uma apresentação de canto. Ao chegar para assistir a apresentação, a Igreja estava lotada e ficou um pouco ali. No entanto, achou a música chata e ficou muito incomodada ali naquela Igreja, resolvendo sair e ir para o campo. Eram oito horas da noite, mas ainda estava claro por ser primavera na Espanha. Sentou-se e começou a fazer algumas orações e, logo em seguida, viu algumas ovelhas que estavam ali. A sequência, ela mesma contou na entrevista:

E aí eu fui para o campo ali perto e comecei a ver as ovelhas, os bichinhos, apreciando ali a natureza e as ovelhas e daqui a pouco... aí sentei, comecei a fazer as minhas orações e quando foi daqui a pouco eu vi as ovelhas berrando lá e um rapaz, um pastor lá foi e trouxe uma ovelhinha que tinha acabado de nascer. E assim, para mim foi um momento assim muito significativo, né, porque naquela igreja ali com aquele canto gregoriano, aquela coisa toda eu não senti, eu não senti a divindade. Eu não senti nada, aquilo até estava me incomodando. Mas lá na natureza eu vendo o lugar em que eu

sentei e aquela...O céu límpido, aquelas ovelhas, aquele pastor tocou muito, porque ali sim eu vi que era a vida brotando, era a natureza mostrando o nascimento, era o pastor como uma coisa bíblica cuidando das suas ovelhas. Então, para mim foi um momento assim muito bonito, o sol se pondo, né. Eu até tirei uma foto da situação, tirei várias fotos das ovelhas, da coisa, mas para mim foi um momento de contemplação realmente.

A mesma contemplação narrada por Maria Helena em Santiago de Compostela ocorreu quando estávamos lá em cima da colina numa das estradas das missões. Ela parou, olhou e ficou admirando a paisagem de plantações. A narração do que ela sentiu numa situação semelhante na Espanha reforça o argumento da espiritualidade: afastou-se da Igreja e do canto gregoriano institucional, procurou ficar perto da natureza e lá, ao ver o nascimento de uma ovelha e um pastor carregando-a numa cena que chamou de bíblica, encontrou com o divino. Disse que "viu a vida brotando", o "céu límpido", o "nascimento", o "sol se pondo", interpretando isso tudo como um contato com o divino, o que é típico de uma espiritualidade subjetiva, interior e que não é imposta por instituições, conforme vimos na teoria de Heelas (2005).

Além das duas situações narradas, que ocorreram no decorrer das caminhadas, também é interessante acrescentar algumas respostas que foram dadas nas entrevistas quando conversei diretamente sobre religião com os peregrinos. Inspirado pelo livro *The culture of disbelief*, de Stephen Carter (1994), elaborei algumas perguntas. Primeiro, qual era a religião do entrevistado; segundo, se a pessoa tinha o hábito de rezar e o que costumava pedir. Após ouvir as respostas e as histórias, muitas vezes de pessoas que haviam pertencido a diversas religiões ao longo da vida, perguntava no que ela acreditava hoje. As respostas dos peregrinos entrevistados foram invariavelmente na direção de uma crença na espiritualidade. O senhor Jacy, por exemplo, um homem de quase setenta anos e bem sucedido supermercadista de Porto Alegre, explicou sua crença com muita clareza:

No quê eu acredito? O que eu acredito é o seguinte, eu não... Eu não acredito nessa... Nessa coisa de Deus. Eu acho que não é Deus que existe. Sabe o que existe para mim? É a natureza, essa força da natureza, sabe. O desabrochar de uma rosa, de fazer chover, do brilho do sol, sabe, de tocar o vento, isso para mim, essa força monumental da natureza, isso é um Deus para mim. O Deus para mim não é uma figura que está sentada lá em cima, sabe, em uma

cadeira lá de ouro. Deus para mim é... Eu sempre achei que foi, eu sempre acho que é isso aí. Porque para mim essas igrejas, a Igreja Católica e outras, tudo é um grande comércio. A Igreja Católica foi a primeira grande multinacional do mundo. E hoje ela está sofrendo a concorrência da Assembléia de Deus, da Universal, né. Isso é uma opinião minha. Posso estar totalmente errado, mas Deus para mim é a natureza, sabe, tu tens vida no teu corpo, tu estás respirando.

Leda, outra peregrina, que diz ter ido fazer turismo no Caminho das Missões, afirmou o seguinte:

Ah, eu acredito num monte de coisas e descredito de um monte delas também (risos). Como um bom político desconfiado, né. A gente é bem humorado, mas a gente é desconfiado. Essas duas coisas se confundem. Eu não, se eu te disser que eu acredito em um Deus que tem um nome, eu não sei. Acho que não. Eu diria isso para ser convencional contigo, de repente. Mas não. É que eu acredito numa grande força, que tem poder sobre nós, acredito no efeito de, na questão física da ação e reação...Eu acredito nisso. Acredito que a gente tem que fazer o bem, se espera isso, né. Isso pode ser ingênuo, inclusive. Eu reconheço. Mas eu não frequento nenhum lugar entendeu, não vou assim, não vou à igreja, não vou ao culto, não vou à terreiro, não vou. Eu tento viver no que eu acredito, cotidianamente, entendeu? No meu trabalho, aqui com os vizinhos, em casa, com os animais, com as árvores, com tudo assim, eu tento viver o que eu acredito.

Maria Helena, respondendo a mesma pergunta, disse:

Mas eu acredito é que existe um mundo invisível e que o mundo invisível (inaudível) é que o mundo real. O mundo invisível, o mundo espiritual esse que é o mundo real. Esse mundo material que nós estamos é só uma projeção, é uma projeção do mundo espiritual, mas o mundo espiritual, esse é o que existe na realidade. Então, o que nós vivemos aqui dentro do materialismo é pura ilusão. É uma ilusão, não é o concreto. É a ilusão. Então, são assim... Isso assim é um modo, porque nada... você não controla nada. Nós não temos o controle de absolutamente nada no mundo, mas o mundo invisível, o mundo espiritual esse sim pode controlar nossas vidas.

Outros peregrinos entrevistados deram respostas semelhantes, reforçando a presença de ideias compatíveis com a espiritualidade. As crenças rejeitam um Deus personificado e as instituições religiosas, preferindo uma busca interior e o encontro com o divino fora de templos, ou seja, no meio ambiente. O senhor Jacy

fala de "força de natureza", "desabrochar de uma rosa", "brilho do sol"; Leda mencionou uma "grande força, que tem poder sobre nós" e a lei da "ação e reação"; Maria Helena fala de um "mundo invisível" e "espiritual" como sendo o mundo real em que vivemos. Jacy chama a Igreja Católica de um "grande comércio" e "primeira grande multinacional do mundo", enquanto Leda diz que "não frequenta nenhum lugar" e Maria Helena, em outra resposta na mesma entrevista, chamou a Igreja de um "Clube". Todos tiveram opiniões semelhantes.

Os peregrinos que caminham nas missões pertencem a uma mesma classe social. Conforme vimos nos dados de Alves (2007), mais de 61% dos peregrinos estão na faixa de idade de 40 até 60 anos, o que significa que são pessoas já formadas e empregadas em profissões estáveis, como professor, funcionário público, empresário, advogado, médico e engenheiro. Vimos também que mais de 84% dos peregrinos declararam ter formação superior, o que inclui aqueles que têm pós-graduação. Mesmo reconhecendo a heterogeneidade de motivações, afiliações religiosas e religiosidade, há no Caminho das Missões uma homogeneidade no que toca às crenças religiosas, com uma ênfase na espiritualidade. Esta espiritualidade dos peregrinos, que também está presente nos sócios, é a chave para caracterizar o Caminho como peregrinação e para possibilitar a mobilização de ambos os discursos de peregrinação e turismo pela agência Caminho das Missões.

2.4 - Percepções dos peregrinos

É normal criar expectativas sobre uma peregrinação. Os peregrinos planejam com antecedência sua viagem de acordo com inúmeros fatores como férias, aprovação da família e situação financeira. Às vezes, dependendo da peregrinação que vão fazer, estão realizando o sonho ou dever de toda uma vida. Os dias que antecedem a viagem também são bem angustiantes e tensos, não é incomum as pessoas ficarem nervosas. Ao chegar para iniciar a caminhada, os peregrinos trazem consigo uma série de expectativas para um determinado caminho. Assim como ocorre com as motivações, há tantas expectativas quantos peregrinos caminhando. Cada um traz sua bagagem de experiência: há aqueles que são peregrinos de longa data e já percorreram muitos caminhos; há os que caminham pela primeira vez e não sabem muito sobre o assunto; há os que só percorreram caminhos no Brasil e os que já foram para fora, principalmente para

Santiago de Compostela; há ainda aqueles que percorreram caminhos curtos como trilhas ecológicas.

A percepção que se tem do Caminho das Missões é variada em virtude de cada peregrino ter sua motivação, experiência, expectativa e estar inserido num grupo com pessoas diferentes. O modelo proposto pela agência de turismo está em constante avaliação pelos peregrinos, que desde o princípio influenciam os rumos desta peregrinação. A maneira como o Caminho das Missões é entendido pelos peregrinos é fundamental para entendermos a questão central deste trabalho. Recapitulando, a argumentação é que a agência de turismo, que administra de forma centralizada o Caminho, mobiliza desde o princípio de seu projeto de turismo as práticas típicas de peregrinação e de turismo na arena pública, o que causa dificuldades para os sócios da agência e também para os demais participantes. Assim, é importante compreender como os peregrinos entendem o modelo das missões e agem a partir deste entendimento. Ocorre que esta questão não pode ser colocada para todos os peregrinos. Assim como aconteceu com as motivações e religião dos peregrinos, é preciso muito cuidado para não fazer generalizações implausíveis. A questão da dupla mobilização de discursos pela agência existe e os problemas provenientes disto ficaram evidentes em inúmeras situações presenciadas durante o trabalho de campo. Presenciei críticas duras feitas por peregrinos ao modelo do Caminho das Missões, assim como também houve elogios claros e diretos.

Retomando as entrevistas gravadas, as notas de campo com os comentários dos peregrinos e minhas próprias lembranças de situações não registradas no papel, fotografia, filmadora ou gravador, ficou claro que a questão central colocada aqui não era universal para todos os peregrinos. Nas entrevistas, quando perguntados sobre o assunto, alguns demonstraram que nunca tinham se questionado a respeito. Na verdade, isso não era uma questão para eles, pois suas questões eram outras (Viveiros de Castro, 2002). Ocorre que houve também casos de peregrinos que não apenas haviam se colocado a questão como tinham uma resposta crítica pronta para falar na entrevista. Eles reclamaram, muitas vezes como consumidores, do preço, das acomodações, do fato de não poder caminhar sozinho, da comida oferecida e de alguns moradores locais que os recebem. No decorrer das caminhadas isso também aconteceu. Houve pessoas extremamente críticas, outras que demonstraram não ter essa questão em mente e algumas que procuram mediar as

críticas ao ressaltar alguns ideais de peregrinação como o "desapego" e "aceitar o que o outro tem a oferecer".

Curiosamente, percebi que as pessoas que mais questionavam criticamente o modelo do Caminho eram geralmente aquelas que tinham maior experiência de peregrinações. Elas tinham feito caminhos diversos no Brasil e fora do país. Se tivessem caminhado em Santiago de Compostela, logo iriam fazer comparações críticas, procurando colocar o modelo de Santiago como o oficial. Dificilmente a dupla mobilização de discurso pela agência não era problematizada pelos peregrinos com experiências de outros caminhos. Entre os caminhantes que eram novatos, os questionamentos em relação ao Caminho podiam surgir, mas de maneira mais amena. Este foi o caso de Leda, que afirmou ter ido fazer turismo e ter "caído numa cilada", dizendo isso sem ressentimentos. Mariana, que também caminhava pela primeira vez, disse que não havia se colocado nenhuma das questões que lhe propus na entrevista, apenas uma vez afirmou que houve um comentário sobre quanto em dinheiro os moradores locais receberiam da agência de turismo. Todas essas diferentes maneiras de perceber o Caminho das Missões ocorrem também em qualquer outra peregrinação. A particularidade está na dupla mobilização e os entendimentos e reações que isso provoca.

Conforme já foi visto, fatores importantes de uma peregrinação, além das motivações e crenças dos peregrinos, são o trajeto, o santuário, a distância percorrida, a relação com outros peregrinos, a relação com os moradores locais que os hospedam, as acomodações, a individualidade e a coletividade e a rede de serviços que se forma em torno de um caminho. Os peregrinos das missões têm seus próprios conceitos do que é uma peregrinação e dos fatores que a constituem. Ao caminhar, interagem com outras pessoas, podendo mudar suas ideias. No Caminho das Missões todos esses aspectos citados estão presentes e são entendidos diferentemente pelos peregrinos. O modelo peculiar do Caminho suscita comparações de alguns aspectos com o modelo de Santiago de Compostela e, como já afirmado, provoca críticas entre os peregrinos – geralmente os mais experientes – que desejam agir de acordo com seus conceitos e acabam influenciando e forçando um posicionamento dos sócios da agência em diversos pontos.

As caminhadas nas missões deixam claro que o Caminho está plenamente inserido num circuito brasileiro de peregrinações e que é reconhecido como

membro deste circuito, apesar de sofrer críticas por seu modelo. Certa vez caminhava com dois peregrinos paulistas, Pedro e Osvaldo, que já tinham feito vários caminhos no Brasil, como o Caminho da Fé e o Caminho do Sol. Eles trocavam experiências, comentavam sobre os caminhos e recomendavam peregrinações um para o outro. Uma situação semelhante ocorreu com uma peregrina paulista que dava um broche com a imagem de Nossa Senhora Aparecida para cada peregrino e fazia divulgação do Caminho da Fé. Uma das formas pelas quais os caminhos ficam conhecidos é a partir dessa chamada "propaganda" boca a boca que é feita entre os peregrinos e que revela se um caminho é conhecido pelas pessoas. O Caminho das Missões faz parte dessa intensa troca de comentários e experiências dos peregrinos brasileiros e tive comprovação disso caminhando na Espanha quando fazia Santiago de Compostela. Ao encontrar um grupo de brasileiros e decidir acompanhá-los até o final pude perceber que eles comentavam do Caminho como uma das peregrinações brasileiras. Num almoço, já na cidade de Santiago de Compostela, encontramos com a senhora Clinete, presidente da Associação dos Amigos de Santiago do Rio de Janeiro, e ela me disse que gostava muito do Claudio e do Romaldo e que os havia conhecido num evento em São Paulo. Ao mesmo tempo que essa inserção dá ao Caminho o reconhecimento de ser uma peregrinação brasileira, traz também compromissos e cobranças dos peregrinos por um outro modelo.

Durante as entrevistas foram elaboradas perguntas que permitissem que os peregrinos se manifestassem em relação à dupla mobilização de discursos da agência de turismo. A parte da entrevista dedicada a isto propunha uma avaliação do Caminho das Missões no que se refere às acomodações de hospedagem, refeições, pessoas que nos recebem, preço pago por pessoa e distâncias entre os pontos de pernoite. Em outra parte da entrevista, havia perguntas que buscavam explorar a experiência de peregrinações – caso houvesse – do entrevistado e suas ideias sobre o que era uma peregrinação, além de sempre perguntar como a pessoa havia conhecido o Caminho das Missões. As respostas foram muito variadas e algumas até surpreendentes.

O modo de realizar a caminhada é um dos pontos que geram polêmica no Caminho das Missões, pois o projeto de turismo elaborou caminhadas em grupo e não individuais como normalmente é feito em Santiago de Compostela. Isso não é um diferencial em relação a todas peregrinações brasileiras, pois no Caminho do

Sol as saídas também são programadas em datas estabelecidas e realizadas em grupo. A diferença no Caminho é o modo de se apresentar e se vender a peregrinação como um pacote de turismo todo centralizado. Muitos peregrinos sempre reclamaram de não poder realizar a caminhada sozinhos e isso foi discutido em várias situações de caminhada quando eles em suas conversas deixavam claro que queriam começar na sua própria data e que queriam partir da cidade que desejassem. Romaldo, um dos sócios do Caminho, sempre alegou que eles têm um pacote de turismo que inclui visitas, guia, organização de hospedagem, plano de saúde, ou seja, um projeto que busca apresentar a região das missões através de um determinado viés. Ocorre que a mobilização do discurso da peregrinação, feita pela própria agência, e o modelo inspirador se impõem através das reclamações dos peregrinos. Dois sócios da agência concordam que o modelo deve ser o de peregrinação e têm intenção de liberar o Caminho, apenas não agora devido ao baixo fluxo de peregrinos – o que será visto melhor no próximo capítulo. Depois de muito ouvir as reclamações e pressões dos peregrinos, os sócios do Caminho se reuniram na sede e decidiram permitir que se percorra as missões individualmente sem estar num grupo. Apenas informam que a pessoa não terá os serviços que são prestados normalmente, nem mesmo as refeições especialmente preparadas para receber os peregrinos – o peregrino vai se alimentar do que o morador local tiver em sua casa para oferecer.

O fato de a caminhada ser realizada principalmente em grupo e em datas específicas faz com que os peregrinos caminhem juntos dia a dia. Isso traz algumas diferenças com o modelo de Santiago, pois lá os peregrinos fazem uma caminhada coletivamente, mas têm autonomia de decidir onde vão pernoitar, quantos quilômetros vão caminhar e a que horas vão iniciar a caminhada. Como no Caminho o grupo precisa, de alguma maneira, chegar a alguns consensos mínimos – como horário de café da manhã e saída, horário de dormir e uma convivência harmoniosa com respeito às diferenças de opinião que surgem, alguns peregrinos reclamam uns dos outros e da pouca liberdade de poder fazer somente o que quer. Das peregrinações de que participei, é correto afirmar que todas transcorreram sem grandes dificuldades entre os peregrinos. Na última, que foi realizada na semana farroupilha, a heterogeneidade do grupo acabou provocando alguns problemas e, por consequência, aumentado a reclamação sobre o Caminho e as comparações com Santiago de Compostela. Houve uma senhora, por exemplo, que foi afastada

pelo grupo devido a inúmeros comentários que foram considerados como grosseiros. As brincadeiras e piadas sobre idade, gênero, sexualidade, obesidade, formação acadêmica e profissão, casamento, maternidade e paternidade, eram inúmeras e, às vezes, geravam atritos e ofensas, que eram controlados normalmente por Romaldo ou Claudio. Os comentários, normalmente, foram feitos durante a caminhada e não eram repetidos em nenhuma outra situação. Os peregrinos se avaliam, vislumbram outros projetos de vida e defendem suas visões e as escolhas de vida que fizeram. Houve um casal, por exemplo, do estado de Minas Gerais que não tinha filhos, e isso gerou vários comentários nas caminhadas. Um peregrino olhou para mim e disse: "Ela não é feliz" e "Ele é um cara vazio", se referindo ao casal. Em outra situação, uma caminhante de Santo Ângelo, que tinha ensino médio completo, falou que estava impressionada como "pessoas da alta, com estudo, podiam aceitar ficar hospedados em lugares como aqueles", e disse isso elogiando a atitude e, segundo ela, a humildade dessas pessoas. Por os peregrinos serem obrigados a caminhar juntos em grupo, as reclamações sobre o Caminho podem aumentar e com isso cresce também a pressão para que vigore o modelo de Santiago de Compostela.

As questões sobre a dupla mobilização de discursos pela agência e como os peregrinos percebem e atuam na peregrinação das missões fica mais evidente quando se trata dos pontos de parada para pernoite e refeição. As opiniões dos peregrinos são as mais variadas possíveis no que se refere aos moradores que os recebem, a infra-estrutura que oferecem e às refeições. Quando a acomodação é considerada boa ou razoável, os caminhantes normalmente não fazem comentários a respeito e todo o discurso de peregrinação que é mobilizado pelos sócios, pelos peregrinos e também pelos moradores locais se impõe de forma a não deixar que sejam feitas reclamações – o que não significa que os peregrinos não irão fazer as suas próprias avaliações pessoais. Mas, quando o lugar de parada para almoço ou pernoite é avaliado como ruim ou péssimo, os peregrinos reclamam entre si nas caminhadas e dificilmente fazem isso na frente dos moradores. Qualquer um pode reclamar e os argumentos são diferentes dependendo da pessoa, de sua experiência e do que resolvem usar como argumento. Apenas um fator parece não mudar: todos, no final das contas, colocam sobre a agência de turismo Caminho das Missões a responsabilidade por qualquer aspecto insatisfatório. Reclamam dos

moradores, das camas, dos chuveiros, da comida, mas, a culpa acaba recaindo sobre a agência, que na visão deles seria a responsável por resolver isso tudo.

Durante os 365 quilômetros de caminhada, há no Caminho alguns pontos de parada que ouvi, com alguma recorrência, comentários negativos: Passo da Barca (pernoite), Seu Chico (almoço), Esquina Ezequiel (almoço) e Bolicho do Sr. João de Matos (pernoite). Todos são lugares nos quais os peregrinos acham que há uma certa precariedade e reclamam disso de várias formas dependendo da sua experiência. É importante insistir na questão da experiência de peregrinação de cada um porque isso é determinante para o entendimento e algum tipo de contestação e ação. O contato com os moradores em cada lugar de parada é muito efêmero, quase nunca é possível formar uma opinião aprofundada e eles acabam construindo essa opinião com o pouco tempo que tem para ficar ali e com as ideias e as experiências de peregrinação que já trazem com eles.

Às vezes, surgem situações que os fazem pensar e refletir, como foi o caso de uma moça jovem de vinte e seis anos, chamada Émile, da cidade gaúcha de Caxias do Sul. Chegamos em Garruchos cedo e paramos para almoçar e pernoitar na casa do senhor Adelfo e da senhora Gelci. Émile e Gelci conversaram muito durante todo o tempo que lá estivemos e, no dia seguinte pela manhã, enquanto caminhávamos, Émile veio me contar que Gelci havia ficado impressionada com o fato de ela ser uma moça de vinte e seis anos que não havia casado ainda e que nem tinha namorado. Disse também que o comportamento de Gelci foi semelhante aos de alguns parentes próximos na sua cidade, que já haviam promovido alguns jantares para ela com a participação de possíveis pretendentes. Émile ficou espantada com o quanto as mulheres trabalham no interior, dizendo que dona Gelci era a primeira a acordar e a última a dormir, fazendo tudo sem reclamar enquanto seu marido tinha uma vida muito mais tranquila. Em outra situação, o senhor Jacy, no bolicho do João de Matos, chamou o proprietário de "um grosso, um bruto", pela maneira como se referia à esposa dele, tratando-a sem delicadeza e como uma empregada. Ambos os casos se referem a avaliações da realidade, comportamento e modo de vida que viram nos moradores que nos recebem.

Quando se trata de algum serviço prestado ao peregrino, como alimentação, a avaliação também é superficial e com forte influência da experiência de peregrinações. Perguntei aos peregrinos na entrevista se eles sabiam

dizer o porquê os moradores os recebem e as respostas foram variadas. Maria Helena disse:

Ah, porque alguém paga eles. O casal Eugênio e a menina, não. Eu acho que eles... Eles, enfim, isso é do que eles estão fazendo, eu acho que eles são... coisa. Agora, é aquele Ezequiel não sei o quê, é só porque estão pagando. E deixa-me ver qual outro. A Dona Irene, eu acho que é porque ela é sozinha e ela gosta de receber as pessoas. Eu acho que ela é, ela, ela... Ela faz por amor ao... Assim, por amor à causa. Eu acho que ela gosta, fica agradável. Mas aquele Ezequiel lá, uma porcaria.

O casal que tinha filhinha, eu acho que eles fazem... Sei lá, eu acho que é porque... Eu achei... eles atenderam a gente bem, mas eu achei a comidinha muito fraca, eu não serviria aquilo na minha casa nunca. Deus me livre! Podiam ter caprichado um pouquinho, né? Agora o João de Matos ele fez por dinheiro, porque estava muito, muito ruim ali. Muito ruim. O café da manhã foi péssimo. De noite eu estava louca de fome e não tinha um biscoito lá para... só tinha um biscoito velho lá, né? Estava muito ruim.

Mariana, que fazia seu primeiro caminho, falou:

Eu nunca parei para pensar nisso. (risos) Por que eu acho que eles nos recebem? Eu acho que, talvez isso, eles se sintam parte de uma coisa maior, sabe. De ter em mente que aquele local é um local onde era o caminho para (inaudível) jesuíticas. E talvez eles se sintam um pouco parte daquilo, um pouco parte... Quer dizer, toda essa história da peregrinação, eu acredito que tenha um cunho religioso para eles, né. Quando eles nos vêm fazendo isso, eu acredito que eles vejam algo que nós estamos perseguindo religiosamente, sabe. E eu acho que quando eles estão recebendo a gente eles estão fazendo, eles se sentem fazendo parte daquilo, sabe, se sentem cumprindo talvez um dever conosco também. Não sei se todos, mas é essa a impressão que eu tenho.

Adão, pensa de outra maneira:

Eu...Eu creio que eles recebem a gente pela, vamos dizer assim,em face do retorno financeiro que devem ter com a operadora, creio eu. Porque não deve ter um motivo, por exemplo, assim eu não vejo motivo religioso ou que levaria eles a receberem a gente. Eu não vejo. Eu não vi.

Heloísa, outra caminhante iniciante, falou:

Olha, Guilherme, eu vou te ser bem sincera, eu não tenho uma opinião formada. Eu realmente não sei se eles recebem pelo prazer de receber. Ou se eles recebem porque foi feito um trabalho nessa região com esses moradores para que, digamos, que pudesse existir esse Caminho. Eu não sei te responder com toda certeza, se eles estão fazendo isso por vontade de prazer, de fazer ou se foi feito um trabalho com o pessoal do Caminho das Missões aqui para ter condições desses peregrinos realizarem esse caminho aí.

As respostas mostram como é diversificado o entendimento dos peregrinos e como eles têm pouco tempo para avaliar cada morador. Os iniciantes em peregrinação demonstraram não ter uma opinião a respeito, enquanto Adão disse que era por dinheiro e Maria Helena analisou os moradores de maneira diferente. O interessante é que todos se referiram a algum aspecto do que consideram peregrinação para responder a pergunta, deixando subentendido que esperam que os moradores estejam ou não envolvidos por isto. Maria Helena considera que, nos lugares onde eles foram mal atendidos, as pessoas só fizeram por dinheiro e porque estão pagando, ou seja, não estavam lá por causa de algum aspecto da peregrinação e não fariam se não estivessem recebendo. Aqueles que os atenderam bem, mesmo onde a comida estava fraca, fizeram por amor e por gostar de receber as pessoas. Mariana e Heloísa, ambas iniciantes e que não tinham problematizado essa questão, quando motivadas a pensar sobre o assunto, também associaram o fato dos moradores receberem pessoas a peregrinação ao dizer que eles se sentem "parte de algo maior", "toda a história de peregrinação", "cunho religioso" ou "prazer de receber". Já Adão, que acha que eles recebem só pelo "retorno financeiro", não deixa de mencionar a peregrinação ao dizer que não viu "cunho religioso". Assim, de uma maneira ou de outra, o modelo de peregrinação, o discurso, as ideias que o acompanham e o conceito de peregrinação do peregrino têm influência grande na maneira como eles avaliam os moradores locais.

A infraestrutura dos lugares de parada é também muito criticada no Caminho das Missões. Durante as caminhadas há recorrentes comentários sobre o pernoite da noite anterior e sobre como será o lugar de dormir do dia em questão. Os peregrinos reclamam das camas, dos colchões, do chuveiro, do banheiro, da falta de cadeiras, do quarto mal arrumado ou "entulhado", do lugar com cheiro de fechado, do fato de terem que dormir todos juntos e dos lugares onde se dorme no

chão em cima de um colchão. As reclamações são generalizadas, mas a responsabilidade pelo que ocorre, na visão da maioria dos peregrinos, recai sobre a administração do Caminho – devido ao modelo de dupla mobilização de discursos e a forma como se vende a peregrinação. As comparações com Santiago de Compostela ocorrem especialmente nesses momentos, quando os peregrinos com experiência de outras peregrinações procuram questionar o modelo do Caminho mobilizando o discurso de peregrinação típico de quem caminhou em Santiago de Compostela. Ao mesmo tempo, cientes da centralização do Caminho, também mobilizam o discurso do turismo na relação com a agência, fazendo exigências típicas de consumidores. Houve uma situação, durante uma caminhada de inverno, em que eu e o peregrino Oswaldo passamos mal depois de comermos carne de búfalo no jantar. Devido ao quadro de intoxicação alimentar que desenvolvemos, foi necessário abandonar a peregrinação no dia seguinte e seguir para Santo Ângelo para buscar auxílio médico – incluído no pacote de turismo. Oswaldo, ao voltarmos da clínica, pediu a Romaldo uma parte do dinheiro de volta e ele disse que iria depositar. Ele agiu como um consumidor insatisfeito com o pacote que comprou e recorreu à agência de turismo para conseguir o que queria. Em outra situação, no Bolicho do João de Matos, houve peregrinos que declararam ter se sentido roubados pelo serviço prestado por ele de transporte de mochilas e, às vezes, de pessoas. Disseram que o preço cobrado não condizia com a peregrinação e que ele apenas pensava no lado comercial. Novamente, as pessoas opõem ao seu conceito de peregrinação tudo o que é caro e mal feito: se é barato, bem feito e feito com amor, é porque o morador tem relação com a peregrinação; se tem lucro e não está bom, é porque o morador só faz pelo lado comercial, só pensa no dinheiro, e isto não combina com uma peregrinação. As reclamações são dirigidas diretamente à agência de turismo, exigindo que eles tomem providências. Como os moradores locais também estão envolvidos na dupla mobilização feita pela agência, os problemas não se resolvem assim tão facilmente.

Maria Helena foi quem melhor expressou na entrevista sua insatisfação com todo esse modelo:

Eu acho que para o que a gente pagou, entendeu, eu acho que a organização do Caminho das Missões foi muito falha. Foi muito falha. Porque você... A gente tem que parar num lugar, porque só tinha esse lugar. E quando vai comer a comida, tipo aquela do

Ezequiel, comer uma comida mal feita daquela, aí depois de você andar 15 km? Quer dizer, a gente estava andando no campo, a gente não estava em lugar que podia parar e comprar um biscoito, uma coisa ali, outras coisas. A gente tinha que...que guardar a fome para o tal do almoço. Aí você chega naquele Ezequiel, pô, uma porcaria de uma comida daquela, você ter que engolir aquilo para andar mais 15 km, é demais, né? Eu acho que foi uma falha muito grande deles. Eu acho que eles deviam descredenciar quem fizesse isso, porque não é possível que só tenha aquele pessoal para fazer aquilo.

Porque se fosse de graça e se fosse no meio do mato, evidente que eu estaria preparada para passar privação, para ir usar o mato, né, e fazer minhas necessidades fisiológicas no campo, no mato e assim por diante. Mas a questão não é essa. A questão é que esse passeio, essa caminhada, ela tem um custo, ela tem uma estrutura ou deveria ter de organização, ela tem uma previsão de início e fim e meio então, não há justificativa para que as coisas não caminhem bem. E o grupo não é um grupo grande. Porque se você olhar no Caminho de Santiago num albergue daqueles chega pelo menos umas cem pessoas toda noite, cem pessoas. E o nosso grupo tinha doze. Então, é muito diferente. Eu não sei se é porque eu tenho um parâmetro outro, né, que é o Caminho de Santiago, que eu posso dizer que o das Missões foi muito, muito falho, né?.

Outra coisa, no Caminho de Santiago os peregrinos, eles peregrinam o ano inteiro. Todo dia tem oitenta, cem pessoas dentro de um albergue daquele. E o Caminho das Missões, ele é eventual. Ele hoje tem, daqui a um mês tem de novo, mas pode demorar mais um tempo sem ter, quer dizer, não é toda semana, nem todo dia que tem aqueles peregrinos. Então, há tempo para que o pessoal do Caminho das Missões, os dirigentes lá tomem as providências, mande rebocar os banheiros, que isso não tem... Pelo amor de Deus, isso tem um custo mínimo. Agora naquele do João de Mattos, os banheiros tudo alagado, tudo no tijolo, a gente vendo a hora de tomar um choque, você não podia nem usar a privada direito.

A peregrina deixou claro os problemas que vêm sendo apontados. Criticou a infraestrutura, os moradores, a comida, responsabilizou a agência e comparou com o modelo de Santiago de Compostela. Diante do que ocorre, o Caminho fica em dificuldades para se defender das críticas dos peregrinos que também utilizam, quando conveniente, as ideias típicas de peregrinação e as típicas de turismo. Ao final da entrevista, perguntei aos peregrinos como avaliavam o preço que eles pagaram em relação ao que foi oferecido. Houve uma tendência a achar que o Caminho era caro pelo o que oferecia, especialmente pelos peregrinos mais experientes, caso de Maria Helena, Adão e Jacy, enquanto Mariana e Heloisa, na 138

realidade, nem tinham se colocado isso como questão de forma objetiva. A Maria Helena e Adão, perguntei também se eles recomendariam a peregrinação. Ela respondeu:

Eu acho que é caro. Não. Porque... Porque não recomendaria. Eu acho que não... Não... Eu não recomendaria, não tem estrutura para receber. Acho que não, não... Não tem assim para... que justifique assim. Não sei. Não recomendaria.

Adão disse:

Não, não achei justo, não. Eu achei que foi assim um pouco salgado em relação ao total geral. Por exemplo, se eu tivesse que pontuar de um a dez, a pontuação que eu daria para tudo, certo? Por exemplo, no total geral, na minha visão, né, eu daria de zero a dez, né, eu daria, fazendo uma média, eu daria uns cinco para o sistema todo, entendeu? E eu acho que eles cobraram assim um padrão bem salgado para a oferta.

Eu só acho que deveria, por exemplo, eu recomendaria o Caminho, mas eu falaria com mais clareza do tipo de acomodação, do tipo de comida, entendeu, que a gente ia se deparar.

O senhor Jacy, que fazia o Caminho pela terceira vez, inicialmente disse que achava justo o preço do Caminho das Missões e defendeu seu ponto de vista, comparando o Caminho como um empreendimento qualquer. No entanto, ao ser questionado como se sentiu quando foi pela primeira vez caminhar, mudou de opinião:

Eu acho muito justo. Sabe por que é justo? Porque no fundo, no fundo, é uma atividade econômica, né, esse Caminho das Missões, eles vivem disso. E quem vive de uma coisa, tu tens que ser remunerado. Eu tenho à minha disposição um projeto, uma coisa que eu gosto de fazer, eu vou fazer a hora que eu quero fazer, está à minha disposição, mas isso tem um custo. Tem que ter alguém lá atrás que deixe isso pronto, organizado para mim. É que nem ir num restaurante, né. Eu vou a um restaurante, tem um custo. Mas por quê? O cara paga os impostos, está com a luz ligada, está com funcionário, uma carteira, paga fundo de garantia, tudo. A hora que eu quiser jantar naquele restaurante a porta está aberta para mim. Mas para isso acontecer, tem um custo atrás de tudo isso aí, né. Então, esse Caminho das Missões é a mesma coisa.

Não. Eu não, aí não, porque eu não sabia o que estava me esperando, aquilo tudo foi um... Não, aquilo não. Agora na segunda vez eu fui porque quis, né. E chegou a terceira vez, eu sei que vai ser a mesma coisa.

Mariana respondeu apenas "sim" quando perguntada se achou o preço justo em relação ao que foi oferecido. Heloísa respondeu o seguinte:

Eu acho... Eu vou pensar assim olha, dois pensamentos: eu vou pensar no lado econômico do que eu paguei com o que eu tive de retorno, eu acho que não. Eu acho que eu paguei mais do que eu tive de retorno de conforto e de alimentação.

Eu paguei, por sete dias, novecentos e doze, eu acho não tenho certeza. Novecentos e alguma coisa, está? Por sete dias. Se eu vou pensar só no lado econômico eu acho que com esse valor eles teriam condições de, lógico, de fornecer mais conforto. Mas aí pensando no outro lado de que essas pessoas, esse conforto também vai depender muito dessas pessoas reestruturarem essas casas enfim, esses lugares para dormir e reformar. Então, realmente eu não sei se as pessoas estariam dispostas a isso, entende?.

O preço do Caminho foi contestado por praticamente todos os peregrinos que entrevistei. Até mesmo os que procuraram relativizar suas opiniões e olhar sob outros pontos de vista, ao final não deixaram de dizer que pagaram caro pelo o que lhes era ofertado. O senhor Jacy, que é empresário, inicialmente procurou dizer que o Caminho era uma empresa e que, por isso, era legítimo que a agência ganhasse o seu dinheiro. Entretanto, quando pedi para que se lembrasse da primeira vez que caminhou, mudou de ideia e disse que não sabia o que lhe esperava. Adão e Maria Helena foram enfáticos e se mostraram desagradados com o que pagaram e o que receberam, ao ponto de Maria Helena não recomendar o Caminho para outras pessoas. Heloísa procurou pensar de duas formas, uma econômica, a partir da qual acha que não recebeu um serviço condizente ao que pagou, e outra a partir da perspectiva do morador, percebendo que eles precisariam investir nas acomodações para melhorar o serviço.

As maneiras de compreender o Caminho e agir são nitidamente variadas. São muitos os aspectos considerados pelos peregrinos durante a caminhada quando formam sua percepção do que é o Caminho. De maneira geral, os problemas e contestações podem surgir de qualquer um que perceber a dupla mobilização de

discursos feita pela agência. Há uma tendência, entretanto, disso ser feito por aqueles com maior experiência em peregrinações, o que não impede outras pessoas de contestar e usar argumentos variados para reclamar o que pensa ser direito. A responsabilidade, normalmente, sempre recai sobre a agência, que se vê forçada a tomar uma atitude.

2.5 - Conclusão

O Caminho das Missões é de difícil definição. Seria uma peregrinação, como afirma ser a agência? Seria uma peregrinação secular, conforme o conceito de Margry (2008)? Ou simplesmente uma caminhada? Sua formação peculiar, que articula de forma centralizada por uma única instituição discursos típicos de peregrinação e turismo, gera múltiplas interpretações de todos participantes envolvidos. O Caminho é organizado e vendido como produto turístico, com city tour, visitas a museus e sítios arqueológicos, almoço e jantar típicos gaúcho e idas aos CTGs²⁴. Ao mesmo tempo, toda essa organização do Caminho é feita reinventando o famoso modelo de peregrinação que hoje vigora em Santiago de Compostela. O resultado final é algo diferente do modelo inspirador.

A chegada à catedral de Santo Ângelo, por exemplo, narrada no início deste capítulo, causa grande emoção em muitos peregrinos, mas não é a razão de ser da peregrinação nem fonte única do divino (Eade e Sallnow, 1991). A catedral angelopolitana, que está hoje onde, no passado, foi a redução de Santo Ângelo, não tem importância privilegiada no Caminho em relação às outras reduções e seus sítios arqueológicos, como as ruínas da bela igreja de São Miguel das Missões. O divino também está ao longo da caminhada, nas reduções, nas paisagens de plantações de soja, milho, trigo e girassol, na natureza e nos animais. A chegada à catedral, em si, tem claro significado religioso e é importante, mas poderia ser feita em qualquer outra redução. Há planos de expandir a peregrinação para o Paraguai e Argentina, com desejo de encerrar a caminhada de trinta dias numa redução do Paraguai. O Caminho neste cenário teria diferentes pontos de chegada, dependendo do pacote contratado com a agência. O ponto de chegada seria importante não apenas mais como lugar sagrado, mas como o símbolo da conclusão de toda uma caminhada onde o sagrado está também no trajeto e como parte integrante de um

²⁴ Centro de Tradição Gaúcha.

pacote de turismo que inclui várias outras atrações organizadas pela agência – como a entrega de certificados e o almoço de confraternização que ocorrem logo após a visita a catedral, que é mais uma atividade proposta pelo Caminho.

A questão de se o projeto de turismo com o modelo de peregrinação de Santiago de Compostela forma mesmo uma peregrinação permanece em aberto. Na visão dos sócios fundadores, sim, existe uma peregrinação. A partir do olhar acadêmico, também é justo dizer que sim. O Caminho apresenta características típicas de uma peregrinação religiosa. A partir do paradigma de Turner (1978), há claramente um rompimento com o cotidiano e com a estrutura típica deste cotidiano para a entrada no que o autor chama de anti-estrutura, o momento da esfera do sagrado quando as relações sociais são mais relaxadas e menos hierarquizadas, quando há ênfase na igualdade e a formação da *communitas*. No paradigma de Eade e Sallnow (1991), o Caminho também tem aspectos fortes de peregrinação como uma jornada sagrada, na qual a figura do peregrino é símbolo da chamada pós-modernidade e representa, assim, uma maneira de pensar que se afasta do determinismo e reconhece a grande variedade de motivações de cada peregrino – inclusive motivações seculares, como o turismo. É também capaz de reconhecer a capacidade dos diferentes atores – como moradores locais, peregrinos, oficiais da Igreja, fundadores de um caminho – de ter conceitos diferentes e agir de acordo com o que pensam, num cenário complexo de "competição de discursos" (Eade e Sallnow, 1991). A "capacidade excepcional" de acolher todos esses discursos e articulá-los (Coleman, 2002) é característica de uma peregrinação e está presente no Caminho das Missões.

Em outra abordagem, de Peter Jan Margry (2008), o conceito de peregrinação e os componentes que o compõem também estão presentes no Caminho. Peregrinação precisa "ser de inspiração religiosa ou espiritual, realizada por indivíduos ou grupo" (Margry, 2008:17), para um lugar sagrado e que possa trazer benefícios a partir de um encontro com algo transcendental. Inspiração religiosa ou espiritual faz um apelo ao sentido da vida, comunidade religiosa, proteção, apoio, força, conforto, esperança e cura (Margry, 2008). Os componentes são o lugar de chegada (santuário), distância percorrida, a dicotomia *communitas* x individualidade, pontos de pernoite e relação secular x religioso. O Caminho das Missões possui todos esses aspectos e definições citadas. Mesmo que a venda, a organização e o desenrolar da caminhada esteja repleta de aspectos típicos de um

pacote de turismo, mesmo que a reunião inicial feita por Claudio seja informativa e explicativa para um grupo de turismo que vai iniciar uma atividade planejada, ao mesmo tempo há a mobilização do discurso de peregrinação. O ritual místico é uma mostra disso, pois, ao retomar a história das missões, do povo guarani e dos padres jesuítas, é construído o sentido da caminhada a partir das ideias de perseverança, tolerância, paz, evolução espiritual, encontro com o *Yvy Marã Ei* (lugar sem sofrimento ou dor), energias negativas e positivas, solidariedade, amor, compaixão e olhar para o próximo. Outra mostra do discurso de peregrinação está nas próprias crenças dos peregrinos e, de forma geral, nas de todos os caminhantes. Há uma tendência entre os peregrinos de uma crença baseada na espiritualidade (Heelas, 2005) (Campbell, 2007), na qual existe um afastamento das instituições religiosas e um acolhimento à ideia de divino típica das religiões classificadas de orientais, percebendo o divino como imanente e presente nos seres vivos, nas plantas, no universo, nas paisagens e na natureza. No que toca às motivações dos peregrinos, mesmo variadas, vimos a partir de dois peregrinos e suas histórias de vida que as questões existenciais e de sentido da vida estavam claramente presentes entre suas motivações para caminhar. Assim, seja qual for a abordagem acadêmica, o Caminho das Missões tem elementos consistentes de peregrinação.

Da perspectiva do peregrino, foco principal deste capítulo, a resposta não é assim tão simples. As reclamações recorrentes de uma parte dos peregrinos e as dificuldades de manter um bom fluxo de peregrinos nas missões evidenciam que o entendimento dos peregrinos é, no mínimo, um pouco diferente do que têm em mente os sócios fundadores. A capacidade de agir sobre o Caminho a partir deste entendimento transforma o projeto e os planos dos sócios. O Caminho das Missões é "uma oportunidade de fazer trekking", disse Maria Helena na entrevista. Há pessoas que chamam de "passeio" e "caminhada", enquanto outras, quando desagradadas, pedem o dinheiro de volta. Mesmo com a diversidade de motivações dos peregrinos e histórias de vida distintas, não há como negar que o grupo é muito homogêneo no que toca ao nível educacional, emprego, idade, gênero e, de certa forma, renda. Como disse Adão, "Não tem ninguém pobre aqui". Não tem mesmo. Os dados estatísticos (Alves, 2007) e as observações feitas durante o trabalho etnográfico deixam claro que quase todas as pessoas tiveram acesso à educação superior, estão empregadas ou aposentadas, são casadas e têm condições econômicas de, pelo menos, classe média brasileira.

A dupla mobilização de discursos feita pela agência de turismo e o modelo em vigor é percebido de maneira diferente entre os peregrinos. Qualquer um deles pode reclamar de possíveis incoerências que julguem existir. No entanto, há uma maior contestação entre aqueles que possuem experiência de peregrinação e forçam a agência a se posicionar a todo o momento. Cobram mudanças nos aspectos que são característicos de turismo, como a centralização e a caminhada em grupo, para que se adequem ao que se faz tipicamente na peregrinação de Santiago de Compostela onde se faz o caminho individualmente. Exigem melhorias nas instalações dos lugares de pernoite usando, como argumento, tanto o que se faz nos albergues públicos em Santiago de Compostela como o direito de um turista que comprou um pacote de ter bons serviços. Pedem o dinheiro de volta se houve problemas na caminhada ou se desistiram de viajar por algum motivo, deixando a agência em situação difícil visto que eles mesmos se apresentam como uma agência de turismo. Uma vez imersos na peregrinação, avaliam constantemente os moradores locais e relacionam o bom atendimento, feito com amor e por amor à causa, ao conceito de peregrinação, enquanto o mal atendimento, condições precárias e serviços ruins são feitos por dinheiro e, de certa forma, ligados às ideias de turismo. É preciso voltar a reforçar que essas reclamações, que obrigam a agência a se posicionar, são mais frequentes por parte de peregrinos com experiência de caminhos. Às vezes, todas essas questões simplesmente nem surgem na cabeça de um caminhante e o mesmo termina a caminhada elogiando bastante o Caminho. No entanto, os mais experientes, exatamente os que mais contestam, caminham mundo e Brasil afora levando a imagem que constroem do Caminho das Missões. Essas opiniões provavelmente têm grande influência na imagem que se constrói sobre o Caminho no circuito brasileiro de peregrinações.

Seja qual for a percepção dos peregrinos, a agência de turismo é sempre responsabilizada por elogios e críticas devido à sua gerência centralizada e aos discursos que mobiliza. Assim, vê-se obrigada a atender as demandas de todos e fica em situação difícil quando cada um se comporta de acordo com o que lhe é mais conveniente em dada circunstância. Devido ao modelo que vigora, o peregrino das missões tem poder de agir e fazer exigências, o que pode determinar o desenvolvimento do Caminho das Missões.

Capítulo 3: O Cotidiano da agência de turismo Caminho das Missões

3.0 - Introdução

A sede do Caminho das Missões está localizada em Santo Ângelo pelo simples fato dos quatro sócios residirem lá na ocasião da fundação do Caminho. No entanto, se eles tivessem planejado qual seria o melhor lugar para iniciar tal empreendimento, provavelmente teriam optado por continuar exatamente onde estão desde o início. A sede do Caminho só poderia funcionar em uma das três cidades médias das missões – São Borja, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo –, pois nas outras não haveria nem estrutura adequada para a chegada dos ônibus com peregrinos que vêm de outros estados e desembarcam no aeroporto de Porto Alegre para dar continuidade à viagem.

Instalada na Rua Antunes Ribas, em frente à praça principal, Pinheiro Machado, que dá vista para a Catedral Angelopolitana, construída em 1929, a sede do Caminho abriga dois negócios, uma agência de turismo e uma agência de publicidade. Em função de sua sede, todo o Caminho das Missões flui para Santo Ângelo, e não são apenas de peregrinos, que encerram a caminhada na Catedral da cidade, mas todos os prestadores de serviço, pontos de parada, secretaria de turismo, imprensa e demais pessoas e representantes de lugares que juntos formam esta peregrinação. Nada mais justo, para elucidar certas questões, do que realizar parte da pesquisa somente na capital das missões. Foi isso que ocorreu em Fevereiro de 2010 na ocasião da caminhada de carnaval. O Caminho das Missões realiza anualmente três caminhadas especiais que geralmente têm grande apelo com os peregrinos e, por isso, forma-se um grupo de caminhantes maior do que o usual. A caminhada de carnaval acompanha a festa em fevereiro ou março, enquanto a caminhada da Semana Farroupilha é sempre em setembro e a de Ano Novo na virada de dezembro para janeiro. No carnaval há um público de caminhantes que não está muito interessado em festa e folia. Na Semana Farroupilha existe um apelo forte à cultura gaúcha e este é um diferencial que atrai as pessoas. Já no Ano Novo, segundo Romaldo, as pessoas gostam de ir com os amigos e familiares para caminhar e passar a virada dentro das ruínas de São Miguel, comemorando com uma ceia e também algum tipo de celebração religiosa. Embora não ocorra todos os anos, já aconteceu de formar um grupo de peregrinos

no Natal. Não foi possível acompanhar esta caminhada de Ano Novo, mas foi realizado um trabalho de campo na ocasião da caminhada do carnaval 2010 e durante toda a caminhada da Semana Farroupilha, quando, em Setembro de 2009, fiz a peregrinação completa de São Borja a Santo Ângelo caminhando os 365 quilômetros pelas estradas de terra das missões.

Dada, então, a convergência de todo o Caminho em direção à sua sede, era indispensável a realização de trabalho de campo em Santo Ângelo para acompanhar o funcionamento do cotidiano da agência. Conforme o esperado, foi muito proveitosa a estadia de oito dias na cidade, pois esclareceu as questões que buscava compreender e elucidar. Já vimos que a peculiar construção que formou o Caminho das Missões gera várias dificuldades. Associar um projeto de turismo com peregrinação religiosa provocou problemas aos quatro sócios da empresa Caminho das Missões, pois eles mesmos não conseguem lidar bem com a situação que foi criada. Mas, quais são esses problemas e essas dificuldades que surgem em decorrência dessa mobilização dos discursos de turismo com peregrinação? Quais são os indicadores encontrados no cotidiano do Caminho que demonstram esses problemas e dificuldades? Vamos elencá-los:

1. Dificuldade dos sócios do Caminho de pensar o futuro do Caminho das Missões;
2. Relação da agência Caminho das Missões com os peregrinos / caminhantes;
3. Relação entre os próprios sócios do Caminho;
4. Funcionamento da agência.

A intenção principal é demonstrar através da observação participativa, feita acompanhando os sócios Romaldo e Cláudio, como a administração do Caminho da Missões funciona, de fato, como uma agência de viagens. Para nortear a discussão, será importante apresentar alguns debates teóricos sobre antropologia do turismo.

A escolha da ocasião do carnaval foi estratégica. Como queria vivenciar o cotidiano da agência de turismo, julguei que o melhor seria ir a Santo Ângelo uma semana antes de iniciar uma caminhada que partiria de São Nicolau para cumprir o roteiro de sete dias, pois assim conseguiria estar lá para ver o trabalho pré-caminhada que é feito na sede. Esta escolha não poderia ter sido mais acertada em seu propósito porque, além de ser véspera de uma das três caminhadas especiais do ano, permitiu uma aproximação maior com Romaldo e Claudio. Conversamos bastante durante o dia, na hora do almoço e nas saídas à rua para resolver

problemas ou atender clientes da agência de publicidade. Contudo, a proximidade maior se deu com Romaldo, pois ele me ofereceu para ficar na casa dele, possibilitando assim economia de hospedagem. Aceitei o convite e isso gerou uma aproximação atípica, pois, afinal, conversamos bastante em sua casa, saímos para jantar com amigos dele e visitamos alguns pontos da cidade que ele queria me mostrar.

3.1 - Debates teóricos: antropologia do turismo

Segundo Steil (2002), a formação de um campo de estudo dedicado ao turismo iniciou, na sociologia, na década de 1960, quando pela primeira vez um grupo considerável de estudos foi produzido. Na antropologia o campo de estudo também começou a se formar em torno da década de 1960, quando antropólogos começaram a se deparar com turistas que estavam no mesmo lugar onde faziam pesquisa de campo (Graburn, 2009). Optando por não mencioná-los, muitas vezes os pesquisadores omitiam sua presença, apesar de não conseguirem eliminar o incômodo e a preocupação de ter outras pessoas nas situações de campo que antes eram exclusivas do antropólogo. O início das pesquisas de turismo se deu, segundo Graburn (2009), em parte, por esta presença constante de turistas entre os antropólogos que realizavam trabalho de campo – o que só cresceu no decorrer das décadas com a expansão do turismo por todo o mundo. Outra razão importante foi a preocupação com o impactos que o turismo podia causar nas culturas tidas como de periferia.

Na ocasião, esses estudos apresentaram como constante uma crítica ao turismo, pois os autores enfatizaram que a prática social do turismo era simplesmente inautêntica (Steil, 2002:55), uma vez que as mediações feitas pelas agências, agentes de turismo e hotéis não possibilitava contato verdadeiro com os habitantes do lugar e com seu modo de vida. Quando havia contato com “nativos”, este ocorria a partir de espetáculos onde determinado aspecto da cultura era encenado, o que novamente era visto como sem autenticidade. As viagens então eram vistas como cercadas por um isolamento que impedia o encontro com o outro ou com a diferença, o que fatalmente reforçava a própria cultura do turista. Nesta perspectiva, a indústria do turismo seria hábil para perceber o que queriam os turistas e programar atrações específicas e encenadas para eles Graburn, (2009). Os

pesquisadores, então, fizeram uma diferenciação entre o viajante e o turista, mostrando que o primeiro estava possuído por um “espírito de aventura” (Steil, 2002), enquanto o segundo só viajava com a presença de mediadores. A mudança na forma de viajar, do viajante ao turista, teria reduzido o encontro com o outro e com a diferença.

Contudo, segundo Steil (2002), Cohen (1979) começa a construir uma visão do turista menos homogênea, abrindo espaço para enxergar uma multiplicidade de formas de experimentar a vivência de turista. A questão da inautenticidade volta a ser debatida, mas desta vez os autores argumentam que o turismo não é inautêntico por se deparar com culturas que estão sendo “encenadas”. Afinal, todas as culturas são encenadas e aquilo que se encena é exatamente o que se quer valorizar. A questão da autenticidade foi aos poucos deixando de ser importante para os antropólogos como categoria da disciplina e passou a ser analisada em determinadas situações quando os próprios turistas, moradores locais ou agentes problematizam a autenticidade (Graburn, 2009). Conforme diz Bruner: "A autenticidade é algo que desvia a atenção e que deve ser examinada somente quando os turistas, a população local ou os agentes usam o termo" (Bruner, 2005 *in* Graburn, 2009).

Não é fácil definir o turismo, pois como afirma Graburn (1989), enquanto viajar para longe até um dos cantos do planeta é turismo para alguns, igualmente o é para outros sair de casa numa cidade satélite para visitar um famoso parque da capital. Até mesmo um simples piquenique no campo, somente pais e filhos num dia ensolarado, pode ser entendido como turismo. Smith (1989:1), então, propõe uma equação para definir o termo: “turismo = tempo de lazer + ‘renda discricionária’ + sanções positivas locais”²⁵. Isso significa que, para fazer turismo, uma pessoa deve ter tempo livre, rendimento financeiro extra não necessário para o básico e o essencial como comida, roupa, saúde e transporte, e apoio ou aprovação das pessoas e da sociedade para empreender tal viagem ou passeio. Se todos esses fatores forem somados e a pessoa quiser voluntariamente visitar algum lugar e vivenciar algum tipo de mudança, neste caso haveria o que chamamos de turismo. As motivações para viajar são inúmeras e uma pessoa certamente pode ter certo conjunto em determinada ocasião e outro em uma oportunidade futura. Viaja-se para sair da cidade grande e ficar no campo perto da natureza, se afastar das

²⁵ Tradução Livre.

pessoas que estão à sua volta, visitar atrações de seu interesse como museus, restaurantes e teatros, fazer compras no exterior, trazer coisas que não existem no seu país e fazer amigos ou conhecer gente nova. A lista de motivações poderia seguir adiante e seria quase interminável porque existem muitos tipos de pessoas. Esses tipos de pessoas geram tipos de turistas, que foram classificados por Smith (1989:11) da seguinte maneira:²⁶

1. Exploradores: Número bem restrito, buscam explorar e descobrir coisas novas. “Por definição não são turistas e se parecem muito com antropólogos. Vivem bem com os nativos como observador-participantes. Facilmente acomodam-se às normas e regras locais de moradia, alimentação, comportamento, etc. Carregam boa quantidade de aparelhos eletrônicos tipicamente ocidentais”.
2. Elite: Pessoas de alto poder aquisitivo que já estiveram praticamente em todos os lugares e agora buscam coisas novas. Diferenciam-se dos exploradores por estarem fazendo turismo e pagando alguém para estar em algum lugar.
3. “*Off-beat*” (Fora do padrão): Turistas que buscam fugir da multidão de outros turistas fazendo algo diferente em suas férias e considerado totalmente fora do comum.
4. “Unusual” (Incomum): Turistas que viajam, por exemplo, para América do Sul e reservam um dia para visitar uma tribo indígena. No entanto, “preferem sua própria comida a provar a comida da comunidade”.
5. Massa Incipiente: “Turistas de fluxo contínuo que viajam individualmente ou em pequenos grupos”. Buscam conforto típico ocidental e reclamam constantemente de tudo.
6. Massa: “Número enorme de pessoas que invadem determinado local o ano inteiro ou em determinada época do ano. É baseado na classe média”.

²⁶ Quando há uso de aspas, a tradução é livre. Quando não há aspas, é feita uma tradução não literal.

7. “Charter” (Fretamento, contrato): Turistas que chegam em massa e têm ônibus esperando por eles para levar para o hotel. Semelhante a uma excursão. É impessoal e as pessoas são reconhecidas através de números. “Para estes turistas nem mesmo o destino é importante, especialmente quando ganham a viagem com pontos do cartão de crédito”.

É claro que os turistas assim classificados por Smith são tipos ideais, uma maneira de dar conta em categorias intelectuais da variedade de motivações e tipos de pessoas que querem sair de casa e conhecer outro lugar. Já vimos que o Caminho das Missões atrai não apenas peregrinos. Pelo contrário, atrai muitos turistas. Assim, dois dos tipos acima são interessantes para pensar as pessoas que participam das caminhadas nas missões: turistas de elite, por terem alto poder aquisitivo e procurarem a mediação da agência, apesar de nem sempre serem tão viajados assim, e *Off-beat*, por buscarem algo diferente e fora do turismo comum. Da mesma forma que há tipos de turistas, há também tipos ideais de turismo que foram igualmente classificados por Smith (1989:5):

1. Étnico: “Apresentado ao público como conhecimento de costumes indígenas e de povos exóticos”. Visita aos lares e vilarejos dos nativos, observação de danças e cerimônia, compras de objetos e outras coisas que podem ter valor artístico. “Se o fluxo de visitantes for pequeno e controlado, o impacto convidado–anfitrião é mínimo”.

2. Cultural: Busca visitar algum “vestígio de um estilo de vida em desaparecimento que está na memória coletiva como um velho estilo, como visita a casas antigas, fábricas, carroças puxadas por cavalos e artes feitas a mão e não por máquinas”. Passeios incluem refeições rústicas (café colonial), performances de folclore. Alto impacto na relação convidado – anfitrião.

3. Histórico: Inclui visita a museus, catedrais, visita guiada a monumentos e ruínas, performances de luz e som. “Ênfase é dada na história e glórias do passado que podem ser encontradas nos livros texto que já lemos”. Contato convidado – anfitrião é impessoal e desconectado.

4. Ambiental: “Auxiliar ao étnico, possui a característica de atrair um turismo de elite que deseja entrar em contato com um ambiente exótico”.

5. Recreativo: Turismo na praia, estações de esqui, enfim, lugares para se divertir. É sazonal.

Pensar o Caminho das Missões em apenas um desses tipos não é possível, pois na visão dos sócios, a caminhada propõe ao menos os três primeiros. Veremos isso adiante com maior profundidade, no momento da análise. Agora, cabe prosseguir revisando alguns pontos fundamentais sobre o estudo do turismo.

Smith ressalta que a indústria do turismo é de uma importância inegável, citando que a movimentação econômica passa de 2 trilhões de dólares anuais, cresce a cada ano e é hoje a maior e mais produtiva indústria do planeta (Graburn, 2009). O crescimento do número de turistas se deu inicialmente nos países desenvolvidos, pois estes proporcionavam aos cidadãos os elementos da fórmula do turismo. Segundo o autor, após a segunda guerra mundial, os países desenvolvidos diminuíram paulatinamente a jornada de trabalho semanal, aumentando assim o tempo de lazer. As mulheres, recrutadas para a produção bélica durante o conflito, conquistaram definitivamente espaço no mercado de trabalho ao final da guerra e se acostumaram a ter a sua renda e a dupla jornada, em casa e no local de seu emprego. O dinheiro que ganhavam foi considerado por muitas delas como um ganho extra, algo que não era necessário para pagar contas essenciais, e foi aplicado para fazer turismo com a família. Mas, sustenta Smith, não foi apenas isto que estimulou o turismo em países desenvolvidos. A aposentadoria mais cedo, às vezes até aos 55 anos, a maior longevidade humana e o acúmulo da pensão com resgate de investimentos privados impulsionou um grupo de pessoas de terceira idade para fazer turismo em vários lugares do mundo. Da década de 1980 até os dias de hoje, o número de pessoas viajando só cresceu. O turismo cresceu também entre pessoas de países menos desenvolvidos que, ao acelerar seu desenvolvimento, passaram eles mesmos a visitar lugares no mundo todo (Graburn, 2009).

Graburn (2009) enfatiza que o fenômeno do turismo é complexo e as pesquisas na área precisam ser sofisticadas para acompanhar tal profundidade. É preciso ir além da análise básica que enxergava apenas dois atores envolvidos no

turismo – hóspedes (turistas) e anfitriões – para perceber uma rede de atores de dimensão global que influencia na indústria do turismo. O encontro promovido pelo turismo "raramente é apenas entre dois lados" (Graburn, 2009:19). Há forças e interesses externos aos turistas e às populações que os recebem, tornando o cenário muito complexo e de difícil análise. Da mesma forma que os efeitos podem ser negativos, a pressão de fatores externos que se articulam – como interesses de governos, companhias aérea e agências de turismo – podem provocar a integração de um grupo social ou trazer retorno financeiro.

O fator de desenvolvimento econômico para pessoas e lugares que recebem seus visitantes é geralmente muito importante. Turistas viajam e muitos deles compram muito e vivem temporariamente num estilo de consumo acima de seu padrão social, que Graburn (1989) chama de não ordinário, ou seja, de maneira diferente de sua realidade cotidiana. Isso faz com que fortunas sejam levadas para determinados lugares ou países. Há países, inclusive, que vivem quase exclusivamente do turismo. Os governos de várias nações reconhecem isso e, por este motivo, têm um ministério que traça planos nacionais para incentivar o turismo e trazer seus benefícios. O ganho econômico é visto por Smith (1989) como o maior estímulo para o turismo, aquilo que verdadeiramente move o negócio e que tem potencial para mudar a vida de pessoas, permitindo que elas possam ter acesso a alimentos, remédios e itens de primeira necessidade. Isso ocorre muito em áreas rurais, geralmente carentes e subdesenvolvidas. O dinheiro chega até essas pessoas através da compra de serviços, artesanato e mesmo doações que são feitas na hora. Para alguns, pode parecer pouco, mas para pessoas que vivem com menos de um salário mínimo por mês, isso é significativo, especialmente porque o dinheiro deixado pelo turista circula na economia local e traz, desse modo, benesses para todos.

Contudo, o turismo não é somente benesses. Pelo contrário, se medidas de correção não forem aplicadas pelas autoridades locais, o turismo e os turistas podem trazer muitos prejuízos e problemas (Smith, 1989:9). Efeitos que são considerados como negativos existem e podem desestruturar toda uma cultura local. Esses efeitos, na antropologia, ficaram conhecidos como "impactos" sociais que são causados pelo turismo numa determinada comunidade (Graburn, 2009:18). O exemplo claro trazido por Smith é o do garoto de rua que em um dia pedindo esmolas aos turistas ganha mais do que o salário do pai em um mês de trabalho.

Prostituição, infantil e adulta, é outro exemplo: turistas vão para lugares mais pobres e distantes e encontram mais facilidade do que em seu país para fazer sexo pago, o que pode construir ao longo do tempo uma rede de prostituição de mulheres que, por causa de sua pobreza e pelo dinheiro em moeda estrangeira, vendem seu corpo. Uso mais frequente e até indiscriminado de drogas e álcool também estão na lista dos fatores negativos, assim como práticas de nudismo que ofendem a cultura local e que jamais seriam toleradas no país do turista.

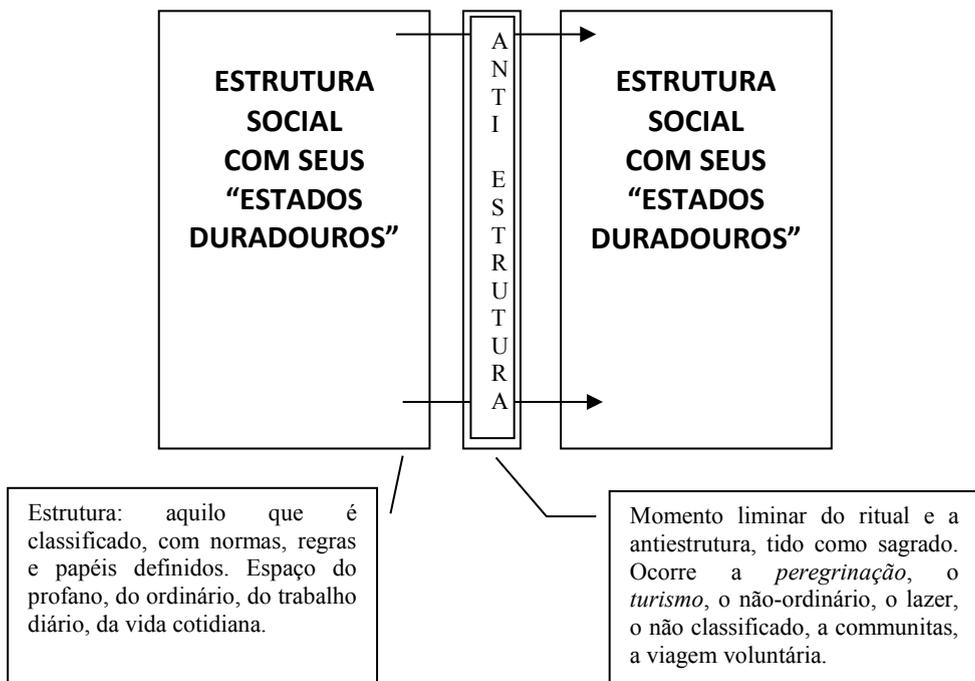
Outro caso problemático se refere ao turismo étnico. Certos rituais de determinadas culturas tribais são sagrados e, portanto, não podem ser presenciados por estrangeiros. Com a chegada de turistas, eventualmente essa regra é quebrada e o que era sagrado pode ser profanado, causando grandes problemas para a estrutura cultural de determinada tribo.

Existem estratégias para melhorar essas situações, como a exibição de vídeos educativos aos turistas explicando a cultura do lugar e buscando melhorar o comportamento do visitante. Os aspectos negativos não são apenas esses. Smith (1989) alerta que o turismo pode ser sazonal e muito sensível aos fatores externos incontroláveis. Variações bruscas de câmbio, epidemias, guerras e situação política conflituosa de determinado país afastam imediatamente o turista de um destino. Os turistas, dentro da classificação tipo ideal que definimos anteriormente, não estão dispostos a arriscar a própria vida. Se algo lhes parece ruim ou pode ficar ruim, eles simplesmente cancelam a viagem e mudam de destino. O prejuízo fica, naturalmente, para quem depende e vive do turismo que, com sua vida estruturada a partir do dinheiro trazido de fora, fica sem renda, sem emprego e sem ter o que fazer diante desta situação.

Um conceito alternativo de turismo, de Nelson Graburn, tem sua inspiração nos estudos sobre religião, especialmente os rituais e a interpretação das peregrinações feitas na teoria de Turner. Vimos, no capítulo 2, que Turner estava interessado em compreender o dinamismo de movimentação de atores na estrutura e a mudança que ocorre nos atores e na própria cultura a partir dos rituais que, para o autor, são transformadores. Vimos também que durante um ritual há uma transição social em que se está sem classificação e desestruturado, o que

chamamos de antiestrutura. Quando encaixamos peregrinações religiosas no modelo proposto por Turner, percebemos que as peregrinações são antiestrutura, manifestando inúmeras de suas características, como a *communitas*.

O conceito do turismo de Graburn (1989) usa o referencial de peregrinação, buscando as semelhanças entre peregrino e turista para construir sua explicação. Peregrinos e turistas se deslocam no espaço em busca de algo, o peregrino está em busca de conexão com o sagrado e vai homenagear um ponto específico – o santuário –, o turista vai homenagear inúmeros lugares que foram eleitos como “sagrados” para uma cultura. Este é o ponto de conexão: a estrutura e seus estados duradouros de Turner estão, para Graburn (1989), na ordem do profano. Graburn cita a noção Durkheimiana de sagrado e profano. O ritual e a antiestrutura, naturalmente, são sagrados, enquanto as duas estruturas são profanas. Vejamos o esquema:



Graburn utiliza a teoria de Turner e o estudo sobre os rituais para dar suporte ao seu conceito de turismo. Para Graburn (1989), turismo, assim como a peregrinação na visão de Turner, está fora da estrutura e, portanto, na antiestrutura. Isso significa que, na esfera secular, o turismo é uma forma de sagrado da mesma forma que uma peregrinação o é na esfera religiosa. Como pertencente à condição de sagrado e à antiestrutura, o turismo se contrapõe a ao que é profano e estruturado numa relação dialética e interdependente. Estrutura e antiestrutura se opõem, mas estão necessariamente em relação direta e se moldam entre si, gerando o processo de passagem de um ao outro que tem marcos ritualizados na vida social de uma cultura. Assim, turismo pode ser definido como da ordem do não ordinário, em contraposição a situação ordinária estruturada. Por isso, Graburn define turismo como um “não trabalho”, algo que foge do cotidiano ordinário e que pode ser até o piquenique no parque. Enxergar a estrutura ordinária é ver a vida diária do trabalho, das atividades na escola e da casa, enquanto enxergar o não ordinário é ver a vida durante as férias, longe de casa e da rotina por um curto período de tempo. O turismo é, então, o momento sagrado; um marco em nossa vida que rompe com o estado estruturado e nos permite viver na antiestrutura sem regras e normas rígidas por um tempo, para depois retornarmos, modificados, à estrutura e iniciarmos um novo ciclo. É por essa razão, diz Graburn, que as pessoas juntam boas somas de dinheiro para viajar para outros lugares e viver despreocupadamente dos problemas diários. Quem nunca fez uma viagem e se esqueceu das obrigações financeiras do cotidiano? Quem numa viagem nunca gastou seu dinheiro com roupas, vinhos, perfumes, eletrônicos e restaurantes sem nem se preocupar com a fatura do cartão de crédito no mês seguinte? Essa é a sensação boa que é proporcionada pelo turismo, quando as pessoas vivem por um curto momento na antiestrutura e estão livres para o lazer despreocupado e para as novidades que o não rotineiro traz. Para Graburn a vida é feita de uma sucessão de eventos que tiram o sujeito de um estado estruturado e fazem a passagem para outro estado estruturado. A viagem de turismo é um desses eventos, um verdadeiro ritual sagrado em contraposição à vida ordinária profana. É por isso que é tão marcante e nunca esquecemos. Como diz Graburn (1989:25), as pessoas correlacionam suas viagens ao calendário e sempre dizem mais ou menos assim: “Ah, isso foi naquele ano que a gente foi para os Estados Unidos!”. As viagens de férias são inesquecíveis por representarem simbolicamente uma renovação para depois voltar

ao cotidiano. Fala-se muito em um “descanso para a mente”, “se desconectar do mundo”, “se afastar dos problemas”, “sair do ar”, “acumular novas experiências”, “ganhar bagagem cultural”, “viver um momento zen”, coisas semelhantes encontradas no discurso dos peregrinos durante as peregrinações.

Contudo, como também foi observado no capítulo anterior, em Van Gennep e Turner, a fase da margem e da antiestrutura são cercadas de insegurança, risco e incerteza, pois o não classificado e aquilo sem norma clara de comportamento bem conhecida é perigoso. O turismo é cercado disso tudo: Graburn nos alerta para os sentimentos que as pessoas relatam de tensão, angústia e empolgação antes e durante uma viagem. Há pessoas que até passam mal um dia antes da viagem e choram no momento da partida. Da mesma forma que os neófitos carregam símbolos de morte durante o rito de passagem, as pessoas têm pensamentos recorrentes de morte antes de viajar, imaginando queda de avião, acidentes de ônibus e carro (Graburn, 1989:27). Não é incomum a contratação de seguros que cobrem despesas médicas e eventual morte. Incertezas, angústias e emoções proporcionadas por toda essa passagem que é a antiestrutura. Em contrapartida, ao voltar para casa e para a vida estruturada são e salvo, não é raro uma sensação de alívio e o pensamento de que “deu tudo certo”, “chegamos bem” ou “fizemos boa viagem, graças à Deus”. Isso é exatamente o fim da antiestrutura e o retorno à vida estruturada cotidiana.

Resumindo, foram apresentadas duas formas de pensar o fenômeno do turismo. A primeira com a equação “turismo = tempo de lazer + ‘renda discricionária’ + sanções positivas locais” e a segunda ao relacionar o turismo com a teoria de Van Gennep e Turner, especialmente as formulações deste último sobre peregrinações como um momento de antiestrutura sagrada e em oposição ao ordinário-profano estruturado. Vimos também que o turismo é um fenômeno de importância global que movimenta hoje enormes somas de dinheiro (Graburn, 2009). Devido à sua importância e extensão, a complexidade do turismo é grande e envolve muito mais atores do que os tradicionais turistas e anfitriões, podendo trazer mudanças profundas a uma cultura e sociedade (Graburn, 2009).

3.2 - A agência de turismo

O Caminho das Missões e a Agenda Publicidade alugam e dividem o espaço em que ambas as agências funcionam. Atualmente elas ocupam o térreo de uma construção de dois andares. É uma área muito boa e bem dividida. Ao todo são três salas, um banheiro e uma copa. Quem deseja ir ao Caminho ou a Agenda Publicidade entra pela porta principal e logo se depara com duas opções: imediatamente à direita desta entrada principal há uma segunda porta que dá acesso a sala do Caminho das Missões. Mas, se desejar ir para a agência de publicidade é só seguir reto por um corredor que o levará diretamente à sala de criação e escritório da Agenda. A terceira sala, que faz parte de ambas as empresas, mas claramente é usada principalmente pelo Caminho para a realização do ritual místico, é interna e se chega até lá tanto pela área do Caminho quanto da Agenda. É só seguir por um corredor que ao final tem um banheiro e à direita é a sala do ritual místico. As separações das empresas existem e são respeitadas pelas pessoas que procuram uma ou outra agência. Romaldo tem sua mesa e uma secretária fixa na sala do Caminho, enquanto Claudio trabalha com outra funcionária na sala da Agenda. Na prática, para os sócios do Caminho e seus funcionários, todo o andar do térreo é compartilhado e é fácil ver qualquer um deles circulando nas três salas.

O espaço da Agenda Publicidade é o que se espera de uma pequena agência de propaganda: duas mesas de escritório, vários equipamentos de informática e um sofá. A sala do Caminho é mais bem dividida e decorada, pois agrega várias funções. Da perspectiva de quem está na porta olhando para dentro da sala, ao fundo há duas mesas de escritório que juntas formam um L, onde trabalham Romaldo e sua secretária. Na parede à esquerda da porta e também na parede oposta a uma grande janela estão os produtos que são vendidos aos peregrinos. É uma pequena loja que o Caminho tem como renda complementar, onde são vendidos casacos, camisas e tops com a marca do Caminho, toalha de peregrinação, capa de chuva, arte missioneira, cruz missioneira, ímã de geladeira das missões, chapéu de peregrino do Caminho das Missões, entre outros produtos de interesse dos caminhantes. As roupas ficam penduradas, enquanto os outros produtos estão expostos em um “balcão” de vidro formado por várias prateleiras. Embaixo da janela havia um sofá onde os peregrinos largavam as mochilas. Hoje há um grande baú acolchoado onde três ou quatro pessoas podem sentar-se. É

importante ficar registrado que o ambiente tem ótima circulação. A arrumação é simples, mas ao mesmo tempo, bonita e prática, deixando as pessoas à vontade. É uma mistura de escritório, sala de estar e uma lojinha, tudo junto. O Caminho das Missões inclui ainda a sala do ritual místico.

Se algo fica claro para quem vivencia o cotidiano do Caminho é que realmente aquela empresa é uma agência de turismo. Uma agência de turismo que vende uma peregrinação como principal produto, mas também trilhas ecológicas, pacotes para Gramado e Canela, Salto Yucumã, visitas a São Miguel e serviços de guia de turismo. Já foi mencionado, mas é preciso reforçar mais uma vez, que Romaldo e Claudio estão hoje à frente do Caminho das Missões, enquanto Marta participa sem frequentar a sede todos os dias e Gládis está praticamente afastada por morar em outra cidade. As decisões diárias são tomadas entre os dois e somente os assuntos mais importantes e delicados são discutidos entre os quatro em reuniões especiais. Foi esse o caso quando, no início do ano de 2010, todos eles discutiram na sede se a expansão do Caminho para Argentina e Paraguai seria feita no ano de 2010 ou se iriam adiar o plano. Em comum acordo, decidiram esperar um pouco mais até a parte brasileira do Caminho se solidificar. Contudo, decisões menores, Romaldo e Claudio tomam sozinhos.

Ocorre que duas coisas distintas acontecem. Primeiro, os dois dividem o trabalho do Caminho e um não interfere no que o outro faz, ou seja, Claudio cuida do que é relativo ao site e divulgação do Caminho e Romaldo trabalha na administração, o que inclui as finanças – negociação e recebimento de pagamentos dos peregrinos, pagamentos de prestadores de serviço, pagamento de contas e contato com prefeituras, entre outros. Segundo, eles têm personalidades diferentes. Claudio é uma pessoa um pouco reservada, delicada e com suas próprias ideias. Ele é incapaz de ser indelicado com alguém e ao falar escolhe as palavras. Romaldo, por outro lado, tem personalidade forte e exerce liderança. Se precisar dizer algo desagradável ele o fará sem constrangimentos. A personalidade de cada um fica clara durante as caminhadas. Claudio procura ser um guia que não interfere no grupo e age como um observador atento durante todo o tempo, enquanto Romaldo toma conta do grupo envolvendo todos os participantes e dando o ritmo que bem deseja à caminhada. Não há crítica nestas observações. São apenas duas maneiras de conduzir a peregrinação.

Claudio, por exemplo, coloca para a discussão e debate o horário de acordar, tomar café da manhã e sair para caminhar no dia seguinte. Numa situação como esta cada um fala o que quer e as diferenças começam a aparecer. Certa vez, exatamente por causa disso, tivemos uma conversa em São Luiz Gonzaga enquanto jantávamos uma pizza. Era um grupo muito heterogêneo e vários problemas e divergências começaram a surgir. Claudio deu essa abertura de decisão aos peregrinos e eu dei a minha opinião e disse que preferia acordar mais tarde. Creio que ele achou que eu, como ele, tomaria uma posição de neutralidade devido à minha condição de pesquisador que havia sido exposta ao grupo logo no primeiro encontro, lá em São Borja. Como não agi assim, tivemos uma conversa e expliquei a ele que o antropólogo faz parte do evento que estuda e não havia problema algum em dar minha opinião sobre o horário de acordar e sair para caminhar. Claudio pareceu compreender minhas posições e as respeitou, mas os problemas no grupo só aumentaram. Por um acaso, neste mesmo grupo, foi Romaldo quem conduziu de São Borja até São Nicolau. Eles normalmente têm esse combinado, pois, como ocorre uma caminhada por mês, cada um acompanha os peregrinos em um trecho, evitando o desgaste físico e a ausência por duas semanas seguidas da sede do Caminho. Romaldo simplesmente reúne o grupo e diz: “Gente, amanhã a gente acorda às seis, toma café às sete e sai às sete e meia”. É assim, sem debate e sem polêmicas, exercendo a liderança que tem o guia ou amigo peregrino.

O Caminho é comandado por duas pessoas com divisões claras de funções e uma delas, Romaldo, é uma liderança e busca tornar suas ideias realidade. Ele mesmo já disse isso quando questionado sobre qual era sua principal contribuição para a formação do Caminho: “uma é essa iniciativa que, acho que tem muito comigo, de partir, de fazer, de... De tomar a frente, né. Que foi isso (inaudível) que, foi esse pontapé que meio se deu mais por minha parte no início, ‘Vamos sentar e, vamos sentar lá com a Gladis e a outra sócia dela e vamos fazer esse roteiro’. Daí o pessoal vai junto, entende?”. Por ter essa característica de ser líder, ser formado em contabilidade e administrar toda a parte financeira do Caminho, Romaldo tem grande influência nos rumos que toma a peregrinação. E o Caminho das Missões para ele é uma empresa de turismo e, por isso, é gerenciado como tal, com intenção de dar lucro, oferecer um serviço de turismo aos seus clientes, tratar com o morador local profissionalmente e fazer exigências também profissionais, construir parcerias com hotéis da região, montar pacotes para levar os peregrinos para outros

destinos antes ou após a caminhada e ter agências que vendam o Caminho em outros estados do Brasil. A lógica que move a administração do Caminho é de gestão empresarial no ramo do turismo e os problemas brotam exatamente quando isso é associado ao discurso e construção da peregrinação religiosa. Esta é a chave para entendermos os pontos que serão vistos com mais profundidade.

3.3 - O Funcionamento da agência Caminho das Missões

As conexões entre turismo e peregrinação são claras e é difícil não enxergar que ambas as atividades compartilham inúmeras semelhanças, tornando as fronteiras difíceis de delinear (Graburn, 2009). A peregrinação nos dias de hoje dificilmente se realiza se os fatores da equação do turismo não estiverem disponíveis ao peregrino. Sem tempo de lazer, renda extra e aprovação social, provavelmente muitos peregrinos desistiriam de sua jornada, o que não significa que todos recuariam no seu propósito, visto que alguns, por razões religiosas, enfrentam o que for preciso. Inclusive, os peregrinos com quem caminhei, que fizeram Santiago de Compostela, têm a ideia de que uma peregrinação tem que ser barata para que a pessoa possa fazer com o mínimo de dinheiro. Ouvi muitos elogios de pessoas que fizeram Santiago e disseram que pagaram pouco pela viagem. Sempre há quem elogie uma parada que cobra pouco e oferece boas refeições, ressaltando que as pessoas fazem não por razões financeiras, mas porque querem doar. Entretanto, por mais que exista um discurso de peregrinação que defenda preços baixos e pregue o dar de si ao outro, não podemos esquecer que as peregrinações e os peregrinos estão inseridos numa ordem secular e capitalista. Então, mesmo que se queira defender certas coisas, o peregrino tem sua casa, sua família, seu emprego e não pode sair para caminhar na hora que lhe dá vontade. Muitos, por exemplo, aproveitam as férias ou um feriado prolongado para fazer um caminho. O que é isto se não o tempo de lazer da equação do turismo? Peregrinos homens relatam que tiveram que convencer suas mulheres para que elas os deixassem ir caminhar sozinhos. Isso, o que é se não a aprovação social da equação do turismo? A renda extra precisa existir, pois poucos deixariam de dar o essencial para sua família para poder caminhar. Percebemos assim que não é só turismo que tem a ver com peregrinação. Peregrinação também tem muito a ver com turismo. No Caminho das Missões essas conexões entre as duas atividades estão o tempo

todo sendo problematizadas. Sob o comando de Romaldo, reforço mais uma vez, a forma de administrar é a de uma empresa de turismo que oferece um serviço aos seus clientes. Isso causa certas dificuldades quando o produto em questão é a peregrinação. Vejamos isso em dois dos pontos que foram observados durante a semana que antecedeu a caminhada de carnaval: o funcionamento cotidiano da agência e a relação com os peregrinos.

O Caminho das Missões abre para atendimento ao público de segunda à sexta, às 9 horas da manhã. Aos sábados, funciona quando tem saída de peregrinação ou trilha ecológica. Romaldo sempre é o primeiro a chegar e está lá antes das nove, muito provavelmente bem antes desse horário. Ele é uma pessoa trabalhadora e, como proprietário, não tem dia útil, final de semana ou feriado. Se tiver que trabalhar no sábado ou domingo, ele estará lá para abrir e será o último a sair e fechar a porta. Em casa, não dorme muito tarde e acorda cedo. Pouco antes das 7 horas está de pé, toma um café com leite rápido e sai para o Caminho. Às vezes, quando não tem nada à mão, toma café na padaria antes do trabalho. A semana que antecede a caminhada é a mais agitada de todas e requer a presença constante de Romaldo, pois é ele quem toca o negócio Caminho das Missões. Toda a parte organizacional depende dele e, durante o trabalho de campo que foi feito, pareceu que apenas Romaldo conhece e domina aquilo que faz, ou seja, sem ele os outros teriam que aprender rapidamente sobre a gerência que Romaldo implantou.

Claudio, durante a semana de antecedeu a caminhada de carnaval 2010, em nenhum momento interferiu ou manifestou interesse pelo o que o sócio estava fazendo. A única coisa que fizeram foi conversar sobre e-mails que iriam mandar para os peregrinos inscritos e para os peregrinos no banco de dados, pois quem faz a arte final das mensagens é Claudio. Por isso, afirmei que eles dividem tarefas e não interferem no trabalho um do outro. Romaldo, como já sabemos, tem perfil de líder e toma a frente para realizar as coisas. E tudo o que faz é pensando vender a peregrinação como um produto.

Existe uma lista de coisas a fazer antes da caminhada que Romaldo segue item por item e vai marcando cada tarefa realizada. Pedi uma cópia da listagem e ele me cedeu. A seguir, há reprodução da mesma.²⁷

²⁷ Os itens com um X são marcação minha.

“Preparação Caminhadas

(X) Passar lista Unimed XXXX@unimedmissões.com.br. XXXX@unimedmissoes.com.br F: XXXX-0500. 3 dias antes do início da caminhada.

(X) Passar lista de peregrinos e roteiro dia a dia conforme trajeto para Brigada Militar- 01 semana de antecedência XXXX@brigadamilitar.rs.gov.br; ou XXXX@brigadamilitar.rs.gov.br São Borja XXXX@brigadamilitar.rs.gov.br

() Passar lista van, p/ São Nico. E São Miguel. Nome completo e RG org. emissor.

(X) Contratar city Tour em São Borja (grupo)

() Lista de medicamentos é conferida com o amigo peregrino: Protetor Solar, repelente, 02 ataduras, gase, algodão e autorização da UNIMED

() Limpeza banheiro, papel higiênico.

() Depósito para prestadores de serviço, (2 dias antes do grupo chegar no local)

() Valores que amigo peregrino precisa levar para acertar diretamente onde não é depósito.

() Preparação sala: cajados c/ courinhos, cruz, (amuleto), bilhetes c/ nomes do peregrino, som CD da preparação, almofadas, canetas, erva, álcool, fósforo, velas acesas, incenso.

() Avisar prestadores de serviços 5 dias antes que vai ter caminhada e nº aproximado.

(X) Passar lista p/ prestadores de serviço com número de M e H e se for vegetariano. 2 dias antes da caminhada

() Passar nome livro peregrinos com número e trecho que está fazendo se for grupo, individual ou Bike.

() Conferir que falta acertar com os peregrinos, dia anterior a caminhada.

(X) Avisar as secretarias de turismo dos municípios por onde passa caminho.

() Avisar, contratar guias e condutor com antecedência.

(X) Ver observações na ficha (vegetariano, usa medicamento, fraturas, fobias, tipo sangue, fone cel. e outros). Passar para amigo peregrino.

() Amigo levar lista do que pagar (valores, pegar NF, etc)

() Amigo Peregrino levar fotos dos prestadores, e selos para locais onde está faltando

() Credencial do peregrino com plástico

- () Água, café, chimarrão, para quando grupo começa e termina caminhada
- () Acrescentar na credencial peregrino, fone do condutor e SAMU 192
- () Celular, carregador e crédito no celular para o condutor levar.
- () Avisar igreja dia anterior a chegada, autorização p/ tocar sino e avisar guarda
- () Reservar local de almoço para grupo na chegada.
- () Informações técnica.
- () Espera telefônica . *21* n do fone# para sair #21#
- () Lista e-mail e fone/ endereço, data de nascimento para os peregrinos. (na entrega certificados)
- () Roteiro passo a passo do caminho para grupos e individual e Guia informativo.
- () Conferir se precisa levar selos p/ prestadores de serviços e locais de visitação
- (X) Passar Day By Day para peregrinos.”

A lista acima é grande e foi reproduzida integralmente porque Romaldo fez questão de comentar cada item e explicar o que era necessário fazer. Era segunda-feira pela manhã e a semana que precede a caminhada estava apenas começando, mas ele já queria ir adiantando a realização do maior número de itens possíveis. De frente para o computador, pediu para que eu pegasse uma cadeira e sentasse ao seu lado para ir acompanhando o trabalho dele e da secretária do Caminho. Assim o fiz e o que percebi, ao ler a listagem de coisas a fazer e vê-los trabalhar, foi que eles tratavam aquela caminhada como um pacote vendido a um grupo de pessoas com um determinado conjunto de serviços incluídos. Havia a preocupação típica de uma empresa de turismo em fazer com que tudo desse certo e saísse como foi prometido na hora da venda. É semelhante ao que Smith (1989) diz quando afirma em sua tipologia que turistas de elite são turistas porque procuram a mediação de uma agência, enquanto os exploradores vão por conta própria e não pagam para alguém conduzir sua experiência e seu olhar.

O Caminho das Missões propõe essa mediação o tempo inteiro e podemos perceber isso na forma de trabalhar, de lidar com o morador local e conduzir a caminhada. Eles pensam em tudo, planejam cada detalhe e, às vezes, coordenam a caminhada via celular para que nada saia errado. Quando há um grupo menor ou caminhantes sem guia nas estradas, a preocupação é de tal ordem que eles ligam para o morador local para saber se os peregrinos chegaram bem. Em uma

caminhada, eu e o peregrino Osvaldo tivemos uma forte intoxicação alimentar em Garruchos. Osvaldo sentiu-se mal, mas eu tive febre, diarreia e vomitei a noite inteira. No dia seguinte, Claudio, guia daquela caminhada, providenciou um carro da prefeitura de Garruchos que nos levou direto para Santo Ângelo, onde Romaldo nos aguardava, conduzindo-nos imediatamente à clínica da Unimed Missões local. Chegando lá, apresentou uma listagem dos peregrinos e fomos atendidos gratuitamente por um médico. Liberados, fomos descansar no hotel conveniado. O peregrino que caminha nas missões não é só um peregrino; ele é também um cliente da agência de turismo Caminho das Missões.

Outras peregrinações também oferecem assistência médica e procuram se cercar de cuidados que são tipicamente associados a um serviço de turismo. Já vimos que não podemos manter dicotomias rígidas para pensar a peregrinação e o turismo, pois as duas atividades compartilham coisas demais, seja na motivação trazida por Turner (1978), Eade e Sallnow (1991) e Graburn (1989), seja pela equação de Smith (1989). Então, não é apenas o Caminho das Missões que apresenta preocupações com a saúde, bem estar e segurança do peregrino. Mas, o fato de peregrinações tipicamente religiosas terem hoje uma estrutura que é compatível e geralmente associada ao que se propõe no ramo do turismo não as transforma em nada parecido ao que se faz no Caminho das Missões, pois não há responsabilidade sobre cada pessoa participante. Quando acompanhei um grupo de brasileiros que se formou durante a peregrinação em Santiago de Compostela, houve um caso curioso: no dia da chegada uma senhora passou mal e duas moças do nosso grupo deram assistência a ela, levando-a para um hospital local. O próprio grupo cuidou desta senhora, pois não havia ninguém de qualquer organização para cuidar dela. No Caminho das Missões isso não ocorreria, porque os peregrinos poderiam argumentar que é de responsabilidade da agência resolver estes casos, pois eles compraram um pacote. Na verdade, pela própria percepção de Romaldo e Claudio, a responsabilidade é mesmo da agência – o que ficou claro na situação de intoxicação alimentar.

No Caminho das Missões, o turismo é praticado de forma que o turista não seja mais um número na contabilidade. Os próprios donos do negócio são as pessoas que caminham como guia nas peregrinações. A figura do amigo peregrino, que é um peregrino experiente e de confiança da agência, é utilizada, mas quem mais caminha é Romaldo ou Claudio. Os dois se responsabilizam por mediar as

relações com os peregrinos, cuidar para que imprevistos não aconteçam e para que nada atrapalhe a imagem que constroem junto aos caminhantes ou clientes. A lista de coisas a fazer comprova o cuidado que tem a agência e a ênfase no turismo.

Vejamos os pontos da lista assinalados propositalmente. Primeiro, a listagem de peregrinos para ser enviada à seguradora de saúde e à brigada militar, ficando claro, a partir do próprio imprevisto que ocorreu comigo e com o outro peregrino, que o Caminho zela pela saúde do caminhante e também deixa a brigada militar alerta da passagem da peregrinação. Outro ponto interessante é o de avisar as secretarias de turismo de cada município. Isto mostra a relação do Caminho com as autoridades locais e esta conexão política que pode ser utilizada em caso de emergência, como ocorreu quando a prefeitura de Garruchos nos disponibilizou um carro oficial.

O item que recomenda olhar as observações especiais na ficha de cadastro do peregrino também revela a relação do Caminho baseada no turismo. Na caminhada de carnaval 2010 havia uma peregrina que era vegetariana e Romaldo providenciou os ajustes com os moradores locais na alimentação para que ela pudesse pernoitar e sempre ter algo alternativo à refeição com carne. Mas, o caráter turístico da agência fica mesmo explícito nos dois últimos pontos marcados: “Contratar city tour em São Borja” e “Passar Day By Day para peregrinos”. Como uma peregrinação vai oferecer um *city tour*? Como pode uma peregrinação começar com um tour turístico? Para uma agência de turismo, propor uma visita dessas faz sentido e é normal. Por isso, os peregrinos acordam e tomam café da manhã no hotel local, seguindo para a van que os leva ao museu Getúlio Vargas, à Casa de Jango, ao Rio Uruguai, ao museu dos Anhanguera, ao cemitério onde estão enterrados Getúlio Vargas, João Goulart (Jango) e Leonel Brizola, três expoentes da política brasileira, ao museu missioneiro e, por fim, à praça principal. Tudo feito ao modelo do turismo, quase um *sightseeing*. Em entrevista, Romaldo contou como foi que escolheram os pontos visitados:

Isso é quando nós estávamos fazendo, determinando o roteiro e em São Borja os atrativos os quais seriam visitados, nós primeiro visitamos todos que São Borja nos coloca no seu material de divulgação lá, o que acha que é importante. Depois de fazer tudo isso nós selecionamos atrativos que têm uma relação com a história de São Borja, no caso, a história dos presidentes, tem dois presidentes lá. Então, por isso entrou a visita às duas casas Museu

do Getúlio e do Jango, conseqüentemente, tu tens a visita ao cemitério, porque está relacionado à história deles. Porque o cemitério tem mais uma visita em função dos presidentes. Tem aquela alameda dos presidentes, posteriormente entra aí o próprio Brizola que é casado com um parente lá do Jango, enfim. E aí depois nós entramos para os atrativos que tem uma relação com a história das Missões e foi melhorado em função disso, o próprio museu lá que reconta a história do santuário missioneiro e São Borja, por ser fronteiro então, entra também essa questão da fronteira, da defesa da fronteira e aí tu tens a visita ao cais do porto, que é divisa com o rio Uruguai em si. E como nós vamos passar durante o roteiro praticamente seis dias sem a visita a remanescentes históricos das Missões, nós demos ênfase também na história da formação da cultura gaúcha, que são esses elementos que estão no museu e que contam um pouco dessa formação étnica da cultura gaúcha, que são ferramentas ou são elementos que recontam isso através do museu dos Anhangueras, por isso foram selecionados também esses atrativos e passam a ser os principais atrativos lá de São Borja visitados. Essa é a forma de expor.

É interessante perceber como o roteiro de visitação em São Borja foi construído. Eles simplesmente recorreram ao material da própria secretaria de turismo e partiram dessas informações para montar o que iriam apresentar aos peregrinos. História política do Brasil com forte referência ao Estado do Rio Grande do Sul e à cultura gaúcha.

Os caminhantes ficam realmente empolgados e adoram a parte turística da peregrinação. Isso ficou totalmente claro na caminhada especial da Semana Farrroupilha, quando todo o Rio Grande do Sul comemora a data e os CTGs estão em plena atividade, com a identidade gaúcha sendo ressaltada de todas as formas, seja na vestimenta, na comida típica, nas danças, nas declamações ou na música. Todos os dias, após a caminhada, tínhamos atividade em um CTG ou algo para fazer relacionado ao estado. Foi tanto sucesso que teve peregrino se vestindo de gaúcho, pilchado. Em São Miguel, fomos ao CTG assistir a dança típica entre meninos e meninas de doze e treze anos vestidos de gaúchos. Ao final, as meninas tiraram os peregrinos e os meninos tiraram as peregrinas para dançar e ensinar. As pessoas adoraram e Geraldo, que não gostava dos dias em que se caminha pouco porque “É desfile!”, saiu comentando comigo que “Aqui tem esse diferencial que é o lado cultural, já nos outros caminhos não têm”. Geraldo e a esposa Cida já fizeram muitos caminhos dentro e fora do Brasil. Eles têm experiência de

caminhos para dizer isso. Em São Luiz Gonzaga, o vice-prefeito tocou harpa cantando música gaúcha para o grupo e foi aplaudido de pé.

O *city tour* ou qualquer atividade turística é realizado em todas as cidades onde existe o que fazer, como São Luiz Gonzaga e São Miguel. Também está sendo elaborado um roteiro para levar os peregrinos antes ou após a caminhada para conhecer Porto Alegre, Gramado e Canela. Um roteiro para Salto Yucumã foi elaborado na semana antes do carnaval. O procedimento de trabalho é sempre o mesmo: Romaldo olha o que há para ser feito, organiza as visitas e testa para ver se funciona no tempo planejado. Em Gramado, sua ideia era levar o peregrino lá por apenas um dia para passear e voltar, nem mesmo o pernoite seria feito. Perguntei a ele se isso não seria uma visita rápida demais. Romaldo disse que não e que era preciso entender o que as pessoas queriam, que era gastar pouco e ver o lugar. Falou ainda que muitos executivos que chegam a trabalho em Porto Alegre pegam uma excursão de um dia para Gramado. Essa é a forma de pensar de Romaldo e como as coisas são conduzidas no Caminho.

O último ponto da lista de coisas a fazer em destaque é o “Passar Day By Day para peregrinos”. O Caminho se relaciona muito com os caminhantes por e-mail e internet através de sua página. Romaldo envia para todos os participantes da caminhada uma mensagem com o roteiro de cada dia. Vejamos alguns desses dias:

1º Dia: Às 7h45min, recepção do grupo em São Borja (hotel Almanara). City tour na manhã pelos principais atrativos turísticos de São Borja, onde recontam e mostram dois períodos da história: 1ª dos Sete Povos das Missões, fundada em 1682 e dos presidentes do Brasil: Getulio Vargas e João Goulart. Entrega da credencial de peregrino e do selo da visitação. Almoço com culinária Gaúcha e Argentina na Fazenda Preserva. Informações técnicas do roteiro, preparação mística com entrega do amuleto do caminho e cajado Guarani. Início da caminhada de 13 km até a comunidade de Passo da Barca, local do primeiro pernoite.

INCLUI NO DIA: Credencial, amuleto, cajado, preparação mística, city tour, almoço, jantar e pernoite.

2º Dia: Trecho de 20 km até chegar ao distrito de Sarandi, junto ao bolicho do casal Gelci e Adelfo Zilli. Tarde livre para organizar suas coisas, passeio opcional ao Rio Uruguai, descanso, convívio com a rotina interiorana e a comunidade local.

INCLUI NO DIA: Café da manhã; almoço, jantar e pernoite.

10º Dia: Trecho de 23 km. Saída cedo para chegar por volta de meio-dia em São Miguel das Missões. Almoço. A 1 km à frente fica a pousada. Estrutura com piscina, bistrô... . Fica a uma quadra do Sítio Arqueológico. Em torno de 16h 30min, visita guiada ao Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo - Patrimônio Mundial da Humanidade - ao Museu das Missões, maior acervo de arte sacra pública do Brasil, e ao artesanato Guarani dentro do Sítio Arqueológico. Ao entardecer, Espetáculo de Som e Luz no Sítio Arqueológico (duração: 48 min.).

INCLUI NO DIA: Café da manhã, almoço, ingressos para visitas, espetáculo Som e Luz e pernoite.

11º Dia: Trecho pela manhã com 17 km. No final desse trecho, visita a um dos locais de onde foram retiradas pedras para a construção dos antigos povoados; almoço e após 16h (verão), segue caminho com mais 15 km, chegando ao antigo casarão do Sr. João de Matos onde acontece uma noite com causos, histórias e declamações gauchescas, além do típico churrasco gaúcho.

INCLUI NO DIA: Café da manhã, almoço, jantar e pernoite.

Inegavelmente, o que é enviado ao peregrino é um roteiro de turismo, com toda a descrição do que será visto, o que vai acontecer, refeições inclusas, ingressos para o Som e Luz, contato com moradores, passeio opcional ao Rio Uruguai, declamações e churrasco gaúcho. Há alguns dias em que também são dadas informações sobre o que o local de pernoite oferece, como cama, roupa de cama e toalha. O peregrino recebe também uma lista de coisas para trazer no inverno, verão e meia estação. Todos os detalhes são esmiuçados e acompanhei Romaldo se esforçando para responder com rapidez e diariamente as dúvidas que surgem de cada caminhante.

Diante de tudo o que é feito, imagina-se que os peregrinos saibam perfeitamente que compraram um pacote de turismo para caminhar nas missões durante um certo número de dias. Como duvidar disso? Há um site oficial da agência, hotéis reservados, pernoites e refeições incluídas, ingressos, van, city tour, visita guiada em museus, guia nas reduções, orientação do que levar, preocupação com alimentação de pessoas vegetarianas ou com condições especiais, orientação

de como chegar, resposta para as suas dúvidas, enfim, tudo o que um serviço de turismo se esforça para oferecer. Mas, as coisas não ficam tão claras assim para ninguém. Nem para os peregrinos, nem para os fundadores do Caminho, nem para os moradores locais e nem para as prefeituras e secretarias de turismo. As dificuldades são muitas e surgem de todos esses atores, exatamente porque a agência os cerca de cuidados típicos de um serviço de turismo e ao mesmo tempo mobiliza o discurso da peregrinação.

Enquanto acompanhava a execução da lista de coisas a fazer e de diversas outras tarefas realizadas no cotidiano do Caminho, Romaldo insistiu em repetir algo para mim, que era aproximadamente o seguinte: “Você está vendo, Guilherme, tem uma empresa por trás disso. Isso o peregrino não enxerga, mas tem uma empresa por trás disso. Dá trabalho”. Por que ele disse isso? Procurei encontrar tal resposta ao solicitar a Romaldo que me concedesse uma segunda entrevista formal gravada. Ele aceitou, mas como a semana estava muito cheia de trabalho, pediu para que fizéssemos após o expediente em seu apartamento. Encontrei a resposta também na dificuldade de Romaldo, Claudio, Marta e Gládis de pensar o futuro do Caminho das Missões.

Porém, antes de tentar compreender a questão, é interessante fazer um relato de parte de um trabalho de campo realizado. Durante uma caminhada, Pedro, um peregrino que não fez Santiago, mas já percorreu todos os caminhos no Brasil, fazia críticas constantes ao Caminho das Missões para mim e Osvaldo, este último também um peregrino. Os pontos por ele levantados se referiam principalmente ao fato do Caminho não poder ser feito sozinho, ao preço que era cobrado e ao fato de não poder negociar valores de hospedagem e refeição diretamente com os moradores locais. Havia também uma insatisfação com a qualidade das instalações que estavam sendo oferecidas. Uma crítica exatamente ao projeto de turismo com todas as mediações incluídas no pacote que foi pago. Ele só falava em dinheiro e fazia comparações com outros caminhos no Brasil o tempo inteiro. Foi neste dia que ficou claro algo que já havia notado em outra ocasião. Há muitas críticas ao Caminho das Missões e há peregrinos descontentes em relação ao modelo que está em vigor. Impossível apresentar números, pois não há aqui uma pesquisa de opinião com os caminhantes feita com o rigor necessário para oferecer estatísticas capazes dar alguma contribuição no entendimento dessa insatisfação. Mas, o descontentamento de alguns existe, assim como também existe a aprovação de

outros, pessoas que não refletem a respeito e pessoas que não fazem o Caminho por causa disto. Depende da intenção com a qual a pessoa foi caminhar. Seja qual for a opinião do caminhante, quase sempre está relacionada à ação e às práticas de turismo da agência ao vender o que se considera uma peregrinação.

Romaldo conhece bem essas críticas e, por isso, falou que “existe uma empresa por trás disso”, tentando indicar que eles oferecem um serviço, trabalham muito para que a caminhada aconteça e, mesmo assim, recebem críticas de peregrinos que não dão à agência Caminho das Missões esse reconhecimento. Essas reclamações incomodam verdadeiramente Claudio, Romaldo e Marta. Ao conversar com eles, dá para perceber que eles têm sincera adoração pelo Caminho e fazem todo esse trabalho com imenso prazer, ficando aborrecidos com situações de críticas. Foi esse o caso na caminhada da Semana Farroupilha 2009 quando vários comentários negativos começaram a surgir sobre os locais de parada e a falta de infra-estrutura, principalmente relacionada às acomodações.

Caminhando certa vez sozinho com Claudio, ele olhou para mim e disse: “Guilherme, você acha que eu gosto de receber as pessoas assim?”. Fica claro que ele não gosta, mas a agência vende um pacote turístico nas missões e coloca os peregrinos e caminhantes²⁸ para dormir no chão de um galpão comunitário e na biblioteca de uma escola em Garruchos. Peregrino aceita o desconforto sem problemas, mas alguns reclamam do preço do pacote em relação à infra-estrutura oferecida. Caminhante, especialmente o inexperiente, muitas vezes não aceita e critica, chegando a dizer que se sentiu enganado. Nas palavras de um caminhante, “pensei que era uma coisa, cheguei aqui é outra”. Há ainda aqueles que já participaram de vários caminhos e não estão lá para reclamar disso, pois já sabiam que eram essas as condições que os aguardavam. Acham que faz parte da aventura e estão lá por motivações tão mais profundas que, dormir no chão, passar frio e ficar sem conforto é o que menos importa. Na verdade, muitos estão ali para isso também.

Seja qual for a reação do peregrino ou caminhante, a sensação de que alguma incompatibilidade está ocorrendo fica na cabeça de muitos deles. Percebe-se isso através de comentários depreciativos e reclamações pontuais. Aqui e ali surgem conversas nas estradas e peregrinos e caminhantes, de repente, incorporam

²⁸ Neste momento, não uso as palavras peregrino e caminhante como sinônimos, como é feito no Caminho.

o perfil de turista que Smith (1989) descreveu e resolvem falar mal de uma refeição, do banho, do quarto, da cama e do cheiro de fechado do ambiente. Afinal de contas, “estão pagando”. Eles podem agir assim porque se sentem turistas e o Caminho propõe isso. Podem também se sentir e agir como peregrinos porque o Caminho também propõe isso. Então, se comportam de acordo com o que acreditam e com o que os convém em determinada situação. Fazem as duas coisas e fica uma sensação estranha, que se manifesta, por exemplo, nessas reclamações.

Os fundadores do Caminho também sentem a tal dificuldade em compatibilizar o turismo que é vendido e cobrado e a peregrinação que é oferecida. Reagem às críticas, às vezes com o incômodo que Claudio demonstrou, às vezes propondo melhorias nas instalações, reforçando assim seu compromisso de oferecer um bom serviço, mas criando um problema com os moradores locais que também estão envolvidos com a mesma situação. Quando em nossa segunda entrevista, apresentei o problema de uma administração do Caminho centralizada e que não permite o peregrino fazer o trajeto sozinho, Romaldo ouviu e se defendeu:

Porque quando nós formatamos o Caminho, nós não tínhamos... pensamos ele já como um produto turístico desde a sua concepção. E como produto turístico você fazer com que os locais a serem visitados, muitos deles têm que ser marcados, porque senão o turista vai chegar lá enfim e vai se deparar, vai bater com a cara na porta, está fechado, museus, enfim e outros atrativos que tem ao longo do Caminho. (...) Como é que tu vais fazer um passeio de barco lá no rio Uruguai se não tem ninguém lá que é marcado que esteja esperando? Então, o formato que nós encontramos de fazer ele, esse Caminho é um formato diferenciado dos outros. Não que nós buscamos dos outros, nós buscamos o nosso formato e achamos que esse nosso formato é vendido como um produto turístico. E sempre nós deixamos claro isso. Há uma resistência de peregrinos em relação a isso.

Mencionei que já havia ouvido críticas ao Caminho e ele, novamente, defendeu:

Porque o peregrino, ele está habituado a fazer caminhos, principalmente, como referência Compostela, a referência dele é de fazer sozinho. Só que Compostela é milenar. A qualquer momento em qualquer lugar que chegar sempre vai ter gente lá e as pessoas vivem em função do Caminho. Aqui elas não vivem em função do Caminho. Talvez daqui a cem, duzentos, mil anos aconteça isso.

Nesse momento não tem como. Se nós tivéssemos liberado o Caminho como as pessoas pensam que deve ser, ele não existiria mais, porque nem a Prefeitura dá apoio a isso. Elas não enxergam isso de uma forma como um produto turístico.

Não resta dúvida que Romaldo conhece muito bem as reivindicações dos peregrinos. Romaldo e Claudio, ao menos no momento, lidam com dificuldade com a compatibilização de todo o discurso e práticas da peregrinação religiosa e do turismo. Curiosamente, os fundadores do Caminho agregaram com sucesso discursos e práticas de peregrinação e turismo na construção do Caminho das Missões. Uma década depois, certas dificuldades se apresentam como problemas complicados de contornar. Romaldo, em sua fala, defende o modelo do turismo e o contrapõe ao que querem os peregrinos no que chama de resistência, como se na sua perspectiva existisse uma oposição entre peregrinação e turismo. Como argumento, diz que as atrações de visitação precisam estar marcadas e os moradores precisam saber quantas pessoas vão chegar para o pernoite e quando isto vai ocorrer. Caminho das Missões não é Santiago de Compostela, diz ele, deixando claro que a peregrinação não tem fluxo de peregrinos para se auto-sustentar.

3.4 - O futuro do Caminho

A questão sobre o futuro do Caminho também ajuda a esclarecer as dificuldades da agência de turismo. Percebi isto na mesma caminhada com o peregrino Pedro. Na noite em que chegamos a Garruchos, na fazenda da família Isbrich, educadamente, ele iniciou uma conversa com Claudio sobre o que reclamava ao caminharmos, fazendo referência ao fato de que nos outros caminhos se pode caminhar sozinho e negociar o valor diretamente com o morador que o recebe. Claudio explicou que a ideia era realmente liberar o Caminho, mas que isso não era possível no momento por conta da estrutura que ainda precisava se consolidar.

O debate sobre o futuro do Caminho trouxe à tona o mesmo problema. O projeto de turismo é hoje comandado pelos donos da agência Caminho das Missões. Eles tomam as principais decisões, mobilizam os dois discursos e é uma iniciativa privada. Ocorre que uma peregrinação não é assim e muitos peregrinos

que por ali passam pensam de forma diferente e reivindicam o modelo de Santiago. Afinal de contas, na visão deles, o Caminho é uma peregrinação. Os peregrinos não estão enganados ao enxergar o Caminho das Missões como uma peregrinação, pois os donos no processo histórico o construíram assim e também valorizaram esses aspectos. Mas, concomitantemente, os quatro sócios tinham a intenção de ter uma agência de turismo, desenvolver a região e ganhar dinheiro. Para eles, é uma empresa também. O Caminho age como uma empresa de turismo que vende uma peregrinação. Só que, ao mesmo tempo, eles acreditam que o Caminho é uma peregrinação e um projeto de turismo. Quando o tema é o futuro, tendem a achar que deve funcionar como o modelo de peregrinação em Santiago e, portanto, livre para cada um fazer sozinho e acertar valores diretamente com o morador local, pagando à sede administrativa do Caminho apenas uma taxa de inscrição.

Dada a complexidade da peculiar construção do Caminho e das diferenças de entendimento entre seus fundadores, não há consenso sobre como lidar com o futuro. Elaborei nas entrevistas gravadas com os sócios duas perguntas: primeiro, perguntei “Qual é o futuro do Caminho?”, e em seguida pedi para que fizessem uma avaliação do número de caminhantes – entre 1000 e 1100, incluindo os que fizeram mais de uma vez – que percorreram as estradas das missões durante esses dez anos. Sobre a segunda pergunta, todos disseram que achavam baixo de número de participantes e gostariam que fosse maior. Contudo, sobre a primeira pergunta houve diferenças nas respostas. Abaixo, o que cada um deles disse.

Claudio:

O futuro do Caminho para mim é um aumento do número de peregrinos, de pessoas caminhando que vai possibilitar que ele seja auto-sustentável. Auto-sustentável, que vá surgir novos pontos, não só essa estrutura que a gente tem hoje, né, tipo tu tens um trajeto definido e tu tens que caminhar. Tens que caminhar 32 km senão tu vais ficar na rua ou vais ter que pegar uma carona ou um carro. Então, eu acho que no futuro vai acontecer isso, vão aparecer novas pessoas, como já estão aparecendo algumas nos procurando para entrar no projeto. E só que isso vai acontecer quando aumentar o fluxo, quando começar a ter mais pessoas caminhando mais constantemente e não uma caminhada por mês, que é a média que tem dado. E ele vai se auto-sustentar, as pessoas vão caminhar por si só, vão chegar nos lugares e vão... E os lugares vão estar todos os dias esperando os peregrinos, né. E nós e as pessoas que seguirem nessa organização do Caminho vão estar fazendo um trabalho de marketing, um trabalho de manutenção, né, credenciando ou descredenciando quem não segue os princípios do Caminho,

digamos assim, né, quem começa a usar o Caminho de uma forma errada ou não seguindo os padrões vai ser descredenciado. Então, essa coisa de manutenção, né”.

“... é o que eu gostaria, isso eu sempre digo, eu gostaria que isso viesse a acontecer de uma maneira organizada e não necessariamente agora as pessoas comecem a fazer isso, porque é loucura. Mas no momento em que isso for viável, isso eu espero que aconteça, e isso aí só vai acontecer quando tiver fluxo, quando tiver gente caminhando. (...) E a gente vai receber, a estrutura se mantém ou com uma contribuição de como se fossem associados, digamos assim, que eles vão dar uma contribuição mensal para manter a estrutura e a gente, as pessoas que criaram o Caminho vão ganhar de outras formas, com royalty, com palestras, enfim ações, sei lá o que for, a gente não sabe isso, né. Mas que ganhe não necessariamente do Caminho.

Romaldo:

Eu acho que é essa extensão que está no projeto nosso, é a extensão para o Paraguai e a Argentina, né, ligar os trinta povos. É um dos futuros próximos, né, que está no... E acho que o futuro que eu vejo o Caminho das Missões sempre adequando. Por exemplo assim, daqui há pouco pode vir a acontecer da gente conseguir fazer com que não precise ter literalmente um condutor de grupo. Dá um pouco mais de liberdade para que o cara se sinta fazendo sozinho, mas desde que ele chega no local e esteja pronto lá o almoço, enfim, isso vai se manter, porque é uma forma da pessoa, ela estar recebendo e ter também uma fonte de renda dela, né e vive um pouco disso. E também dentro disso à medida que tu consigas ter uma sinalização adequada que tu possas liberar. Não tem como nós liberarmos enfim, a gente nem aconselha, né, que o cara vá fazer o Caminho sozinho. Que, às vezes, a pessoa está fazendo sozinho e ela acha que vai encontrar alguém no Caminho e não vai, vai estar literalmente sozinho. E tu tens que dar segurança, porque se tu pensou o cara vem fazer sozinho e não tem a sinalização adequada e o cara se perde, o cara vai dizer que o Caminho das Missões é uma droga, né. Então, acho que o futuro é sinalizar, é adequar e é melhorar e tentar adequar um pouco ao que às pessoas que vem fazer essa atividade esperam. E ao mesmo tempo, você colocar um pouco o que era característica da região, que é da História. Então, essa adequação vai sofrer um pouco aí para frente.

Marta:

Nossa! Eu vejo o Caminho assim, eu gostaria... Eu vejo o Caminho, já consigo visualizar ele assim, eu gostaria de ter um grupo por semana fazendo o Caminho das Missões. Ou se não fosse um grupo que tivesse toda semana gente caminhando, que fossem uma, duas pessoas, que tivesse um grupo por semana, não só para o Caminho das Missões, como empresa ter lucro para nós, mas principalmente, para ver os nossos prestadores de serviços ganhando com isso e agregando mais valores e mais gente participando, né. Hoje nós

temos mais de 30 famílias que fazem parte do Caminho das Missões.

Gládis:

Essa pergunta é bem difícil, né, porque claro que em qualquer situação de empresa se fazem previsões, mas como assim eu estou afastada, eu não arriscaria assim um salto ou um reconhecimento em termos mundiais sem umas boas mudanças no Caminho em termos de administração, de conduta, uma série de coisas. Se houvesse realmente essa reformatação e um replanejamento e uma forma talvez diferenciada de gestão do próprio Caminho eu arriscaria dizer que sim, né, que ele teria um grande futuro. Mas eu, da forma que está hoje, eu acho que ele se mantém como está. Também não acredito que vá enfim, terminar, mas acredito que ele se mantém como está, mas acho que precisa de qualquer forma de uma nova revisão no sentido de quase que de visão mesmo do Caminho, né, de enxergar ele, de projetar, enfim.

As ideias dos fundadores do Caminho apresentam diferenças significativas. Claudio é o único que sabe com certeza o que quer e sua vontade é liberar o caminho como uma peregrinação. Para que tal aconteça, precisa apenas aumentar o fluxo. Aos fundadores do Caminho ou novos participantes do projeto, restaria o trabalho de manutenção e fiscalização. Os ganhos viriam, segundo Claudio, da contribuição dos associados e de “royalties e palestras”. Claudio quer ganhar dinheiro com o projeto, mas não quer que saia diretamente do Caminho. Romaldo tem como plano de futuro imediato manter as coisas como estão e partir para a expansão da peregrinação tentando abranger Argentina e Paraguai. Como sabemos, ele é uma liderança e enxerga o Caminho como um negócio. Mas, reconhece a possibilidade de eliminar o guia futuramente e adequar ao que o público que caminha espera. No entanto, ele é contra a liberação do Caminho atualmente. Marta quer aumentar o número de caminhantes, o que geraria lucro para a empresa Caminho das Missões e para os moradores locais. Gládis, que também usou a palavra empresa, acha que é necessário fazer uma reformulação administrativa e de conduta. Acredita ainda que o Caminho ficará da maneira como está.

Os quatro sócios sabem que o Caminho precisa de maior fluxo de pessoas e que sem isso não há como pensar em seus projetos para o futuro. Gládis e Romaldo enxergam a situação de maneira comercial, ao menos a curto e médio prazo, enquanto Cláudio e Marta sonham com um Caminho repleto de vigor, uma verdadeira peregrinação que atrai muitas pessoas. Neste momento, os quatro são

contra a liberação do Caminho. Mas, se o fluxo aumentar significativamente, terão o dilema de decidir se liberam o Caminho seguindo o modelo de peregrinação religiosa de Santiago de Compostela. É isto que Claudio quer fazer, mas Romaldo talvez não pense exatamente assim, pois, como já vimos, ele tem uma empresa de turismo e a conduz como tal. Liberar o Caminho poderia significar o fim do *city tour* em São Borja, das visitas guiadas nas ruínas das reduções, dos museus visitados em São Luiz Gonzaga e em São Miguel, do ingresso incluído no pacote para assistir ao espetáculo Som e Luz, das visitas aos CTGs, de um churrasco típico gaúcho no Bolicho do Velho Casarão no distrito de Carajazinho, da conversa com o professor Mario Simon no Parque das Fontes e da chegada na catedral angelopolitana com os sinos tocando. Ou seja, tudo o que é oferecido pela agência de turismo em seu pacote. Todas as atrações e atividades que foram incluídas ao longo dos anos para atrair e apresentar a região a um turista iriam provavelmente sumir. A valorização da história das missões através das explicações nas reduções, a valorização da cultura gaúcha com o churrasco, o chimarrão, a comida, a música, os contos e as declamações, a valorização dos presidentes brasileiros, a dança gaúcha entre adolescentes no CTG em São Miguel, com participação dos peregrinos ao final, enfim, tudo o que o projeto de turismo elaborou todos esses anos e oferece a quem paga pela caminhada.

Se o Caminho for liberado, ninguém vai levar os peregrinos para assistir dança gaúcha e depois convidá-los a dançar. O peregrino deixará de ser guiado e vai fazer e ver o que desejar e se quiser. Haverá atrações e atividades, inclusive, que ele nem saberá que existem. Ou seja, todos os serviços de mediação turística prestados pelo Caminho podem deixar de existir caso se opte por liberá-lo para seguir o modelo de peregrinação. Novas atividades provavelmente surgiriam com o tempo, mas sem o controle da agência. Romaldo provavelmente não quer ver isto acontecer. Marta e Gládis não deixam claras as suas posições. Sabemos apenas que Gládis acha que se nada for feito o Caminho ficará como está e não vai para nenhuma direção. No fundo, todos eles sabem que estão com dificuldades e que algo precisa ser feito.

3.5 - Novas práticas

O Caminho se formou com o propósito de desenvolver o turismo na região, valorizar a história das missões, conquistar clientes para a Agenda Publicidade e para dar algum retorno financeiro aos seus idealizadores. Sua construção foi uma mistura complexa, pois trouxe Santiago de Compostela como um modelo de inspiração e de referência para construção de sentido do projeto, mas ao mesmo tempo apresentou-se e agiu como e com várias práticas de agência de turismo.

Ao mobilizar os dois discursos e práticas de peregrinação e turismo, o Caminho das Missões é forçado a se posicionar por diversos atores que cobram da empresa atitudes para as suas demandas. As críticas dos peregrinos e a própria ideia dos sócios de que eles têm uma peregrinação provoca a discussão e acaba por opor turismo e peregrinação. Mesmo sabendo que ambas as atividades compartilham inúmeros requisitos e motivações, isso não facilita a solução dos problemas que os sócios precisam enfrentar. Desde o início da pesquisa de campo, a dificuldade sempre apareceu e os sócios claramente verbalizavam que era necessário tomar uma atitude para o problema que estavam enfrentando.

Muitas pessoas cobram, quando convém, que a peregrinação seja feita nos moldes de Santiago de Compostela. E também, quando é oportuno, demandam os serviços de turismo da agência. Da perspectiva dos sócios da agência, era preciso repensar o modelo atual para atender às reclamações feitas a partir da percepção dos peregrinos. O Caminho das Missões fez o seguinte:

Agora é possível percorrer o Caminho das Missões de duas formas:

CAMINHADA INDIVIDUAL 13 DIAS:

Saídas: segundas-feiras*.

*(desde que não coincida com as datas das caminhadas em grupo).

O peregrino recebe um mapa descritivo impresso do roteiro, um amuleto e a credencial do Caminho. Tem os serviços

básicos (pernoite, café-da-manhã + uma refeição-dia), recebe apoio por telefone da organização do Caminho, tem o apoio da UNIMED nos hospitais para primeiro-atendimento (quando necessário) e no final da caminhada recebe o Certificado do Caminho das Missões.

Os peregrinos devem inscrever-se com, no mínimo, sete dias de antecedência. As contratações dos serviços dos hospitalares são feitas pela Organização do Caminho.

CAMINHADA EM GRUPO 13 DIAS:

Saídas: datas programadas e divulgadas no site do Caminho.

Os grupos de, no mínimo, cinco pessoas, também tem que estarem formados com 7 dias de antecedência. Os peregrinos participam da preparação técnica e mística, recebem um amuleto, a credencial de peregrino. O cajado feito pelos índios guaranis pode ser adquirido pelos peregrinos. É realizado um city tour em São Borja. Durante a caminhada tem a companhia de um "Amigo Peregrino" (condutor), tem todas as refeições*¹ (café, almoço e janta), pernoites, entradas nos sítios, ingresso para o Espetáculo de Som e Luz, guias de turismo locais, em pontos do Caminho. Tem o apoio da UNIMED nos hospitais para primeiro-atendimento. No final do roteiro recebem o certificado de peregrino do Caminho das Missões.

*¹ exceto em 4 dias quando uma das refeições não está inclusa".

Houve, sem dúvida, uma flexibilização do modelo inicial – descrito no capítulo 1. O Caminho das Missões agora já pode ser percorrido individualmente para atender as demandas dos peregrinos acostumados com o modelo de Santiago. Com a mudança, a agência ouve as reclamações e age para atender aos pedidos, mas ao mesmo tempo não mudou essencialmente seus objetivos. A centralização

do Caminho continua presente, pois o peregrino paga à agência e esta paga ao morador local. Além disso, há apoio via telefone ao peregrino também. Isto é uma enorme mudança diante do pacote de turismo organizado quando a saída é em grupo e demonstra que os sócios da Caminho procuram pensar uma solução para o futuro da peregrinação e da agência. A saída encontrada foi permitir a caminhada individual sem abrir mão do controle do projeto e sem interferir nas caminhadas em grupo, pois as saídas individuais ocorrem nas segundas-feiras desde que não coincidam com as datas agendadas dos grupos. Na caminhada individual, boa parte da mediação típica de turismo fica ausente, como o *city tour* em São Borja, o guia de turismo (condutor) no decorrer do percurso, o ritual místico e a preparação técnica, as entradas e o ingresso do espetáculo Som e Luz, a conversa com o professor Mario Simon, a visita aos Centros de Tradição Gaúcha (CTG), a chegada na Catedral de Santo Ângelo ao badalar de sinos e o almoço final de confraternização. Nenhuma dessas coisas acontecem e, na concepção dos sócios, elas são fundamentais para a identidade do Caminho das Missões. Afinal, o Caminho sem a mediação típica de turismo não é o mesmo que eles conceberam inicialmente. Ao conversar informalmente com Romaldo e Claudio ficou claro que havia um dilema com o qual precisavam lidar: se liberassem o Caminho no formato clássico de Santiago de Compostela correriam o risco do Caminho das Missões deixar de existir por falta de fluxo. Ao mesmo tempo, haveria o risco de uma grande descaracterização do projeto e das ambições iniciais dos sócios da agência de turismo. Projeto que eles verdadeiramente gostam, acreditam, querem levar adiante e não desejam ver suas características definidoras se transformarem demais.

O Caminho das Missões, apesar de ter modificado um pouco sua peregrinação, continua a funcionar como uma agência de turismo. A maior demonstração disso não está apenas na manutenção da centralização do Caminho, mas principalmente nos roteiros alternativos que foram criados e que estão desvinculados da peregrinação. Romaldo, gentilmente, sempre me envia por e-mail todas as atividades da agência de turismo. Duas delas deixam claro o rumo que toma a agência:²⁹

²⁹ Todas as informações foram retiradas de comunicações via e-mail. Também estão disponíveis em <http://www.caminhodasmissoes.com.br>. Acesso em: 23/04/2012.



Estão abertas as inscrições para a **TRILHA DA LUA CHEIA DE 5 DE ABRIL**. O valor é **R\$ 55,00** por pessoa. Está incluso amuleto, carro de apoio, acompanhamento de condutores de grupo, ritual da lua cheia, café da madrugada.

O ROTEIRO DA TRILHA DA LUA CHEIA DE ABRIL DE 2012

Na noite de 5 para 6 de abril (quinta-feira para Sexta-feira Santa)

O encontro com o grupo será às **20h30min** na sede do Caminho das Missões, acertos, informações gerais e entrega do cajado(empréstimo). **21h saída** percorrendo aproximadamente 8 km. Passará por ruas da cidade e entorno, pela Cascata do Rio Itaquarinchim. Um dos pontos de descanso do grupo é na **Churrascaria e Restaurante ACONCHEGO MISSIONEIRO**, onde serão recebidos com música pelos proprietários e amigos. Logo após seguem percorrendo trechos por trilha na mata ciliar do Rio Ijuí e terminando no Rancho LM. No local será realizado o **RITUAL DA LUA CHEIA** e após servido o tradicional café da madrugada. Na madrugada da quinta para a sexta-feira santa é o momento que, tradicionalmente, se faz a colheita da macela.



Caminho das Missões e Trilha Inca.

O Caminho das Missões está divulgando um roteiro para aqueles que desejam percorrer a Trilha Inca. O roteiro

acontece em setembro entre os dias 8 e 17. Contempla passeios por diversos atrativos como Lima, Cuzco, 4 Ruínas (Fortaleza de Sacsayhuaman, Qenqo, Tambomachay e Pucapucara) museus e monumentos. Mas o grande atrativo é a Trilha Inca que em 3 dias de belíssimas paisagens e histórias alcança Machu Picchu.

Toda uma estrutura de apoio com guias de turismo, condutores estarão envolvidos durante o percurso.

Entre em contato com o Caminho das Missões e peça mais informações e roteiros detalhados com saídas de Porto Alegre e São Paulo.

caminho@caminhodasmissoes.com.br ou pelo telefone (55) 3312 96 32.

Ambas as atividades são relativas ao ano de 2012. No entanto, roteiros semelhantes já ocorrem há bastante tempo. Em fevereiro de 2010, quando fiz trabalho de campo na agência em Santo Ângelo, Romaldo preparava um roteiro para Salto Yukumã, Porto Alegre e combinava de atuar como guia de turismo para um grupo escolar que ia visitar São Miguel das Missões. A "Trilha da Lua Cheia" é uma atividade que a própria agência desenvolve em Santo Ângelo, voltada para o

público local. Já a "Trilha Inca" faz parte de uma parceria que o Caminho das Missões tem com uma agência de turismo em São Paulo, na qual as agências divulgam os roteiros umas das outras e ganham um percentual em caso de venda de pacote. As duas "Trilhas" guardam claras semelhanças com a peregrinação nas missões: de curta duração, as "trilhas" também são ao ar livre, têm apelo místico, ritual, organização e apoio turístico. Entretanto, são outros produtos da agência de turismo Caminho das Missões que procura expandir as possibilidades de negócio além da peregrinação que inicialmente foi projetada. O Caminho continua assim atuando com forte viés de agência de turismo e a permissão para percorrê-lo individualmente não altera a forma como a agência constrói seu futuro. O Caminho das Missões, aos poucos, deixa de ser apenas sinônimo de peregrinação pelas missões e se transforma numa marca que é usada para outros empreendimentos e atividades relacionados com peregrinação e turismo.

O Caminho demonstra habilidade para articular e mobilizar os dois discursos de uma só vez, mantendo assim sua principal característica. A agência de turismo continua a atuar como tal e tenta expandir seus negócios utilizando as práticas de peregrinação aprendidas no decorrer dos anos. Empreendimentos que utilizam a marca Caminho das Missões, mas não se apresentam como peregrinação – caso da Trilha da Lua Cheia – têm grande apelo e sucesso em número de participantes. Ainda assim, a peregrinação não deixa de lidar com a diversidade de demandas dos peregrinos, caminhantes e demais participantes.

3.6 - Conclusão

O cotidiano do Caminho das Missões ajudou, fundamentalmente, a perceber como é o funcionamento na sede do Caminho e como os sócios – em especial Romaldo – enxergam o agência de turismo e conduzem a peregrinação. A escolha de fazer uma observação na sede da agência uma semana antes da caminhada especial de carnaval foi estratégica e proveitosa, pois assim acompanhei todo o trabalho que se faz anterior à caminhada. A maior aproximação de Romaldo, visto que estava hospedado em sua casa, permitiu compreender como foi concebido por ele o Caminho das Missões e como o projeto precisa se modificar com o seu desenvolvimento. Cláudio, também presente diariamente na sede, também colaborou com sua visão do Caminho e sua total disponibilidade e

sinceridade para dar informações e responder o que era perguntado. Ele mesmo certa vez tomou a iniciativa para me dizer que eles estavam com dificuldade para pensar o futuro do Caminho. Marta atualmente não tem presença diária na sede, mas ficou claro que ela gosta muito do Caminho e que se dedicou muito no passado para sua realização. Com Gládis os contatos foram apenas telefônicos.

Existem diferenças na maneira como os quatro sócios enxergam o Caminho e divergências na forma de como a peregrinação deve ser conduzida. Entretanto, hoje, Romaldo e Claudio é que estão administrando o Caminho e a visão dos dois acaba tendo grande influência. Duas empresas dividem a mesma sede e, de certa maneira, estão interligadas. Cláudio comanda a Agenda Publicidade e Romaldo fica à frente do Caminho das Missões. Os dois trabalham juntos, mas não interferem muito no que o outro faz. No comando da administração e contabilidade do Caminho, Romaldo enxerga a peregrinação como um projeto de turismo e um negócio. Repetiu várias vezes durante a semana em que estive com eles que "existe uma empresa por trás disso, dá trabalho". Com perfil de liderança e atitude de um dos donos da empresa, Romaldo chega cedo para abrir a sede e sai na hora que o expediente acabar. Trabalha durante a semana ou mesmo aos sábados e domingos. Acompanhando seus dias de trabalho é possível notar que ele percebe o Caminho como negócio e o peregrino como cliente. Ele responde os e-mails dos peregrinos com agilidade, liga para os fornecedores, contrata a van do *city tour*, agenda visita aos museus em São Borja, envia lista de peregrinos para a Unimed, manda mensagens de marketing do Caminho para antigos peregrinos, prepara e envia o dia a dia para os peregrinos, enfim, faz tudo o que acha que tem que ser feito para que o peregrino encontre tudo pronto e organizado, conforme o pacote de turismo vendido. Da perspectiva de Romaldo, a partir da observação da administração da agência, o Caminho pende ao projeto de turismo.

Claudio, apesar de não interferir no trabalho de Romaldo, foi o único que deixou claro na entrevista que sua intenção é liberar o Caminho para que funcione como uma peregrinação aos moldes de Santiago de Compostela. Aumentando o fluxo de peregrinos, novos pontos de parada vão surgir no trajeto e, aos poucos, o caminho seria auto-sustentável. No entanto, ao mesmo tempo em que ele diz isso, quando Claudio faz a primeira recepção dos peregrinos na sede do Caminho, ele fala da importância do turismo chegar em lugares em que nunca isso foi visto. Ao

contar a história do Caminho, também sempre diz que era inicialmente um projeto de turismo. Ao lidar com os peregrinos, assume a responsabilidade de quem lida com clientes, atendendo um por um, chegando a me perguntar, quando falávamos das críticas à infra-estrutura: "Você acha que eu gosto de receber as pessoas assim?". Quando alguém passa mal, mobiliza-se imediatamente para resolver a situação, como ocorreu comigo mesmo. Sabemos que peregrinação e turismo compartilham muitas características e que delinear uma linha que define uma atividade ou outra não é simples (Graburn, 2009), mas Claudio ora age reforçando o que se entende por peregrinação, ora pelo o que se entende como turismo. De qualquer forma, da sua perspectiva, o Caminho deve se tornar uma peregrinação como as outras. Marta frequenta a sede algumas vezes para levar o artesanato para venda e muitas vezes no ritual místico. Mobiliza bastante o discurso da peregrinação e de sua espiritualidade. Enxerga o Caminho como uma empresa e quer vê-lo crescer.

Apesar dessas diferenças entre os sócios, a administração permanece centralizada e funciona como agência de turismo. Os peregrinos que percorrem as missões tem seus próprios conceitos de peregrinação e a agem sobre o Caminho, muitas vezes criticando a agência e pedindo mudanças, conforme vimos melhor no capítulo anterior. Isso, de certa forma, força os sócios a agir e repensar seu projeto. Uma das ações tomadas por eles foi a liberação para que se faça a caminhada individual, desde que não atrapalhe as saídas em grupo. É, sem dúvida, uma flexibilização, mas o projeto de turismo permanece. Outra ação dos sócios é buscar melhorar as instalações dos lugares que recebem os peregrinos, causando dificuldades na relação com os moradores locais, que também tem uma visão particular do que é o Caminho e do que é uma peregrinação. Isto é o que veremos no próximo capítulo.

Capítulo 4: Os moradores locais

4.0 - Introdução

Ainda era noite na comunidade Passo da Barca quando os moradores do lugar começaram a sair de suas casas e seguir para o trabalho. Antes de cinco e meia da manhã já se ouviam os passos que vinham de fora do galpão comunitário onde dormem os peregrinos e onde combinei com o morador Márcio que passaria a noite. Um lugar amplo com um pequeno banheiro, típico de festas e reuniões sociais comunitárias, com um balcão num dos fundos atrás do qual há equipamentos como geladeira, freezer e fogão e, do outro lado deste mesmo balcão, uma ampla área de refeição, dança e sociabilização. Feito com vigas de concreto, teto de telha de amianto, e tábuas de madeira nas paredes, o galpão fica bem frio durante a noite por causa das frestas entre as madeiras e com muita luminosidade ao raiar o dia. Após levantar e arrumar meus materiais na mochila fui, como havia combinado com Dilaine e Naíze, para o ponto de ônibus com suas filhas aguardar a chegada da condução escolar. Ainda sem ninguém, do ponto do ônibus era possível ver a bela alvorada daquela região. Logo alguns alunos e pais começaram a chegar e as meninas que esperava vieram falar comigo. É comum, apesar de proibido, as pessoas do lugar usarem o transporte escolar para fazer seu deslocamento até outro distrito ou centro da cidade. Naíze me informou que só havia dois ônibus por dia e o que passava pela manhã não chegaria antes de dez e trinta, por isso a população pedia carona ao motorista de ônibus escolar para poder sair do Passo da Barca. As meninas que me acompanhavam pediram a carona que precisavam ao motorista, que não se importou e nos mandou entrar. A condução estava lotada de crianças, adolescentes, professores e outros passageiros que, juntos, iam para os diferentes distritos da região. Seguindo pela estrada, o motorista às vezes parava para embarcar uma única criança e por outras vezes subia um grupo de alunos que se reunia em determinado ponto. O interior do ônibus, apesar de ainda muito cedo, antes das sete da manhã, era uma animação generalizada, com crianças e adolescentes cantando, falando alto, rindo, conversando e brincando, enquanto, naturalmente, havia alguns professores e alunos tentando dormir um pouco na viagem. Passado algum tempo o ônibus parou e todos nós que íamos para o distrito de Sarandi descemos para pegar uma Kombi

que nos levaria até a escola municipal local. Ao chegar ao nosso destino, saltamos no pátio da escola, de onde fui diretamente ao único bolicho do lugar, de propriedade do senhor Adelfo e dona Gelci e onde fica o segundo ponto de pernoite do Caminho das Missões.

O mapa do Caminho revela um longo percurso, com dezenove pontos oficiais de parada para almoço ou pernoite, que em sua maior parte evita margear cidades e as estradas asfaltadas, optando pela área rural e pelas estradas de terra batida. A pé, a paisagem é quase sempre de plantações de soja, trigo, milho e arroz, com alguns poucos e belos campos de girassol plantados e florescendo no mês de Outubro. Nessas fazendas a gestão é feita de forma familiar ou sob o comando do agronegócio. De carro, nem sempre as estradas escolhidas são as de terra e a paisagem se torna mais urbana. Olhando o mapa, é impossível imaginar a vida de cada um dos moradores que recebem os peregrinos em suas casas, nos bolichos, no galpão comunitário, em bibliotecas de escola e velhos casarões. A rotina dessas famílias, que geralmente começa de manhã bem cedo, como a das famílias do Passo da Barca, não é vista pelos peregrinos e é pouco conhecida pelos sócios da agência de turismo.

Na realidade, até mesmo do ponto de vista acadêmico, há pouca literatura disponível sobre os moradores locais que recebem os peregrinos. No entanto, sua importância e capacidade de influenciar uma peregrinação é indiscutível e este reconhecimento já é consenso entre pesquisadores da área de antropologia da peregrinação. Há uma massiva quantidade de etnografias que trata muito dos peregrinos e reserva pouco ou quase nenhum olhar para os moradores por onde passa um caminho.

Uma das intenções deste capítulo é exatamente perceber a importância e influência dos moradores no Caminho. Assim, uma parte da pesquisa foi dedicada a ir de ponto em ponto de pernoite e muitos pontos de almoço para tentar conhecê-los melhor e entender quem eles são, como vivem e como integram a história do Caminho das Missões. Os moradores do Caminho das Missões têm um papel de destaque e são quase todos residentes da área rural. Diferentemente da peregrinação de Santiago de Compostela, onde há uma variedade grande de acomodações formais e estruturadas de acordo com o ramo profissionalizado de hotelaria –como albergues públicos e privados, pensões e hotéis–, no Caminho, ao menos por enquanto, as possibilidades de hospedagem são limitadas aos moradores

que prestam serviço à agência. A estrutura para receber é adaptada e os peregrinos são acolhidos nas próprias casas dos moradores. No lugar da impessoalidade e profissionalismo hoteleiro que se encontra em Santiago de Compostela, há uma calorosa recepção e atendimento pessoalizado, que por vezes se transforma em aborrecimentos para os moradores quando o peregrino decide se comportar como turista e exigir serviços contratados. Ao mesmo tempo em que conflitos ocorrem, existe também, por parte de muitos moradores, um gosto para receber e uma valorização da cultura gaúcha do interior, como se eles fossem pessoas autênticas do lugar – sentimento e atitudes que são incentivados pela agência e apreciados pelo peregrino, o que confere uma importância ainda maior ao morador local.

Outro objetivo deste capítulo é aprofundar a questão central do trabalho, que trata da dupla mobilização de discursos de peregrinação e turismo por uma mesma instituição na arena pública, desta vez da perspectiva dos moradores, procurando entender como eles percebem o Caminho e se a dupla mobilização de discursos feita pela agência, que se aponta como uma particularidade desta peregrinação, é uma questão para eles e, em caso afirmativo, como eles percebem a agência de turismo e como a partir de seu entendimento podem agir e modificar a peregrinação e as próprias ideias e atitudes dos sócios.

As dificuldades que surgem a partir do entendimento dos moradores e de sua interação com os sócios do Caminho e com os peregrinos são inúmeras e a seriedade e desenrolar de cada situação depende muito do morador ou da família local em questão. Nenhum morador, por exemplo, quis falar abertamente sobre finanças e valores, a respeito da relação com os sócios da agência e como eram feitos os pagamentos do Caminho das Missões aos moradores. Somente em conversas informais surgiam determinadas reclamações, logo mudando de assunto ao perceber que a questão poderia gerar alguma inconveniência. O mesmo, em escala muito menor, ocorreu em relação aos peregrinos, que raramente foram criticados abertamente pelos moradores. Por parte dos sócios da agência houve certa abertura para conversar sobre a relação com os moradores, mas ainda assim com ressalvas. As anotações no caderno de campo tornaram-se fundamentais para tentar compreender os moradores e compor a narrativa etnográfica.

Em resumo, as histórias, situações e maneiras de perceber a peregrinação são muito variadas devido ao grande número de famílias e pessoas envolvidas no Caminho. Há histórias de vida muito diferenciadas, infraestruturas diversas,

relações conflituosas por causa de dinheiro e bens materiais, reclamações sobre alimentação, queixas sobre peregrinos, mágoas com a agência e os sócios, alegria e felicidade para receber as pessoas, exaltação da cultura gaúcha, interesse em conhecer gente nova de todo o Brasil e orgulho por fazer parte de um projeto como o Caminho. Tudo isso ao mesmo tempo, espalhado nos 365 quilômetros de estrada de chão. A tentativa será tentar apresentar a multiplicidade de visões e a situação dos moradores a partir da pesquisa de campo feita fora de um momento de peregrinação, tentando articular sempre que possível com a parte da pesquisa que foi realizada durante as peregrinações, para perceber como eles participam do Caminho e atuam na questão central de dupla mobilização de discursos feita pela agência de turismo.

4.1 - Observações sobre o método

O apoio de todos os sócios do Caminho da Missões foi total durante toda a pesquisa. Sempre que solicitados, eles ajudavam com qualquer pedido, especialmente Claudio e Romaldo. Porém, quando fui fazer parte da pesquisa com os moradores locais a situação se modificou um pouco. Até então, Romaldo havia concedido uma abertura e transparência pouco usuais para uma pesquisa antropológica, uma recepção tão calorosa e acolhedora que não tive dificuldade alguma para entrar no campo e conquistar a confiança dos sócios. Ao ligar para a sede do Caminho e dizer que tinha a intenção de ir fazer a pesquisa com os moradores sem a presença de peregrinos, ele disse que não havia problema e que estaria a disposição para o que precisasse. No entanto, após vários e-mails e ligações trocados e sem avançar muito sobre como deveria abordar e organizar a viagem para a casa dos moradores, Romaldo disse aproximadamente o seguinte: "Olha, Guilherme, eu vou te passar a planilha com o nome e telefone dos moradores e você faz como quiser". Achei a atitude estranha, especialmente porque até aquele momento tínhamos construído uma ótima relação de confiança e troca, não havia razão para ele não colaborar. Esperava que Romaldo fosse me ajudar a entrar em contato com os moradores e agendar a visita com cada um, afinal ele faz isso uma semana antes de cada peregrinação, quando liga informando o dia que o grupo vai passar para almoçar ou dormir. Mas, compreendi durante a estada na casa dos moradores o possível motivo do afastamento nessa fase da pesquisa e de

não ter colaborado como anteriormente. Percebi, ao conversar informalmente com os moradores, que há atritos no relacionamento entre muitos deles e a agência, particularmente no que toca à questão de pagamentos e infraestrutura disponibilizada aos peregrinos. Romaldo nem sempre tem um bom relacionamento e liberdade com alguns dos moradores locais onde certos conflitos já ocorreram devido, principalmente, ao modo de condução da agência de turismo como negócio e exigências de melhorias nas acomodações. Talvez por isso ele tenha se afastado nessa etapa da pesquisa e sido bem menos colaborativo do que antes. Difícil dizer ao certo se essa interpretação é real ou se ocorreu alguma coisa que desconheço, mas houve outro indício que reforça tal interpretação. Ao final da etapa de pesquisa com os moradores, resolvi ir para Santo Ângelo antes de voltar à Porto Alegre. Cheguei na sede do Caminho e fui calorosamente saudado por Romaldo que me convidou para almoçar num restaurante ali perto. Durante nossa conversa, houve a primeira e única restrição de pesquisa sobre o Caminho: Romaldo pediu que não divulgasse nada sobre valores pagos aos moradores. De fato, tive acesso direto às quantias pagas aos moradores e também os valores pagos na contratação de outros serviços como van, guia de turismo e hotel. Como o pedido foi feito de maneira direta, não será possível revelar valores, o que facilitaria enormemente a tentativa de entender como pensam os moradores que têm problemas com a administração do Caminho e a questão central deste trabalho.

Visto que Romaldo pareceu não querer se envolver, seja qual for o motivo, na ida a campo para acompanhar os moradores locais, tracei um plano que visava conseguir encontrar o maior número possível nesta etapa da pesquisa. Partindo do início do Caminho, em São Borja, a ideia era seguir o mapa da peregrinação indo ponto por ponto onde houvesse um morador que recebesse para almoço ou pernoite. É claro que, fora de uma semana de peregrinação, cada morador tem sua rotina e nem sempre está em casa disponível para conversar, por isso o plano inicial não funcionou exatamente como elaborado. A melhor estratégia foi ligar com dois ou três dias de antecedência para cada um, lembrando-os de que fazia uma pesquisa sobre o Caminho e pedindo para ficar uma ou duas noites na casa da pessoa quando era o caso. Isso funcionou bem em todos os casos, exceto um, o morador Guinter, que recebe os peregrinos em sua fazenda no município de Garruchos, mas que naquele momento estava passando uma semana na casa da família em São Borja, o que me fez retornar à cidade inicial de onde partira. De

certa forma, foi um contratempo proveitoso, pois de São Borja pude pegar um ônibus para São Luiz Gonzaga, entrevistar uma antiga moradora que hoje não mais recebe peregrinos, e de lá voltar para São Nicolau, também de ônibus, e seguir novamente em direção a São Luiz Gonzaga. O deslocamento foi feito de ônibus, táxi ou moto-táxi, carona de carro e até trator. Apenas uma única vez fui obrigado a caminhar a pé para chegar até uma antiga escola desativada que hoje fica aos cuidados de Dona Antônia e onde os peregrinos dormem.

De maneira geral, a acolhida dada pelos moradores foi muito boa. Mesmo quando um morador estava com pressa por razões pessoais houve ótima receptividade. Naturalmente, todos já me conheciam de nome e sabiam que eu fazia uma pesquisa sobre o Caminho das Missões. Como Romaldo havia me deixado livre para decidir o que fazer e como travar uma relação com os moradores, optei por me apresentar novamente como doutorando e pesquisador. Das outras vezes em que estive lá caminhando com peregrinos, paguei o pacote de turismo à agência, que fez os repasses aos prestadores de serviço – como são chamados os moradores locais por Romaldo. Desta vez, não havia a agência para fazer o pagamento e não era minha intenção pagar o valor do peregrino, pois isso acarretaria numa despesa bem mais alta para o total da ida ao campo. Busquei ficar na casa deles e pagar despesa da comida e bebida, deixando a decisão final para o morador. Nos quatro hotéis e pousadas que recebem os peregrinos – hospedei-me em três no total – não houve negociação, paguei o preço que é cobrado ao Caminho por peregrino. Afinal são empresas que, assim como a agência, também estão no ramo de turismo e o discurso da peregrinação tem pouco ou nenhum efeito – o que importa mais é a quantidade de pessoas enviadas e a frequência com o que isso ocorre. No entanto, com moradores locais a relação foi bem mais maleável e com exceção do senhor João de Matos, que me cobrou por noite o valor que recebe por peregrino, foi possível e até simples negociar e pagar apenas as refeições. A experiência apenas reforçou a ideia de que os moradores percebem o Caminho de maneira diferente e reagem às atitudes da agência conforme essa percepção, criando variadas formas de relacionamento com os sócios e peregrinos.

De maneira geral, a receptividade foi muito boa e praticamente não houve dificuldade para ficar na casa dos moradores que fazem parte do Caminho das Missões. Do total de dezenove pontos de almoço e pernoite – incluindo

restaurantes, hotéis e pousadas – doze fizeram parte da pesquisa nessa etapa de visita aos moradores locais.

4.2 - Os moradores

4.2.1 - O perfil dos moradores e as histórias do Caminho

Os municípios pelos quais passa o Caminho têm uma grande área rural, responsável por boa parte da produção econômica. De perfil pequeno e médio, o mais populoso desses municípios é Santo Ângelo, com aproximadamente 74.000 habitantes, seguido de São Borja com 65.000 pessoas e São Luiz Gonzaga que possui população de 35.000 habitantes. Os outros, Garruchos, São Nicolau e São Miguel, têm população aproximada de 3.500, 6.400 e 7.400 habitantes.³⁰ Com exceção de São Miguel das Missões, toda essa população vive majoritariamente nas áreas urbanas e há uma progressiva migração do campo para a cidade. No entanto, mesmo com esse fenômeno, é o que se produz no campo que representa a maior parcela da produção econômica de todos esses municípios. A pecuária – especialmente o gado de corte e gado leiteiro – e as plantações de milho, soja, trigo, arroz, feijão, laranja e tangerina são a base do chamado setor primário.

As informações oficiais das prefeituras coincidem, em parte, com o que se vê ao interagir com os moradores do Caminho e percorrer as estradas seja a pé ou de carro. De fato, encontram-se muitas fazendas na região sob o controle de poucos donos que tocam o negócio com semeadeiras, colheitadeiras, tratores e outras máquinas que tornam o trabalho mais fácil e reduzem sensivelmente a quantidade de pessoas necessárias para trabalhar e produzir no campo. Isto gera escassez de trabalho na zona rural e as pessoas, sem opção, migram para os centros urbanos em busca de um emprego – os próprios moradores dizem isso e fazem essa análise. Ao mesmo tempo, também é verdade que um grupo de proprietários de fazendas bem menores, que produzem e tocam o seu negócio com a ajuda e envolvimento de toda a família, convivem com os grandes fazendeiros. Os pequenos fazendeiros também

³⁰ Todas as informações foram retiradas a partir das páginas das prefeituras. Santo Ângelo: <http://www.santoangelo.rs.cnm.org.br/>. São Borja: <http://www.saaborja.rs.gov.br/>. Garruchos: <http://www.garruchos.rs.gov.br/>. São Nicolau: <http://www.saonicolau.rs.gov.br/>. São Luiz Gonzaga: <http://www.saoluzrs.com.br/>. São Miguel das Missões: <http://www.saomiguel-rs.com.br/>. Acesso em: 28/07/2010.

trabalham de forma mecanizada, menos empresarial, tomam empréstimos em banco para os custos anuais e estão muitas vezes vinculados às cooperativas que auxiliam no recolhimento da produção de grãos e de leite e fazem a pesagem dos alimentos.

O Caminho das Missões tem moradores de todos os tipos e com perfis variados: há moradores que trabalham para empresas do agronegócio, há aposentados, aqueles que são donos de suas fazendas e criam gado leiteiro ou plantam algum grão, há um morador que é dono de uma grande fazenda herdada do pai e que arrenda boa parte de sua terra para uma empresa, existem donos de pequenos bolichos e até uma senhora que é empregada de uma dona de fazenda e recebe os peregrinos por ordem da patroa. Torna-se muito complicado definir um perfil de morador quando em cada ponto de pernoite ou almoço se encontra uma família com histórias diferentes. Além disso, sobre alguns assuntos eles simplesmente não quiseram falar, especialmente o que se refere à finanças. Mas, de maneira geral, é possível dizer que os moradores do Caminho são pessoas que moram no campo, a maior parte vive da sua própria produção de grãos ou leite, têm entre dois e cinco filhos, sua escolaridade é baixa e a renda fica entre um pouco menos de salário mínimo (622 reais) e dois mil reais. Como um perfil desses é sempre cercado de inúmeros estereótipos que muitas vezes não correspondem à realidade de cada família, o mais adequado é contar como foi a visita e a interação com alguns desses moradores. Os moradores que visitei foram: moradores do Passo da Barca (comunidade em São Borja), senhor Adelfo e dona Gelci (fazenda em Garruchos), Guinter (fazenda em Garruchos), Cleida (bar e restaurante em São Nicolau), dona Irene (fazenda em São Nicolau), dona Antônia (propriedade rural em São Luiz Gonzaga), Margareth (propriedade urbana em São Luiz Gonzaga), Robson (propriedade rural em São Luiz Gonzaga), dona Rose (empregada doméstica de proprietária de fazenda na redução de São Lourenço Mártir) e João de Matos (propriedade em Carajazinho, distrito de São Miguel das Missões).

Um lugar que foge bem ao estereótipo é a comunidade Passo da Barca, onde moradores de diferentes famílias se reúnem para receber os peregrinos. A passagem pela comunidade, narrada no início deste capítulo, foi interessante, pois três moradores me receberam: Márcio, Dilaine e Naíze. Ao chegar na rodoviária de São Borja, o único ônibus da tarde que leva à comunidade já havia partido e foi necessário contratar um moto-taxi para alcançar o ônibus, que já estava em seu

trajeto de linha urbana, para poder embarcar e seguir viagem. Por sorte, o taxista conhecia o último ponto antes do início da zona rural e rapidamente me levou até lá. Ao chegar na comunidade, os três moradores me aguardavam como combinado por telefone. Sentamos em cadeiras de bar em frente ao galpão comunitário e começamos a conversar sobre o Caminho e assuntos diversos surgiram como cardápio dos peregrinos, divisão de tarefas, com quanto cada um contribui quando é necessário comprar alimentos, quem comprou as camas e providenciou os colchões para receber, como decidem as melhorias, o que acham dos peregrinos, entre outras coisas. Somente depois gravamos uma entrevista formal com a participação dos três ao mesmo tempo. Eles contaram que vivem numa comunidade grande, de aproximadamente 50 famílias espalhadas naquela região, com apenas 10 famílias participando ativamente da comunidade e da associação de moradores da qual Márcio é o presidente. Naíze e Dilaine participam do Caminho desde o início do trecho São Borja - São Nicolau em 2005. As duas são donas de casa, Dilaine tem 38 anos, estudou até a 6ª série e tem dois filhos, enquanto Naíze tem 39 anos, estudou até a 3ª série e tem seis filhos. Dilaine conta como é seu dia a dia:

Sim, eu trabalho em casa, eu cuido da casa, cuido dos filhos e trabalho aqui na comunidade como...a gente tem trabalho com a EMATER, né, de artesanato. Tudo envolvido aqui na capela do Centro Comunitário, né e os Encontros que a gente tem todas quartas-feiras e quando vem os peregrinos, né, no Caminho das Missões, que a gente trabalha também, né, que a gente fica em função uns dois mais ou menos assim trabalhando, lidando, né.

Márcio também é casado e tem uma filha, tem vinte e nove anos estudou até a 3ª série. Hoje ele é operador de retroescavadeira na fazenda agrícola em que trabalha no turno da noite – segundo ele, ganha um pouco mais que um salário mínimo. Este é um ponto de pernoite do Caminho em que as famílias têm poucos recursos financeiros e o único que é comandado por um grupo de pessoas associadas. Hoje Márcio é o presidente da associação e responsável por muitas decisões que podem interferir no Caminho. Dilaine e Naíze, que se envolvem e participam ativamente na comunidade, sempre estiveram integradas ao Caminho das Missões e gostam bastante do projeto e dos peregrinos. Elas contaram que Romaldo e Claudio estiveram lá oferecendo uma parceria para elas trabalharem e

que, aos poucos, foram dizendo o que era e como ia funcionar o Caminho. Todo o acerto com os moradores, segundo os sócios da agência, sempre foi feito com muito cuidado e delicadeza. Afinal eles chegavam aos lugares sem conhecer as pessoas, muitas vezes com indicações de nomes por quem poderiam procurar, enquanto em outras situações chegavam sem conhecer ninguém.

Dilaine conta como foi:

Ele veio e perguntou se a gente queria fazer essa parceria com eles para nós trabalharmos. Aí na época não era o Marcio o presidente, era a Nely, aí nós assumimos, dissemos que tudo bem, que seria uma boa, né. Até ele queria que a gente colocasse tudo coisa crioula que tivesse, que a gente produzia aqui. Mas é que tem muita coisa que a gente tem que comprar, né, que aqui a gente não tem, frutas, algumas coisas a gente tem, mas alguma época não tem. E aí ele começou assim a dizer para nós, né, o que a gente podia, o que tinha que fazer, né e a gente começou a assumir. E aí o cardápio a gente...A gente trabalhou junto com ele, né, a gente escolheu junto, daí que foi risoto, salada e o café da manhã, daí.

O que Dilaine conta foi relatado em vários outros pontos que também foram visitados, ou seja, Romaldo, Cláudio e Marta procuraram moradores locais, muitas vezes com ajuda das prefeituras locais a partir das secretarias de turismo, e ofereciam uma parceria ou oportunidade de trabalho. Nunca ficou muito claro, nem a partir dos moradores, nem a partir dos sócios, como ocorreu em detalhes estes primeiros encontros e como os moradores foram efetivamente abordados. Os moradores contam em conversas informais que os sócios ofereceram trabalho e fizeram uma proposta de assinatura de contrato com eles, que não poderiam depois desistir. Entretanto, muitos moradores dizem que esses contratos nunca chegaram a ser assinados e ficou tudo acertado verbalmente. Certa vez, em Garruchos, durante uma caminhada, um senhor chamado de Seu Chico, que faz de almoço um arroz de carreteiro, contou-me, em tom de brincadeira, que Romaldo havia estado lá e disse que iria ter um contrato, mas que nunca assinou nada. Em muitos pontos prevaleceu a informalidade, sendo difícil identificar como se deu essa relação. Pelo que se pode observar hoje no Passo da Barca, os moradores têm certas divergências com a agência, mas gostam de receber os peregrinos e se sentem parte do projeto Caminho das Missões. Por se tratar de uma comunidade, os moradores se organizam para limpar o galpão e preparar a comida dos peregrinos. Cada um faz uma doação de alimento, seja um quilo de arroz, seja uma galinha própria – é

comum criar animais para o abate e consumo em vários pontos visitados. O que falta, pegam dinheiro da própria associação para fazer as compras. Eles disseram que o dinheiro da peregrinação vai todo para a comunidade e já ajudou a realizar melhorias para todos, mas não identificaram a renda como algo imprescindível para sua sobrevivência.

Após a entrevista, Márcio me convidou para conhecer a fazenda e ir até a casa dele. Ele, a mulher e a filha moram num terreno compartilhado com outras duas famílias – situação que coloquialmente se diz "morar no mesmo quintal". Entrei rapidamente e a casa de dois quartos do casal é simples e bem humilde. Márcio me mostrou um ventilador que ele mesmo construiu para a família a partir de ventiladores usados e quebrados, dizendo que iria me emprestar naquela noite para ajudar a afastar os mosquitos. Logo, voltamos para a varanda e sentamos em cadeiras de praia para tomar uma limonada preparada por sua esposa. Ela, sabendo que eu era carioca, nascido e criado no Rio de Janeiro, me perguntou várias vezes se eu já tinha visto algum famoso da emissora de televisão Rede Globo nas praias do bairro Leblon. Respondi que não, que não observava muito essas coisas, mas ela continuou a falar sobre a vida de atores e atrizes famosos e, então, conversamos bastante sobre isso. Em certo momento, Márcio interrompeu a conversa para dizer que já havia convidado Romaldo para ir até a sua casa e conhecer a lavoura, mas ele nesses anos nunca se interessou. Conversamos mais um pouco e fomos visitar a plantação de arroz e a casa onde se estacionam as máquinas. A área cultivada é, de fato, imensa e Márcio ressaltou que gostaria de levar os peregrinos para conhecer as plantações, mas o pessoal da agência não se interessava. A impressão que se tem é que os sócios da agência não conhecem muito bem como vivem os moradores locais e o que eles fazem quando não estão envolvidos com a peregrinação. Foi possível perceber isso em vários pontos de pernoite, não apenas no Passo da Barca. Praticamente todos os moradores contaram que Romaldo, Claudio ou Marta já haviam visitado-os fora da peregrinação para conversar e acertar algum assunto, mas sempre rapidamente. Em conversas com Romaldo após a pesquisa de campo com os moradores, ele disse, com alguma frequência, coisas sobre a realidade de moradores que divergiam do que eu havia observado, especialmente sobre Guinter e Eugênio. Ficou claro que os sócios conhecem superficialmente muitos moradores e que não têm intimidade com muitos deles, desconhecendo, inclusive, algumas queixas que surgiram nas conversas informais.

De volta ao galpão comunitário, já era noite e Dilaine convidou-me para jantar na casa dela com sua família. A casa também era pequena e simples, mas arrumada com mobílias que geralmente são vendidas em grandes varejistas de eletrodomésticos e mobília para casa. Sentamos à mesa e começamos a conversar. Dilaine estava muito interessada em saber como poderia fazer para conseguir uma bolsa de estudos para a filha ingressar numa universidade e passamos a maior parte do jantar conversando sobre isso, além de falarmos muito sobre uma novela brasileira já encerrada e que fez muito sucesso chamada Caminho das Índias. Ao final do jantar, ajudava Dilaine a tirar a mesa e falávamos dos peregrinos, quando ela disse: "Ah, mas o Romaldo também, fica cobrando e exigindo aquilo tudo. Se quiser pode procurar outro ponto. A gente é pobre!". Respondi aproximadamente o seguinte: "Então, essas coisas eu queria saber também, teria sido interessante falar sobre isso na entrevista". Dilaine me olhou, mas não respondeu e continuou a colocar a louça na pia. De fato, os moradores do Passo da Barca, a julgar pelas casas, escolaridade e a vida que pude observar, têm uma situação econômica difícil e de poucos recursos materiais – talvez sejam os mais pobres de todo o Caminho hoje. Foram comentários curtos como esse que mostraram que a relação com a agência nem sempre é amistosa. Após o jantar, retornei ao galpão, onde passei a noite para de manhã cedo pegar o ônibus escolar.

No distrito de Sarandi, segundo ponto de pernoite do Caminho, a situação é bem diferente do Passo da Barca, pois não se trata de uma comunidade, mas do casal Adelfo e Gelci Zilli, donos do único bolicho do lugar. Um bolicho é uma pequena venda que era muito comum no interior do Rio Grande de Sul e de tantas outras cidades pequenas brasileiras. O bolicho do senhor Adelfo é especialmente característico: são dois balcões formando um L (ele), onde atrás do mesmo há prateleiras em que se guardam todos os produtos que estão à venda. Ao entrar, há uma área com duas mesinhas de bar para as pessoas tomarem cerveja, servir refeição a quem chega e servir como lugar de encontro para prostrar. Há dois freezers para guardar alimentos congelados e os alunos do colégio passam lá para tomar sorvete e picolé, comprando também refrigerante, bala, chiclete, biscoito e batata. Vende-se um pouco de tudo, como arroz, açúcar, óleo, milho e ervilha, cigarro, baralho de cartas, isqueiro, caneta, salsicha, recarga de celular, enfim, coisas que as pessoas precisam no dia a dia e que não querem ir a um supermercado longe buscar. A sala da casa de Adelfo e Gelci tem conexão direta

com o bolicho por uma porta tapada apenas por uma cortina feita em bambu. O bolicho não é a principal fonte de renda do casal, afinal esse tipo de negócio informal, a partir do qual se vende fiado e sem nota fiscal para a toda vizinhança, que salda as contas todo o início de mês, está em declínio no interior por diversas razões. O gado de corte é a principal fonte de renda de Adelfo, que hoje tem uma fazenda de 100 hectares com pouco mais de 110 cabeças de gado. Ele tem 62 anos e estudou até a 5ª série, enquanto dona Gelci tem 59 anos. Juntos têm três filhos, mas moram os dois com um afilhado apenas.

A rotina do senhor Adelfo é dedicada ao comércio no bolicho e à pecuária. Numa das peregrinações, acompanhamos a lida com o gado, que ocorre duas vezes ao dia. Adelfo e um ajudante vão em uma caminhonete até a extensa área onde o gado é criado solto e lá começam a preparar um pasto com ração. O gado é tocado pela caminhonete para a área de alimentação e, em alguns casos, nem é preciso fazer nada, pois só a presença deles já atrai a boiada que está ao redor. No entanto, a área total é muito grande e é necessário percorrer um longo percurso até chegar à margem do rio, onde há uma construção rústica em madeira que abriga um espaço para que duas pessoas durmam revezando a guarda que protege a fazenda de invasores que atravessam o rio para matar, roubar e levar o gado. No bolicho, Adelfo exerce outras atividades, como atender clientes e fazer encomendas, além de prostrar com os amigos na roda de chimarrão. A senhora Gelci, por sua vez, trabalha duro e tem uma jornada diária bem mais árdua, pois além dividir as tarefas com o marido no bolicho, cuida de todo o serviço da casa, inclusive de pequenas hortas e animais. Certa vez, uma peregrina de Caxias do Sul que caminhava comigo observou espantada, ao perceber como as mulheres do interior trabalham mais que os homens, que dona Gelci era a primeira a acordar e a última a dormir. De fato, ela não para mesmo: acompanhei-a preparando o café da manhã, almoço e jantar, além de fazer a horta, dar comida para as galinhas, colher mandioca e limpar a casa. Ela mesma conta o que faz:

A minha rotina também é cuidar todo serviço da casa. Cuidar, tirar o leite, cuidar dos bichos, das galinhas, da horta, às vezes ainda sobra um tempinho para capinar numa lavourinha de mandioca ali da frente. Também faço trabalhos manuais, crochê ou pintura em tecido, tricô, sempre estou trabalhando, parada nunca, nunca estou, é difícil no dia eu ficar sentada ou dormindo uma hora.

Além de toda essa rotina de trabalho, dona Gelci ainda fica à frente da tarefa de receber os peregrinos do Caminho das Missões. Ela praticamente faz tudo sozinha. Limpa o quarto e o banheiro onde os peregrinos ficam alojados, prepara todas as refeições e ainda acerta valores com Romaldo. O senhor Adelfo apenas recebe bem os peregrinos, conversa bastante com todos, geralmente tomando um chimarrão. Quando conversamos formalmente numa entrevista gravada, dona Gelci contou que Romaldo e Claudio estiveram lá através também da prefeitura, procurando um lugar para ficar, que podia ser uma escola ou casa de alguém. Na ocasião, eles desconheciam o que era uma peregrinação e porque os peregrinos caminhavam, assim como também não sabiam como iria ser organizado o Caminho. Aos poucos, os sócios foram explicando o que seria, mas eles não souberam contar exatamente o que eles disseram. Contaram o seguinte:

Sr. Adelfo – Veio o Cláudio e o Romaldo através da Prefeitura, não é?

Sra. Gelci – É. Vieram com o pessoal da Prefeitura, porque eles chegaram na cidade e daí pegaram o pessoal na Prefeitura para sair e conhecer o interior, né.

Sr. Adelfo – Conhecer o lugar aí.

Sra. Gelci – E eles foram conversando. De principio o dia que eles chegaram aqui nós ficamos sem saber o que eles queriam, sabe? Ficaram, só olharam o lugar, perguntaram o que tinha na comunidade, se tinha escola, tinha coisas assim que eles de repente iam ter que arrumar um ponto assim para eles pararem, se não tivesse um em casas de família teria que ser numa escola ou num salão paroquial, uma coisa assim ou salão da comunidade.

Sr. Adelfo – É, e como aqui não tinha...

Sra. Gelci – É.

Sr. Adelfo – Ninguém queria receber, nós achamos de abraçar essa...

Sra. Gelci – É foram conversando com nós, foram conversando até que a gente chegou de aceitar, porque não tinha outro lugar para eles, não.

Novamente, os sócios estavam em contato com a prefeitura e a secretaria de turismo para desenvolver o Caminho das Missões. E, assim como se deu no Passo da Barca, no distrito de Sarandi também não havia opção de hospedagem e foi difícil conseguir alguém para assumir o compromisso de acolher os peregrinos, o que dá ainda mais importância aos moradores do Caminho, pois uma eventual perda do ponto de pernoite produz uma grande dificuldade aos sócios, que ficam sem ter onde abrigar os peregrinos. Mas, dona Gelci e o senhor Adelfo têm boas

relações com os sócios e da parte deles não houve nenhum comentário ou reclamação sobre a situação atual. As condições financeiras do casal são bem melhores do que a dos moradores do Passo da Barca. Adelfo contou-me que hoje eles têm uma renda líquida de 1600 reais mensais, sem contabilizar o que o Caminho pode render. O cardápio varia entre peixe e frango, acompanhado de salada, arroz, feijão. No café da manhã há pão, leite, queijo, geléia, ovos mexidos – este é um dos cafés da manhã mais reforçados do Caminho. Como praticamente toda a comida que é servida ao peregrino é produzida na própria fazenda, o custo com a alimentação dos peregrinos é baixo e, assim, o que se ganha com o Caminho fica em sua maior parte como renda líquida para os dois. Entretanto, ambos contaram que a renda do Caminho não é significativa para fazer uma diferença essencial na renda líquida da família.

Curiosamente, outro casal conta histórias parecidas. O senhor João de Matos, conhecido por ser uma pessoa que encarna muitos dos estereótipos de um gaúcho do interior e por oferecer uma infraestrutura que provoca reclamações dos peregrinos, e sua esposa, dona Nely, também são um casal que recebem os peregrinos para pernoite. Último ponto de parada para dormir em casa de morador, no distrito de Carajazinho a quase 33 quilômetros de São Miguel das Missões, o chamado "Bolicho do Velho Casarão" apresenta claros sinais de que não tem mais a prosperidade de antes. Diferentemente do bolicho do senhor Adelfo e dona Gelci, cujas prateleiras são cheias de produtos de necessidade básica e tem frequentadores o dia todo, o estabelecimento do senhor João de Matos vende bem menos do que antigamente e poucas pessoas passam por lá. João contou que criou seus quatro filhos praticamente só com a renda do bolicho. Naquele tempo o primeiro ambiente do casarão principal ficava cheio de gente que ia lá para conversar, beber, comer refeições, comprar carne, leite e outros produtos. João conta que não tinha tempo livre de tanto que ele e a esposa trabalhavam para manter o lugar em pleno funcionamento. A disposição do espaço lembra a do bolicho de Adelfo e Gelci, no qual há um ambiente com mesas para sentar e um grande balcão atrás do qual ficam os produtos à venda e os freezers. Ao fundo do balcão há também uma passagem que dá acesso às outras dependências da casa onde mora o casal.

Com o declínio dos bolichos na região, o senhor João resolveu investir no gado leiteiro e hoje, ele e dona Nely têm seis vacas. A rotina hoje é mais tranquila, especialmente porque apenas um filho ainda fica no casarão com seus pais. Eles

pela manhã liberam as vacas para o pasto e, ao final do dia trazem o gado para ordenhar. Acompanhei os dois enquanto retiravam o leite das vacas num processo todo mecanizado onde o leite vai diretamente para um refrigerador para posteriormente ser recolhido por uma cooperativa. Foi nesse contexto que dona Nely resolveu contar algumas passagens da sua vida. Disse que ela era de família muito pobre e seus pais achavam que mulher não precisava estudar, por isso só fez até a 3ª série do antigo primário – hoje 4º ano do ensino fundamental. Nely disse que somente quando começou a trabalhar no bolicho é que aprendeu a fazer contas, pois tinha que ficar à frente do negócio quando seu marido não estava presente. Foi assim, segundo ela, que criou os 4 filhos, procurando fazer diferente e dar a eles estudo até o final do ensino médio. Com exceção do mais novo, todos completaram os estudos, o que disse considerar fundamental, pois, nas suas palavras, "estudo é essencial". Dona Nely falou também sobre previdência, dizendo que se sentia muito injustiçada por não ter podido se aposentar. Ela disse que sempre teve uma vida sofrida e trabalhou duro no bolicho, cuidando de horta, preparando refeições para servir e limpando a casa, mas quando tentou se aposentar não foi considerada contribuinte. À mim pareceu que ela contava passagens de sua vida com uma certa mágoa e reclamação, como se tivesse um sentimento de injustiça dentro de si por tudo o que viveu e, especialmente, por ter trabalhado tanto e não ter direito a nenhuma remuneração. A história que dona Neli contou pode servir como representação de uma relação de gênero desigual que é muito forte e marcante entre os moradores. Em várias paradas do Caminho fica claro que cabe ao homem a liderança e o trabalho que traz dinheiro para a família, enquanto as mulheres cuidam de todo o trabalho doméstico e ainda ajudam seus maridos, trabalhando muito mais do que eles. É assim, na casa do senhor João de Matos, de Adelfo, nas famílias do Passo da Barca, na residência de Róbson após São Luiz Gonzaga e na casa de Guinter em Garruchos. A desigualdade da relação varia em cada ponto, mas existe em todos eles.

Após ordenhar as vacas, João sentou-se comigo na varanda de seu velho casarão para depois gravar uma entrevista. Na conversa ficou claro que há divergências com a administração do Caminho, mas isso não foi dito na entrevista gravada. Ele contou-me como foi que os sócios do Caminho o procuraram. Na época, João lembra que estava no CTG quando Claudio, Romaldo, Marta e Gládis foram até lá já com a intenção de procurar por ele. De maneira semelhante ao que

fizeram no Passo da Barca e no distrito de Sarandi, eles comentaram brevemente sobre o que era o projeto e pediram para visitar o velho casarão. O próprio João e dona Neli contaram como foi. Ela disse:

Isso aí deve fazer o que, quatro anos para mais eu acho. É que a gente não tem bem... Eu não tenho bem uma data especificada, né, porque quando a gente começou que eles queriam que nós começássemos, a gente nem sabia o que era isso aí: os peregrinos, que eles falavam, né. Para receber, porque a gente também já não tinha muito espaço, teria que começar do nada. E daí eles diziam assim “Não, vamos começar. Para começar pode ser você fazendo a comida, coloca aí, cada um pega um prato, senta aí, tendo o que comer se viram”. E negócio de dormir também, daí quando a gente. Na primeira vez a gente arrumou a igreja ali, daí foi o quartel que veio.

... parece-me que no primeiro dia que eles vieram a gente estava numa festa no clube ali. E daí eles chegaram lá e pediram para vir olhar a casa aqui, que era uma casa antiga e que eles gostariam que a gente recebesse os peregrinos aqui e que desse uma mão para eles. Daí a gente disse “Não, vamos ver, né”, porque a gente nem sabia bem certo como é que... .

João também contou:

E daí quando eles vieram fazer uma verificação no Caminho aqui, o Romaldo, a Marta, o Cláudio e a Gladis, vieram sabendo o meu nome. Eu não conhecia eles. Eles foram no CTG lá, eu estava no CTG. Daí eles perguntaram por mim lá e daí eu vim falar com eles, daí eles me falaram no Caminho das Missões. Que eles queriam fazer uma rota aí, uma coisa, um caminho e (inaudível) os peregrinos, eu nem sabia quem era peregrino. (risos) Aí eu só disse 'Metemo-lhe ficha! Vamos abraçar a questão aí'.

Nas primeiras vezes, os peregrinos ficaram numa igreja em frente ao casarão, passando a dormir numa escola próxima nas peregrinações seguintes. João e a esposa ofereciam as refeições. No entanto, logo os peregrinos começaram a dormir no próprio bolicho, o que torna o senhor João de Matos e dona Neli um dos primeiros casais a receber e a participar do Caminho das Missões. Segundo eles, a renda que o Caminho gera hoje não é essencial para a vida do casal, que ganha aproximadamente dois mil reais mensais – informação que é difícil verificar.

Os três pontos de pernoite descritos são razoavelmente representativos do que se encontra no Caminho das Missões. Com exceção de Ginter, que apesar da baixa escolaridade herdou do pai uma grande fazenda e hoje tem boa situação econômica, e do senhor Eugênio e a esposa, que possuem ensino médio completo e têm situação econômica de classe média, os demais moradores que recebem os peregrinos tem um perfil próximo ao descrito nos distritos do Passo da Barca, Sarandi e Carajazinho. Em relação ao que contam sobre como os sócios entraram em contato, as histórias também convergem e fica claro que os sócios foram buscando pontos de pernoite com a ajuda de alguém das prefeituras, que fazia a indicação de determinado morador. Eles, em seguida, procuravam a pessoa e faziam uma proposta de trabalho, informando pouco sobre o que era uma peregrinação. Os moradores aceitaram sem saber ao certo como iria funcionar e quais eram as regras do Caminho, descobrindo no decorrer do processo.

4.2.2 - A infraestrutura de pernoite

Com exceção dos hotéis e pousadas, todas as hospedagens em casas de moradores não foram projetadas para receber hóspedes, sejam eles peregrinos ou turistas. Assim, todas as acomodações são adaptadas ou improvisadas, o que provoca muitas reclamações dos peregrinos. Este é o caso da comunidade Passo da Barca, onde os peregrinos dormem no galpão comunitário que já foi descrito no princípio deste capítulo. Lá, inicialmente, os peregrinos dormiam nos colchões que eram colocados diretamente sobre o chão. Depois, segundo Dilaine, eles ganharam algumas camas de doação dos patrões, que são montadas e desmontadas para a passagem dos peregrinos. Mas, quando o grupo é grande, tem sempre alguém que precisa dormir no chão, pois não há camas suficientes. Segundo Dilaine, não há obrigação de oferecer roupa de cama e banho aos peregrinos, mas muitas vezes eles emprestavam suas próprias roupas de cama. Mas, quando os sócios conversaram com eles nos primeiros contatos, não ficou muito claro o que era uma peregrinação e como iria funcionar o Caminho e as suas regras. Apesar deles terem dito que haveria um contrato, isso em muitos pontos nunca chegou a ser efetivado, valendo assim o entendimento verbal. Este entendimento foi sendo feito aos poucos, delicadamente e, no início, sem maior exigência de conforto. Bastava os moradores oferecerem um espaço para dormir com colchões, um banheiro e a

refeição. Aos poucos, às vezes por pedido de um dos sócios, outras por iniciativa própria, algumas melhorias foram sendo efetuadas. Segundo alguns moradores, a maneira como cada sócios conversa com eles é diferente, uns são mais delicados nos pedidos e outros menos. Geralmente Cláudio e Marta são mais elogiados, enquanto as reclamações mais enfáticas recaem sobre Romaldo – ele é o responsável pelos pagamentos e administração da agência de turismo. Certos pedidos são mais fáceis de atender, como compra de pratos, copos e talheres, cuidados com a higiene no preparo dos alimentos e manutenção do banheiro e chuveiro – como verificar se não há nada entupido ou se o chuveiro tem fluxo de água corrente ao invés de apenas um filete d'água. Já outros pedidos envolvem investimentos de maior substância, como compra de camas e colchões. Assim, é difícil a situação dos moradores quando a questão é a infraestrutura, especialmente porque a agência mobilizou e ainda mobiliza tanto o discurso de peregrinação como o de turismo, e o mesmo acabam fazendo os peregrinos que vêm para as missões com as mais diversas motivações. Como o poder aquisitivo dos moradores locais é baixo, qualquer despesa causa impacto no orçamento das famílias, o que dificulta qualquer investimento em algo que é tão incerto como a renda que a peregrinação gera a eles.

Como cada morador compreende e reage ao que diz a agência e os peregrinos de forma variada, também varia a disposição e a condição econômica de cada um para investir na infraestrutura. No geral, é possível afirmar que a maior parte dos moradores não irá fazer investimentos vultosos se não perceber que haverá um retorno econômico certo. Há duas exceções, uma fica em São Lourenço Mártir, no casarão da fazenda da senhora Cecília, e na fazenda de Guinter, em Garruchos. Apesar de muitos peregrinos reclamarem das condições do casarão, que é antigo e tem frestas nas paredes, Dona Cecília mandou construir bons banheiros para atender os peregrinos e fez melhorias nas camas, colchões e roupa de cama e banho. Além disso, sua empregada na fazenda, dona Rose, é encarregada de receber as pessoas. Guinter, por sua vez, disse que comprou um barco novo de quase vinte mil reais para transportar os peregrinos pelo Rio Uruguai. Mas, tanto dona Cecília quanto Guinter fogem ao perfil traçado dos moradores locais.

Existe a vontade de melhorar as condições para receber os peregrinos e dar mais conforto a eles. Quase todos os moradores falam isso. No entanto, efetivamente, poucos fazem isso e, em alguns casos, há divergência entre o que diz

o morador e o que os sócios contam. No entanto, um lugar que causa muitas reclamações é o bolicho do senhor João de Matos. Ao chegar na frente do casarão que abriga o bolicho e a residência de João de Matos e dona Neli, os peregrinos, ao invés de entrar pela entrada principal que é a do bolicho, caminham margeando a lateral esquerda da casa e seguem até encontrar um cômodo nos fundos. Neste lugar há um quarto de tamanho médio, de aproximadamente 30 m², com sete beliches, um bem próximo ao outro. Muitos peregrinos reclamam que o ambiente é apertado, tem cheiro de fechado, velho e é mal iluminado. Logo ao lado do quarto há dois banheiros construídos por causa do Caminho. Bem pequenos, também são muito criticados por ficarem sempre alagados por causa da água do chuveiro e devido a fiação elétrica que está exposta. Na opinião de João e Neli, eles fizeram investimentos para fazer parte do Caminho. É a própria Neli quem conta:

...depois a gente já conseguiu fazer daí já o quarto, um albergue aqui já para dezesseis pessoas, né. Daí a gente organizou com um pouco de sacrifício, né, porque a gente tinha uma esperança que já de começo ia dar bem, né, que eles incentivavam muito. “Isso aí vai melhorar, vai melhorar”. É um pouco sacrificoso, né, porque daí a gente investiu e daí foi devagar o caminho e até agora ainda não está ainda, tem meses que dá, né e tem meses que não dá.

Ah, com certeza, a mesa, nós não tínhamos uma mesa grande, agora nós temos. Cadeiras para todo mundo sentar, uma cadeira confortável, já vamos dizer uma cadeira para você sentar e almoçar a gente...tudo a gente teve que comprar, a gente não tinha bastante, né. Aí vamos dizer que tinha três, quatro aí, hoje se chegar vinte, vinte e cinco peregrinos eu tenho aonde acomodar, né. Tenho mesa, tenho cadeira, daí tem as camas para dormir. Até vinte pessoas já tem dormido aí, né. Então, claro que falta. A gente quer arrumar melhor aqueles banheiros, fazer mais uns dois talvez, arrumar melhor, né. E as camas também, de repente a gente quer botar lençol, botar cobertores, né. Mas isso aí teria que melhorar também mais as caminhadas, porque eu, inclusive até estava falando, que eu não estou a fim mais de fazer uma coisa e ficar devendo, né, porque no começo foi muito ruim para mim. Eu fiquei muito chateada que a gente vai, a gente investiu aquilo ali, daí a gente teve que ir para Banco pegar empréstimo e coisa, né.

De fato, esses investimentos foram mesmo feitos e para uma família de poder econômico baixo isso pode ser muito significativo. Mas, certa vez, conversando com Marta, sócia do Caminho, ela contou-me que todos os colchões

foram pagos pela agência e não sabia informar se João de Matos havia devolvido ou não o dinheiro. De qualquer forma, houve algum investimento do morador local e, mesmo assim, o lugar recebe reclamações dos peregrinos.

Outro ponto de pernoite que integra o Caminho fica no Rincão dos Teixeiras, logo antes do município de São Luiz Gonzaga. Apesar de não ser tão longe da cidade, este foi o lugar mais difícil de chegar de toda essa etapa da pesquisa. Isso ocorreu porque na estrada de terra que dá acesso ao ponto passam poucos carros e, por isso, foi necessário caminhar com muito material até chegar lá. Dona Antônia, uma senhora de 67 anos, recebeu-me calorosamente assim que cheguei depois de uma longa caminhada debaixo de sol forte por quase quatro horas. Precisei descansar, beber água e descansar um pouco no alojamento dos peregrinos. Logo em seguida, começamos a conversar ali mesmo. Dona Antônia, mãe de dez filhos e hoje uma senhora aposentada como funcionária do Estado do Rio Grande do Sul, exercendo a função de servente de limpeza, é quem cuida da escola desativada onde recebe os peregrinos. No passado, a pequena escola, com apenas duas salas de aula, servia à comunidade Rincão dos Teixeiras, mas foi fechada no ano 2000 graças a uma política pública que visava nuclear várias pequenas escolas. Desativada desde então, a escola começou a servir de ponto de pernoite para o Caminho desde 2001 quando houve a primeira caminhada experimental. Dona Antônia sempre esteve à frente do ponto de pernoite, pois sua casa, onde hoje vive apenas com o marido, fica ao lado da antiga escola. Ela cuida e dá manutenção necessária ao lugar, assim como prepara a alimentação dos peregrinos. O lugar tem duas salas de aula que são separadas por um pequeno corredor que dá acesso à cozinha e, nos fundos, aos dois banheiros. As salas de aula, que comportariam de vinte a vinte cinco crianças confortavelmente e ainda têm a marca do quadro negro na parede são, hoje, o alojamento e o refeitório. Em condição razoável de conservação, o alojamento dos peregrinos é equipado com algumas camas beliche e outras de solteiro, todas bem próximas umas das outras. Ao lado, fica a sala onde é o refeitório, que possui uma mesa grande e dois bancos em cada um dos maiores lados. Os banheiros estão em situação bem precária: as portas estão quebradas, um vaso está sem tampa, do chuveiro cai apenas um filete de água e molha todo o chão, os espelhos em cima da pia estão rachados e há pouca privacidade na hora do banho – essas são as principais reclamações que ouvi dos peregrinos em entrevista e informalmente.

Conversando com Dona Antônia na varanda da sua casa, ela demonstrou ter uma opinião bem parecida com o que pensam os peregrinos. Na primeira caminhada em que os recebeu, pensou que seria uma única vez e, por isso, aceitou participar. Ocorre que, logo em seguida, foi convidada para uma reunião em São Nicolau, quando os sócios explicaram que o Caminho que estavam formando seria mensal. Naquela ocasião, não havia qualquer infraestrutura disponível e dona Antônia, que tem uma família grande, pegou os colchões da própria casa e os colocou no chão da sala de aula. Usou também seus próprios utensílios domésticos para preparar as refeições. Com o tempo e utilizando o próprio dinheiro que ganha com a peregrinação, ela foi equipando o lugar. Ela mesma conta como foi:

Olha, aos poucos, cada, vinha um grupo, aquele lucrinho que entrava do grupo a gente investia. Comprava um colchão, lá no outro grupo comprava uma cama, lá vinha outro grupo a gente comprava outro colchão e assim foi que...que agora tem isso aí, né, só que não são lá muito bom, porque a gente sempre vai, às vezes, pelo mais barato, né, para poder render mais.

Sim. Para ir investindo. Melhorando. A gente sempre tentando melhorar. Sim, além das camas e os colchões que a gente tentou melhorar, né, os utensílios de cozinha. No começo era só prato, aí depois a gente foi melhorando. Prato, talheres. Comprando as coisas para melhorar. Garrafa térmica, por exemplo, também. Para por o leite, o café.

A escola desativada do Rincão dos Teixeiras recebeu aos poucos as melhorias que Dona Antônia pôde proporcionar. Ela provavelmente foi quem melhor expressou a vontade de melhorar o ponto de pernoite associada à difícil situação econômica em que vive a maior parte dos moradores locais do Caminho e ao atual baixo fluxo de peregrinos – dona Antônia, por exemplo, declarou receber em torno de 500 reais por mês. Disse ainda que a qualidade dos colchões não é boa, pois procura o mais barato para render mais. O dinheiro que recebe do Caminho, além de ser investido na infraestrutura do lugar, colabora também para o orçamento familiar, inteirando o pagamento de uma conta de luz ou remédios. Entretanto, dona Antônia afirmou que esse dinheiro não é certo e, portanto, não é indispensável para sua sobrevivência.

De maneira geral, o que ocorre na antiga escola que dona Antônia cuida se assemelha aos vários outros pontos de pernoite e almoço do Caminho. Do ponto de

vista dos moradores, muitos dizem que existem melhorias a fazer e conhecem as deficiências que são apontadas por um grupo peregrinos e pela agência. Para alguns, inclusive, a necessidade de melhorias se dá por causa da imagem que possuem dos peregrinos como pessoas de alta classe e educadas. Mas, ao mesmo tempo, os moradores sentem que já fizeram investimentos e o retorno que o Caminho dá não é correspondente. De fato, não havia nada nas casas dos moradores para receber pessoas e a agência nem sempre foi clara sobre o que seria a peregrinação e qual seria a infraestrutura necessária. Dada a situação financeira de poucos recursos da maioria das famílias, o esforço para comprar camas, colchões, aquecer um banheiro e comprar pratos e talheres já foi grande e eles, apesar de gostarem do Caminho e de receber as pessoas, dificilmente vão colocar dinheiro próprio para proporcionar melhorias e mais conforto.

Resumidamente, hoje, os moradores do Caminho das Missões oferecem hospedagem em suas casas, galpões, bolichos, escolas e casarões. Todas as acomodações são adaptadas e oferecem conforto variável, que é classificado pelos peregrinos como ruim, razoável ou bom.

4.3 - Percepções dos moradores

4.3.1 - Percepções

Não é simples compreender o que pensam os moradores locais e como eles atuam no Caminho. Cada família tem histórias diferentes para contar e percebem de maneira diversa o Caminho das Missões. A visita aos moradores mostrou, na verdade, que certos aspectos de suas percepções seriam revelados mais por suas atitudes e pelo convívio social do que nas entrevistas gravadas. A questão da dupla mobilização feita pela agência e os problemas que surgem disso não apareceram em todos os pontos de pernoite. Houve lugares em que isso simplesmente pareceu não ser uma questão para os moradores ou, se eles se questionam isso, não demonstraram estar preocupados ou se importar – como é o caso do casal Adelfo e dona Gelci e também de Robson, que recebe os peregrinos para almoço logo após São Luiz Gonzaga. Mas, em outros pontos de pernoite, a questão da dupla mobilização se faz presente e pôde ser percebida na própria infraestrutura para receber os peregrinos e disponibilidade ou não dos moradores para fazer melhorias,

nas histórias contadas sobre o Caminho, na opinião que os moradores têm sobre os peregrinos e sua visão e relacionamento com a agência.

Assim, as informações colhidas informalmente em campo foram mais reveladoras do que as conversas formais, apesar destas também terem dado algumas indicações de como se enxerga o peregrino e poucas indicações do que se pensa sobre a agência.

4.3.2 - Percepção sobre os peregrinos

As quatro peregrinações acompanhadas no decorrer da pesquisa foram essenciais para tentar compreender como os moradores enxergam os peregrinos. Na maior parte do lugares, era sempre com uma grande alegria e de forma calorosa que os moradores recebiam os peregrinos. De maneira geral, a opinião dos moradores é sempre muito positiva e elogiosa aos peregrinos. O ambiente que normalmente se forma é semelhante ao que se pode perceber em Santiago de Compostela: há uma atitude de generosidade e gentileza, as pessoas confiam umas nas outras, tratam todos com igualdade, dividem as coisas e são prestativas. Há um certo esforço de todos para construir um ambiente fraterno, transparente, solidário e aberto com atitudes típicas cristãs, coisas que são pouco comuns no dia a dia de qualquer pessoa.

Houve uma vez que caminhávamos em Abril de 2009 e a data era próxima à páscoa. Saímos de São Nicolau em direção à escola desativada de Dona Antônia. Porém antes de chegar ao destino final do dia, há uma parada de almoço na fazenda de Dona Irene, que recebe os peregrinos desde o início do Caminho. Carinhosamente, ela e os filhos aguardavam com expectativa a nossa chegada com um lanche e docinhos de páscoa. Sentados ali na varanda de sua casa, comemos e conversamos durante quase duas horas. Seus dois filhos pararam de trabalhar na plantação para aproveitarem o tempo conosco e tomar um chimarrão. Dona Irene, sempre muito sincera, contou várias passagens da sua vida, inclusive falou da morte de seu marido numa circunstância trágica, ouvindo consolos e conselhos dos peregrinos. Quando voltei à sua casa sozinho, inicialmente encontrei apenas Ronaldo, filho mais novo, na propriedade, pois Dona Irene havia ido cuidar dos interesses da fazenda e da plantação. Ao chegar, ela me ofereceu almoço e conversamos bastante, para somente depois gravar uma entrevista. Na tentativa de entender como os moradores veem os peregrinos, sempre pedi para que eles me

dessem um perfil de quem caminha das missões. Dona Irene respondeu: "Eu acho em si assim, que eles têm, são gente que tem poderes, né, são a mais do que nós, que tem condições, né, de fazer isso, porque também custa, né?". Dona Antônia também respondeu algo semelhante ao dizer que "são gente da alta". A ideia de que os peregrinos são de alta classe social surgiu em vários pontos de pernoite e almoço. Robson, que recebe para almoço depois de São Luiz Gonzaga, disse que os peregrinos comentavam entre eles que tinham assistido o *Fantasma da Ópera*, mas não era esnobismo, era normal para eles. O senhor João de Matos, ao longo de minha estadia na sua casa, disse e repetiu algumas vezes que "eles têm dinheiro". Na entrevista gravada, disse o seguinte:

Aí cansei de dizer para vários amigos meus, eu digo 'Na verdade, isso aqui é tudo gente de bem', digo 'Não vão pensar que é andarilho, é mendigo que anda caminhando. É tudo gente de bem, gente que tem dinheiro para comprar vocês aí, de repente duas, três vezes, né, e estudo, muito mais estudo do que nós e qualquer um outro. Isso aqui é uma distração que eles estão fazendo'.

Além de considerar que os peregrinos têm dinheiro, e portanto, são de classe alta, João de Matos também afirmou que eles "são gente de bem", algo que foi dito por vários outros moradores locais. Praticamente todos os moradores elogiaram as atitudes dos peregrinos, afirmando que eles são pessoas educadas, legais, boas, de confiança, generosas e humildes. Há ainda certas atitudes que reforçam a imagem que os moradores constroem. Vários moradores contaram histórias de ajuda que receberam espontaneamente de peregrinos que fizeram doações por causa de dificuldades econômicas. Uma dessas histórias foi contada em entrevista por Dona Antônia em entrevista. Houve uma chuva de granizo muito forte na região em 2007 que destruiu muitas casas, especialmente os telhados. Nesta ocasião, um grupo de peregrinos ajudou sua família. Ela contou isso quase sem querer, quando conversávamos sobre a importância dos valores pagos pela agência para a renda de sua família:

Dona Antônia - Inclusive, os peregrinos mesmo, eles muito colaboram com a gente. Bom, isso aí não sei se depois...

Luiz Guilherme - Não, pode falar, pode falar.

Dona Antônia - Aconteceu quando a gente foi atingido pelas pedras em 2007... Que terminou o telhado da nossa casa e da escola, houve um grupo de peregrinos que ajudou muito a gente.

Luiz Guilherme - Ah, é?

Dona Antônia - Ajudou. Eles... A gente, sabe que passam tantos que a gente nem sabe bem, mas deve, daí eu tenho escrito na minha folhinha guardadinho nos meus... A folhinha desse pessoal que...que contribuiu. E todos contribuem quando a gente pede alguma coisa, é uma rifa ou coisa. Então, às vezes, a gente faz e o pessoal colabora mesmo, então...

Luiz Guilherme - Humm, humm. O pessoal colaborou nessa ocasião da chuva de granizo, o que, dando dinheiro mesmo? Ou...

Dona Antônia - Deram dinheiro, que eu só comentei que a gente tinha acontecido esse problema e aí, eles foram solidários. Uns ajudou com 40 reais, que eu disse que saia... Ele perguntou, um lá, meio japonesinho até, ele é da Editora Abril, presidente, sei lá. Então, ele assinou um cheque lá de 300 reais, depois que os outros, a turma tudo, cada um ajudou com um pouco, daí foi onde colocou mais um pouco para aquela quantia que eu ia precisar para comprar, 40 folhas que precisava. Para remendar, porque mudar o telhado mesmo, ia sair bastante pesado, mas...

Luiz Guilherme - Ia sair muito mais, né? E daí ele deu essa contribuição?

Dona Antônia - Deram essa contribuição.

É difícil dizer com que frequência ações como essa ocorrem, mas é certo que elas fazem parte da interação que ocorre entre peregrinos e moradores, compondo um ambiente de atitudes fraternas, respeitadas e generosas, que dão valor à vida e às pessoas ao desenvolver um olhar solidário para o próximo, afastando-se assim da indiferença e do apego excessivo aos bens materiais. Alguns moradores, como a própria Dona Antônia, observam atentamente os hábitos e as conversas dos peregrinos. Ela conta que já disse a eles que poderiam falar se algo não estivesse bom, recebendo a resposta: “Olha, peregrino não tem nada a reclamar, só a agradecer”, complementado em seguida com “Se a gente quer mordomia a gente vai para um hotel cinco estrelas”. O senhor Adelfo, também elogiando os peregrinos, disse que “eles chegam sempre muito alegres”, ressaltando também a educação de todos eles.

De maneira geral, quase a totalidade dos moradores faz apenas elogios aos peregrinos, reforçando assim o discurso de peregrinação feito pela agência e pelos próprios peregrinos. No entanto, apesar de toda uma atitude fraterna que media o encontro entre moradores e peregrinos, nem sempre as relações são harmônicas. Os moradores não tocam no assunto, mas as atitudes de certos peregrinos incomodam muitos deles e podem ajudar a entender como eles entendem e reagem aos discursos de peregrinação e turismo ao mesmo tempo. Apenas uma moradora falou

abertamente de suas impressões negativas de parte dos peregrinos. Margareth, uma mulher de 54 anos, recebia os peregrinos em São Luiz Gonzaga no início do Caminho, fazendo um grande esforço, segunda ela, para abrigá-los e dar condições. Decepcionada com o retorno financeiro e com as atitudes da agência em face ao que tinha investido e apostado na ideia do Caminho, Margareth informalmente disse o que pensava, mas durante a entrevista falou que não iria tocar no assunto. É possível que ela estivesse chateada com a maneira como terminou seu relacionamento com a agência e, por isso, criticou muito todo o Caminho. Mas, de qualquer, forma, são incômodos que ela revelou. Resumidamente, Margareth contou que os grupos de peregrinos eram muito diferentes uns dos outros, que havia alguns peregrinos de grupos que chegavam a sua casa como se já se conhecessem há anos e tivessem grande intimidade, enquanto outros claramente se detestavam e mal podiam aguentar a presença do outro. Disse também que muitos peregrinos eram grossos e que diversas vezes foi tratada como uma empregada, como se estivesse ali para servi-los, desrespeitando a própria casa dela ao entrar sem pedir licença e usar todos os cômodos como se fossem deles. Falou ainda que certos grupos deixavam a casa dela imunda, não tinham nem a consideração de jogar seu próprio lixo na lixeira, como se ela não existisse e não morasse ali. No que toca a essa última reclamação, a esposa de Eugênio, que recebe os peregrinos para o almoço antes de chegar ao Parque das Fontes, também se queixou de uma peregrinação que acompanhei, quando algumas pessoas, fugindo de um temporal que caía, entraram na sua casa muito molhadas sem se preocupar com seus móveis, sofás e tapetes, como se não estivessem na casa de uma outra pessoa. É difícil entender os motivos que levam alguns peregrinos a agir dessa forma, mas alguns parecem já se comportar assim fora da situação de peregrinação. Ao seu perfil, há o fato da agência Caminho das Missões os tratarem em muitas situações como turistas, permitindo que muitos se sintam consumidores e tenham direito de ocupar uma determinada casa e olhar os moradores como prestadores de serviço. A agência sempre procurou minimizar esses problemas na reunião inicial com os peregrinos em sua sede, mas nem sempre isso surte efeito.

Houve um morador muito observador, Robson, que não criticou os peregrinos, mas mostrou que existe uma questão semelhante a de Margareth:

Robson - Tem uns que chegam aqui e chegam a fim, chegam também te estimulando para ti contares as coisas, contares um caso, contares uma piada, contares uma coisa do Rio Grande do Sul ou mostrar uma música, uma coisa. E tem outros que chegam aqui para comer e colocar os tênis e irem embora de volta, entendeu, que eles estão a fim de chegar em São Lourenço, sei lá, entende.

Luiz Guilherme - A interação é mínima.

Robson - Exato, a interação é mínima. Às vezes, até tu puxas, fazes alguma coisa, mas não rola, aí tu também respeitas, porque, né...A gente, a gente recebe em casa aqui e tal, mas está prestando um serviço também, né. Lógico, então, você chega num restaurante, por exemplo, tem o garçom, às vezes, tu não estás a fim de interagir com o cara, né, às vezes, tu só queres que o cara te sirva, né.

Ao mesmo tempo em que ele percebe que há peregrinos com vontade de interagir e conviver, há também aqueles que só utilizam o ponto de parada e seguem a caminhada sem conversar. Robson parece pensar que desempenha duas funções ao mesmo tempo, a de "receber em casa", que estaria ligada à ideia de peregrinação e as atitudes que a acompanham, e "prestar um serviço", que estaria ligado ao pacote de turismo da agência Caminho das Missões, comparando a prestação de serviço com um restaurante, o garçom e seu cliente— este último pode ou não querer interagir. Para Robson, não há problema de lidar com os vários perfis de peregrinos e agir de acordo com o que cada um e com o que a agência requer. Mas, a maneira como cada morador percebe isso e lida com essa questão é diferente e as divergências surgem em certos pontos do Caminho, especialmente aqueles que recebem para dormir, pois há maior convivência com os peregrinos e maior cobrança da agência – este era o caso de Margareth.

Apesar de alguns problemas, de maneira geral, o relacionamento entre os peregrinos e os moradores é, de fato, muito bom. Os problemas acontecem, mas é raro ouvir críticas abertas feitas aos peregrinos. Os moradores gostam de receber os peregrinos, especialmente por serem de regiões diferentes, ter outros hábitos e trazer conhecimento para eles. Os peregrinos são normalmente retratados como pessoas boas, generosas e alegres, o que reforça os aspectos do discurso de peregrinação.

4.3.3 - Percepções sobre a agência de turismo

Ao retornar da pesquisa de campo com os moradores locais, encontrei Romaldo em Santo Ângelo e, no decorrer da estadia, conversamos muito sobre

muitos moradores que hoje participam do Caminho. Certo momento, falávamos do senhor Adelfo e dona Gelci, casal que recebe em Sarandi, quando Romaldo olhou para mim e disse: "Ali é tudo bem tranquilo". A frase é um reflexo de como parece se dar a relação entre os moradores e o Caminho: em alguns pontos de parada os problemas não apareceram nem foram comentados, enquanto em outros lugares alguns desentendimentos foram comentados apenas informalmente. Onde as coisas estão "tranquilas", como é o caso do senhor Adelfo e de Robson, aparentemente não há divergências e as pessoas estão satisfeitas com a maneira como o Caminho está funcionando, o que facilita o diálogo com os sócios. No entanto, nos lugares em que o relacionamento é um pouco mais conflitante ou em que surgem divergências, as pessoas demonstram certas insatisfações com a administração do Caminho, o que, em alguns casos, poderia até levar a perda do ponto de pernoite e almoço – isto, tanto para a maioria dos moradores quanto para os sócios, não é o que eles querem que aconteça.

Ninguém quis falar muito nas entrevistas, especialmente quando o assunto era dinheiro, repasses e relacionamento com os sócios do Caminho. Todos os moradores entrevistados dão exatamente a mesma resposta: o dinheiro que recebem do Caminho ajuda um pouco, mas não é essencial para sua sobrevivência. Ultimamente, o número de peregrinos tem diminuído em relação ao início do Caminho, o que os preocupa, pois eles gostam da peregrinação e gostariam que o Caminho voltasse a crescer, o que geraria maior renda para eles. Sobre como eles se relacionam com os sócios, todos foram unânimes ao dizer que tem boa relação com Romaldo, Claudio e Marta, não possuindo nenhuma queixa deles. Também afirmaram que eles passam muito pouco para conversar com eles nos pontos de almoço e pernoite. Praticamente não vão lá fora de uma peregrinação. Quase todos os acertos são feitos pelo telefone.

Porém, convivendo com os moradores, outros comentários foram feitos e histórias foram contadas, revelando certos aspectos que não surgiram nas entrevistas. Foi difícil entender como alguns moradores enxergam a peregrinação e quais são os motivos de suas divergências com a agência. O tempo de convívio foi curto para que eles se abrissem e tivessem maior confiança na minha figura. Apesar de ser a quarta vez que eles me viam, todas as anteriores foram durante peregrinações, quando havia pouco tempo de contato e, eu mesmo, por estar caminhando, tinha que me limpar, alimentar e dormir para poder aguentar o dia

seguinte. O contato travado durante a peregrinação é sempre mais superficial, até mesmo pelo fato de haver outros peregrinos participando das conversas.

O primeiro comentário feito sobre a agência ocorreu quando estava no Passo da Barca e Dilaine, após um jantar em sua casa, reclamou das exigências feitas por Romaldo sobre a infraestrutura. Disse que eles eram pobres e que o Caminho poderia procurar outro ponto para pernoitar. Depois disso, não quis falar mais nada, mas ficou claro que não estava satisfeita com as cobranças da agência e da maneira como eram feitas. Depois dela, Margareth, que recebia os peregrinos em São Luiz Gonzaga, foi a segunda moradora a levantar questões sobre os procedimentos da agência de turismo. As críticas feitas aos peregrinos foram poucas se comparadas as críticas à agência. Margareth pareceu ter algumas mágoas com a administração do Caminho por causa das divergências que ocorreram.

Ela contou que os sócios da agência procuraram a prefeitura quando formatavam o Caminho das Missões. Como na ocasião Margareth era assessora na secretaria de turismo, ela começou a dar apoio ao projeto de turismo. Inicialmente, os peregrinos ficavam em uma escola agrícola afastada do centro da cidade e ela os buscava com a kombi da prefeitura. Margareth conseguiu providenciar os colchões no presídio de São Luiz Gonzaga, pois na ocasião conhecia um funcionário de lá que tinha colchões novos e ofereceu-os para que os peregrinos usassem. Ela trazia e levava de volta os colchões a cada passagem de peregrinos. Foi assim que acabou se envolvendo com o Caminho e se "apaixonou pelo projeto". Ao perceber que o ponto de pernoite de São Luiz Gonzaga poderia ser mais central do que a escola agrícola, Margareth, que nessa época morava sozinha porque seus filhos saíram de casa para estudar, resolveu oferecer a própria casa para receber os peregrinos. Pouco depois, casou-se novamente e mudou-se para a casa do marido, deixando sua casa exclusivamente para o Caminho das Missões. Ela contou que fez isso porque achou que poderia ganhar dinheiro e ajudar os filhos nos seus estudos, investindo assim na compra de dez colchões novos. Mas, com o tempo, o Caminho começou a diminuir, como ela mesma contou:

Eu não sei qual o problema que acontece dentro do Caminho, vou ser bem sincera contigo e foi diminuindo. Eu não sei se é questão de custo, sabe, porque às vezes a gente tinha assim de peregrino que acha que o Caminho é caro, né.

Segundo Margareth, manter a casa fechada passou a ser economicamente inviável e desvantajoso. Além disso, houve problemas com a agência que ela não quis gravar em entrevista, mas não se importou em contar informalmente. Única pessoa a criticar abertamente, ela disse que recebia por parte da agência constantes reclamações em relações ao seu estabelecimento, que diziam que havia barata. Margareth contou também que havia um excesso de rigor financeiro por parte da agência, reclamou do baixo valor repassado ao morador por peregrino, das cobranças que eram feitas exigindo melhores condições de hospedagem e do tratamento pouco educado que lhe era dado, como se ela fosse funcionária e empregada deles. Todos esses aspectos juntos a desanimaram e ela resolveu deixar o Caminho, que hoje tem pernoite em hotel na cidade de São Luiz Gonzaga.

Outro morador que mostrou ter divergências e falou sobre o assunto foi o senhor João de Matos. Dono de um bolicho que hoje está em declínio, ele demonstrou contrariedade principalmente com a questão dos repasses de verba feito pelo Caminho por cada peregrino que se hospeda em sua residência. Ele contou que certa vez houve uma peregrinação grande com vinte e oito caminhantes, número maior do que seu quarto tem condições de oferecer, visto que ele tem oito camas beliche e, portanto, dezesseis lugares para oferecer. Segundo João, a agência tentou desviar doze pessoas para dormir em outro lugar, o que não o agradou, pois exatamente quando ele poderia ganhar um pouco a mais, o Caminho tirava os peregrinos. Ele e Romaldo tiveram problemas, o que o levou até a sede do Caminho para negociar esta situação e, ao final, conseguiu fazer a agência voltar atrás e deixar todos os peregrinos dormirem no bolicho do velho casarão. Outro caso aconteceu com um grupo de dezoito peregrinos que, por causa da chuva que caía sem parar, desistiu de continuar a caminhada em São Miguel das Missões, município que fica logo antes do distrito de Carajazinho, onde mora o senhor João. Ele disse que exigiu que a agência pagasse o valor integral de cada peregrino, independente de terem chegado ao local de pernoite ou não. Disse ainda que duvidava que a agência devolvesse o dinheiro ao peregrino. João contou que foi marcada uma reunião na sede da agência e se estabeleceu que o Caminho avisaria com três dias de antecedência a chegada de um grupo de peregrinos e, depois de dado o aviso, o pagamento seria realizado não importa o que ocorresse.

O senhor João contou ainda um último caso: um grupo de mulheres chegou em sua residência sem que ele esperasse por elas. Por alguma razão, este

grupo não chegou a um entendimento com a agência e resolveu fazer o Caminho sem a mediação da mesma, ou seja, por conta própria e negociando valores diretamente com o morador. Segundo João, Romaldo tentou proibir que os moradores, chamados de prestadores de serviço, recebessem pessoas que não estivessem credenciadas. Mas, as moças acamparam na propriedade do senhor João e pediram para usar o banheiro, assim como encomendaram uma galinhada para refeição. Ele permitiu que elas usassem o banheiro e serviu a refeição, alegando que iria atender qualquer peregrino que aparecesse ali, pois se não procedesse assim alguém iria começar a oferecer esses serviços. Esse foi um caso isolado, apesar de apresentar a possibilidade do Caminho ganhar autonomia e haver uma mudança no papel da agência. É difícil saber se as histórias contadas se passaram como João as narrou, afinal, esta foi a maneira como ele as expôs. Muitos peregrinos, alguns inclusive que conheci, já saíram de sua propriedade indignados e se sentindo explorados por causa do alto preço cobrado para fazer transporte de mochilas até o Parque das Fontes, dizendo ainda que aquilo não era condizente com uma peregrinação. João parece enxergar os peregrinos como pessoas ricas e a agência como um negócio com o qual tem parceria, por isso tantas divergências.

Meses após a pesquisa de campo com os moradores, retornei a Santo Ângelo para iniciar uma nova etapa da pesquisa, desta vez na sede da agência. Nesta ocasião, Romaldo comentou comigo que eles haviam negociado o aumento de valor pago por peregrino aos moradores. Foi neste contexto que ele me contou que ao ir à casa de Eugênio, que recebe para almoço, este pediu um aumento do valor da refeição maior do que o esperado, não aceitando negociar. Como argumento, o senhor Eugênio disse a Romaldo que eu havia estado lá e tinha dito que ele e a esposa ofereciam o melhor almoço do Caminho. De fato, falei mesmo isto, pois eles oferecem uma refeição bem feita, diversificadas saladas, carnes, feijão, arroz, torta salgada e sobremesa. Não imaginava que ele iria usar uma fala minha, que conheço bem todos os pontos do Caminho, nas negociações de valores, deixando a agência numa situação delicada, afinal eu sempre me apresentei como um pesquisador e tinha a autorização dos sócios para realizar a pesquisa. Este foi mais um caso que mostra que a relação com a agência nem sempre é harmônica e que as divergências ocorrem especialmente no que se refere às finanças.

4.4 - Conclusão

Os moradores que integram o Caminho das Missões são uma parte fundamental desta peregrinação. Não apenas porque "prestam um serviço", como muitas vezes diz a agência de turismo, e assim viabilizam a existência da peregrinação, mas por também serem responsáveis por ajudar a construir o sentido de peregrinação do Caminho ao interagir com os peregrinos e com os próprios sócios da agência. A pesquisa com os moradores revelou que o grupo guarda algumas semelhanças, mas que é ao mesmo tempo heterogêneo e que reage de maneira diferente às demandas da agência e dos peregrinos e à peculiar construção do Caminho.

Conviver com os moradores, tanto durante as caminhadas como na ida ao campo sozinho, permitiu perceber que, salvo as exceções, eles possuem um certo perfil: são pessoas do lugar, tem um grau de escolaridade baixo, são homens e mulheres casados e tem em média de dois a cinco filhos. A atividade econômica principal é a lavoura e a pecuária, que proporciona uma renda mensal familiar que vai de quinhentos até, no máximo, dois mil reais, segundo os próprios moradores informaram. Foi possível observar ainda que a vida deles é difícil e de muito trabalho, especialmente algumas mulheres que assumem várias funções ao mesmo tempo, sendo as primeiras a acordar e as últimas a dormir. É claro que este perfil é uma aproximação e que cada família tem as suas particularidades, mas, de uma maneira geral, um peregrino que percorre o Caminho das Missões irá encontrar esta configuração.

A questão central do trabalho, que trata da dupla mobilização de discursos feita pela agência e das dificuldades que surgem disto, não esteve tão clara para identificar como em outras situações. Em certos pontos de almoço e pernoite, a questão não apareceu como uma questão dos moradores, ou então eles simplesmente evitaram tocar no assunto, já que a maioria não estava disposta a falar sobre a relação com a agência e sobre os repasses financeiros que o Caminho faz aos moradores. Ficou claro, no entanto, que se em alguns pontos a questão não aparece, em outros ela existe e as críticas recaem principalmente sobre a agência de turismo.

A história da formação do Caminho, contada pelos moradores, revelou como os sócios da agência travaram o primeiro contato com eles, geralmente feito

com a parceria e colaboração das secretarias de turismo dos municípios locais, deixando claro que o Caminho teve interação com as autoridades públicas. Inicialmente, os moradores foram procurados para "fazer uma parceria para trabalhar", receber os peregrinos e fazer parte de uma peregrinação. Os moradores contam que não sabiam exatamente do que se tratava, o que era uma peregrinação e como ia funcionar o Caminho. A agência explicou aos poucos o que era uma peregrinação e não exigiu quase nenhuma infraestrutura. Bastava que os moradores oferecessem o espaço nas suas casas e a alimentação combinada com os sócios. Porém, com o tempo, houve naturalmente a necessidade de criar alguma estrutura de pernoite. As casas dos moradores foram adaptadas para receber os peregrinos e alguns investimentos foram realizados pelos próprios moradores, que reconhecem a necessidade de melhorar a estrutura e em muitos casos estão dispostos a fazer isto, desde que exista possibilidade de retorno econômico. Ao mesmo tempo, enquanto inicialmente o discurso mobilizado era característico de peregrinação ao ressaltar que bastava oferecer o que eles tinham, a agência de turismo fez e ainda faz cobranças e pedidos de melhorias, alguns de maneira delicada e fáceis de executar, outros de modo mais enfático e custosos, ressaltando a relação comercial existente e mobilizando aspectos de um discurso de turismo como a prestação de serviços—cobranças que ocorrem, por um lado, por demandas de um grupo de peregrinos que contrataram os serviços do Caminho e, por outro lado, pela própria visão da atual administração da agência que conduz a peregrinação como um negócio. Alguns moradores reagiram a isto e as críticas quase sempre são direcionadas à agência, seja por suas exigências de melhoria de infraestrutura, seja por seu rigor econômico no lidar do cotidiano, baixo valor dos repasses aos moradores e modo com o qual os trata.

Não são apenas os sócios que contribuem com os discursos e ideias usualmente relacionadas à peregrinação. Os peregrinos também têm grande participação nesta construção e influenciam a visão dos moradores ao interagir com eles. Nas peregrinações acompanhadas, o ambiente criado e as atitudes dos peregrinos, salvo exceções, eram de generosidade, solidariedade, igualdade, transparência, honestidade e confiança, ou seja, atitudes tipicamente cristãs e que se encaixam no que Turner (1978) chamou de *communitas*. Os moradores percebem isto e todo este comportamento contribui para o entendimento deles do que é uma peregrinação e como devem se comportar. Além disso, os moradores do

Caminho enxergam os peregrinos que percorrem as missões como pessoas de "classe alta", com dinheiro e educadas, mas ao mesmo tempo humildes. Peregrino "não tem o que reclamar, só agradecer", disseram para dona Antônia, que acrescentou a humildade como mais uma qualidade dos peregrinos. Doações em dinheiro para os moradores já ocorreram algumas vezes e, com ações como esta, forma-se para os moradores uma imagem muito positiva e elogiosa dos peregrinos, o que dificulta críticas ou uma visão crítica aos caminhantes e reforça as reclamações feitas à agência. Salvo uma única ex-moradora que criticou abertamente alguns peregrinos pelo tratamento despresticioso e sem consideração que recebia, ninguém falou mal deles. Ao contrário, apenas elogiaram, classificando-os como "pessoas boas" e "gente de bem".

Os moradores locais estão envolvidos por todos esses discursos e ideias. Dos peregrinos, eles geralmente ouvem os discursos típicos de peregrinação, pois as reclamações dos caminhantes são normalmente dirigidas à agência, poucos são os casos de pessoas que fazem cobranças diretamente aos moradores. Dos sócios da agência, eles escutam os dois discursos, reagindo conforme cada caso e aos interesses pessoais. A relação entre os moradores e a agência se torna muitas vezes delicada, pois os moradores do Caminho têm uma inegável importância. Sem eles, o Caminho é comercialmente inviável, pois não haveria hospedagem para abrigar as pessoas. No entanto, há também um outro aspecto que confere importância aos moradores: o sentido da peregrinação depende bastante de sua presença no percurso, porque eles encarnam o estereótipo de pessoa autêntica do lugar, verdadeiros representantes da cultura gaúcha; encarnam também a imagem que muitos peregrinos têm de que essas pessoas são humildes, vivem de maneira simples e com o essencial, mas com alegria. Em outras palavras, os moradores participam ativamente da construção do sentido desta peregrinação.

Tudo isso torna a relação dos moradores com a agência delicada, pois sem eles não há onde hospedar os peregrinos e a peregrinação perde parte de seu sentido. Mas, apesar das divergências e dos problemas que ocorrem, os moradores gostam do Caminho das Missões e não querem deixar de receber os peregrinos ou que o Caminho venha algum dia a acabar. É com verdadeira alegria que eles recebem as pessoas, ouvem as histórias, contam casos e trocam experiências. Mesmo com as diferenças suscitadas pela dupla mobilização da agência, o discurso

de peregrinação e o convívio com os peregrinos parece ser bem mais influente nas decisões e ações dos moradores do Caminho.

Conclusão

O Caminho das Missões é uma peregrinação muito rica, densa e instigante. Como objeto de estudo desta tese, o Caminho revelou-se continuamente como interessante fonte para pensar questões teóricas importantes para várias áreas e sub-áreas da antropologia, em especial os estudos de peregrinação. Assim, a intenção nesta finalização é retomar essas questões e ao mesmo tempo articulá-las com a pesquisa etnográfica desenvolvida nos capítulos desta tese, buscando dar uma contribuição aos debates que hoje se travam no cenário brasileiro e do mundo sobre religião, peregrinação e turismo.

É preciso inicialmente afirmar que considero o Caminho das Missões uma peregrinação. A afirmação se faz necessária devido à dificuldade de classificar o Caminho a partir das definições vigentes. Dificuldade que está presente na literatura de antropologia da peregrinação e que fez com que Margry (2008:13) dissesse que o termo peregrinação precisa de uma reavaliação, exatamente por existirem caminhos que fogem do modelo das peregrinações confessionais tradicionais. Dificuldade que tive como pesquisador, que pude perceber nos peregrinos, nos sócios da agência de turismo, em alguns moradores locais e, também, em professores que me auxiliaram nesta pesquisa.

Inserida num projeto que se chamava *Interfaces entre peregrinação e turismo*, a pesquisa sempre teve como ponto crucial a dicotomia de peregrinação e turismo. Por vezes, a dicotomia se apresentava em forma de oposição, como algo incompatível e inconciliável, ou o Caminho era peregrinação ou era turismo. Em outras situações, havia semelhanças e diferenças entre peregrinação e turismo; em um terceiro caso, parecia irrelevante para os participantes, para os sócios e para os moradores a questão do Caminho ser uma peregrinação ou um pacote de turismo. Seja qual fosse a situação, a realidade é que a dicotomia se fez presente em cada etapa do desenvolvimento desta tese e foi muito difícil compreendê-la e tentar superá-la, visto que, além de estar amparada em profundas crenças culturais, existe uma outra dicotomia que a engloba, ou seja, a relação religioso e secular. Todos sabemos que as fronteiras são permeáveis, que os critérios de definição, além de sempre maleáveis, mudam de tempos em tempos, de lugar para lugar e de cultura para cultura. Ainda assim, para dizer algo, seja da nossa própria perspectiva ou da perspectiva do outro, é preciso adotar algum critério de pensamento ou assumir que

o outro pensa de alguma maneira. Não há como negar que esta dicotomia entre peregrinação e turismo esteve ao redor de tudo, seja no esforço de entender o outro ou mesmo no esforço de esclarecer meus próprios conceitos.

O Caminho se insere num cenário brasileiro e mundial no qual se enxerga um reflorescimento de peregrinações. No Brasil, o fenômeno surgiu por volta do ano 2000 e continua até o momento a se desenvolver. A inspiração no famoso Caminho de Santiago de Compostela, referência para os brasileiros, serviu como ponto de partida para criar, por exemplo, o Caminho da Fé, o Caminho do Sol, o Caminho da Luz e o próprio Caminho das Missões. Em alguns casos, como o Caminho do Sol, o idealizador fez a peregrinação de Santiago de Compostela e retornou com a ideia de criar no Brasil um caminho. Em outros, como no Caminho das Missões, os idealizadores nunca foram a Santiago e não eram peregrinos mas, ainda assim, se inspiraram no modelo espanhol para criar sua própria peregrinação. No entanto, por razões diversas, as peregrinações brasileiras são diferentes entre si e em comparação com sua fonte inspiradora.

De forma resumida, no caso do Caminho de Santiago de Compostela, a pesquisa mostrou que o modelo espanhol é extremamente flexível, barato e capaz de acolher um incontável número de peregrinos com as mais diversas motivações. O peregrino também tem boa liberdade para agir como desejar, seja no modo de fazer sua caminhada, seja no lugar onde vai se hospedar ou nos lugares em que vai se alimentar. O discurso de peregrinação predomina, mas as práticas de turismo são visíveis e estão em toda a parte – discursos e práticas que, aos olhos do peregrino, não estão sob o controle da mesma instituição. Já no caso do Caminho das Missões, a agência de turismo criou e apresenta a peregrinação como um projeto que visa resgatar a história, a magia e a mística da região das missões e desenvolver o turismo no lugar. Também no Caminho se percebe discursos e práticas tipicamente associadas com peregrinação e com turismo, observando-se que a agência que criou o trajeto mobiliza os dois discursos ao mesmo tempo. O modelo nas missões é menos flexível do que em Santiago; as saídas ocorrem com data marcada; o grupo é acompanhado por um guia de turismo; o pagamento é feito integralmente à agência e não há possibilidade de acertar hospedagem com os moradores. Os peregrinos são guiados pela agência e o público que caminha nas missões é bem homogêneo.

A partir deste objeto de pesquisa, da dicotomia peregrinação-turismo e do florescimento de peregrinações no Brasil, surgiu a questão central da tese: poderia a agência de turismo Caminho das Missões mobilizar, simultaneamente, na esfera do público, tanto o discurso e práticas de peregrinação como o de turismo? Em seguida, outras questões ligadas a esta logo também surgiram. Quais dificuldades surgiriam desta dupla mobilização? Como os participantes, sejam eles peregrinos, turistas ou moradores, entenderiam isso e atuariam a partir da sua compreensão? Como isso afetaria as ideias e projetos dos sócios da agência de turismo? Por último, foi colocada a questão do porquê esses caminhos estariam ressurgindo no Brasil e em vários outros países do Ocidente.

Os debates teóricos pertinentes para estudar o Caminho das Missões foram apresentados no decorrer dos capítulos, procurando articulá-los com a etnografia e com as perguntas que nortearam o trabalho. No capítulo 1, a relação entre religião e modernidade, levando à discussão sobre secularização e orientalização do ocidente, procurou oferecer uma base de teoria capaz de explicar o surgimento do fenômeno de peregrinações no Brasil, ao mesmo tempo em que se contou a história do Caminho das Missões da perspectiva dos sócios da agência de turismo. Em seguida, no capítulo 2, algumas questões sobre pós-modernidade foram levantadas em conjunto com uma ampla revisão teórica de antropologia da peregrinação, buscando responder a questão central da tese a partir da visão dos peregrinos que caminham nas missões. No terceiro capítulo, novamente da perspectiva dos sócios, os debates sobre antropologia do turismo foram articulados com o cotidiano da agência de turismo, mostrando que a sede do Caminho funciona como uma agência e mobiliza discursos e práticas de turismo no seu dia a dia. Por fim, o último capítulo buscou algo muito pouco realizado pela academia, ou seja, o trabalho de campo com os moradores locais e sua visão do Caminho, relação com os peregrinos e com a agência.

Cada capítulo, de algum modo, dialogou diretamente com a questão central da tese e, desta forma, também com a relação entre peregrinação e turismo. Assim, acredito que agora, mais do que somente retomar o que já foi dito, seria interessante buscar no conjunto dos capítulos novas indagações que permitam um avanço teórico. Em outras palavras, trata-se de ir além do que já foi debatido e propor, a partir da etnografia e da revisão bibliográfica feita, questões que tentem rever os conceitos vigentes e vençam a dicotomia peregrinação-turismo. O que o

Caminho das Missões apresenta de mais interessante é o fato de proporcionar – ao menos ao pesquisador – outra perspectiva de uma peregrinação, permitindo assim questionar, ampliar e aperfeiçoar o atual conceito, que praticamente toma apenas a perspectiva do peregrino para definir o fenômeno. Os sócios da agência de turismo e os moradores locais são parte do Caminho e suas ideias também constroem a peregrinação, não havendo nenhuma razão, a meu ver, para estas perspectivas não integrarem uma definição acadêmica.

Vale mais uma vez afirmar que considero o Caminho das Missões uma peregrinação. Há algumas razões para insistir nessa afirmação: uma parte dos peregrinos do Caminho, especialmente aqueles que têm experiência de caminhos e tomam Santiago de Compostela como referência, questionou o fato do Caminho ser ou não uma peregrinação, classificando-o como "uma oportunidade de fazer trekking", "passeio" e "caminhada". Houve peregrinos que, insatisfeitos com a situação da infraestrutura, reclamaram da agência de turismo como clientes, chegando até a pedir parte do dinheiro de volta em alguns casos. Os sócios da agência, fundadores do Caminho, apresentaram dúvidas sobre como pensar o futuro do Caminho: se o liberam para que seja feito como se faz em Santiago e como desejam os peregrinos ou se mantêm a característica atual centralizada e com guias. Gládis, uma das sócias, disse que já havia se questionado sobre os termos peregrinação e peregrino, afirmando não ter certeza se eram os mais adequados. A capacidade dos peregrinos de impor o que pensam é grande, deixando até mesmo os sócios em dúvida uma década depois da criação do Caminho; do ponto de vista acadêmico, existe uma discussão sobre as peregrinações religiosas tradicionais (católicas), peregrinações não confessionais e as chamadas peregrinações seculares – os dois últimos termos não estão bem definidos e, às vezes, parecem ser usados como sinônimos por Margry (2008). As peregrinações tidas como não confessionais ou seculares são apresentadas com suspeita e dúvida de se devemos ou não classificá-las como peregrinação, visto que nem sempre se encontra uma ligação explícita com a religião e não é fácil determinar se há nas motivações dos peregrinos elementos religiosos. Assim, se abre ao debate a relação peregrinação e turismo, pois se a peregrinação secular não vai ser classificada como peregrinação, parece que resta classificá-la como turismo. Margry (2008) discute o assunto das classificações exclusivamente da perspectiva dos peregrinos, tentando identificar suas motivações, tanto as principais como as secundárias. Ele não é o único que faz

isso. Praticamente toda a literatura de peregrinação define o fenômeno adotando o peregrino como a única resposta ao assunto. Mesmo o paradigma de Eade e Sallnow (1991), vigente até hoje e muito bem elaborado, que acolhe múltiplos discursos que estariam em competição, não rompe efetivamente com a atitude de tomar apenas a visão do peregrino quando se trata de definir peregrinação.

O que se impõe é a necessidade de olhar com profundidade para outros pontos de vista das duas atividades. A dificuldade demonstrada por vários participantes em classificar o Caminho das Missões é um indicativo de que, de fato, peregrinação e turismo são consideradas duas atividades diferentes nos principais países ocidentais, apesar de apresentarem muitas semelhanças. O que parece ser realmente complicado, ao menos no meu entendimento, é definir quais critérios adotar para classificar as atividades e conseguir discernir o que é peregrinação do que é turismo apenas pelo ponto de vista do peregrino e do turista. De certa forma, ao fazer isto, a academia reforça a dicotomia peregrinação-turismo, pois busca apenas no peregrino e no turista motivações diferentes que possam ser claras e, às vezes, contrastantes, deixando de fora outras pessoas e instituições que estão plenamente envolvidas nas atividades de peregrinação e turismo e que também contribuem muito para a definição das atividades. Há muitas práticas tipicamente atribuídas ao turismo numa peregrinação e vice-versa; apenas no Caminho das Missões elas estão sob a mobilização de uma mesma instituição. É preciso olhar de outras perspectivas e reconhecer que as mesmas também definem os fenômenos.

Dar atenção para múltiplas perspectivas ao tentar construir conceitos não é o que têm feito os pesquisadores até a presente data. No livro *Intersecting Journeys*, por exemplo, Ellen Badone e Sharon Roseman (2004) rejeitam "dicotomias rígidas entre peregrinação e turismo", afirmando que "partindo da premissa que distinções dicotômicas entre sagrado e secular obscurecem mais do que iluminam, nós buscamos enfatizar as semelhanças entre duas categorias de viagem, peregrinação e turismo, que tem sido frequentemente consideradas opostos conceituais" (Badone e Roseman, 2004:2).³¹As autoras têm razão ao afirmar isso, mas o fazem por conta "das crenças e motivações de viajantes que empreendem jornadas para santuários religiosos" (Badone e Roseman, 2004:2). Os viajantes, claramente, não podem mais ser enquadrados numa única classificação, seja de

³¹ Tradução livre.

peregrino ou turista. Badone e Roseman (2004) procuram romper com a dicotomia em busca de semelhanças, alegando que elas não são tão delineadas como se geralmente considera, mas fazem isso sem efetivamente considerar outros atores das atividades. Ao mesmo tempo em que as autoras observam que para muitos peregrinos essa dicotomia é irrelevante, não é possível negar a tese de Pfaffenberger (1983) de que há uma caracterização, entre os peregrinos de língua inglesa, que associa a palavra turismo ao "trivial, frívolo, superficial", enquanto a peregrinação é "autêntica, séria e legítima". Inúmeros peregrinos de língua portuguesa demonstram ter essa ideia quando precisam se posicionar em relação ao outro, mas isso não ocorre o tempo todo e não é de maneira tão clara e rigorosa como expõe Pfaffenberger. O autor chama a atenção para a necessidade de olhar para o conceito nativo de turismo na tentativa de vencer a oposição, mas para tal estuda os nativos que fazem a peregrinação, não escapando assim do ponto de vista do peregrino. Se a distinção entre turismo e peregrinação não está no "frívolo" ou na "seriedade" de cada atividade, onde ela poderia estar? (Pfaffenberger, 1983). Pfaffenberger, citando Cohen³², afirma que o autor considera que a diferença entre peregrinação e turismo está no fato de o peregrino se dirigir ao Centro (sagrado), enquanto o turista ao Outro (profano) – outra vez, conceitos formados somente pela visão de peregrinos e turistas. Pfaffenberger discorda de Cohen, acreditando que a diferença está mais na "linguagem de símbolos culturalmente fornecida na qual os viajantes são obrigados a expressar suas peregrinações" (Pfaffenberger, 1983:72). Numa peregrinação haveria uma "linguagem de milagres, fé e encontro com o divino", enquanto no turismo uma "linguagem de recreação e apreciação da natureza" (Pfaffenberger, 1983:72). Apesar de bem formulada e de fácil observação numa peregrinação, o problema dessa argumentação é o mesmo da caracterização de turismo como "frívolo" e de peregrinação como "séria": as linguagens de peregrinação e turismo são apresentadas como se tivessem uma separação clara, quando na realidade, numa peregrinação como o Caminho das Missões ou Santiago de Compostela, essas linguagens são mobilizadas muitas vezes ao mesmo tempo e por diferentes atores. Em certas situações existe uma prevalência de uma linguagem, mas isso não é absoluto e muitas vezes as duas linguagens convivem. Além disso, não fica claro no texto de Pfaffenberger quem mais, além dos peregrinos e turistas, estaria mobilizando tais linguagens.

³² Cohen, Erik. *A Phenomenology of Tourist Experiences*. *Sociology* 13:179-201. 1979.

Outro autor importante para a antropologia do turismo é Nelson Graburn. Como foi visto no capítulo 3, o clássico conceito de turismo de Graburn é inspirado em Victor Turner e em sua teoria de estrutura e anti-estrutura (Turner, 1978). O turismo seria vivenciado na anti-estrutura quando as pessoas rompem com o cotidiano ordinário e experimentam, na esfera secular, a sensação de estar livre das regras e obrigações cotidianas, se permitem gastar mais, viver aquilo que desejam para depois retornar, renovados, à estrutura e ao cotidiano. O turismo é, na esfera secular, o que a peregrinação é na esfera do religioso e do sagrado. Mas, esta explicação, assim como as demais, foca seu olhar somente nos turistas. Smith (1989) também criou uma fórmula para descrever o fenômeno – “turismo = tempo de lazer + ‘renda discricionária’ + sanções positivas locais” – e toma como definição de turismo a perspectiva do turista, traçando inclusive perfis de turistas a partir de suas motivações.

A definição do termo peregrinação, a partir dos teóricos da antropologia da peregrinação, segue um rumo semelhante ao eleger o peregrino como fonte praticamente única para a construção de um conceito. Victor Turner (1978), que criou o paradigma mais influente, via a peregrinação como um rito de passagem, um momento em que se rompe com a estrutura e se ingressa na anti-estrutura, que é, teoricamente, sem hierarquias, com ênfase na igualdade, camaradagem, sem distinção de sexo ou classe; um momento, assim, propício à reflexão, mudança, início de aquisição de novos papéis e, portanto, transformação. Isso tudo se realiza com uma jornada árdua e de penitência e se concretiza com a chegada ao santuário sagrado, onde o peregrino pode receber todas as benesses e mudanças em sua vida ao ter contato com o divino. É uma interpretação clássica que foi construída a partir do discurso do peregrino, refletindo assim, como vem sendo argumentado, uma única perspectiva do fenômeno. A crítica mais contundente a Turner foi feita por Eade e Sallnow (1991), que cunharam, eles mesmos, um paradigma válido até os dias atuais. Afastando-se de uma visão determinista e abraçando uma visão com conceitos pós-modernos, os autores definem peregrinação como uma "arena para discursos religiosos e seculares em competição" (Eade e Sallnow, 1991:2). O paradigma de Turner, diante dessa definição, seria mais um desses discursos em competição. Apesar de ter sido elaborado há mais de vinte anos, essa abordagem para o fenômeno da peregrinação coloca o paradigma de Eade e Sallnow (1991) como extremamente contemporâneo e capaz de dar conta de múltiplas

perspectivas, não apenas a do peregrino. Os autores, inclusive, percebem a influência de oficiais da igreja e dos moradores locais. John Eade (1991) tem um interessante artigo no livro *Contesting the sacred* (1991), no qual faz uma análise sobre os "colaboradores leigos" e seu papel na manutenção da ordem e ortodoxia ditada pelos oficiais do santuário, mostrando a influência da igreja sobre os peregrinos e suas vontades e percepções do sagrado. No entanto, a meu ver, permanece uma influência de Turner (1978) que dificulta Eade e Sallnow (1991) romper com esta primazia do peregrino na construção do conceito de peregrinação, pois a mesma está presente mesmo que de maneira latente e tácita.

O objeto do livro *Contesting the sacred* se restringe a peregrinações cristãs católicas, o que por si só já limita o escopo e influencia fortemente a análise das pesquisas, ressaltando ainda mais o peregrino. Um outro aspecto interessante da influente introdução deste livro diz respeito ao "lugar santo", tido por Eade e Sallnow (1991) como "a razão de ser" de uma peregrinação. Eles criticam a visão de Mircea Eliade (1996) de sagrado – cuja influência seria grande em Turner – na qual há uma clara separação entre sagrado e profano, sendo o santuário a representação deste sagrado rodeado pelo profano. Os autores avançam na desconstrução da ideia de santuário como emanção única do sagrado com significados determinados ao perceber que, na verdade, há uma negociação e competição de significados na percepção deste sagrado. Ao mesmo tempo, Eade e Sallnow relativizam o santuário ou lugar santo como manifestação do divino que pode trazer benesses ao peregrino, abrindo outras possibilidades para enxergar a pessoa santa e o texto sagrado como possibilidades de expressão e percepção do sagrado. Para peregrinações cristãs se forma assim a tríade de análise: pessoa santa, lugar sagrado e texto. Entretanto, a peregrinação analisada por essa tríade continua a adotar essencialmente a perspectiva do peregrino, pois fica implícito no texto dos autores que é o peregrino quem reverencia a 'pessoa', o 'lugar' ou o 'texto'. O paradigma de Eade e Sallnow (1991) é um enorme avanço, mas é justo afirmar que ainda dá ao peregrino uma certa primazia. Adiante, tentarei mostrar que no Caminho das Missões isso pode ser relativizado.

A leitura crítica de outros teóricos também confirma que a tomada do peregrino como única perspectiva ainda não foi efetivamente rompida. Alan Morinis (1992), no livro *Sacred Journeys*, diz que: "Peregrinação nasce de desejo e crença. O desejo é de uma solução à todos os tipos de problemas que surgem de

uma situação humana" (Morinis, 1992:1)³³. O que se precisa fazer é ir para uma *jornada*. Quem vai? Naturalmente, o peregrino em busca do encontro com o sagrado – o termo sagrado, para Morinis (1992) é simplesmente "os ideais válidos que são a imagem da perfeição" (Morinis, 1992:2). O autor constrói também toda uma tipologia de peregrinação tomando a jornada e a motivação do peregrino como o único critério verdadeiro, contrapondo isto ao critério anterior de Turner de tomar os santuários como o critério para classificar peregrinações. Nessa mesma abordagem seguem Coleman e Eade (2004), que retiram o olhar dos santuários e colocam o foco no trajeto. Influenciados por Frey (1998), que realizou um estudo sobre os peregrinos em Santiago de Compostela, Coleman e Eade (2004) percebem a importância da espiritualidade para os peregrinos e como a mobilidade destes é o que precisa de atenção. É dada ênfase na fluidez dos peregrinos e não no espaço fixo dos santuários. Mais uma vez, os peregrinos estão no centro da atenção. A partir da abordagem do autor Peter Jan Margry (2008), a situação se repete a partir da própria definição de peregrinação, que para Margry é "uma jornada com base de inspiração religiosa ou espiritual, realizada por indivíduos ou grupos..." (Margry, 2008:17). Ao dizer que é uma "jornada" o autor já assume a visão dos peregrinos, complementando em seguida que é realizada por "indivíduos ou grupos". Margry (2008), no decorrer de seu artigo, faz uma análise dos elementos que compõem, segundo ele, uma peregrinação, que são *communitas* x individualidade, movimento x localidade, lugar sagrado ou santuário e religião ou espiritualidade. É claro que isso faz parte de uma peregrinação, mas não é apenas isso que devemos tomar como definição.

A análise da etnografia feita no Caminho das Missões desafia de diversas formas os conceitos acadêmicos vigentes, não no sentido de contestá-los como se estivessem totalmente equivocados. Em grande parte, as discussões travadas são válidas, mas existe uma necessidade de se ampliar esses conceitos para que possam abranger outras perspectivas que também definem o fenômeno e devem fazer parte da definição acadêmica. Novamente, o ponto crucial é a dicotomia peregrinação-turismo. Como reflexo desta dicotomia está a questão central do trabalho de dupla mobilização de discursos por uma única instituição e as dificuldades que advêm disso. Tentarei agora mostrar várias perspectivas e avançar com o conceito acadêmico.

³³ Tradução livre.

Inicialmente, vale repetir que peregrinação e turismo são duas atividades diferentes. Partindo do ponto de vista do peregrino, a caracterização feita por Pfaffenberger (1983) de que a peregrinação é "séria" e o turismo é "frívolo" é observável e ajuda a diferenciar as atividades. No entanto, isso não é universal nem muito menos ocorre o tempo todo, precisando, portanto, ser relativizado. Muitos peregrinos que acompanhei, tanto nas Missões quanto no Caminho de Santiago, apresentaram essa caracterização, mas somente quando precisavam se posicionar e justificar alguma atitude. Ao acompanhar, por exemplo, um grupo de brasileiros no Caminho de Santiago, após a chegada ao santuário, percebi que as pessoas não queriam mais, daquele dia em diante, ficar no albergue público, preferindo um hotel. Um gaúcho, estranhando a mudança no comportamento, chegou a dizer: "Mas vocês vão começar com isso agora?". Não encontramos um hotel em Santiago que pudesse hospedar todo o grupo e, por isso, decidimos ir de taxi até Finisterra. Lá, o problema retornou e todos se recusavam a ficar em albergue, até que um disse: "Agora é turismo!". Situações como essa dão algum suporte ao que argumenta Pfaffenberger sobre a caracterização e distinção das atividades, apesar desses conceitos não se apresentarem tão claros e delineados na maior parte do tempo. O que se pode observar é que, normalmente, os peregrinos caminham sem a necessidade de fazer qualquer distinção e articulando ao mesmo tempo comportamentos que seriam classificados como de peregrino e de turista. A outra observação de Pfaffenberger (1983) é que a diferenciação das atividades estaria ligada à "linguagem de símbolos culturalmente fornecida" (Pfaffenberger, 1983:72) que os "viajantes" estariam submetidos e forçados a se expressar, ou seja, numa peregrinação, "linguagem de milagres, fé e encontro com divino", numa viagem de turismo, "linguagem de recreação e apreciação da natureza". Novamente, numa peregrinação as duas linguagens ou discursos são geralmente utilizadas sem distinção clara na maior parte da caminhada, apesar de em alguns momentos uma prevalecer sobre a outra.

Assim, não é possível usar o que propõe Pfaffenberger de maneira rigorosa para analisar a distinção entre peregrinação e turismo e definir cada atividade em função de critérios que são construídos como opostos a partir da observação apenas de peregrinos e turistas. No Caminho das Missões, uma proposta como esta fica bem mais difícil de aplicar e aceitar como explicação, visto que, além da associação dos peregrinos com a ideia de que peregrinação é "séria" e turismo é

"frívolo" não ser clara a todos os momentos, ocorrendo o mesmo com as linguagens, existe também o fato de que há outros atores mobilizando e participando disto tudo, que são, principalmente, a agência de turismo e os moradores locais. O Caminho das Missões foi formatado deste o princípio articulando ambos os discursos tidos como de peregrinação e de turismo, sem que isso fosse impedimento para a peregrinação virar realidade e se desenvolver por mais de uma década. O argumento de Pfaffenberger, se tomado de maneira rígida, parece estar equivocado, pois o Caminho das Missões não poderia sequer existir e seria impossível de classificá-lo dos pontos de vista do peregrino e do turista, visto que as duas linguagens ou discursos de peregrinação e turismo são mobilizadas pela agência simultaneamente. O que parece ocorrer, e esta é a questão central deste trabalho, é que no Caminho existe uma única instituição mobilizando os discursos e práticas de peregrinação e turismo na arena pública, o que gera dificuldades porque as atividades são vistas e classificadas como distintas por diferentes atores que usam diversos critérios para tal classificação. Entre aqueles que caminham nas missões, há conceitos muito variados do que significa peregrinação e turismo. De fato, muitas pessoas relacionam a peregrinação ao sagrado, religião, ao viver com o essencial, ao desapego, sacrifício, olhar para o próximo etc. Enquanto isso, o turismo seria algo que se afasta do religioso ou de ideias que se relacionam à religião, podendo estar ligado ao lazer, passeio, conhecer pessoas novas, prestação de serviço, negócio empresarial etc. Como já foi dito, isso varia muito de pessoa para pessoa, dificultando muito uma generalização. O que é mais plausível afirmar é que os peregrinos das missões têm conceitos que diferenciam as atividades de peregrinação e turismo e caminham com ambas as motivações – e tantas outras – sem que isto seja necessariamente um problema ou questão para eles em todos os momentos. Não há necessariamente uma oposição das atividades, existe uma distinção. Como a agência centraliza a peregrinação e mobiliza os dois discursos, os peregrinos podem se posicionar em relação à agência utilizando um discurso ou outro de acordo com a necessidade de cada situação. O grupo que já caminhou em Santiago demanda que o Caminho das Missões siga o modelo espanhol, fazendo comparações de preço e hospedagem. Há aqueles que pedem o dinheiro de volta quando ocorre algum problema, afinal pagaram por serviço como turistas. Ter as duas atividades numa peregrinação não é algo anormal, afinal, em Santiago de Compostela, há muito mais discursos e

práticas tidas como tipicamente de turismo. O que gera problemas é ter uma instituição mobilizando publicamente ambos os discursos e práticas num cenário em que um grupo relativamente homogêneo de peregrinos considera as atividades de peregrinação e turismo como diferentes e, para alguns, como opostas.

Do ponto de vista dos sócios da agência de turismo, as questões ganham outro contorno. Nunca ficou totalmente claro como os sócios veem e distinguem as duas atividades. Apenas houve evidências de que no momento da pesquisa eles realmente se questionavam sobre o assunto, sempre como uma reação às demandas dos peregrinos e, às vezes, dos moradores locais. O interessante é que, a partir das entrevistas e das conversas sobre o surgimento do Caminho, essa relação entre peregrinação e turismo não pareceu ser uma questão importante para eles. Ao recontar a história do Caminho, os sócios declararam o encantamento deles pela região das missões e pela "mística" e "magia" do lugar e disseram que queriam fazer algo para desenvolver o turismo nos municípios. Desse desejo vieram os contatos com as secretarias de turismo, o estande na Feira Nacional do Milho até se formar o atual grupo de quatro sócios e surgir a ideia de uma peregrinação nas missões – ideia que, segundo Claudio, não é original dos sócios, pois já se falava no lugar, entre a população, de se fazer uma peregrinação nas missões. Surgiu assim, da ideia de desenvolver o turismo com uma peregrinação na região, o Caminho das Missões que articulou muito bem os dois discursos entre os peregrinos e os moradores. Mas, apesar da boa articulação de discursos no princípio, durante a pesquisa os quatro sócios demonstraram classificar as duas atividades de maneira diferente e mostraram hesitação ao pensar sobre a relação das atividades. Gládis foi a primeira a falar, em entrevista, que não sabia se o termo a ser utilizado deveria ser peregrinação, mas disse que isso era consenso nas peregrinações brasileiras. Claudio numa conversa falou que eles estavam com dificuldade para pensar o futuro do Caminho, mas que ele queria liberar e atender as exigências dos peregrinos que caminharam Santiago. Marta insistiu que eles se inspiraram em Santiago, mas propuseram outra coisa. Romaldo, repetiu várias vezes a frase "Está vendo, tem uma empresa por trás disso. Isso o peregrino não enxerga". Se inicialmente a relação entre peregrinação e turismo e a mobilização de ambos os discursos pela agência não apareceu como uma questão tão importante ou dificultadora, agora a situação é outra, principalmente por causa das exigências dos peregrinos.

De fato, a pesquisa mostrou com clareza que a administração do Caminho das Missões utiliza os dois discursos e práticas no seu dia a dia. A partir do trabalho de campo feito na sede da agência uma semana antes da caminhada de carnaval, todas essas práticas que são atribuídas ao turismo foram encontradas na forma de Romaldo gerenciar a peregrinação. Igualmente, discursos e práticas atribuídas à peregrinação também foram facilmente identificados não apenas na sede da agência, como também no caminhar com o peregrino, na reconstituição da história do Caminho, nos símbolos usados e na pesquisa com os moradores locais. No que toca às práticas e discursos tipicamente classificados como de turismo, a agência Caminho das Missões, realmente, tem um negócio e o conduz de maneira administrativa eficiente. Na semana que antecede a caminhada, Romaldo começa todos os preparativos para receber os peregrinos da melhor maneira, marcando as visitas aos museus, *city tour*, mandando a lista do plano de saúde para os bombeiros e militares, articulando atividades extras como visitas aos CTGs, programas culturais como dança gaúcha, música e declamações, visita às Igrejas e acompanhamento de guia de turismo durante a caminhada e nas reduções e sítios arqueológicos. Ele ainda avisa a cada morador sobre a quantidade de peregrinos e a data que irão passar, lembrando o que precisa estar pronto no dia da chegada. Todos os dias, Romaldo lê os e-mails dos peregrinos e responde cada um individualmente, atentando para necessidades especiais de alimentação e possíveis reclamações. O peregrino é literalmente tratado como cliente da empresa e percebe isso no decorrer deste relacionamento, pois a agência nitidamente se responsabiliza pela organização de toda a peregrinação e pelo cuidado e bem-estar do peregrino. Além disso, a agência recentemente adotou novas estratégias e começou a utilizar a marca Caminho das Missões para oferecer roteiros que nada tem a ver com a peregrinação e não são classificados como tal, por exemplo, a Trilha da Lua Cheia, Salto Yucumã e associação com outra empresa de turismo para viajar para a Trilha Inca. Nestes casos, opera como agência de turismo, reforçando o caráter de empresa que já possui.

Ao mesmo tempo, no que toca às práticas e discursos tipicamente tidos como de peregrinação, a agência também está presente. A história do lugar, ou seja, a relação entre os guaranis e os jesuítas e tudo o que foi construído em harmonia, é considerada pelos sócios da agência como mística e cheia de magia, o que encontra suporte em várias pessoas locais com quem conversei. Esse apelo ao

místico e à espiritualidade é feito durante toda a peregrinação: nas estradas, nas ruínas, em conversas informais sobre a cultura guarani e, especialmente, no ritual místico. O ritual une a história das missões, a cultura guarani e os símbolos da região, como a erva-mate e a cruz missioneira, para dar sentido à peregrinação, levantando pontos religiosos e espirituais fundamentais aos peregrinos como sentido divino da caminhada, perseverança, persistência, tolerância, compreensão de si, solidariedade, cumplicidade, paz, evolução espiritual, transformação de energias positivas em negativas, encontro do *Yvy Marã Ei*(lugar sem dor ou sofrimento), livrar-se de arrependimentos, vazios e dúvidas e encontrar razões que preencham a vida de cada um. Além disso, o discurso de peregrinação também é mobilizado com os moradores locais, desta vez não somente pelos sócios da agência, mas principalmente pelos peregrinos, que falam de ideias como a generosidade, igualdade, humildade, educação. Como ouviu uma moradora, "peregrino não tem o que reclamar, só agradecer". Os moradores, olhados pelos sócios da agência e pelos peregrinos como pessoas do lugar, com pouca condição econômica e baixa escolaridade, humildes, autênticos representantes da cultura gaúcha, são fundamentais para construir o sentido da peregrinação. Os próprios moradores têm capacidade de ação e atuam na peregrinação enxergando os peregrinos como pessoas boas, gente de bem, tratando-os com alegria e generosidade.

A questão da dupla mobilização de discursos e práticas se mostrou presente e influente entre todos os principais participantes do Caminho das Missões. Mesmo que ela seja percebida de maneiras diferentes e variando de caso a caso, está claro que peregrinação e turismo são duas atividades que são classificadas de formas distintas e que a agência de turismo ao utilizar os dois discursos se coloca em situações de dificuldade quando os demais participantes se posicionam e fazem cobranças de acordo com seus interesses específicos. Como consequência disso, a própria agência precisa reagir e se reposicionar para poder atender a tantas demandas. Entretanto, mesmo admitindo que a dupla mobilização por uma única instituição gera problemas, é necessário também reafirmar que a presença de práticas de peregrinação e turismo são comuns em inúmeras peregrinações, visto que há muito mais turismo em Santiago de Compostela do que no Caminho das Missões, sem que isso cause qualquer complicação na visão dos

peregrinos, moradores locais, acadêmicos e demais participantes. No que diz respeito aos acadêmicos, é preciso repensar essa relação e ampliar os conceitos.

Assim, gostaria agora de efetivamente retomar algumas questões e debates teóricos que vem norteando os estudos de peregrinação e turismo. Uma parte da crítica feita a Pfaffenberger (1983) pode ser estendida a vários outros autores. A academia, essencialmente, tomou a perspectiva do peregrino e do turista para construir suas definições de cada atividade, sem dar a devida importância aos demais participantes. Desta forma, reforçou a dicotomia peregrinação e turismo ao não perceber que ambos os discursos e práticas estão presentes e são definidores das atividades.

O Caminho das Missões deixa isso claro e de forma inegável. Os sócios da agência de turismo criaram uma peregrinação, com discursos e práticas de peregrinação e turismo, de uma maneira diferente do que se imagina na academia, pois há forte influência dos próprios sócios, que representam outra perspectiva do fenômeno e moldam o olhar e sensibilidade do peregrino. Imagina-se, especialmente em Turner (1978), um certo "mito de origem" de uma peregrinação. A ideia é que uma peregrinação se inicia a partir da fé de peregrinos que caminham em direção a um lugar sagrado. Este lugar é a razão de existir da peregrinação e motivação principal do peregrino. A partir disso, aos poucos, agregam-se outros participantes, inclusive seculares, que dão suporte e apoio à peregrinação, fazendo parte também da sua constituição. Em Eade e Sallnow (1991) essa ideia enfraquece bastante com a definição "discursos religiosos e seculares em competição" (Eade e Sallnow, 1991), mas não desaparece completamente e permeia na literatura posterior de forma latente, pois o peregrino e o lugar sagrado, objeto de reverência, na forma de 'santuário', 'pessoa santa' ou 'texto', continuam a servir de quase única perspectiva para a academia e como pressuposto inicial de formação e existência de uma peregrinação. Isso é tão enraizado que um professor que avaliou a primeira etapa desta pesquisa disse que o "Caminho não existe sozinho", deixando implícito a necessidade da agência existir para a peregrinação continuar, pois sem ela não haveria peregrinos ali.

O Caminho possibilita perceber outra perspectiva e rompe assim com estas ideias fortemente estabelecidas na academia. De fácil acesso para o pesquisador, a visão dos sócios do Caminho mostra que o "mito de origem" e seus pressupostos precisam ser definitivamente superados se quisermos melhorar nossa compreensão

sobre os fenômenos da peregrinação e do turismo. Reforço que não se trata de negar o que já foi dito, pois os paradigmas são, em grande parte, muito bem elaborados. Trata-se de ampliar o conceito de peregrinação, sugerir que o conceito de turismo talvez também precise de um novo olhar e vencer a dicotomia peregrinação e turismo.

A peregrinação pela região das missões desafia o "mito de origem" por mostrar que a força praticamente absoluta do peregrino na constituição do fenômeno precisa ser ao menos um pouco relativizada. O Caminho teve em sua origem o desejo dos sócios de desenvolver o potencial turístico da região e para tal criaram uma peregrinação. Não surgiu de nenhum peregrino em busca de um santuário sagrado ou pessoa santa. Inspirados em Santiago de Compostela, os sócios imaginaram e criaram algo diferente das peregrinações cristãs extensamente estudadas pela academia. Associaram discursos e práticas de turismo e peregrinação e trabalharam sigilosamente para lançarem o Caminho das Missões com o mínimo de interferência externa possível. O Caminho foi na sua concepção muito mais estruturado de acordo com a perspectiva dos sócios do que dos peregrinos. Desta forma, toda a ideia tipicamente associada como turismo, ou seja, a organização de um pacote, contratação de guias, city tour, atenção individual aos peregrinos, programas culturais entre outros, não deve ser vista como algo anômalo e que não integra a peregrinação. Pelo contrário, faz parte da perspectiva dos sócios e do que eles querem para a peregrinação e o que eles desejam alcançar com o projeto para a região, para eles mesmos, para os moradores e para os peregrinos. Apresentar a região e guiar o olhar do peregrino é um desses objetivos a atingir. O fato disso tudo gerar dificuldades por causa da dupla mobilização e do entendimento variado dos peregrinos do que é peregrinação e turismo não significa que o Caminho não seja uma peregrinação. É uma peregrinação com forte influência de uma perspectiva diferente da que usualmente se tem estudado nas chamadas peregrinações cristãs. Na realidade, o que se encontra no Caminho não é tão díspar do que se encontra em outras peregrinações. Há até menos práticas de turismo do que em Santiago. Difícil mesmo é imaginar nos dias atuais uma peregrinação como Santiago sem o discurso e práticas de turismo e forças seculares atuando. Difícil também é aceitar que essas outras visões do fenômeno não integrem a definição acadêmica de peregrinação.

A questão do sagrado, por exemplo, tão cara para a definição acadêmica de peregrinação, se vista da perspectiva dos sócios do Caminho das Missões ganha outro contorno. No segundo capítulo, vimos que o lugar sagrado, razão de ser de uma peregrinação para a academia, se apresentava de maneira bem distinta no Caminho das Missões. Apesar da caminhada encerrar-se na chegada à catedral de Santo Ângelo, o lugar não é um santuário nos termos de Eade e Sallnow (1991) e não há pessoa santa ou texto sagrado. Assim, a razão de ser de uma peregrinação não é necessariamente o lugar sagrado como proposto na tríade das peregrinações cristãs. Ainda no capítulo 2, propus que o sagrado estaria, para o peregrino, no próprio trajeto, nas reduções, na história contada do lugar, nos animais e nas paisagens de plantações (Steil, 2008), relacionando essa percepção de sagrado do peregrino ao avanço da espiritualidade no ocidente e à continuidade do processo de secularização (Heelas, 2005). O ponto de chegada seria simbólico da conclusão da jornada, podendo ser realizado em outra redução, até mesmo fora do Brasil numa das reduções da Argentina ou Paraguai. A partir de uma análise que também leve em conta outras perspectivas na definição de peregrinação, a questão seria tentar entender como os sócios da agência imaginam uma peregrinação e até que ponto esta visão não influencia os peregrinos na percepção do sagrado.

Três sócios do Caminho das Missões – Marta, Claudio e Gládis – mostraram ter crenças espirituais muito próximas ao que Campbell (2007) descreveu como orientalização do ocidente. Naturalmente, o Caminho é reflexo destas crenças e desta perspectiva. Desde sua concepção, a intenção nunca foi levar os peregrinos a um santuário sagrado ou até uma pessoa santa. Ao contrário, os sócios acreditam que a região das missões é "mística" e "repleta de magia" por causa de sua história, do legado da cultura guarani, da interação harmoniosa e próspera entre os guaranis e os jesuítas, por causa das ruínas que hoje são admiradas como um patrimônio histórico, devido ao símbolo maior que é a cruz de dois braços que está espalhada por todos esses municípios e constitui a identidade da região, por causa da natureza, das plantas, árvores e animais do lugar etc. O ritual místico pode ser visto como uma síntese clara disso tudo e propõe ao peregrino iniciar sua jornada pelas missões com um olhar focado na história mística do lugar e, assim, num divino imanente. As próprias práticas de turismo colaboram bastante para sensibilizar a percepção de sagrado do peregrino, pois o guia ou amigo peregrino vai narrando a história da região e ressalta o passado de

esplendor nas reduções e sítios arqueológicos. O Caminho das Missões foi construído valorizando um sagrado que se afasta da religião institucional e se encontra no trajeto. Não é de se admirar que os peregrinos também o sintam desta forma; afinal, uma das intenções dos sócios era proporcionar exatamente isso. No caso do Caminho, ao menos nos dias atuais, o sagrado imanente parece ser uma construção de maior influência dos sócios da agência de turismo do que dos próprios peregrinos.

Diante dos desafios que o Caminho das Missões apresenta, é mesmo necessário colocar o conceito de peregrinação sob reavaliação (Margry, 2008). O surgimento de peregrinações que fogem do modelo cristão mais estudado até o momento traz à tona novos aspectos, tornando imperativa a necessidade de se ampliar o atual conceito, que está quase unicamente centrado na experiência do peregrino para definir o fenômeno. Peregrinação é geralmente definida como uma "jornada" ou uma "busca".³⁴ O uso dessas duas palavras já caracteriza a perspectiva do peregrino, deixando de lado outras perspectivas integrantes do fenômeno. Como qualquer definição já é um ato em si (Giumbelli, 2011) (Asad, 2003), tomar apenas a visão do peregrino acaba por reforçar ainda mais a dicotomia peregrinação-turismo, impedindo perceber como discursos e práticas de turismo estão presentes numa peregrinação e colaboram na sua constituição – isso, no entanto, não significa que a dicotomia não exista para muitas pessoas, especialmente em momentos em que precisam se posicionar.

Peregrinações não confessionais ou seculares, ao contrário do que argumenta Margry (2008), trazem novos *insights*³⁵, colaborando para a ampliação conceitual. Este conceito ampliado precisa considerar outras perspectivas, como é o caso da agência de turismo e dos moradores locais no Caminho das Missões. Peregrinação continua a ser uma "arena de discursos religiosos e seculares em competição" (Eade e Sallnow, 1991). Apenas, todos os discursos devem ser plenamente considerados e fazer parte da elaboração da definição e de seus pressupostos, o que não ocorreu efetivamente, pois a atividade peregrinação foi definida do ponto de vista do peregrino e os pressupostos para sua existência também. Só assumindo outras perspectivas, por exemplo, é que entenderemos que é necessário não reduzir a "razão de ser" da peregrinação aos desejos do peregrino,

³⁴ Journey e Quest, em inglês.

³⁵ Ideias, percepções, compreensões, estalos.

conseguindo assim superar a manifestação do sagrado apenas no santuário, pessoa santa ou texto, encontrando-o também nos desejos de outros participantes, como é o caso dos sócios do Caminho das Missões que possuem crenças espirituais que projetam o sagrado para um divino imanente que se manifesta no trajeto, moldando assim até mesmo a sensibilidade do peregrino. Ao assumir outros pontos de vista, como o dos moradores locais, perceberemos a importância deles na formação do discurso e do sentido da peregrinação. O Caminho das Missões dificilmente seria considerado uma peregrinação sem os moradores e a calorosa acolhida em suas residências de estrutura humilde e improvisada. Os critérios que formam uma definição acadêmica de peregrinação precisam ser também ampliados para acolher outras perspectivas do fenômeno, mesmo que isso não esteja de acordo com o que dizem e querem os peregrinos, como é o caso dos atritos que surgem entre os peregrinos e os sócios do Caminho. Até os discursos e práticas classificados como turismo devem ser levados a sério e entendidos como parte constituinte de determinada peregrinação, apesar disso não parecer ser o principal.

As possibilidades abertas pelas peregrinações não confessionais ou seculares são inúmeras. A principal delas talvez seja a possibilidade de enxergar e estudar outros ângulos que estariam indisponíveis ou seriam de difícil acesso ao pesquisador numa peregrinação tradicional cristã. São muitos os *insights* trazidos por essas peregrinações, bastando apenas ao pesquisador percorrer novos caminhos.

Bibliografia:

- Alves, Carlos Augusto Silveira. "O Caminho Das Missões E Seus Peregrinos: Nova Modalidade De Produto Turístico Na Região Das Missões." Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.
- Asad, Talal. *Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity*. Stanford: Stanford University Press, 2003.
- Audi, Robert. "The State, the Church and the Citizen." In *Religion and Contemporary Liberalism*, edited by P. Weithman, 38-75. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1997.
- Bader, Veit. "Religious Pluralism. Secularism or Priority for Democracy." *Political Theory* 27, no. 5 (1999): 597-633.
- Badone, Ellen, and Sharon R. Roseman. *Intersecting Journeys: The Anthropology of Pilgrimage and Tourism*. Chicago: University of Illinois Press, 2004.
- Barnard, Alan. *History and Theory in Anthropology*. New York: Cambridge University Press, 2000.
- Bauman, Zygmunt. *O Mal-Estar Da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.
- Bellah, Robert N. "Civil Religion in America." *Daedalus* 67 (Winter) (1967).
- Berger, Peter. "A Dessecularização Do Mundo: Uma Visão Global." *Religião & Sociedade* 21, no. 1 (2001): 9-23.
- Berger, Peter L. *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Paulus, 1985.
- Birman, Patrícia. *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar Editorial, 2003.

- Braga, Luiz Guilherme Mattos. "Fórum Permanente De Estudos Juvenis: Estudo Sobre Uma Proposta De Ensino Religioso." Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- Braga, Luiz Guilherme Mattos. "Na Lei E Nas Escolas: Diferentes Aspectos Do Ensino Religioso No Estado Do Rio De Janeiro." *Debates do NER* 9 (2008): 89-110.
- Campbell, Colin. *The Romantic Ethic and the Spirit of Modern Consumerism*. Oxford: Basil Blackwell, 1987.
- Campbell, Collin. "Orientalização Do Ocidente: Reflexões Sobre Uma Nova Teodicéia Para Um Novo Milênio." *Religião e Sociedade* 18, no. 1 (1997): 5-21.
- Campbell, Colin. *The Easternization of the West : A Thematic Account of Cultural Change in the Modern Era* The Yale Cultural Sociology Series. Boulder, CO: Paradigm Publishers, 2007.
- Carneiro, Sandra de Sá. *A Pé E Com Fé: Brasileiros No Caminho De Santiago*. São Paulo: Attar Editorial, 2007.
- Carter, Stephen L. *The Culture of Disbelief: How American Law and Politics Trivialize Religious Devotion*. New York: Anchor Books, 1994.
- Casanova, José. *Public Religions in Modern World*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- Castro, Eduardo Viveiros de. "O Nativo Relativo." *Mana* 8, no. 1 (2002): 113-148.
- Cohen, Erik. "A Phenomenology of Tourist Experiences." *Sociology*, no. 13 (1979): 179-201.
- Coleman, Simon. "Do You Believe in Pilgrimage?" *Anthropological Theory* 2, no. 3 (2002): 355-368.

- Coleman, Simon, and John Eade. *Reframing Pilgrimage: Cultures in Motion*. London: Routledge, 2004.
- Droogers, André. "The Power Dimensions of the Christian Community: An Anthropological Model." *Religion* 33, no. 3 (2003): 263-280.
- Durkheim, Émile. *As Formas Elementares Da Vida Religiosa*. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Eade, John, and Michael J. Sallnow. *Contesting the Sacred: The Anthropology of Christian Pilgrimage*. London: Routledge, 1991.
- Eliade, Mircea. *Patterns in Comparative Religion*. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1996.
- Elias, Norbert. *Os Estabelecidos E Os Outsiders: Sociologia Das Relações De Poder a Partir De Uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- Ferry, Luc. *Aprender a Viver*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- Frey, Nancy Louise. *Pilgrim Stories: On and Off the Road to Santiago*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1998.
- Galeotti, Anna Elisabetta. "Citizenship and Equality: The Place for Toleration." *Political Theory* 21, no. 4 (1993): 585 - 605.
- Geertz, Clifford. *Nova Luz Sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Giddens, Anthony. *As Consequencias Da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

Giumbelli, Emerson. *O Fim Da Religião: Dilemas Da Liberdade Religiosa No Brasil E Na França*. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

Giumbelli, Emerson. "A Noção De Crença E Suas Implicações Para a Modernidade: Um Diálogo Imaginado Entre Bruno Latour E Talal Asad." *Horizontes Antropológicos* 35 (2011). [accessed 10/10/2012].

Gluckman, Max. "Les Rites De Passage." In *Essays on the Ritual of Social Relations*, edited by Cyril Daryll Forde and Max Gluckman. Manchester: Manchester University Press, 1962.

Graburn, Nelson. "Tourism: The Sacred Journey." In *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*, edited by Valene L. Smith. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

Graburn, Nelson. *Turismo e Antropologia*. Campinas: Papyrus Editora, 2009.

Heelas, Paul. *The New Age Movement : The Celebration of the Self and the Sacralization of Modernity*. Oxford ; Cambridge, Mass: Blackwell, 1996.

Heelas, Paul, and Linda Woodhead. *The Spiritual Revolution: Why Religion Is Giving Way to Spirituality*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

Hermkens, Anna-Karina, Willy Jansen, and Catrien Notermans. *Moved by Mary : The Power of Pilgrimage in the Modern World*. Farnham, England ; Burlington, VT: Ashgate, 2009.

Hervieu-Léger, Danièle. *O Peregrino E O Convertido: A Religião Em Movimento*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

Knott, Kim. *The Location of Religion: A Spatial Analysis*. London: Equinox Publishing, 2005.

Latour, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

- Locke, John. "Ensaio Sobre a Tolerância." In *Coleção Pensadores*: Abril Cultural, 1973.
- Macedo, Stephen. "Transformative Constitutionalism and the Case of Religious. Defending the Moderate Hegemony of Liberalism." *Political Theory* 26, no. 1 (1998): 56 - 80.
- Margry, Peter Jan. *Shrines and Pilgrimage in the Modern World: New Itineraries into the Sacred*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008.
- Marques, Bruno Ribeiro. "Caminhando Nas Missões: Uma Experiência De Peregrinação Entre O Turismo E a Religiosidade." Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- Matta, Roberto da. "Individualidade E Liminaridade: Considerações Sobre Os Ritos De Passagem E a Modernidade." *Mana* 6, no. 1 (2000): 7-29.
- Morinis, Alan. *Sacred Journeys: The Anthropology of Pilgrimage*. London: Greenwood Press, 1992.
- Pfaffenberger, Bryan. "Serious Pilgrims and Frivolous Tourists: The Chimera of Tourism in the Pilgrimages of Sri Lanka." *Annals of Tourism Research* 10 (1983): 57-74.
- Rawls, John. *O Liberalismo Político*. São Paulo: Ática Editora, 2000.
- Sanchis, Pierre. *Arrail : Festa de um Povo*. Portugal De Perto, Nº 3. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.
- Simon, Mario. *As Missões Dos Sete Povos*. Santo Ângelo: Talento, 2007.
- Smith, Valene L. *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. 2 ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

- Steil, Carlos. "O Turismo Como Objeto De Estudos No Campo Das Ciências Sociais." In *Turismo Rural: Tendências E Sustentabilidade*, edited by Mário Riedl, Joaquim Anécio Almeida and Andyara Lima Barbosa Viana. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- Steil, Carlos, and Bruno Ribeiro Marques. "El Camino De Las Misiones: Reflexiones Teórico-Metodológicas a Partir De Una Experiencia De Peregrinación Contemporánea." *Ciencias sociales y religion* 10, no. 10 (2008).
- Steil, Carlos Alberto, and Sandra de Sá Carneiro. *Caminhos De Santiago No Brasil: Interfaces Entre Turismo E Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.
- Steil, Carlos A., and Sandra Maria Corrêa de Sá Carneiro. "Peregrinação, Turismo E Nova Era: Rotas De Santiago De Compostela No Brasil." *Religião & Sociedade* 28 (2008(b)): 105 - 124.
- Taylor, Charles. "Modes of Secularism." In *Secularism and Its Critics*, edited by R. Bhargava, 31 - 53. Nova Deli: Oxford University Press, 1998.
- Timothy, Dallen J., and Daniel H. Olsen. *Tourism, Religion and Spiritual Journeys*. London: Routledge, 2006.
- Turner, Victor. *Floresta De Símbolos - Aspectos Do Ritualndembu*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.
- Turner, Victor, and Edith Turner. *Image and Pilgrimage in Christian Culture: Anthropological Perspectives*. New York: Columbia University Press, 1978.
- Urry, John. *O Olhar Do Turista: Lazer E Viagens Nas Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.
- Viveiros de Castro, Eduardo. "O Nativo Relativo." *Mana* 8, no. 1 (2002): 113-148.

Weber, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Wolterstorff, Nicholas. "Why We Should Reject What Liberalism Tell Us About Speaking and Acting in Public for Religious Reasons." In *Religion and Contemporary Liberalism*, edited by P. Weithman, 162 - 181. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1997.

Summary:

From Another Perspective: The Caminho das Missões

This thesis is a study of a Brazilian pilgrimage path called Caminho das Missões. The main theme of the work is the relationship between pilgrimage and tourism activities, which come to the fore in a peculiar way on the Caminho das Missões. The pilgrimage is run by a travel agency and presented to the public as a tourism project. This agency uses discourses and practices of pilgrimage and tourism at the same time. The agency's dual mobilization of the discourses and practices of both activities is unusual, allowing the researcher to contest the apparent dichotomy between pilgrimage and tourism. It is also argued, within this work, that a re-evaluation of the definition of pilgrimage is needed. The new definition must consider not only the pilgrim's view, but also other perspectives of participants that take part in a pilgrimage. This thesis dialogues with theorists who study anthropological theory, anthropology of religion and anthropology of tourism. It discusses modernity, post-modernity, secularization, secularism, spiritualization, religious, non-confessional and secular pilgrimage and tourism.

Key words: modernity, post-modernity, anthropology of religion, pilgrimage and tourism

Nederlandse Samenvatting:

Vanuit een Andere Perspectief: de Caminho das Missões

Het in dit proefschrift beschreven onderzoek gaat over de pelgrimstocht Caminho das Missões in Brazilië. Het belangrijkste thema van deze studie is de relatie tussen bevaart en toeristische activiteiten die op een speciale wijze tot uiting komt op de Caminho das Missões. De bedevaart wordt georganiseerd door een reisbureau en wordt als een toeristisch attractie gepresenteerd aan het brede publiek. Het reisbureau maakt gebruik van discoursen en praktijken van zowel de bedevaart als het toerisme. Een dergelijke mobilisatie van beide discoursen en praktijken is bijzonder en stelt de onderzoeker in de gelegenheid kanttekeningen te zetten bij het dichotomie toerisme-bedevaart als een theoretische en analytische concept. Bovendien wordt in dit werk beargumenteerd dat een nieuwe definitie van het concept bedevaart nodig is. Een dergelijke herdefinitie moet niet alleen de visie van de bedevaartgangers in beschouwing nemen maar ook andere elementen waaraan de deelnemers van een bedevaart belang aan hechten. Dit proefschrift gaat de dialoog aan met theoretici van de algemene antropologie, antropologie van religie en antropologie van toerisme. Het behandelt thema's zoals moderniteit, postmoderniteit, secularisatie, secularisme, spiritualiteit, religieuze- en niet-confessionele- bedevaarten, en seculiere bedevaarten en toerisme.

Sleutelwoorden: moderniteit, postmoderniteit, antropologie van religie, bedevaart en religie

Resumo:

De Outra Perspectiva: o Caminho das Missões

Esta tese de doutorado é um estudo de uma peregrinação brasileira chamada Caminho das Missões. O tema principal do trabalho é a relação que existe entre as atividades de peregrinação e turismo, que estão presentes de maneira peculiar no Caminho das Missões, pois sua administração é feita por uma agência de turismo que o apresenta como um projeto de turismo, mobilizando os discursos e as práticas de peregrinação e turismo ao mesmo tempo. Esta dupla mobilização de discursos e práticas de ambas atividades por uma única instituição é incomum e permitiu questionar a dicotomia peregrinação - turismo como conceito teórico e analítico. Além disso, argumenta-se também que é necessário uma reavaliação e ampliação do conceito de peregrinação, que deve ser construído não apenas pela visão do peregrinos, mas também por outras perspectivas de participantes de uma peregrinação. A tese dialoga com teóricos que estudam temas de teoria antropológica, antropologia da religião e antropologia do turismo. Discute-se modernidade, pós-modernidade, secularização, secularismo, espiritualização, peregrinação religiosa e turismo.

Palavras-chave: modernidade, pós-modernidade, antropologia da religião, peregrinação e turismo.

Faculty of Social Sciences, VU University Amsterdam

DISSERTATION SERIES

- M.M. Meijer, (2004), *Does Success Breed Success? Effects of News and Advertising on Corporate Reputation*. Aksant Academic Publishers: Amsterdam, isbn 90 5260 145 3.
- J.J. Woldendorp, (2005), *The Polder Model: From Disease to Miracle? Dutch Neo-corporatism 1965-2000*. Amsterdam, isbn 90 77472 05 3.
- Y.P. Ongena, (2005), *Interviewer and Respondent. Interaction in Survey Interviews*, Yfke Ongena, Amsterdam, isbn 90 9020070 3.
- M.E.D. Lamboo, (2005), *Integriteitsbeleid van de Nederlandse Politie*. Eburon: Delft, isbn 90 5972 088 L.
- T.E. Aalberts, (2006), *Politics of Sovereignty*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 10: 90 9020656 6 / isbn 13: 978 90 9020656 1.
- E. Zwart, (2006), *In Pursuit of Comfort. The Transnationalisation Process of Malaysian Chinese Small and Medium Enterprises*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 90 8659 024 1.
- H.Haenen, (2006), *Afrikaans Denken. Ontmoeting, Dialoog en Frictie. Een Filosofisch Onderzoek*. Buijten en Schipperheijn Motief, Amsterdam.
- A. Claver, (2006), *Commerce and Capital in Colonial Java. Trade Finance and Commercial Relations between Europeans and Chinese, 1820s-1942*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- S. van der Pas, (2006), *Intergenerational Relationships of Older Adults. Family Structure, Contact and Norms*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 10: 90 9022075 X / isbn13: 978 90 9021075 9.
- P. Mika, (2007), *Social Networks and the Semantic Web*. SIKS dissertation series No. 2007-03.
- K.E. Knibbe, (2007), *Faith in the Familiar. Continuity and Change in Religious Practices and Moral Orientations of the South of Limburg, The Netherlands*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- C.L. Carabain, (2007), *Taking Too Much for Granted? A Study on the Measure of Social Attitudes*. Gildeprint Drukkerijen B.V., Enschede, isbn 978 90 8659 075 9.
- L.M. Cruz, (2007), *Repression and Rebellions in Southern Mexico. The Search for a Political Economy of Dignity*. Dutch University Press, Amsterdam, isbn 978 90 361 0050 2.
- C.E. de Vries, (2007), *European Integration and National Elections. The Impact of EU Issue Voting on National Electoral Politics*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 13: 978 90 9022112 0.
- E. Kolthoff, (2007), *Ethics and New Public Management. Empirical Research into Effects of Businesslike Government on Ethics and Integrity*. Boom Juridische Uitgevers, isbn 978 90 5454 905 5.
- R. Vliegenthart, (2007), *Framing Immigration and Integration. Facts, Parliament, Media and Anti-Immigrant Party Support in the Netherlands*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 9022279 0.

- L.L.J. van Noije, (2007), *The Democratic Deficit Closer to Home. Agenda Building Relations between Parliament and the Press, and the Impact of European Integration, in the United Kingdom, the Netherlands and France*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978-90-8659-161-9.
- R. de Man, (2007), *Where to Draw the Line? Antecedents and Consequences of the Integration of Work in Home Life*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- F. Krijtenburg, (2007), *Cultural Ideologies of Peace and Conflict: a Socio-Cognitive Analysis of Giriya Discourse (Kenya)*. Vrije Universiteit, isbn 978 90 8659 167 1.
- R. van Steden, (2007), *Privatizing Policing. Describing and Explaining the Growth of Private Security*. BJU Legal Publishers, isbn 978 90 5454 953 6.
- L. Reijn, (2008), *Identity at Work. Control and Commitment in Post Bureaucratic Organisations*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 8659 180 0.
- B. Vis, (2008), *Biting the Bullet or Steering Clear? Politics of (Not-) Unpopular Welfare State Reform in Advanced Capitalist Democracies*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 9022715 3.
- M.J.M. de Koning (2008), *Zoeken naar een 'Zuivere' Islam. Geloofsbeleving en Identiteitsvorming van Jonge Marokkaans-Nederlandse Moslims*. Bert Bakker.
- P. Wiepking (2008), *For the Love of Mankind. A Sociological Study on Charitable Giving*. Labor Grafimedia, isbn 978 90 77383 07 0.
- A. Supriyono (2008), *Buruh Pelabuhan Semarang. Pemogokan-Pemogokan Pada Zaman Colonial Belanda Revolusi dan Depublic 1900-1965*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- G. van Noort (2008), *Bricks versus Clicks. A Self-Regulation Perspective on Consumer Responses in Online and Conventional Shopping Environments*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 9022845 7.
- W. Stam (2008), *Does Networking Work? A Study of Social Capital and Performance among New Ventures in the Dutch Open Source Software Industry*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 9023014 6.
- A. Wigger (2008), *Competition for Competitiveness: The Politics of the Transformation of the EU Competition Regime*. Rozenberg Publishers, isbn 978 90 9023150 1.
- Z. van der Wal (2008), *Value Solidity. Differences, Similarities and Conflicts between the Organizational Values of Government and Business*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 9022991 1.
- H.C. van Vugt (2008), *Embodied Agents from a User's Perspective*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 9023086 3.
- J. ter Horst (2008), *Weaving into Cambodia. Trade and Identity Politics in the (post)-Colonial Cambodian Silk Weaving Industry*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 9023232 4.
- A. Berhe (2008), *A Political History of the Tigray People's Liberation Front (1975-1991): Revolt, Ideology and Mobilisation in Ethiopia*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- H. van den Heuvel (2008), *Between Optimism and Opportunism. Deconstructing 'African Management' Discourse in South Africa*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 9023118 1.

- K. Lasthuizen (2008), *Leading to Integrity. Empirical Research into the Effects of Leadership on Ethics and Integrity*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 813277 1 8.
- I. Reci (2008), *Unemployed and Scarred for Life. Longitudinal Analyses of How Unemployment and Policy Changes Affect Re-employment Careers and Wages in the Netherlands, 1980-2000*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 9023654 4.
- L.C. Horn (2009), *The Transformation of Corporate Governance Regulation in the European Union*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 9023813 5
- B.E. Büscher (2009), *Struggles over Consensus, Anti-Politics and Marketing*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- H.M. Koolma (2009), *Verhalen en Prestaties, een Onderzoek naar het Gedrag van Woningcorporaties*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 8659 273 9
- J.J. van Wijk (2009), *Moving beyond Heroes and Winners*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 8659 285 2
- H.A. Binnema (2009), *How Parties Change. EU Integration and the Flexible Response of Political Parties*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 8659 309 5
- E. Grassiani (2009), *Morality and Normalcy in Asymmetrical Conflict: Distancing, Denial and Moral Numbing among Israeli Conscripts in Everyday Practices of Occupation*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- G. van Koningsbruggen (2009), *Processing and Acceptance of Threatening Health Information: the Effects of Self-Affirmation*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- D. van Bergen (2009), *Suicidal Behaviour of Migrant Women in the Netherlands*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- J. Perry (2009), *Goodwill Hunting: Accounting and the Global Regulation of Economic Ideas*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- A. Linden (2009), *Besmet. Levenslopen en Motieven van Extreem-Rechtse Activisten in Nederland*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- A. Schakel (2009). *A Postfunctionalist Theory of Regional Government. An Inquiry into Regional Authority and Regional Policy Provision*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- I. Plaisier (2009). *Work and Mental Health: Studies on the Impact Characteristics, Social Roles and Gender*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 987 90 86593903
- J. Roeland (2009). *Selfiation: Dutch Evangelical Youth between Subjectivization and Subjection*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- A. Vliegenthart (2009), *Transnational Actors and Corporate Governance Regulation in Postsocialist Europe*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- S. Bhagavatula (2009). *Weaving Social Networks. Performance of Small Rural Firms in India as an Outcome of Entrepreneurs' Social and Human Capital*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- A. van Essen (2009). *Seeking a Balance: The Emergence of New Public Management in Health Care Regulation*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 8659349 1
- J. Soons (2009). *Love Life and Happiness: A Study of Partner Relationships and Well-being in your Adulthood*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 6984 596 8
- J. de Raadt (2009). *Contestable Constitutions: the Politics of Institutional Conflict in Post-Communist East Central Europe*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 86593965
- B. Tasew (2009). *Methaphors of Peace and Violence in the Folklore Discourses of South Western Ethiopia: A Comparative Study*. Vrije Universiteit Amsterdam.

- D. Gberie (2010). *From Chains to Neckties: Liberated Africans and the Making of Modern Sierra Leone*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- M. Guiaux (2010). *Social adjustment to widowhood: Changes in personal relationships and loneliness before and after partner loss*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- W. Reedijk (2010). *Effecten van religieuze dialogen tussen Joden, Christenen en Moslims op eigen identiteit*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- M. Hellendoorn (2010). *Opkomst en Neergang van het Kostwinnaarschapstelsel*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 9025065 6
- E. Ersanilli (2010). *Comparing Integration. Host culture adoption and ethnic retention among Turkish immigrants and their descendents in France, Germany and the Netherlands*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 5335 250 2
- T.S. Salverda (2010). *Sugar, Sea and Power: How Franco-Mauritians balance continuity and creeping decline of their elite position*. Vrije Universiteit Amsterdam.
- G.A. Moerman (2010). *Effecten van doorvraagtechnieken in interviews met open vragen*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 9789086594436
- H.L. Duijnhoven (2010). *For Security Reasons. Narrative about Security practices and organizational change in the Dutch and Spanish railway sector*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 9789086594382
- N. Tuan Anh (2010). *Kinship as Social Capital: Economic, Social and Cultural Dimensions of Changing Kinship Relations in a Northern Vietnamese Village*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 5335 271 7
- M.J. Kamsma (2010). *The Jewish diasporascope in the straits: An ethnographic study of Jewish Businesses across borders*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 5335 260 1
- B.A. de Jong (2010). *Trust and Control in Teams*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 5335 287 8
- M.L. Buis (2010). *Inequality of educational outcome and inequality of educational opportunity in the Netherlands during the 20th century*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 8659472
- K. Komp (2010). *The Young Old in Europe: Burden or Resource to the Welfare State*. Universiteit van Amsterdam
- J.F. Rickli (2010). *Negotiating otherness in the dutch protestant world*. Vrije Universiteit Amsterdam
- T. Susilowati Prabawa (2010). *The tourism industry under crisis, the struggle of small tourism enterprises in Yogyakarta (Indonesia)*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 979 3823 805
- M. Kobes (2010). *Understanding human behavior in fire*. Vrije Universiteit Amsterdam
- H. Bakker (2010). *Idea Management, Unravelling creative processes in three professional organizations*. Vrije Universiteit Amsterdam
- S. Rebers (2011). *The evolution of collective action - Experimental investigations of theories of cultural group selection*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 5335 358 5
- I.M. Ruijgrok (2011). *Negotiating Governance - Politics, Culture, and the State in Post-War Angola*. Vrije Universiteit Amsterdam

- T.J. Glasner (2011). *Reconstructing event histories in standardized survey research: Cognitive mechanisms and aided recall techniques*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978-90-8891255-9
- G. Verbeek (2011). *Zorg: een kwestie van tijd. Afstemming van zorgverlening en organisatie op tijdsperspectieven van cliënten*. Vrije Universiteit Amsterdam
- K. van der Velde (2011). *Flirten met God. Religiositeit zonder geloof*. Vrije Universiteit Amsterdam
- T.T.T. Ngô (2011). *The new way: Becoming protestant Hmong in contemporary Vietnam*. Vrije Universiteit Amsterdam
- A. Lombarts (2011). *Citymarketing in Amsterdam. Een organisatieantropologische studie van het publiek-private samenwerkingsverband op citymarketinggebied in Amsterdam*. Antwerpen/Apeldoorn, Garant
- M.D. Bahlman (2011). *An inquiry into the Amsterdam IT and new media-cluster from a knowledge-based perspective*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 8570 755 4
- M. Klaver (2011). *A Semiotic Perspective on Conversion in an Evangelical Seeker Church and a Pentecostal Church in the Netherlands*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 8555 047 1
- D.N. Lettinga (2011). *The governance of intersecting religious, ethnic and gender differences in France, the Netherlands and Germany*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 5335 424 7
- L. van de Kamp (2011). *Violent Conversion: Brazilian Pentecostalism and the urban pioneering of women in Mozambique*. Vrije Universiteit Amsterdam
- N. Tolkacheva (2011). *Sharing the care of older parents*. Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978 90 5335 436 0
- R. Woets (2011). *“What is this?”*. Wöhrmann, Zutphen
- M. Pontier (2011). *“Virtual Agents for Human Communication”*. Boxpress, Oisterwijk, isbn 978 90 8891 3150
- D. Huschek (2011). *“Union Formation & Partner choice of the second generation of Turkish origin in Europe”*. isbn 978 90 8750 844 5
- M. de Klepper (2011). *“Dynamics of Intra-Organizational Networks”*
- R. Hummel (2011). *“Kunstlevens. Hedendaagse Nederlandse beeldende kunstenaars en schrijvers over hun levensbeschouwing”*. Parthenon, isbn 978 90 79578 283
- K. Täht (2011). *“Out of sync? The determinants and consequences of nonstandard schedules for family cohesion: The Netherlands within a comparative perspective”* Vrije Universiteit Amsterdam, isbn 978-94-6191-044-8
- K. Nieuwaal (2011). *“A case study on mechanical cockle fishery and gas extraction in the Dutch Wadden Sea”*. isbn 978-94-6191-048-6
- G. Schumacher (2012). *‘Modernize or Die’? Social Democrats, welfare state retrenchment and the choice between office and policy*. isbn 978-90-5335-495-7
- P.A. ‘t Lam (2012). *“Impressions of European Integration. A comparative analysis of the impact of EU news in European newspapers on European audiences”*
- M.A. De Jong (2012). *“Ik ben die Marokkaan niet! Onderzoek naar identiteitsvorming van Marokkaans-Nederlandse hbo-studenten”*
- T. Geurts (2012) *“Grandparent-grandchild relationships in The Netherlands: a dynamic and multigenerational perspective”*
- J. Herlijanto (2013). *“Emulating China: representation of China and the contemporary critique of Indonesia”*

- Janet Takens (2013). “*Media Logic and Electoral Democracy*”
- Rabina Cozijnsen (2013). “*Retirement in transition*”
- Brigitte Bloem (2013). “*Residential relocation and personal networks of older Dutch adults*”
- Barbara van Caem-Posch (2013). “*Buurtregie met mate*”
- Saskia Welschen (2013). “*The country we are supposed to be*”
- Caroline Grillot (2013). “*The Fringes of Conjuality*”
- Martijn Dekker (2013). “*Occupational Hazards; Providing Human Security in the Palestinian West Bank in de the Context of Israeli Occupation*”
- Patcharin Lapanun (2013): *Logics of Desire and Transnational Marriage Practices in a Northeastern Thai Village*
- Karen Smits (2013): *Cross Culture Work: Practices of Collaboration in the Panama Canal Expansion Program*
- Elles Lohuis (2013): *Glocal Place, Lived Space; Everyday Life in a Tibetan Buddhist Monastery for Nuns in Northern India*
- Michel Hoenderboom (2013): “*Scandal, Politics and Patronage: Corruption and Public Values in the Netherlands (1650-1747)*”. ISBN: 978 90 5335 689 0
- Femke Brandt (2013): “*Tracking an Invisible Great Trek: an ethnography on the re-configuration of power and belonging on trophy-hunting farms in the Karoo*”
- Melanie Eijberts (2013): “*Migrant Women Shout It Out Loud; the integration/participation strategies and sense of home of first- en second-generation women of Moroccan and Turkish descent*”. ISBN: 978 90 8659 644 7
- Gea Wijers (2013): “*Navigating a River by its Bends: a comparison of Cambodian Remigration*”. ISBN: 978 90 8659 647 8

SOBRE O LIVRO

Formato: 17 x 24 cm

Papel: 100 g/m² branco

Fonte: Times New Roman, tamanhos 12, 11 e 10

Impresso por Ridderprint - <http://www.ridderprint.nl/>